

Universidade Aberta



A (IN)DISCIPLINA NA ESCOLA: A VOZ DOS ALUNOS
Um contributo para um estudo na Escola Secundária
com 2.º e 3.º ciclos Professor Reynaldo dos Santos

Hermínia Maria Mateus Falcão Ribeiro Valente

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

2014

Universidade Aberta



A (IN)DISCIPLINA NA ESCOLA: A VOZ DOS ALUNOS.

**Um contributo para um estudo na Escola Secundária
com 2.º e 3.º ciclos Professor Reynaldo dos Santos**

Hermínia Maria Mateus Falcão Ribeiro Valente

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

Dissertação Orientada pela Professora Doutora Manuela Malheiro
Ferreira

e

Coorientada pela Professora Doutora Maria Rosário Duarte Ramos

2014

RESUMO

A indisciplina manifestada por crianças e jovens é um fenómeno social que, juntamente com o insucesso escolar e a exclusão, se assume como um problema das sociedades contemporâneas. As famílias e a escola responsabilizam-se mutuamente e a dificuldade na procura de respostas aumenta cada vez mais.

Com o presente estudo, propusemo-nos debruçar sobre a indisciplina na escola apoiados na ótica de diferentes teóricos e no enquadramento legal.

Como a escola não pode, nem deve, demitir-se das suas funções e tem a obrigação de se autoavaliar, o estudo baseou-se na realidade vivida na Escola Professor Reynaldo dos Santos. Optou-se por centrar o estudo sobre a indisciplina na perspectiva dos alunos tendo-se, para este efeito, administrado um inquérito por questionário a alunos dos 2.º,3.º ciclos e CEF e um inquérito por entrevista a um elemento da Associação de Estudantes.

Pretendemos, desta forma, sentir o pulsar da escola em estudo e como os alunos percecionam a indisciplina, os fatores inerentes à mesma, as medidas preventivas, corretivas e sancionatórias adotadas e qual a intervenção da comunidade educativa para o combate à indisciplina. Solicitámos, também, que os discentes apresentassem propostas de contributo dos mesmos como atores participantes da sua própria educação/formação.

De acordo com as opiniões expressas pelos alunos inquiridos, concluímos que os discentes consideram que a indisciplina tem-se vindo a agravar e manifesta-se mais nos alunos do sexo masculino. Atribuem a maior responsabilidade pela indisciplina aos próprios alunos, à família/pais e encarregados de educação. Os docentes e a escola são igualmente responsabilizados, mas a segunda em menor dimensão. Os discentes afirmam que a indisciplina se pode dever, ainda, à tolerância e permissividade dos professores, pois os alunos precisam e gostam de regras. Concluímos, também, que para os nossos inquiridos a família pode ser o maior e mais eficiente contributo para a melhoria dos problemas disciplinares na escola.

Apresentam-se algumas propostas de intervenção e recomendações à escola, eventualmente aplicáveis a outras, e algumas perspetivas de trabalhos futuros, como seja a articulação dos presentes resultados com os relativos às perspetivas de outros atores (professores, encarregados de educação e pessoal não docente).

Palavras-chave: (in)disciplina na sala de aula; comportamentos indisciplinados; sanções; formas de prevenir; perceção dos alunos

ABSTRACT

Indiscipline shown by children and teenagers is a social phenomenon that, together with academic failure and exclusion, has become a problem in contemporary societies. Families and the school blame each other and the quest for answers gets more and more difficult.

With this study, we intend to focus on indiscipline at school, supported by the ideas of different theorists and having the Portuguese laws into consideration.

As school cannot, and should not, abandon its functions and has the duty to assess itself, this study was based on the reality experienced at Professor Reynaldo dos Santos School. We have chosen to focus this study on the indiscipline seen from the perspective of the students, and to do this, we have asked some pupils, attending the second and third stages of basic education, to answer a questionnaire. A member of the students' union also answered a questionnaire by means of an interview.

Thus, we intend to find out what is happening at the school under scrutiny, how the pupils perceive indiscipline, the factors connected with it, the preventive, corrective and disciplinary measures and the role of the educational community as far as the fight against indiscipline is concerned. We have also asked the students to contribute with proposals as participant members of their own education.

After having analysed the students' opinions, we have concluded that the pupils believe that indiscipline is becoming worse and worse, specially among male students. They blame students, their families and parents for the current situation. Teachers and school have also been made accountable, but the latter in a lesser degree. Students also say that indiscipline is due to teachers being too tolerant and permissive since pupils like and need rules. We have come to the conclusion that family can give the most important contribution to the improvement of disciplinary problems at school, according to those involved in the study.

We present some proposals of intervention and some recommendations to the school, which may be applied to others, and some perspectives of future projects, such as the articulation of this data with the ones related with the perspectives of other members involved (teachers, parents and school attendants).

Key words: classroom (in)discipline; disruptive behaviour; sanctions; preventive measures; students' perceptions.

À minha família, por me ter ensinado sempre os dons do amor, partilha e humildade.

É fácil trocar as palavras,
Difícil é interpretar os silêncios!
É fácil caminhar lado a lado,
Difícil é saber como se encontrar!
É fácil beijar o rosto,
Difícil é chegar ao coração!
É fácil apertar as mãos,
Difícil é reter o calor!
É fácil sentir o amor,
Difícil é conter sua torrente!

Como é por dentro outra pessoa?
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição
De qualquer semelhança no fundo.

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS:

À minha orientadora, Professora Doutora Manuela Malheiro Ferreira pelo apoio, incentivo, disponibilidade e grande competência.

À minha coorientadora, Professora Doutora Maria do Rosário Ramos pela partilha de saberes, disponibilidade e conselhos pertinentes.

A todos os docentes da Universidade Aberta que me acompanharam durante o mestrado e que me abriram horizontes.

Ao meu marido pelo seu amor, presença, paciência e colaboração.

Aos meus filhos queridos por serem pessoas admiráveis, à Joana e marido que sempre acreditaram em mim e me apoiaram e ao João pela sua disponibilidade e por me ter incentivado e apoiado em alguns momentos mais difíceis.

Aos meus pais pelo orgulho que têm em mim, pela ajuda, apoio e força constante.

À Maria Helena Félix pela amizade, conselhos e colaboração na correção ortográfica.

Aos meus colegas de Mestrado, especialmente à Luísa e ao Eurico pela amizade, disponibilidade e colaboração e pelos bons momentos que passámos juntos.

Ao Diretor e Conselho Pedagógico por me ter autorizado o estudo na escola que é a minha segunda casa e onde também estudei.

À Subdiretora pelo seu apoio institucional e colaborativo, facilitando-me assim o trabalho de recolha de dados.

Aos alunos que participaram na realização do questionário e da entrevista.

Aos meus colegas docentes por terem partilhado comigo algumas informações que enriqueceram o meu trabalho.

O Meu Muito Obrigada

LISTA DE SIGLAS

AEC- Atividades de Enriquecimento Curricular

CEF – Cursos de Educação e Formação

CNE - Conselho Nacional de Educação

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

DGIDC- Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

DT – Diretor de Turma

EE – Encarregado de Educação

INE – Instituto Nacional de Estatística

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

MISI – Sistema de Informação do Ministério da Educação

MEC- Ministério da Educação e Ciência

NUTS - Nomenclatura de Unidades Territoriais Estatísticas

PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo – Fundação Francisco Manuel dos Santos

RI – Regulamento Interno

SASE – Serviço de Ação Social Escolar

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
CAPÍTULO 1- A INDISCIPLINA NA ESCOLA	5
1 - Conceitos	5
2- Fatores da indisciplina escolar.....	15
2.1- Fatores sociais	18
2.2- Fatores familiares	23
2.3- Fatores escolares.....	28
3- Como fomentar a disciplina?.....	34
3.1- Estratégias para a construção da disciplina por parte dos professores.....	34
3.2- O papel eficaz da escola e da família na construção da disciplina	39
3.3- O contributo dos alunos na construção da disciplina.....	42
3.4- Corrigir a indisciplina/Evitar a punição	43
CAPÍTULO 2- ENQUADRAMENTO LEGAL DA INDISCIPLINA EM PORTUGAL	47
1- A indisciplina em meio escolar.....	47
2- Enquadramento Normativo.....	48
2.1- Regulamentação relativa à indisciplina	48
3- Regulamento Interno.....	51
4- Estatuto do aluno	52

II- ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	65
1- Seleção e caracterização do estudo.....	65
2- Objetivos de estudo	66
3- Caracterização do contexto de estudo	67
3.1- Caracterização da escola e do meio	67
3.1.1- Enquadramento geográfico da escola em estudo	67
3.2- Apresentação e caracterização da população	77
3.2.1- População escolar	77
4- Técnicas de recolha de dados e instrumentos de investigação	80
4.1- Procedimentos / Plano de investigação	80
4.2- Inquérito por questionário.....	81
4.3- Inquérito por entrevista	84
4.4- Análise documental	86
5- Tratamento e análise de dados.....	87

III- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

CAPÍTULO 4- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	89
1- Análise das respostas dos alunos aos inquéritos	89
2- Análise do conteúdo da entrevista à aluna da Associação de Estudantes.	146
CAPÍTULO 5- CONCLUSÕES	151
CAPÍTULO 6- PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO /RECOMENDAÇÕES À ESCOLA	163
SUGESTÕES PARA OUTROS TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO	168

IV- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A- Bibliografia	169
B- Legislação	175
C- Sitografia	175
V- ANEXOS	181

V-ANEXOS

Anexo I – Quadro de cálculos dos alunos a inquirir	183
Anexo II – Guião da entrevista a um elemento da Associação de Estudantes	183
Anexo III – Transcrição da entrevista ao elemento da Associação de Estudantes	186
Anexo IV – Extratos da entrevista exploratória e classificação por categorias e subcategorias.....	193
Anexo V - Objetivos e perguntas do questionário aos alunos.....	200
Anexo VI- Pedido de autorização aos encarregados de educação para realizar o inquérito por questionários aos alunos	201
Anexo VII – Inquérito por questionário aos alunos.....	202
Anexo VIII – Quadros do inquérito por questionário aos alunos.....	216

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1: Nacionalidade da População Inquirida	90
Quadro 2: Tens irmãos?	92
Quadro 3: Nacionalidade do pai	94
Quadro 4: Nacionalidade da mãe.....	94
Quadro 5: Partilhas o teu quarto com alguém?	95
Quadro 6: Com quem partilhas o quarto?.....	96
Quadro 7: Tomas habitualmente as refeições sozinho?	96
Quadro 8: Já tiveste alguma retenção?	97
Quadro 9: Quantos anos reprovaste?	98
Quadro 10: Este ano letivo és repetente?	98
Quadro 11: Tens apoio pedagógico acrescido?	98
Quadro 12: Tens apoio do SASE?	99
Quadro 13: Como avalias o teu aproveitamento?	99
Quadro 14: Número de participações/faltas disciplinares no percurso escolar	108
Quadro 15: Tens sempre o mesmo comportamento na sala de aula?.....	109
Quadro 16: O meu comportamento depende de cada professor?	110
Quadro 17: Quando vieste para esta escola, alguém te explicou como deverias comportar-te?	111
Quadro 18: Quem te explicou as regras de comportamento na escola?.....	111
Quadro 19: Sabes se existe algum Regulamento Interno na escola?.....	112
Quadro 20: Já o leste?	112
Quadro 21: Rigor com que se cumpre as regras na escola	113
Quadro 22: Como tem evoluído a indisciplina na tua escola?	113

Quadro 23: Como te avalias a nível do comportamento?	115
Quadro 24: Sentes que os teus pais/encarregados de educação se preocupam com a tua vida escolar?.....	116
Quadro 25: Na tua escola são realizadas atividades que pretendem combater a indisciplina no contexto escolar	117
Quadro 26: Achas que o gabinete do aluno é uma boa estratégia para acompanhamento dos alunos indisciplinados?	119
Quadro 27: Já foste encaminhado para o gabinete do aluno?.....	124
Quadro 28: Quantas vezes?.....	124
Quadro 29: Gostaste de estar no Gabinete do Aluno?	125
Quadro 30: Melhoraste o comportamento desde que frequentas o gabinete?	125
Quadro 31: Consideras que as medidas disciplinares adotadas pela escola são as mais adequadas?	125
Quadro 32: Achas que a suspensão é a melhor maneira de combater a indisciplina?	128
Quadro 33: Pensas que os alunos poderiam contribuir para o combate à indisciplina?	132

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1- Idade da População Inquirida	89
Gráfico 2- Sexo da População Inquirida.....	90
Gráfico 3- Anos de escolaridade da População Inquirida.....	91
Gráfico 4 – Com quem os alunos vivem?	92
Gráfico 5 – Habilitações Literárias dos Pais, Mães e Encarregados de Educação ..	93
Gráfico 6 – Situação Profissional dos Pais e Mães dos alunos	95
Gráfico 7 – Como os alunos ocupam os tempos livres	97
Gráfico 8 – O que é a indisciplina para os alunos?.....	100
Gráfico 9 – Para os alunos de quem é a responsabilidade da indisciplina na sala de aula?.....	101
Gráfico 10 – Motivos de ordem familiar que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula	103
Gráfico 11 – Motivos a nível da escola que podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula	104
Gráfico 12 – Motivos ligados ao professor que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula	105
Gráfico 13 – Motivos respeitantes ao aluno que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula	106
Gráfico 14 – Medidas preventivas/disciplinares que terão maior efeito	107
Gráfico 15 – Motivos das participações ou faltas disciplinares	109
Gráfico 16 – Grau de gravidade de alguns comportamentos indisciplinados dos alunos	110
Gráfico 17 – Elementos da escola que os alunos mais respeitam/obedecem.....	114
Gráfico 18 – Entre os colegas quem é que os alunos acham que são mais indisciplinados	115

Gráfico 19 – Como reagem os teus pais/ Encarregados de Educação quando és alvo de alguma medida disciplinar?	116
Gráfico 20 – Estratégias utilizadas para combater a indisciplina no contexto escolar	118
Gráfico 21 – Medidas mais adotadas pela escola nos processos disciplinares	119

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1- Divisão de Portugal em NUTS III e Concelhos	68
Figura 2 - Planta de Vila Franca de Xira	68
Figura 3 - Escola Professor Reynaldo dos Santos.....	70
Figura 4 - Plano global da Escola Professor Reynaldo dos Santos.....	70
Figura 5 – Átrio da Escola	71
Figura 6 - Vista parcial da biblioteca	71
Figura 7 – Entrada da Biblioteca e zona de multimédia	72
Figura 8 – Laboratório e sala de aula de Ciências.....	72
Figura 9 – Sala de informática	73
Figura 10 - Sala de Multimédia.....	73
Figura 11 - Sala de aula	73
Figura 12 – Átrio do Bar e Refeitório.....	74
Figura 13 - Pavilhão	74
Figura 14 - Auditório.....	75
Figura 15 – Antiga Secção do Liceu Padre António Vieira em Vila Franca de Xira..	75

INTRODUÇÃO

“A indisciplina e violência em meio escolar é uma temática claramente inscrita na ordem do dia e um fator de preocupação para muitos pais, sendo que a forma como muitas vezes é abordada, desligada dos factos concretos e dos contextos reais em que ocorrem, pode tender a dar das nossas escolas uma imagem pouco realista, acentuando, em muito, problemas que efetivamente existem, mas que, na maior parte dos casos não serão particularmente graves.

Em muitos discursos sobre esta temática, é também relativamente frequente a procura dos culpados, para os poder responsabilizar ou mesmo punir, sejam eles os jovens que "não têm regras", os pais que "não os sabem educar", ou os professores que "não sabem impor a disciplina". Parece-me, no entanto, bem mais importante procurar perceber as causas de certos comportamentos e atitudes, que são, certamente, muitas e variadas, exteriores e interiores à escola, no sentido de nelas intervir, prevenindo os fenómenos de indisciplina e de violência.”

Teresa Medina¹

A indisciplina manifestada por crianças e jovens é um fenómeno social que, juntamente com o insucesso escolar e a exclusão, se assume como um problema das sociedades contemporâneas. As famílias e a escola responsabilizam-se mutuamente e a dificuldade na procura de respostas aumenta cada vez mais. Como tal, é preciso compreender, acompanhar, prevenir e mesmo antecipar determinados comportamentos. A sociedade atual está sujeita a transformações e evoluções que se refletem e acabam por influenciar nos diversos setores sociais e institucionais, sendo que a escola, organização que assume grande importância, regista também grandes transformações. A indisciplina escolar é um tema que, como se pode comprovar pela citação de Teresa Medina, é atual mas que muitas vezes é hiperbolizado em relação à realidade.²

Os problemas associados à indisciplina na sala de aula têm vindo a preocupar professores, educadores e gestores das escolas. A necessidade de manter a disciplina na sala de aula é uma das maiores inquietações que os professores têm nos dias de hoje e também uma das maiores dificuldades que enfrentam. Sem dúvida que é um autêntico desafio com o qual os professores se deparam face a uma turma de alunos sejam eles ainda crianças ou já adolescentes.

A escola é uma organização social onde diversos agentes se relacionam entre si. Ora, às relações estabelecidas entre os professores, educadores, auxiliares, alunos e

¹ Presidente da Federação Regional das Associações de Pais do Porto (FRAPP)

² Optou-se pelo uso do novo acordo ortográfico, mesmo nas citações

pais/encarregados de educação, está inerente a problemática da disciplina, da indisciplina e dos conflitos que se estabelecem nas relações interpessoais.

Por um lado, quase todos os dias, meios de comunicação social e agentes da educação, nomeadamente os professores e assistentes operacionais dão-nos a conhecer casos de desrespeito pelas regras estabelecidas aos alunos, de conflitos e de indisciplina das crianças e adolescentes perante aqueles que na escola têm o dever de os cuidar, de dar educação e principalmente de facilitar a aquisição de conhecimentos. Por outro lado, começa também a ser comum ouvir-se alguns relatos de professores que manifestam dificuldade em impor as suas regras, o que acaba por aumentar o desrespeito por estes, por parte dos alunos.

Os conflitos originam-se porque preexiste uma diferença de critérios, de interesses, de ideais ou de posição pessoal que ocorre quando estamos perante qualquer relação interpessoal.

Ainda que todos no meio escolar pretendam evitar situações de conflito, a verdade é que, implicitamente, estas estão sempre presentes e muitas vezes a forma de as contornar ou resolver não é tão fácil quanto seria desejável.

Apesar de a própria indisciplina ser o grande problema, o mesmo agrava-se a partir do momento em que, para além de comportamentos indisciplinados, os alunos adotam comportamentos violentos e agressivos para com os colegas, assistentes operacionais e professores.

A verdade é que a figura do professor está cada vez mais fragilizada dentro da sociedade, fruto das exigências que lhe são impostas nas tarefas de instruir e educar e nas dificuldades que a profissão lhe acarreta.

Diversas investigações acerca desta matéria apontam o comportamento de indisciplina do aluno ou a falta de interesse na sala de aula como o principal fator de mal-estar e stresse vivido pelos professores. O professor pode andar ansioso e em constante stresse devido à incapacidade que o assola por não conseguir manter a disciplina dentro duma sala de aula e controlar os atos dos alunos, chegando mesmo a temer pela sua integridade moral e física, o que lhe causa estado de insatisfação e frustração pessoal e profissional. Os alunos, por seu lado, acabam por criar novos hábitos modificando a visão da figura do professor e alterando as noções que têm de disciplina e indisciplina

A escola atual assume papéis diferentes da escola de há uns anos, pois os professores, em muitas ocasiões, tentam substituir os pais/encarregados de educação, os quais, por vezes, se demitem das suas obrigações.

As relações que se estabelecem no seio escolar mudaram. Os papéis inverteram-se: aqueles que antes eram obedientes e cumpridores dos deveres, respeitadores das normas que lhes eram impostas acabam por ser hoje os que querem muitas vezes impor as suas próprias regras dentro e fora da sala de aula. Sucede que tanto a família, como os professores não conseguem, muitas vezes, aplicar a disciplina e os modelos de convivência necessários.

Mas o que estará na génese de tais comportamentos desviantes manifestados por alunos ainda de tenra idade? Será que o erro parte de atitudes dos professores, dos pais, do agregado familiar, dos alunos ou da própria sociedade? Estará este problema somente relacionado com dificuldades por parte dos alunos em obedecer às regras ou o problema poderá residir na dificuldade sentida pelos professores em se fazerem impor?

Inspirados nesta reflexão, tomámos como pergunta de partida – Como percecionam os alunos a indisciplina na escola e subdividimos em quatro grupos as questões de investigação: a indisciplina na perspetiva do aluno; a atuação da escola na resolução dos conflitos; o contributo dos alunos para o combate à indisciplina e as sugestões de estratégias à Direção da escola para combater a indisciplina

Desta forma, o presente estudo pretende ser um contributo para explicar, abrir caminhos e propor soluções para os problemas e as implicações da indisciplina e da violência na escola. A finalidade desta investigação em Educação, que consiste na aplicação formal e sistemática do método científico ao estudo de problemas educacionais, contribuirá para perceber, explicar, prevenir, e/ou controlar fenómenos educacionais relacionados com a temática em questão.

Conscientes de que a escola não pode fazer tudo, pensamos, no entanto, que é possível reduzir as situações de indisciplina e violência, ajudando a melhorar o clima da mesma e criando condições para que as crianças e os jovens possam usufruir duma escola pública segura e de qualidade.

No Agrupamento objeto de estudo desta dissertação, a indisciplina é tema habitual na sala de professores, nos Conselhos de Turma, nos Conselhos de Grupo e Diretores de Turma e, como seria espetável, nos Conselhos Pedagógicos. Por isso, um grupo de três docentes apresentou um projeto de investigação ao Conselho Pedagógico, relativamente a este tema na perspetiva dos professores, alunos, encarregados de educação e assistentes operacionais que manifestou a sua anuência e concordou que

a escola poderia ser identificada. Procedemos ainda ao respetivo pedido à DGIDC para implementar os questionários na escola.

Como tal, apoiados na ótica de diferentes teóricos que têm estudado o tema (Amado, Freire, Vale, Estrela, Veiga, Sebastião entre outros) e no enquadramento legal, utilizámos diversos instrumentos de recolha (questionário, entrevista e análise de documentos). Realizámos uma entrevista a um membro da Associação de Estudantes e, através de um inquérito por questionário, recolhemos a perspetiva dos alunos acerca da indisciplina, inquirindo uma amostra de 308 alunos do ensino básico (2.º, 3.º ciclos e CEF).

A dissertação é composta por 6 capítulos, os dois primeiros relativos ao enquadramento teórico, perspetivam a indisciplina na escola e o enquadramento legal da indisciplina em Portugal, o terceiro capítulo apresenta a metodologia e o quarto os resultados. O capítulo cinco expõe as conclusões e por fim são apresentadas as propostas de intervenção/recomendações à escola no capítulo seis.

Como a escola não se pode, nem deve demitir das suas funções, e tem a obrigação de se autoavaliar, a investigação pretende ver o pulsar da mesma e como os alunos percecionam a indisciplina e a violência no seu meio escolar.

Desejamos, deste modo, contribuir para uma escola capaz de envolver os alunos, de os motivar, de perceber os seus problemas e de com eles construir as regras e as normas de funcionamento, incentivando os mesmos para uma participação na gestão na sua escola, tornando os jovens cidadãos ativos, solidários, críticos e intervenientes. Nunca esquecendo a importância do envolvimento de toda a comunidade escolar, pretendemos formar pessoas capazes de respeitar o outro e de respeitar a diferença.

Pretendemos, também, que os mesmos apresentem propostas de intervenção para as combater e que possam ser atores participantes da sua própria educação/formação.

Procuraremos, ainda, apresentar algumas propostas de soluções, cruzando a investigação que se está a realizar no mesmo agrupamento a nível dos professores, pais/encarregados de educação e outros atores que compõem a comunidade escolar, após a realização desta investigação.

I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I A INDISCIPLINA NA ESCOLA

1. Conceitos

“ Agora as crianças gostam de luxo. Têm maus modos, desprezam a autoridade, não mostram respeito pelos mais velhos e adoram incomodar. Já não se levantam quando entram pessoas mais velhas. Contradizem os pais, comem guloseimas à mesa, cruzam as pernas e são tiranos com os professores.”

Sócrates século IV d. C. citado em *O Pequeno Ditador* Javier Urra 2009

Poderíamos talvez afirmar que este excerto descreve a realidade dos nossos dias e que, de certa forma, os professores do século IV d. C. se deparavam com alunos destrutivos como os que os docentes de hoje enfrentam. Mas sem dúvida que, como temos vindo a afirmar, o problema da indisciplina é visto como um fenómeno cada vez mais grave e crescente, sendo-lhe atribuída a causa de muitos problemas atuais.

Mas, afinal, em que consiste a indisciplina? A indisciplina e a violência são problemas que preocupam toda a comunidade escolar, não é atual, mas tem-se vindo a agravar nestes últimos anos. No entanto, como já foi referido, a comunicação social tem contribuído também para que estes temas/problemas sejam mediatizados de forma a tomar, ainda, maiores proporções, devido às informações divulgadas e ao impacto que daí advém na opinião pública.

A prova da preocupação e importância deste tema são, também, os inúmeros artigos científicos que têm sido publicados. Tal como afirma Estrela (1996:34):

“O que há de novo atualmente é a intensidade e a amplitude que esse fenómeno atingiu na escola dos nossos dias, espalhando-se de forma crescente por áreas populacionais, as mais diversas e atingindo níveis de ensino que dele pareciam imunes, como começa a acontecer no ensino superior”.

Como já foi referenciado, no Agrupamento objeto de estudo, a indisciplina é tema habitual na sala de professores, nos Conselhos de Turma, nos Conselhos de Grupo e Diretores de Turma e, abordado em quase todos os Conselhos Pedagógicos, como se pôde provar através da leitura das atas.

Debrucemo-nos, então, em alguns conceitos relativos à Disciplina, que é entendida enquanto “conceito abrangente que se traduz não só na adesão ou, porventura, na simples obediência a (...) regras, mas também nos processos que tornam possível essa adesão e nos resultados que com ela se obtêm” (Freire, 2001: 9). A disciplina

“tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra.” (Estrela, 2002:17).

A indisciplina é tudo o que pode ser considerado oposto à disciplina é

“um fenómeno relacional e interativo que se caracteriza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula, e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade.” (Amado, 2001: 43)

Segundo este mesmo autor, podem existir três níveis de indisciplina. O primeiro que intitula de “desvios às regras de produção” que comporta os incidentes a que é atribuído um carácter “disruptivo” por provocarem “perturbação” ao bom funcionamento da sala de aula. O segundo nível, “conflito interpares” incorpora os incidentes que apresentam dificuldades de relacionamento entre os alunos que se manifestam em fenómenos de “violência” e “*bullying*”. Quanto ao terceiro nível, “conflitos da relação professor/aluno” integra os comportamentos que põem em causa o poder e o estatuto do professor, incorporando a violência e o vandalismo contra a propriedade da escola.

O Conselho Nacional da Educação (Parecer nº3/2002:5480) formula uma noção de indisciplina que vem ao encontro da opinião de vários autores, considerando “indisciplina todos os comportamentos que reflipam o propósito de perturbar os processos de aprendizagem que decorrem na escola, dificultando o exercício da função docente, inibindo uma efetiva cooperação discente, perturbando a convivência da comunidade educativa no seu todo.”

Pode-se considerar ainda que a violência na escola poderá ser também uma forma de indisciplina, pois tal como Vettenburg, (2000) entende, a violência pode ser uma ação deliberadamente calculada para ferir outra pessoa e Fonseca, (2000) considera-a como um comportamento agressivo de grande intensidade exercido sobre outro, citado por Estrela (2002: 134).

Segundo Amado (2005), as manifestações de violência são de vários tipos, mas o autor considera que são sempre comportamentos inaceitáveis, que violam as normas do convívio e do respeito que devem regular a relação entre as pessoas.

Amado e Estrela consideram a palavra “violência” demasiado forte para a maioria dos comportamentos “desviantes” que se verificam nas escolas.

Já a violência delinquente ou violência juvenil é considerada por (Amado 2005) como aquela que é praticada por jovens, dentro ou fora da escola, mas é de tal forma grave que deve estar sob a alçada dos códigos penais.

Segundo Amado, (2002) o comportamento disciplinar dos alunos é um dos aspetos da educação formal ao qual as políticas educativas, a investigação e a população em geral têm dado uma importância cada vez maior. Na escola, como em qualquer organização social, os conceitos de disciplina e de indisciplina estão associados à necessidade de os seus membros se regerem por normas e regras de conduta e de funcionamento que facilitem, quer a integração de cada pessoa no grupo-turma, e na organização escolar em geral, quer a convivência social decorrente da definição de um quadro de expectativas que tornem os comportamentos previsíveis.

A indisciplina surge, pois, como um ato de rebelião contra a regra de vida coletiva e contra o grupo, tal como afirma Estrela. Assim sendo, a indisciplina em contexto escolar é um comportamento disruptivo e de desobediência que envolve os comportamentos dos alunos que perturbam as atividades que o professor pretende desenvolver na sala de aula, tais como: fazer barulho, sair do lugar, agredir verbalmente ou fisicamente os colegas, dizer palavrões asneiras, discutir com o professor, recusar sair da sala de aula quando convidado a fazê-lo. Pode-se considerar também indisciplina quando os alunos manifestam desagrado pelas temáticas abordadas, manifestam coragem para enfrentar o professor, assumindo-se como líderes da sua turma. Sem dúvida que muitas destes comportamentos indisciplinados são cada vez mais vivenciados e o problema disciplinar ganhou proporções e contornos difíceis de ultrapassar.

Os conceitos de indisciplina e de problemas comportamentais “são normalmente apresentados como competências dos alunos, ou seja, como comportamentos que estes exibem nas escolas e que colidem com os objetivos fundamentais do ensino”, como referem Lopes e Rutherford (2001:17). Estes autores também consideram que a indisciplina “não implica a existência de agressões intencionais, com clara violação dos direitos de terceiros” mas tende a “ser representada por comportamentos de baixa intensidade mas de elevada frequência” (2001:20).

A noção de indisciplina tem ainda um carácter subjetivo para os seus intervenientes, visto que para uns pode ser considerado uma manifestação de indisciplina, para outros, principalmente para os atores, pode não o ser. Podemos também considerar que as atitudes dos professores nem sempre são coincidentes em relação aos comportamentos que consideram indisciplinados, dificultando a perceção dos alunos

sobre o que é ou não um comportamento perturbador e as consequências que daí deveriam advir.

Segundo Estrela (1992), o próprio conceito de indisciplina varia conforme a idade dos alunos, para crianças do 1.º ciclo ser indisciplinado é ter comportamentos que vão contra as regras relativas de espaço e contra a comunicação, enquanto para os alunos do 2.º e 3.º ciclos, a indisciplina envolve a perturbação da aula e os comportamentos que põem em causa o respeito e autoridade do professor. Taveira (1990) defende, ainda, que os alunos do 2.º ciclo revelam alguma indefinição de normas relativas à indisciplina na sala de aula, dependente dos diferentes professores.

Associado ao conceito da indisciplina está um outro que é aliás um seu pressuposto - educação. O vocábulo “educação” entrou hoje no nosso discurso comum e diário. No entanto, a extrema vulgarização a que o mesmo está sujeito nem sempre corresponde ao verdadeiro sentido da palavra, acabando por se confundir com outros que lhe são afins como ensinamentos, socialização ou instrução.

O termo “educação” provem do latim *educere* e significa fazer desabrochar ou crescer, desenvolver ou conduzir para fora, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo.

Já no que respeita à nossa língua portuguesa, o vocábulo “educação” significa “ato ou efeito de educar, instrução, cortesia.”³

Apesar disso, o conceito de educação comporta uma dificuldade extrema em defini-lo, já que sofreu várias alterações ao longo dos tempos. Aquilo que hoje é considerado educação e a forma como a mesma é transmitida é diferente daquilo que era há anos.

Esta noção que agora tentamos explicar, foi alvo, e ainda é, de estudos por parte de vários profissionais de diversas áreas, nomeadamente por pedagogos e psicopedagogos, sociólogos, psicólogos, antropólogos e psicanalistas.

Há quem entenda que o vocábulo “educação” deve ser empregue num sentido lato, considerando educação todas as medidas utilizadas pelos adultos, tanto por professores, educadores como pelos pais capazes de influenciar os comportamentos das crianças e jovens.

Contudo, há quem encare que a educação é toda a ação concertada ou tradicional dos adultos, em particular dos professores e dos pais, que visa adaptar a criança à

³ Vide neste sentido, Dicionário Básico da Língua Portuguesa – Porto Editora

sociedade em que está inserida, assumindo e aceitando os valores culturais e característicos da mesma.

Para grande parte dos estudiosos, educar corresponde a duas ideias: por um lado, a ensinar, no sentido de transmitir informação e conhecimentos escolares disciplinares e, por outro, socializar no sentido de inculcar normas de condutas de bom comportamento no trato com adultos.

Parafrazeando Evaristo Fernandes, a “educação deve ser feita não de fora para dentro – impondo normas, modelos definitivos, acabados e perfeitos, o que recalca o indivíduo – mas sim de dentro para fora – o que constrói, personaliza, liberta e harmoniza”. (Fernandes 1990:15).

Para Evaristo Fernandes (1990) educar consiste em ajudar o “homem-criança” a atingir a sua plena formação, ajudá-lo no seu crescimento e desenvolvimento, permitindo atingir a maturidade e uma maior capacidade de enfrentar a vida. Ou seja, educar não significa apenas o desenvolvimento do indivíduo e da sua personalidade, mas também e, principalmente, orientar os indivíduos na melhor direção, oferecendo-lhes ferramentas para enfrentar as vicissitudes da vida com responsabilidade e inteligência, e não; ao contrário da concepção clássica de educação, o entendimento que deverá prevalecer é o que considera a educação como o meio de transmissão de capacidades de preparação das pessoas para o futuro e não um despejar de conhecimentos teóricos, úteis e obrigatórios nalgumas situações, mas que não cumprem o objetivo principal de tornar uma criança capaz de, por si própria, caminhar e conduzir a sua própria vida.

O fim primordial da educação será a formação do homem livre, será o desenvolvimento harmonioso da personalidade e a sua condução à maturidade. A finalidade última é a construção de pessoas responsáveis capazes de assumirem o risco das suas próprias atitudes e de medirem as consequências dos seus atos.

Não existe um protótipo de como dar educação, ou seja, não existe uma fórmula para o fazer, já que a mesma é desvendada a cada passo, à medida que se vai estimulando os educandos, que por sua vez já estão autoeducados, isto é, já adquiriram prévias competências que vêm acrescentar àquelas que lhes serão agora transmitidas e inculcadas. Assim, a educação é um processo contínuo de aprendizagem e de aquisição de novas capacidades e responsabilidades.

Contudo, os responsáveis por inculcar valores, transmitir conhecimentos e formar crianças capazes de enfrentar o futuro, falham por vezes na forma como o fazem, o que pode levar à adoção de comportamentos menos próprios e desviantes

relativamente àquilo que seria desejável. Ora, este tipo de comportamentos pode levar à adoção de procedimentos indisciplinados, o que aumenta o flagelo da indisciplina, caso não se criem mecanismos capazes e eficazes de atenuar e extinguir os mesmos. Claro que a abolição do mesmo constitui uma verdadeira utopia, já que haverá sempre indisciplina, principalmente, dentro do meio escolar. No entanto, devido ao agravamento que se tem vindo a detetar, é urgente unir esforços e travar este fenómeno evitando, assim, situações futuras de maior gravidade.

Ainda a propósito das plurissignificações de indisciplina, um comportamento indisciplinado pode estar associado a comportamentos perturbadores, comportamentos desviantes, vandalismo, “*bullying*”, comportamentos agressivos, hiperatividade, delinquência, comportamentos antissociais. No entanto, alguns destes conceitos merecem um estudo mais aprofundado já que têm objetos muito específicos e que se distanciam dos simples comportamentos indisciplinados.

Comportamentos perturbadores

Muitos comportamentos adotados pelas crianças podem entrar no conceito de comportamento perturbador. Graubard (citado em Lopes e Ruthefort 2001) define este tipo de comportamentos como sendo:

“um tipo de comportamentos excessivos, crónicos e desviantes, que vão desde os atos impulsivos e agressivos até aos atos depressivos e de afastamento, que frustram as expectativas do recetor no que diz respeito àquilo a que considera ser adequado e que o recetor quer ver eliminados”

Tal como o próprio nome indica, comportamentos perturbadores são aqueles que condicionam o normal funcionamento de determinada prática, nomeadamente das aulas, através de atitudes desviantes relativamente às normas pré-estabelecidas. São comportamentos perturbadores, entre outros, o facto de a criança exigir todo o tipo de atenção do professor e colegas, o facto de chegar atrasada e faltar constante e injustificadamente às aulas, interromper sistematicamente o decorrer da aula com ações verbais ou físicas e o facto de não ter controlo em si mesmo, não sendo capaz de seguir e cumprir as regras que lhe são impostas.

Comportamentos desviantes

A vida em sociedade pressupõe a existência de normas e regras que a regem, bem como as relações entre as pessoas. O que se pretende é que também adotem

comportamentos que estejam em conformidade com as mesmas. Não obstante, há aqueles cidadãos que se desviam e desrespeitam estas normas que lhe são impostas. Assim, o desvio pode-se definir como sendo uma inconformidade em relação a determinado conjunto de normas que são aceites pela maioria dos cidadãos.

Os comportamentos assumidos pelos indivíduos podem ser desviantes relativamente à cultura que vigora em determinada sociedade ou assumir um carácter psicológico em que o comportamento desviante pode derivar de desvios na personalidade de cada um.

A prática destes comportamentos está muitas vezes relacionada com processos de socialização mal conduzidos em que a educação faltou e a criança não aprendeu e interiorizou determinado comportamento, levando-a depois a adotar comportamentos contrários ao normal funcionamento da sociedade.

Todavia, os comportamentos desviantes em geral não têm que ser necessariamente fenómenos negativos, constituindo por vezes manifestações de inconformismo que acabam por promover várias mudanças sociais positivas.

Dentro da sala de aula são considerados comportamentos desviantes todos aqueles que não compaginem com os comportamentos impostos a um aluno, seja pelos próprios professores, seja pelos regulamentos escolares. Há determinados comportamentos desviantes que são de tal gravidade que constituem crime (furtos aos colegas e dentro da própria instituição escolar) e há outros comportamentos, que embora não constituam crime, desrespeitam as normas e costumes geralmente adotados.

Daí que é necessário estar atento a possíveis comportamentos manifestados pelas crianças de hoje, para que os mesmos possam ser corrigidos e não venhamos a ter “homens-crianças”.

Hiperatividade

A hiperatividade é uma outra característica das crianças que pode ser confundida com a indisciplina, mas que, pelo contrário, se deve distanciar da mesma.

Nem sempre a primeira conduz à segunda. Na verdade, a hiperatividade encontra-se ligada a um défice de atenção do aluno, a uma atividade motora e impulsividade excessiva e a um fraco poder de concentração. Pode provocar sofrimento tanto na criança como nos pais por não saberem lidar com a situação, problemas de integração, socialização e de aprendizagem. As crianças hiperativas são rotuladas

muitas vezes como crianças problemáticas, mas nem sempre é isso que sucede, já que as mesmas são vítimas destes distúrbios de desenvolvimento que as torna crianças desatentas e desconcentradas e bastante agitadas. Com tais comportamentos acabam por ser estigmatizadas pela sociedade.

Aos pais, professores e restante sociedade que com estas crianças convivem, cabe-lhes o dever de estar atentos a possíveis casos de hiperatividade e minimizar os efeitos da mesma bem como o seu agravamento. Os pais devem, por isso, ser proativos, evitando assim que os efeitos tenham outras consequências e que, depois, seja mais difícil de contornar os seus danos, os quais podem ser nefastos tanto para os pais como para os filhos.

Bullying

Apesar de apenas nos últimos anos se falar do fenómeno do *bullying*, a verdade é que esta é uma problemática muito antiga. Os meios de comunicação social contribuíram para que a mesma fosse difundida e tivesse a atenção merecida. O *bullying* está presente em todas as idades e não apenas durante a infância e adolescência, em contextos culturais e sociais. Em Portugal, o primeiro estudo conhecido sobre o assunto foi feito em 1996 por quatro investigadores da Universidade do Minho que, tendo em conta uma amostra de 6200 alunos de dezoito escolas dos concelhos de Braga e Guimarães, verificaram que a percentagem de vítimas para cada um dos ciclos estudados (primeiro e segundo ciclos) foi de 22%, a percentagem de agressores foi de 20% para o primeiro ciclo e de 15% para o segundo. Dentro do recinto escolar, o local onde se verifica o maior número de casos foi no recreio.

Nos Estados Unidos da América, por exemplo, e porque o tema tem merecido variadíssimas atenções, devido às notícias que nos dão conta deste fenómeno, uma em cada sete crianças que frequentam as escolas são vítimas de *bullying*.

O *bullying* caracteriza-se por ser o conjunto de intimidações, provocações, humilhações, ofensas e agressões, de carácter físico ou psicológico a que muitos alunos são submetidos dentro das escolas. Certos alunos, por não aceitarem as diferenças pessoais que existem entre eles e outros colegas reagem de forma negativa, ofendendo e humilhando os outros, impondo as suas ideias e demonstrando a sua aparente superioridade.

Não existe um vocábulo em português que se assemelhe à palavra anglo-saxónica *bullying*. Costa e Vale (1998) entendem que *bullying* significa provocar as pessoas, usualmente alguém mais frágil ou mais novo do que o próprio. O tema aqui em causa

compreende as múltiplas formas de violência física e /ou psicológica intencionais e repetidas, práticas entre pares por um indivíduo (*bully*) ou um grupo (*bullies*) que ocorrem sem que haja uma motivação evidente, causando um sofrimento às vítimas. Estes comportamentos repetem-se e incidem sempre sobre a mesma ou mesmas vítimas e podem ocorrer durante dias, semanas ou anos. A vítima dificilmente se consegue defender sozinha e muitas vezes com medo dos agressores e de possíveis reprimendas não comunica o sucedido a ninguém, nem na escola nem em casa à família, o que os impossibilita de terem noção do que se passa com a vítima.

Para Olweus (1993), um aluno está a ser provocado/vitimado quando está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas. Considera-se ação negativa quando alguém, com intenção, causa ou tenta causar danos ou mal-estar a outra pessoa.

Delinquência juvenil

Há, contudo, situações em que os comportamentos manifestados pelos alunos extravasam a simples indisciplina e passam a estar avaliados dentro do campo da delinquência juvenil.

Etimologicamente falando, o termo “delinquência”, advém do verbo latino *Delinquere* que significa originalmente “cometer falta, pecar, errar” ou “ato de cometer um delito”. Por sua vez, um delito é todo o ato que é contrário ao Direito, portanto, em sentido jurídico, o delinquente é o indivíduo que transgride regras e tabus, hábitos e costumes aceites, normalmente, sem contestação, pela maioria das pessoas e que variam segundo as sociedades e a evolução que lhes é inerente.

Porém, é difícil definir nos exatos termos aquilo que é a delinquência. O termo em si possuiu diversos usos e sentidos. Certas condutas classificadas pelo cidadão comum como ato de delinquência podem na verdade não o ser. Por conseguinte é necessário ir em busca de uma definição acertada deste paradigma.

Assim, não se deve confundir o conceito de delinquência com o conceito de comportamentos antissociais. De acordo com Negreiros (2000) “o termo comportamento antissocial é mais abrangente, referindo-se a uma vasta gama de atividades como atos agressivos, furtos, vandalismo, fugas ou outros comportamentos que traduzem, de um modo geral, uma violação de normas ou de expectativas socialmente estabelecidas.”

Por outro lado, o conceito de delinquência surge intimamente ligado à designação de conduta antissocial, na medida em que o primeiro pressupõe o segundo. Paraphrasing António Fonseca (2000), as condutas antissociais “incluem os comportamentos que desrespeitem os outros e violam as normas de uma determinada comunidade, sem necessariamente infringirem as leis vigentes, manifestando-se de forma diferente, consoante se trate de crianças, adolescentes ou adultos”.

Basicamente, existem dois usos mais frequentes para o termo delinquência: por um lado o sentido jurídico deste fenómeno, e por outro, o sentido psicológico. O primeiro tem como base a legislação e os aspetos determinados e verificados objetivamente pelas normas jurídicas, já o segundo requer uma análise mais profunda da subjetividade do sujeito e da particularidade da sua ação.

Do ponto de vista da psicologia, a delinquência reflete não só as ações contrárias à lei, mas também, e principalmente, uma condição subjetiva ou estado psicológico do delinquent. Ou seja, cometer um crime e ficar sujeito a uma punição, não classifica o sujeito do ato delituoso, como um delinquent em termos psicológicos. O que interessa para a psicologia é o indivíduo que possua transtornos internos antissociais que motivam a ação delituosa e a sua reincidência, isto é, um indivíduo que sofra de perturbações que o impossibilitem de se adaptar às normas da sociedade em que está inserido.

Existe ainda um conjunto de indivíduos transgressores, que são mais do que isso, são pessoas que comportam graves problemas mentais, que os incapacita de racionalizar e de tomar as melhores decisões para a sua vida. É aqui que surge a delinquência associada aos jovens.

Na delimitação de conceitos sobre indisciplina não aprofundámos muito o de violência pois como Sebastião e outros (1999:12) referem

“se a indisciplina representa no essencial o incumprimento de parte ou totalidade do sistema de regras escolares, já a violência remete para o que procurámos definir como o excesso que, numa relação social, condensa uma visão do mundo como um espaço social de relações conflituais que tendem para uma qualquer forma de rutura com a normalidade social considerada legítima. É uma relação que, pretendendo ser irreversível, visa a constituição de um estado de dominação, é uma relação em que a ação é imperativa.”

Concluimos, então, que os conceitos de indisciplina e disciplina estiveram e estão relacionados com diferentes perspectivas e abordagens, as psicológicas nos anos 70 onde surge a indisciplina associada a condutas antissociais e a perturbações neuróticas ou de personalidade, culpando e desculpabilizando sempre o aluno pelos seus comportamentos indisciplinados.

As correntes de orientação behaviorista e de orientação dinâmica que consideraram associados à indisciplina fatores psicológicos, sociais e pedagógicos e que estabelecem a relação com outras variáveis como o insucesso escolar, a origem socioeconómica e o meio familiar, existem, ainda, outros estudos que incorporam a raça/etnia, a idade e o género como outras áreas a correlacionar.

As investigações de carácter sociológico e pedagógico colocaram a sua ênfase no contexto social e pedagógico, desculpabilizando, também, o aluno e relevando a sociedade e o professor como causadores da indisciplina do aluno. Kounin (1977) defende que a disciplina ou a ordem necessária às aprendizagens estão relacionadas com a organização criada pelo professor na sala de aula.

Podemos concluir que todas estas perspectivas contribuem para o que João Amado (2001) considera como modelo holístico de ensino, pois para compreendermos a escola e os seus problemas, temos de considerar os fatores externos e os fatores internos da mesma, logo os fatores pessoais dos alunos, dos professores, os constrangimentos institucionais e os determinantes sociais que iremos abordar de seguida.

2. Fatores da Indisciplina escolar

“As transformações físicas e cognitivas que tomam lugar durante a fase da adolescência parecem precipitar muitos dos desafios sociais e psicológicos com que os adolescentes são confrontados e, provavelmente, constituem parcialmente a base das diferentes formas da abordagem que cada adolescente utiliza perante os problemas ligados à obtenção de uma identidade” (Sprinthall & Collins, 2003:149).

Essa diferenciação é ainda mais potencializada pelo carácter desigual que

“(...) o crescimento durante a adolescência engloba [; sendo o resultado de] uma ação combinada entre as nítidas modificações biológicas, sociais e cognitivas dos indivíduos, e os contextos ou domínios, nos quais eles experienciam as exigências e as oportunidades que afetam o seu desenvolvimento psicológico” (Pacheco,2006: 35).

A Escola é um espaço de socialização e aprendizagem que tem que gerir e enfrentar as problemáticas decorrentes das rápidas transformações observadas na sociedade, nas dinâmicas familiares e na transmissão dos saberes e dos valores.

“ O não fechamento implica, antes de mais, trazer ao de cima as questões difíceis e significa também que temos que ter a capacidade, por um lado, de perceber aquilo que são valores, preconceitos, rótulos, estereótipos, maneiras de ver o mundo, respeitá-los, dignificá-los, mas entrar também em conflito com eles. Para que daí saia uma postura de abertura. Por exemplo, uma abertura pautada dos Direitos Humanos. Mas, obviamente que será sempre através de um compromisso. Será sempre através de uma negociação. Será sempre através de uma reapropriação do conflito para novas posturas. Mas o fundamental, acima de tudo, é fazer as perguntas difíceis. É colocar o conflito como explícito. A partir daí a abertura será uma possibilidade. Não digo que ela seja inevitável, porque muitas vezes não se consegue, mas será uma possibilidade”. (Adaptado - João Teixeira Lopes⁴)

Situações como a desobediência, insolência, desrespeito pelo cumprimento de normas e uso de linguagem imprópria são cada vez mais notórios no meio escolar e mais preocupantes para toda a comunidade escolar. Apercebemo-nos que a norma e a sanção se diluíram, ou praticamente desapareceram, pelo que os profissionais do ensino parecem encontrar-se sem instrumentos para estabelecer padrões de comportamento. Verifica-se, ainda, que um grande número de alunos não vai para a escola motivado, pois considera que a sua aprendizagem poderá chegar de forma cómoda e prática através da televisão e da internet.

Também podemos afirmar que os meios de comunicação deseducam os alunos através de séries que os posicionam contra os professores, como tem sido o caso dos *Morangos com Açúcar*, onde o respeito por aqueles prima pela ausência de bons exemplos.

Muitos docentes defendem que a grande diferença de alguns anos atrás é que os pais reconheciam-lhes o valor e acreditavam neles, estavam do seu lado.

Para Eulália Barros (1994), as famílias projetam na escola as suas preocupações relativas ao medo, falta de tempo e disponibilidade para amar, proteger e educar, e desejam que a escola cumpra também estas funções, o que humana e tecnicamente é impossível.

Não podemos, igualmente, esquecer o alargamento da escolaridade obrigatória e a mudança para uma escola de massas e multicultural que tem como principal objetivo

⁴ Diretor do Curso de Especialização em Animação e Mediação Cultural, orador no encontro da Mediar “Olhares Sobre a Mediação Sociocultural” Fevereiro de 2006 Lisboa IPJ 3

combater o analfabetismo e democratizar o ensino, o que levou muitos alunos a ver a escola como uma imposição, criando assim situações de desinteresse e de indisciplina.

Manuela Teixeira, ex-secretária-geral da Federação Nacional dos Sindicatos da Educação (FNE) afirma “ À medida que os anos vão passando, há cada vez mais professores que revelam que o principal motivo de insatisfação na profissão é o relacionamento com os alunos” “ Os professores não foram preparados para responder aos problemas sociais. Esses têm de ser trabalhados por outros técnicos” (*Público*, 13 de Junho de 2006).

Freire e Amado (2009) referem ainda como fatores de indisciplina, o desinteresse em geral por algumas disciplinas, o facto de haver aulas e matérias pouco atrativas, as dificuldades de adaptação à escola ou a certas exigências de alguns professores e má formação, a má educação por parte dos alunos que se fazem engraçados e irreverentes perante os professores, as perturbações do foro psicológico e a influência das companhias ou de outros elementos da turma.

Constatamos que são vários os estudiosos que se debruçam acerca da causalidade da indisciplina, mas a verdade é que ao longo dos tempos o enfoque e a raiz do problema tem vindo a alterar o seu rumo, já que se antes, numa educação tradicional, a culpa era sempre do aluno, devido à rigidez da educação, hoje em dia há quem atribua completa responsabilização aos professores. Enquanto os docentes tendem em atribuir as razões da indisciplina a atitudes e características dos alunos ou do ambiente familiar em que o mesmo está inserido, estes conferem grande parte da responsabilidade pelos seus próprios comportamentos aos professores.

Assim, as causas da indisciplina podem ser divididas em dois grandes grupos: de um lado as causas internas à escola de outro, as externas a esse espaço. No primeiro grupo encontram-se causas como a relação estabelecida entre o professor e o aluno, os grupos e turmas em que o aluno está inserido, o conceito negativo que o aluno tem da escola, e no segundo grupo encontramos causas como o ambiente familiar em que o aluno está inserido, os meios tecnológicos ao dispor do aluno e a própria sociedade. A este propósito, João Amado (2001:42) evidencia vários fatores internos e externos à escola que influenciam a adoção de comportamentos indisciplinados, são eles:

- “fatores de ordem social e políticos: interesses, valores e vivências de classes divergentes e opostas, racismo, xenofobia, desemprego, pobreza;

- fatores de ordem familiar: valores familiares diferentes dos valores da escola, disfuncionamento do agregado familiar, demissão da função socializadora;

- fatores institucionais formais: espaços, horários, currículo e *ethos* desajustados aos interesses e ritmos dos alunos;

- fatores institucionais informais: interação e lideranças no interior do grupo-turma que criam um clima de conflitos e de oposição às exigências da escola e de certos professores;

- fatores pedagógicos: métodos e competências de ensino, regras e “inconsistência” na sua aplicação, estilos de relação desadequados;

- fatores pessoais do professor: valores, crenças, estilo de autoridade, expectativas negativas relativamente aos alunos;

- fatores pessoais do aluno: interesse, adaptação, desenvolvimento cognitivo e moral, hábitos de trabalho, história de vida e carreira acadêmica, autoconceito, idade, sexo, problemas patogénicos, psicológicos”.

Iremos apresentar e desenvolver apenas alguns fatores que não poderemos considerar como estanques, pois todos eles se interrelacionam e entrecruzam. Talvez pudessemos afirmar que uns são fatores de outros, ou melhor, uns dependem ou são consequência dos outros.

2.1. Fatores sociais

Podemos considerar que os problemas disciplinares são de uma tal complexidade que implica uma análise dos diferentes agentes. Como afirma Amado (2001:317), “não se sabe onde começam e acabam as causas e os efeitos, a responsabilidade deste ou daquele agente, deste ou daquele fator, devido às múltiplas implicações e à causalidade circular”.

Logo, esta questão deriva de diferentes motivos, implicando uma análise e reflexão por parte de todos os intervenientes. A escola, a família e a sociedade são elementos primordiais da formação dos jovens e devem todos contribuir para a sua formação integral com vista a criar uma sociedade respeitadora, solidária e democrática.

Sem dúvida, o fenómeno indisciplina é visto, atualmente, como um problema sério com repercussões negativas não só para o próprio indivíduo como para toda a comunidade escolar e tem repercussões na sociedade. Tornou-se, portanto, nos dias de hoje, pertinente a sua análise e prevenção.

Neste sentido, pareceu-nos importante perceber, antes de mais, como é feita a socialização do ser humano e qual a influência que os diferentes agentes de

socialização poderão ter no desempenho escolar e no comportamento da criança e/ou jovem, na escola, pois só assim compreenderemos o que poderá estar na origem da indisciplina.

Inevitavelmente, nós, seres humanos, como criaturas sociais que somos por natureza, para nos desenvolvermos como pessoas, precisamos de um meio que nos acolha e nos facilite os instrumentos necessários para a nossa socialização, que se inicia quando nascemos e termina quando morremos. Como refere Gleitman (1999) é a vinculação do bebé à pessoa que cuida dele que marca a sua entrada no mundo social. Portanto, este é o ponto de partida da socialização.

A partir daqui, é no decorrer da experiência com os outros, através do processo de socialização, como defende Calheiros (2002) que desenvolvemos as competências para vivermos uns com os outros, partilhando, ou pelo menos antecipando, formas de comportamento, pensamentos e sentimentos. Encontramo-nos, segundo a mesma autora (Calheiros, 2002), em constante socialização com o meio que nos rodeia, adquirindo e desenvolvendo, assim, as competências necessárias para vivermos em sociedade.

Atos de indisciplina e violência por parte dos alunos podem também prover de influências por parte dos meios de comunicação social. Hoje em dia, a indústria cinematográfica é rica em filmes altamente violentos a que as crianças têm acesso e que muitas vezes o seu visionamento está fora de controlo dos pais que teriam o dever de o vigiar. A internet e especificamente as redes sociais vieram incutir nos jovens novas formas de entretenimento que por vezes podem ser nefastos para a educação.

As escolas são hoje frequentadas por populações escolares muito heterogéneas, contando no seu seio com um crescente número de alunos que provém de grupos sociais onde subsistem frequentemente graves problemas de integração social. Apesar da especificidade dos problemas destes alunos, o papel da escola deverá passar pela integração dos mesmos sem prejudicar outros alunos. Porém, a tarefa nem sempre é levada a bom porto o que acarreta problemas, por vezes graves, para dentro das salas de aula.

Desta forma, e num sentido mais lato, a socialização, é na opinião de Gleitman (1999) um processo pelo qual nós, seres humanos, adquirimos os padrões de pensamento e comportamento característicos da sociedade em que nascemos. É, por assim dizer, um “processo contínuo de colaboração entre os “velhos” e os “novos”, entre familiares e “parceiros” onde ativamente se adquirem os comportamentos, competências, valores

e crenças que equipam a pessoa para funcionar efetivamente, respondendo às exigências da vida em grupo” (Calheiros, 2002:23). O processo de socialização pode ser considerado, então, como refere Setton (2002) como um espaço plural de múltiplas relações, familiares, escolares e sociais.

Os grupos de amigos que os alunos criam na escola e as turmas em que se inserem podem muitas vezes influenciar a adoção de comportamentos desviantes. O grupo, enquanto conjunto estruturado de pessoas que é, assume uma enorme importância nos processos de socialização e de aprendizagem dos adolescentes. A sua influência acaba por ser decisiva para explicar certos comportamentos que os jovens demonstram e que são resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Certas manifestações de indisciplina não passam muitas vezes de meras manifestações públicas de identificação com modelos de comportamento característicos de certos grupos como forma de se afirmarem perante os outros. Através delas, os jovens procuram obter a segurança e a força que lhes é dada pelos respetivos grupos, adquirindo certo prestígio no seio da comunidade escolar. A turma é também um grupo, sem que todavia faça desaparecer todos os outros aos quais os alunos se encontram ligados dentro e fora da escola. Numa sociedade em que os grupos familiares estão desagregados, o seu espaço é cada vez mais preenchido por estes grupos formados a partir de interesses e motivações muito diversas.

Para além do importante papel que é atribuído à família e à escola no processo de socialização do indivíduo, não podemos, de todo, esquecer o papel que o grupo de pares também desempenha na socialização de qualquer ser humano. Como referem Brazelton e Greenspan (2004), a relação que as crianças estabelecem entre os pares desempenha um papel, também ela, fundamental no seu desenvolvimento social e, por isso, incutir o valor da amizade e fomentar a relação com outras crianças, dentro e fora da escola, deve fazer parte da tarefa educativa dos pais e da própria escola. Até porque, na opinião dos mesmos autores (Brazelton & Greenspan, 2004: 158), “todos os conceitos intelectuais e abstratos que as crianças irão ser capazes de dominar em anos posteriores são baseados em conceitos que se aprendem nas primeiras relações com os outros”. É no contacto com os colegas que a criança estabelece relações com os iguais que irão favorecer a aprendizagem de aptidões sociais, como dominar, proteger, responsabilizar-se, partilhar, respeitar, entre outras. As crianças estabelecem, assim, entre si modelos de valores, normas e princípios morais próprios e concretizam relações afetivas diversas: rejeição, indiferença e/ou amizade e afeto.

Segundo Estrela (2002:57), “a emergência de normas de conduta é um aspeto importante da vida dos grupos, pois, ao criarem as condições de funcionamento harmonioso do grupo, submetem a vontade particular à vontade geral e criam sentimentos de solidariedade e de pertença”. Pode-se, assim, dizer que todo este complexo mundo emocional e de relações vai contribuir para a valorização pessoal e para a construção da autoestima da criança.

Contudo, tal como vimos com os outros agentes de socialização, também a influência que o grupo de pares exerce sobre a criança e/ou jovem pode ter o seu lado menos positivo. Segundo Amado (2001:298), as companhias formadas por alguns colegas da própria turma, ou de outras, “arrastam pela conversa”, “roubam a vontade de estudar” e exercem uma influência muito grande, sobretudo no que respeita à indisciplina. Não podemos esquecer que o próprio meio no qual a criança e/ou jovem se encontra inserido pode ser, só por si, bastante condicionante. Como refere o mesmo autor (Amado, 2001), as condições sociais altamente degradadas de onde provêm tantas crianças e jovens que frequentam as nossas escolas explicam, em grande parte, o desencontro e o conflito entre o que se lhes exige e o que elas fazem, desejam e sabem. São essas mesmas condições sociais, altamente degradadas que acabam por estimular as crianças e os jovens à constituição e ao reforço de uma cultura juvenil delinquente (Amado & Freire, 2002).

Portanto, constatamos que existe um conjunto de fatores, considerados de risco, que tornam a criança ou jovem vulnerável, facilitando, assim, o aparecimento de diversas dificuldades de adaptação (Amado & Freire, 2002) que levam a comportamentos inadequados. Alguns alunos estão mais predispostos a experimentar problemas, tanto em relação ao rendimento escolar como nas suas experiências pessoais e sociais. Um aluno em risco devido a determinadas características do seu meio familiar, escolar e social está mais predisposto a experiências negativas, tal como baixo rendimento/desempenho escolar, problemas comportamentais e emocionais. (Jadue, Galindo & Navarro, 2005).

Efetivamente, ambientes de convivência (familiar, escolar e/ou social) marcados pela presença de fatores de risco, como refere Chiapetti (2003), não apresentam condições apropriadas às necessidades e expectativas de nenhuma criança, aumentam a sua vulnerabilidade e comprometem o seu desenvolvimento físico, intelectual, social e moral. Podemos, então, afirmar com base em Amado e Freire (2002) e como veremos mais à frente, que os fatores de risco (individuais, familiares, escolares e sociais) são responsáveis por tornarem a criança mais vulnerável, facilitando assim o aparecimento

de diversas dificuldades de adaptação (escolares e/ou sociais). Uma criança ou jovem vulnerável não se sente capaz de procurar alternativas para enfrentar o momento de crise ou fá-lo de forma ineficaz (Antoni *et al.* 1999). Logo, quando falamos de vulnerabilidade referimo-nos, segundo Antoni *et al.* (1999), às suscetibilidades individuais que potencializam o efeito dos fatores de risco. A vulnerabilidade caracteriza-se, segundo Cecconello e Koller (2000), por respostas mal adaptadas que resultam em consequências negativas para o desenvolvimento psicológico de qualquer indivíduo.

De acordo com Amado e Freire (2002), um único fator pode ser a causa suficiente para a explicação de determinados distúrbios, comportamentos e/ou respostas desadaptadas. Mas, como referem Jadue, Galindo & Navarro (2005) quanto maior for o número de fatores de risco associados maior é a probabilidade de as crianças desencadearem problemas emocionais e comportamentos de risco e/ou atos desviantes.

“ (...) não se pode deixar de ter em conta que cada indivíduo constitui uma personalidade única, com uma genealogia própria pessoal ímpar, projetos de vida peculiares, interesses, hábitos, gostos muito particulares, etc. Tudo isso, enfim, condiciona e explica, em parte os comportamentos diferenciados de cada um, traduzindo modalidades diferenciadas de adaptação à escola e às suas exigências.” Amado (2001: 281)

Concluimos, então, que uma criança desinteressada desenvolve, de acordo com diferentes estudos (cit. por Murdock, 1999), baixa motivação, baixos níveis de esforço, desatenção e níveis altos de problemas disciplinares, por outro lado, uma vida escolar repleta de retenções e de insucesso escolar desencadeia sentimentos pessoais, e nos outros, de incapacidade e de fracasso generalizado. Assim, uma criança com um autoconceito negativo, apresenta, segundo Amado e Freire (2002), um conjunto de percepções ou referências de si mesmo claramente negativas, ou seja, esta percebe-se (identidade) e avalia-se a si mesmo (autoestima) de uma forma negativa. Estes alunos, na opinião de Schmuck e Schmuck (1992, cit. por Amado & Freire, 2002), sentem-se facilmente injustiçados e perseguidos, encontram facilmente indícios de expectativas negativas dos outros sobre si, sem que as mesmas se produzam efetivamente, e evitam os desafios que a escola lhes propõe, tentando afirmar-se com comportamentos agressivos e de oposição. São alunos, que segundo Amado e Freire (2002), são facilmente e frequentemente rotulados de “estúpidos”, “desajeitados”, “preguiçosos”, “desinteressados”, e, para os quais, muitas das vezes, a revolta, a indisciplina e mesmo a desistência (abandono escolar) é o caminho mais fácil.

Não podemos deixar de considerar ainda a família, quando falamos em socialização, pois esta como referem Meira e Centa (2003) é o espaço de inclusão e acolhimento da criança, no qual ela deve receber amor, afeto, proteção e segurança, e a quem cabe a responsabilidade da sua socialização. A família torna-se, assim, tal como referido na Constituição da República Portuguesa, num “*elemento fundamental da sociedade*”, visto não se poder promover o desenvolvimento de qualquer indivíduo, sem haver o envolvimento de todos os que o rodeiam, a família é, portanto, a base estrutural da sociedade e dos seus elementos (artigo 67º).

2.2. Fatores Familiares

Segundo Urra (2009:137), “a família é uma micro sociedade onde a criança começa a utilizar os valores de inter-relação social que lhe vão marcar os padrões de conduta a utilizar quando se vê imersa na sociedade em geral.” Este considera também que o que mais molda a personalidade da criança é a aprendizagem na família, o que aprende, observa e experimenta em família prepara-a para os outros e para si própria.

Há quem entenda que a família e o ambiente familiar encabeçam as causas da indisciplina. É no seio familiar que os alunos adquirem certos modelos de comportamento que depois vão exteriorizar na sala de aula. É através dos pais e restante agregado familiar que a criança conhece os primeiros limites que lhe são impostos e é através destes que as suas atitudes são balizadas. A família constitui a base principal da formação neuro-psicológica de um ser humano, e se esta não cumpre as suas funções enquanto instituição que é, certamente que causará danos gravíssimos na vida de um futuro cidadão, que, caso a sua personalidade não seja suficientemente forte para resistir a vicissitudes da vida, sofrerá de fortes desequilíbrios emocionais que o poderá levar para caminhos da indisciplina e da criminalidade. A pobreza, a violência doméstica e o alcoolismo foram já apontados como as principais causas de degradação de um ambiente familiar.

Cabe, portanto, à família, mas sobretudo aos pais, que são, como vimos, uma das fontes mais importantes de socialização e de educação, a responsabilidade de proporcionar um harmonioso e integral desenvolvimento físico, intelectual, social e moral à criança (Calheiros, 2002). Na opinião de Monteiro (2004), os pais tornam-se, então, nos primeiros modelos sociais dos filhos, pois é com eles que primeiramente se identificam e fazem comparações. É desta forma que a família adquire um papel fundamental na educação dos mesmos e na sua formação enquanto indivíduo.

Sabemos que é no seio da família que a criança deverá satisfazer as suas necessidades básicas – alimentação, saúde, higiene e segurança –, e, também, é através dela que a criança deverá aprender a respeitar regras e normas, e a tornar-se, assim, uma pessoa responsável e disciplinada.

É nesta perspetiva que, na opinião de Villas-Boas (2001) se pode entender o importante papel que a família desempenha na educação da criança, ou seja, em todo o seu desenvolvimento integral, incluindo no seu desenvolvimento cognitivo e no seu desempenho escolar. No seguimento desta linha, segundo Amado e Freire (2002), surgiram diversos estudos sob a influência que a família e o meio familiar têm na criança, no seu comportamento e no seu desempenho escolar. Logo, segundo estes autores (Amado & Freire, 2002) “o comportamento perturbado dos alunos pode ser sintoma de problemas relacionados com a dinâmica afetiva no seio do agregado familiar e de desarticulação entre os objetivos, os valores e as práticas dos dois subsistemas – escola e família” (2002:86). A título de exemplo, Santos e Marturano (1999) e Amado (2001) demonstram que, muitos dos casos de crianças violentas e/ou agressivas têm a sua raiz na família, mais especificamente no estilo de autoridade parental. Neste sentido, segundo Amado e Freire (2002), pode-se concluir que existem fatores familiares considerados de risco fortemente associados ao desempenho escolar e ao comportamento antissocial da criança.

Temos ainda, com o evoluir da sociedade outras causas relacionadas com a família que se prendem com a degradação dos casais, o desemprego dos membros do agregado familiar, a falta de meios económicos e a mudança e/ou falta de valores familiares e sociais que acabam por criar mau ambiente familiar, o que se reflete na educação que é transmitida às crianças, minando o ambiente familiar. As realidades familiares passaram a dar mais enfoque ao género o que implicou mudanças sociológicas, legais, económicas e demográficas. Mudaram os valores que mantêm as famílias: a mulher adquiriu novos papéis, há mais igualdade entre pais e filhos, já não se tratam por você as figuras parentais, em casa fala-se como na rua, usando o calão. Procura-se ser amigo dos filhos, uma camaradagem que leva ao abandono do papel de pais. Cada vez é mais notória a falta de afeto e atenção que as crianças e jovens têm por parte dos seus pais. As famílias de hoje são basicamente fruto de novas uniões, separações, agrupamentos, é bastante comum ser filho único, viver em famílias monoparentais, ou conviver com irmãos de um dos pais e da sua nova companheira (isto acontece no nosso estudo.) Ainda há alguns que vivem com os avós ou só veem os pais no fim do dia. Estes aspetos têm também influência no crescimento e na falta de comunicação entre as famílias, pois mesmo quando chegam

a casa a maior parte dos jovens refugiam-se nos seus quartos e “ligam-se” à televisão ou aos computadores comunicando com pessoas que os pais desconhecem, a chamada “geração visual”. Porém, muitas vezes isto acontece porque os pais vêm muito cansados do trabalho e também se demitem, de certa forma, da sua função de educadores.

Outro aspeto a considerar prende-se com crianças e jovens que vivem em bairros que demonstram sinais de carências a vários níveis, onde geralmente existe um elevado número de pessoas desempregadas, com fome e sem perspectiva de vida, a tendência ao desequilíbrio emocional e psicológico leva a que a probabilidade de discussões e violência entre familiares aumenta. Há, ainda, algumas famílias em que existem riscos externos para a saúde mental das crianças, como transtornos psíquicos psicopatológicos, também há famílias desestruturadas com graves falhas na comunicação ou famílias marginais dependentes de drogas ou implicadas em condutas delinquentes. As crianças e jovens que vivem em lares desestruturados onde predomina a falta de amor, de carinho, de compreensão, de afetividade, e principalmente a falta de diálogo e atenção que as crianças merecem e precisam, leva-as a refletirem nas suas personalidades todas estas carências.

No entanto, e apesar de este tipo de ambiente familiar ser mais propício a causar indisciplina, a verdade é que em famílias bem posicionadas socialmente e com um estrato económico-social mais elevado o mesmo também sucede, devido principalmente ao facto de carências afetivas por parte das crianças e a falta de restrições e imposições, ou seja, geralmente estas famílias tomam atitudes demasiado permissíveis perante as crianças, daí que as mesmas não conheçam os seus próprios limites e acabem por extravasá-los na sua vida social e escolar.

Houve ainda outras mudanças socioculturais que contribuíram para a formação de diferentes gerações e que alteraram a dinâmica da família. Segundo alguns estudiosos assistimos a três tipos de gerações: a geração silenciosa (entre 1935 e 50), a geração de pais obedientes (entre 1951 e 84) e a geração de filhos tiranos (a partir de 1985). Na primeira geração os filhos viviam em uma disciplina incapaz de questionar decisões. Na segunda cresceram numa época de rebeldia, de mudanças de valores, muitas vezes foram filhos rebeldes mas quando eram pequenos obedeciam aos pais e aos professores, e quando se tornam pais obedecem e submetem-se aos caprichos dos filhos, tornando-se pais permissivos, submissos, volúveis e indecisos. A última geração segundo Urra (2009: 140)

“espera ser orientada, mas não controlada ou obrigada a obedecer sem uma razão; o trabalho é visto como um mal necessário e a vida como algo

que deve ser desfrutada em cada momento e em que realizar coisas exija o mínimo de esforço. Para as crianças, o futuro está no presente e o passado não interfere ou não influi decisivamente no hoje”.

A criança tirana vive em famílias pequenas, costuma ser intolerante, individualista, exigente, tendendo para o isolamento, onde os pais se preocupam com a satisfação dos seus caprichos. Estes são os jovens que hoje frequentam as nossas escolas. Jovens pouco tolerantes, cruéis uns com os outros.

Encontramos, desta forma, alguns dos diferentes retratos das famílias cujos filhos se encontram nas nossas escolas.

Para Pedro Strecht (2004), citado em (Urta 2009: 95) é explícito que “ Os pais não devem delegar noutros a tarefa de educar, esperando da escola tudo e não dando pessoalmente nada... a verdadeira educação começa em casa e, depois, naturalmente, prolonga-se na escola.” Esta realidade leva a que concluamos que hoje haja muitas famílias que não socializam os seus filhos pelo que se torna mais difícil educá-los na escola.

João Grancho⁵, presidente da Associação Nacional de Professores, referiu numa entrevista à revista X/S em outubro de 2007

“ À escola na atualidade, exige-se tudo. Tudo aquilo que não se exige ao Governo, nem aos pais, espera-se que a escola dê. Mas a escola não pode colmatar todas as falhas da sociedade. A sua função é, acima de tudo, ensinar. A escola não é a família”.

Como temos vindo a referir, o ambiente familiar (Amado & Freire, 2002) assim como os estilos educativos parentais (Feitosa, Dell Prette & Dell Prette 2005) são fatores determinantes da socialização da criança ou jovem. Feitosa, Dell Prette e Dell Prette (2005) sublinham que os estilos educativos parentais estão fortemente relacionados com o comportamento, o desempenho escolar e o ajuste social dos seus filhos. A título de exemplo, Santos e Marturano (1999) e Amado (2001) demonstram que muitos dos casos de crianças e jovens violentos e/ou agressivos têm a sua raiz no estilo educativo parental.

O ambiente familiar está, segundo Amado e Freire (2002), relacionado com o desenvolvimento físico, intelectual, social e moral da criança. Logo, o disfuncionamento familiar cria fortes possibilidades de aparecimento de problemas cognitivos, sociais, afetivos, emocionais, comportamentais e físicos, na criança, acrescentam Amado e Freire (2002) e Jadue, Galindo e Navarro (2005).

⁵ Atual Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário

Podemos, assim, dizer que a família molda e condiciona muito fortemente o sucesso escolar – medido pela duração e qualidade das aprendizagens, pela escolha de certas vias profissionais e vocacionais, em detrimento de outras (Almeida, 2005). Na opinião deste autor há uma repartição desigual das probabilidades de sucesso escolar segundo os diferentes meios sociais. Crianças e jovens provenientes de meios socioeconómicos mais desfavorecidos têm menores oportunidades de desenvolvimento físico, emocional e intelectual, proporcionadas por menores condições físicas e sociais na estimulação das suas capacidades assim como um menor acesso a bens culturais. Baptista, D’Antino, e Schwartzman (2003) e Feitosa *et al.* (2005) afirmam que todos estes motivos têm também influência na sua motivação escolar e nos seus comportamentos. Sebastião (2010) refere num dos seus estudos que a família assume habitualmente uma atitude de confiança perante a escola, mas simultaneamente de distância e só participam ou se envolvem em casos de extrema necessidade. Afirma ainda, baseado num estudo de Benavente e outros (1994), que as famílias com fracos recursos sociais e escolares sentem maior dificuldade em relacionar-se com a escola. A falta de participação e envolvimento dos pais é um fator negativo e que não promove o apoio destes na resolução dos problemas disciplinares, mas Amado (2001) menciona que o desinteresse dos pais que não valorizam a própria escola está diretamente relacionado com situações em que os educandos enfrentam problemas familiares que condicionam imenso as suas atitudes em contexto escolar. Há uma grande demissão da parte dos pais e pais/encarregados de educação relativamente a estas problemáticas. Mesmo nas associações de pais, segundo alguns estudos, conclui-se que existem poucos pais envolvidos.

Não podemos esquecer ainda a pouca valorização dada aos professores por parte dos pais, talvez haja necessidade que estes avaliem e transmitam aos filhos o carinho e respeito que se deverá dar aos professores. Os pais precisam de estar em contínuo contacto com os professores, ouvi-los, não os desvalorizarem e, quando necessário, sancionarem os seus educandos, para bem deles, caso os professores lhes dêem a conhecer comportamentos que o requeiram. Não podemos ainda deixar de referir a necessidade por parte do Estado e da família de uma política de valorização dos professores, dos educadores que têm de informar e formar as crianças e jovens que edificarão o futuro e o presente tentando transformar este país “novo-rico”, consumidor de lazer que valoriza o prazer imediato.

2.3.Fatores escolares

Depois da família, a escola, como refere Durkheim (cit. por Amado, 2001), é o local onde as crianças continuam o seu processo de socialização, meio onde se consolidam normas, regras, valores e onde se estabelecem relações. As regras, como salienta Durkheim (cit. por Amado, 2001), são verdadeiramente importantes no processo de socialização da criança, pois são elas que ensinam a criança a regular os seus atos por diversos constrangimentos sociais (não incluindo a punição) e a alcançar a autodisciplina e o respeito pela regra.

Defende-se que a escola assenta em três princípios básicos: educação (qualificação ou instrução), seleção e socialização dos indivíduos. Portanto, tal como na família, a escola adquire, também, um papel indispensável na educação/formação da criança e/ou jovem. Não nos esqueçamos que é através desta que a criança continua o seu processo de socialização por isso a escola assume um papel preponderante no seu desenvolvimento intelectual, emocional, moral e social. Assim, como afirmam Johnson e Bany (cit. por Amado & Freire, 2002) parece razoável e útil admitir que as crianças que reagem negativamente à escola, na sequência da deterioração do seu meio familiar, só o fazem porque o seu meio escolar não faz senão agravar e ampliar os seus problemas pessoais. Neste seguimento, e segundo Amado e Freire (2002), Estrela (2002) entre outros, diversos estudos foram surgindo na tentativa de averiguar as responsabilidades da escola no desempenho escolar e no comportamento antissocial dos seus alunos. Na opinião de Amado e Freire (2002) existe um conjunto de fatores escolares, que poderão afetar os tipos de comportamento e de desempenho dos alunos e, que se constituem por isso em fatores de risco.

Segundo Amado (2001:71 e 282), é frequente dividir o conjunto dos alunos em três grupos, de um lado, a minoria, que são os alunos denominados “obrigados- satisfeitos” que se conformam com todas as exigências que lhes são impostas pela escola e pelos professores, do outro os denominados “obrigados-resignados” que correspondem à maioria, e tal como o nome indica são aqueles que cumprem as regras, e resignam-se a conviver com elas, atingindo os objetivos que lhes são impostos, e por último uma minoria inconformada de alunos que são chamados de “obrigados-revoltados” que corresponde aos que não estão de acordo com as normas que lhes são impostas pela escola, pela família e pela sociedade, “cujos projetos de vida não passam pela escola, com marcas dolorosas de um longo historial de frustrações, e um conjunto de gostos, preferências e valores pessoais em nada de acordo com o que se lhes quer inculcar” Amado e Freire (2009:89).

Não é fácil explicar as razões que levam uns a assumirem-se como "conformistas" e outros como "revoltados". A "falta de afeto" ou a "vontade de poder" são, por exemplo, duas destas motivações. Há quem aponte também as tendências próprias de cada idade que transforma uns em "revoltados" e outros em "conformistas".

No passado, o contributo dado pelas escolas para a indisciplina assentava na questão da seleção dos alunos, ou seja, eram acusadas de discriminar os alunos à entrada na escola e na escolha das turmas em que iriam ficar inseridos. Ao fazê-lo, criavam focos de revolta por parte daqueles que legitimamente se sentiam marginalizados. A questão ainda hoje é colocada e é motivo de indisciplina por parte de alguns alunos que se sentem marginalizados. Contudo os contributos (negativos) da escola para a problemática da indisciplina são agora outros, pois, por vezes, a escola deixou de ter um papel integrador dos alunos. Embora seja um espaço onde estes passam grande parte do seu tempo, nem sempre nela chegam a perceber quais são os seus valores, quais as regras sociais e de funcionamento que devem respeitar.

Na verdade, as escolas estão hoje mal preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas escolares atuais, nomeadamente os que se prendem com a gestão dos conflitos que se criam dentro das instalações. A crescente participação de alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas pelas escolas tornou-se uma fonte de conflitos entre eles, que muitas vezes acabam por gerar fenómenos relacionados com a indisciplina.

“A respeito do contexto escolar, (...) é notável a influência deste no desenvolvimento da personalidade, valores e relações sociais”. (Chiapetti, 2003:4) Segundo Chiapetti (2003), assim como a família, a escola é uma importante fonte de influência no comportamento e desempenho escolar das suas crianças e jovens.

Não podemos esquecer que, como Janosz *et. al* (2000) referem, o ambiente educacional determina a qualidade da experiência escolar. As práticas educacionais aparecem, assim, claramente, como fatores determinantes da qualidade da participação, realização e motivação (Roazzi & Almeida, 1988; Janosz *et. al*, 2000). Janoz *et al.* (2000), Knesting e Waldron (2006) explicam que no processo que conduz a criança ou jovem à indisciplina não se encontram apenas características do aluno e/ou da família, a escola e as práticas educacionais também surgem como determinantes para a motivação dos alunos. Os professores têm por hábito atribuir a responsabilidade à família e à incapacidade dos próprios alunos, acrescentam Jadue, Galindo e Navarro, (2005), esquecendo-se da responsabilidade que eles próprios,

enquanto professores, têm no desempenho escolar dos seus alunos (Sousa & Santos, 1999).

Estrela, (1998:13) a propósito do seu estudo sobre a problemática da indisciplina, aponta como principais causas da mesma o sistema escolar:

“turmas numerosas; escolas superlotadas que nas grandes cidades funcionam como fábricas em elaboração contínua; edifícios degradados e falta de equipamentos didáticos adequados; fraco nível de remuneração dos docentes, que afasta do ensino os mais capazes; persistência de pessoal docente sem formação profissional e de pessoal auxiliar subqualificado; percentagens elevadas de alunos oriundos de meios economicamente degradados; presença de minorias étnicas a quem não se proporcionou formas de acolhimento facilitadoras da sua inserção escolar e social; taxas enormes de insucesso escolar; seletividade e competitividade do ensino originado pelo sistema de números *clausus* para a entrada nas universidades; falta de saídas profissionais para os alunos do ensino básico e secundário, ligada à falta de um sistema coerente de formação profissional (...).”

Anteriormente, os saberes eram transmitidos pela sua demonstração existindo uma facilidade maior, relativamente ao que hoje se verifica em cativar a atenção daqueles que recebiam a educação. Contudo, o aumento da necessidade de receber e prestar mais informação e da diversidade que a mesma comporta não foi devidamente acompanhada por formas eficazes no que à transmissão de saberes e conhecimentos diz respeito.

Numa conceção tradicional do conceito de ensino aqui referido, os alunos procuram na escola um canal de transmissão de conhecimentos e de competências intelectuais que os tornem adultos inteligentes e completamente capazes. Para avaliar o aluno a quem são transmitidos saberes, conhecimentos e capacidades submetem-se a testes periódicos através de exames e provas orais e escritas. O aluno atravessa, assim, um percurso, em que etapa após etapa, dum modo previamente estabelecido, lhe são “despejados” conhecimentos que tem de assimilar com o objetivo único de passar para uma próxima fase. No entanto, esta conceção tradicional, salvo melhor entendimento, carecia de uma metodologia prática, já que a transmissão de conhecimentos concretizava-se apenas através da memorização dos fatos.

Os recursos didáticos neste tipo de educação são também, por vezes, escassos, limitados e rudimentares, em que o professor desempenha a função de transmissor do ensino, o único que domina o conhecimento, em que a disciplina era imposta, coerciva e consentida e as relações hierarquizadas. O ensino praticado é coletivo e pensado para um aluno modelo médio.

Todavia, este conceito de didática tradicional tornou-se incapaz de lidar com as constantes mudanças com as quais a sociedade se depara. O aumento do volume de informação que está disponível ao cidadão comum, e em especial aos profissionais que têm como parte do seu trabalho diário a tarefa de tomar decisões e de lidar com sistemas informáticos e novas tecnologias aplicadas nas escolas, faz que haja necessidade de adotar novos recursos didáticos e novas formas de transmissão de conhecimentos, aplicando didáticas ativas em que o aluno é o construtor do seu saber e em que o professor é o facilitador e organizador das atividades.

A falta de utilização de estratégias de motivação no ensino de conteúdos e falta de inovação nos processos de ensino assim como a escassez do uso a recursos tecnológicos contribuem também para a desmotivação dos alunos. Outro aspeto que tem importância é o clima criado na sala de aula que não gira tensões, nem ansiedades. A falta de estímulo e atenção em relação aos alunos mais desatentos e problemáticos também gere mais conflito, não promovendo a autoestima e o autoconceito.

A escola deve, por isso, ser um espaço privilegiado dotado de recursos que promovam e facilitem a aprendizagem num ambiente onde os alunos possam construir os seus conhecimentos segundo os estilos de aprendizagem de cada um. A escola deve, assim, utilizar para o efeito sistemas interativos recorrendo às novas tecnologias (onde a motivação para a aprendizagem surge nos alunos) cabendo à mesma a tarefa de dotá-los de capacidades que lhes permitam ter um futuro profissional. Neste modelo de ensino o professor deixa de ser um simples transmissor de conhecimento e passa a ser um guia, um conselheiro e um parceiro dos alunos na aprendizagem.

Existem de facto comportamentos, ações e omissões dos professores que propiciam a indisciplina, nomeadamente a falta de capacidade para motivarem os alunos nas matérias lecionadas e nomeadamente a escolha dos recursos didáticos utilizados. Há também certas ocasiões em que professores, motivados pelo mal-estar, *stress* e preocupações diárias, acabam por ser agressivos na forma como comunicam com os seus alunos, o que desencadeia reações por vezes violentas.

Na formação enquanto professores alguns deles não têm, ainda, uma preparação para lidar com situações de conflito que se possam gerar dentro das salas de aulas, o que os torna incapazes de lidar com casos de indisciplina, não escolhendo por vezes os meios mais adequados para o fazer, o que pode gerar revolta e incompreensão por parte dos alunos e pais/encarregados de educação.

No ambiente escolar uma das inúmeras razões que pode provocar situações de conflito é a não concordância por parte dos alunos em relação às regras que os professores lhes tentam impor, com as suas exigências, com os seus critérios de avaliação. Existe entre o aluno e o professor uma relação desequilibrada, por um lado, o aluno não aceita o professor, as suas ideias e, por outro, o professor não consegue motivá-lo ou cativá-lo.

Podemos também considerar que os comportamentos indisciplinados no meio escolar, nem sempre partem do lado dos alunos, sendo que os próprios professores têm atitudes que não são sempre as mais adequadas para o bom funcionamento de uma sala de aula. A indisciplina dos professores acaba por causar também indisciplina por parte dos alunos. O professor precisa de ter em conta a origem social do aluno, pois muitas vezes as suas atitudes são reflexo de realidades subculturais próprias.

Por vezes, a própria desmotivação dos professores pode causar comportamentos indesejáveis, isto é, quando estes não preparam devidamente as aulas e não motivam os seus alunos.

A falta de planificação de regras e procedimentos leva a que os discentes se encontrem, por vezes, perdidos e que tenham comportamentos indisciplinados.

A falta de capacidade de agir rapidamente perante alguma situação de indisciplina também agrava as questões disciplinares.

Segundo Amado, o trabalho de relação com os alunos é primordial para facilitar a transmissão de conteúdos, deve-se, sempre que possível, usar o humor.

Há outros aspetos que estão relacionados com a gestão das escolas, pois estas diferenciam-se umas das outras dependentes da forma como processam a sua gestão e organização. Vieira (2007) defende que os critérios de distribuição dos alunos pelas turmas deve valorizar a heterogeneidade dos grupos, evitando constituir turmas só de alunos indisciplinados ou com maus resultados o pode levar a gerar conflitos entre grupos, agravando a indisciplina. A seleção dos diretores de turma deve ser, também, muito criteriosa e deve tentar-se, sempre que possível, escolher docentes com experiência e conhecimento das turmas. Não podemos esquecer a grande importância que estes elementos têm na relação com os alunos, pais/encarregados de educação e professores dos conselhos de turma.

Vieira (2007) refere, ainda, que a gestão deve também ser sensível à planificação das atividades do ano letivo dando protagonismo aos alunos e pais/encarregados de

educação tentando criar laços de amizade e um clima de escola positivo. O incentivo ao trabalho dos professores em parceria deve ser também uma prioridade da gestão.

Mais um aspeto a considerar pelos gestores das escolas é a elaboração e aplicação do Regulamento Interno envolvendo toda a comunidade escolar, a prevenção da indisciplina também depende da cooperação entre a escola, a comunidade e principalmente a família.

Não poderíamos deixar de referir, e apoiados em Vieira, a necessidade de formação para o pessoal técnico de ação educativa centrada na aquisição das competências de relacionamento com os alunos perturbadores.

Outro problema intrínseco à escola prende-se com os programas educativos selecionados pelo Ministério da Educação, os quais são também muitas vezes a causa de situações de indisciplina por parte dos alunos que a eles estão sujeitos. O distanciamento das matérias lecionadas e a realidade pode causar desinteresse por parte dos alunos e que os torna desatentos e desmotivados dentro da sala de aula. A motivação, como já temos vindo a referir, é um dos fatores fundamentais da aprendizagem e quando esta não está presente o aluno tem mais tendência a ficar em estados de frustração, ainda que inconscientes, e constantes desequilíbrios emocionais.

Outro aspeto relacionado com o Ministério da Educação, tem a ver com o número excessivo de medidas avulso, a falta de celeridade nos processos e a constante mudança no sistema educativo sem avaliações criteriosas o que leva à descrença no funcionamento da escola.

Para além das situações apresentadas, podemos, ainda, considerar como outras causas possíveis da indisciplina, inerentes à escola: a deficiente distribuição da rede escolar quanto ao número de alunos atribuídos a cada escola, o número excessivo de alunos por turma, já referido anteriormente, e as mudanças constantes em função do ciclo de estudos a frequentar; a centralização do poder nos diferentes órgãos ministeriais, bem como o carácter normativo que regula e condiciona a vida escolar; a gestão anómala dos estabelecimentos de ensino devido à falta de autonomia curricular, pedagógica, financeira e de gestão, associada à falta de preparação dos membros dos diferentes órgãos de gestão; a escassez de recursos financeiros que muitas das vezes não permitem a resolução de problemas materiais relacionados com o espaço, pessoal auxiliar e equipamentos.

Outro fator intrínseco à escola prende-se com a falta de clareza da definição das regras e com o desconhecimento da regulamentação por parte da comunidade. Por vezes as regras estão desfasadas da realidade e como escreveu Saint-Exupéry no seu livro *O príncipezinho*, “ Se eu (rei) ordenasse a um general que se transformasse num pássaro, e se o general não obedecesse, a culpa não era do general, a culpa era minha.”

A instituição escola está longe de ser o modelo ideal, pois funciona, em geral, de modo pouco eficaz e eficiente. A excessiva dependência do Ministério da Educação, tende a reduzir os que nela trabalham, como professores, educadores e auxiliares, a meros executantes, sem capacidade de resposta para a multiplicidade de problemas que enfrentam. E isto devido ao facto da falta de autonomia das escolas e da regulamentação sobre a matéria bem como pela morosidade dos processos sujeitos à apreciação do Ministério. A ineficácia do sistema é, indubitavelmente, um poderoso estímulo a práticas desviantes por parte dos alunos.

Sem dúvida que a autonomia das escolas poderia contribuir para uma maior agilidade dos processos mais graves na área da indisciplina e a sua capacidade de intervenção mais célere. Não podemos esquecer que as limitações económicas em que o nosso país vive, são também um condicionante, pois levam a que os recursos humanos sejam cada vez mais deficitários, tais como a existência de um psicólogo a tempo inteiro, um assistente social, uma rede de Serviços de Psicologia e Orientação e ainda outros meios e técnicos que pudessem favorecer uma intervenção eficaz.

3. Como fomentar a disciplina?

3.1. Estratégias para a construção da disciplina por parte dos professores

Como temos vindo a referir, Amado (2001) é da opinião que a origem imediata da indisciplina na sala de aula está relacionada com a própria aula e a interação pedagógica que se estabelece a propósito dela. São apontados por isso como fatores que propiciam a adoção de comportamentos indisciplinares a falta de heterogeneização das turmas, o insucesso escolar (que também pode ser uma consequência da indisciplina), currículos escolares pouco motivadores e um deficiente funcionamento e organização da escola.

Richard Arends (1995) defende a importância das competências do professor na gestão da sala de aula maximizando a cooperação e o envolvimento dos alunos, pois

o professor deve motivar o aluno para atividades estimulantes, evitar relações tensas entre ele e alunos, promover o diálogo e utilizar estratégias lúdicas para a motivação. Ana Carita e Graça Fernandes (2002:75) afirmam que

“o modo como o professor implica os alunos nas tarefas de aprendizagem e o cuidado que dedica à criação e manutenção do clima afetivo do grupo, são duas dimensões que devem ser cuidadosamente geridas numa perspectiva de intervenção sistémica e continuada.”

Deste modo é essencial um planeamento eficaz das atividades académicas e da vida social da turma que contribua para a prevenção da indisciplina, do autocontrolo e autonomia dos alunos.

O clima de simpatia e respeito é uma das formas de prevenir o comportamento perturbador dos alunos (Carita & Fernandes 2002), bem como a criação de condições ambientais que facilitem o aparecimento de relações interpessoais positivas e o bem-estar dos alunos, professores e outros profissionais do ensino. É também muito importante a criação de oportunidades de participação dos alunos na vida escolar, quer seja no desenvolvimento de projetos ou intervindo em órgãos ou situações relacionadas com a gestão do quotidiano da escola, voluntariado na biblioteca, jornal da escola, blogue, ou apoio noutros espaços. O desenvolvimento do autoconceito positivo na criança ou adolescente ajuda a ser um adulto que se sente bem consigo próprio e mais autónomo.

A aplicação de didáticas ativas em que o aluno é o construtor do seu saber e em que o professor é apenas o facilitador e organizador das atividades. Ou seja, um ensino individualizado que respeita os diferentes ritmos do aluno, dá uma maior margem de desenvolvimento de autonomia do aluno, da sua responsabilidade e criatividade. Permite outro tipo de atitude e motivação dos alunos, pois a nível da disciplina, esta é negociada, partilhada e auto consentida. Em suma, existem relações de cooperação e entreaajuda.

O chamado ensino positivo define-se pela atitude demonstrada pelo professor para com os alunos a nível da sua pedagogia, da gestão da aula e da sua forma de ser como professor, refletindo diferentes consequências, tanto em termos de comportamento como de aproveitamento. Dependente dos comportamentos dos professores, estes podem ser considerados “eficazes” ou “ineficazes”, Medley (1982, citado por Lopes & Rutherford, 2001), refere três aspetos que influenciam o ambiente de aprendizagem, o facto de o professor ser menos permissivo, gerir melhor os comportamentos na sala de aula e procurar que os alunos sejam mais recompensados do que punidos. Segundo Good e Brophy (2000 , citado por Lopes, 2003: 138)

“a maioria dos ganhos acadêmicos ocorreu em classes em que os professores se revelavam bons organizadores, maximizavam o tempo atribuído ao ensino e minimizavam o tempo dedicado à preparação, procedimentos ou disciplina e despendiam a maior parte do tempo a instruir ativamente os alunos e a monitorizar o seu trabalho no lugar”.

Esta conduta possibilita criar uma prevenção perante a ocorrência de comportamentos perturbadores e desenvolve a autogestão do comportamento por parte do aluno, alterando os comportamentos desviantes. Permite, ainda, desenvolver o aproveitamento do aluno o que cria uma fonte de motivação.

Ainda neste âmbito, o professor deve estabelecer medidas de prevenção e de intervenção de situações de indisciplina na sala de aula no sentido de controlar e até mesmo de extinguir a indisciplina. Neste sentido, importa definirmos o tipo de medidas estabelecidas, designadamente: as preventivas, que passam por “organizar as situações da aula, de gerir as atividades e de dar expressão a um conjunto de atitudes relacionais, de tal modo que se afastem ou se anulem os fatores de perturbação ou de desvio” Amado (2001: 269); as corretivas, surgem como forma de orientar e corrigir os comportamentos desviantes, e as punitivas, surgem como medidas sancionatórias perante comportamentos indisciplinados, que constam no regulamento interno da escola e na própria legislação em vigor.

Nesta sequência, e numa perspetiva psicológica, Raposo (2002:18) refere a existência de três processos básicos de alteração do comportamento que podem ser utilizados pelos professores, nomeadamente o reforço positivo, considerado um procedimento de consistência intensificada de um comportamento que se pretende desejável, no qual o professor deve elogiar o aluno pelo seu comportamento adequado, havendo um contrato de comportamento entre o aluno e o professor, em que este assume o compromisso de registar as tarefas realizadas pelos alunos com o intuito de retribuição de recompensas frequentes, em reduzidas quantidades; a extinção, que pretende a eliminação do comportamento indesejável, através da eliminação do reforço, procurando o professor ignorar situações ligeiras de exibição que perturbem o funcionamento da aula, e a punição que é utilizada para eliminar comportamentos inadequados através de estímulos que impliquem uma correção do ato indesejável.

Relativamente às medidas preventivas na aula, Estrela e Amado (2000:260) consideram algumas orientações para a sua construção, nomeadamente: um clima

relacional assente em normas e regras; um clima de abertura ao aluno e atuar com competência técnico-pedagógica.

A primeira medida de prevenção, a construção de um clima relacional assente em normas e regras, é referente à capacidade de liderança e ao estilo de autoridade do professor, bem como o seu relacionamento com os alunos, dando ênfase ao civismo e ao bom ambiente de trabalho, onde existe uma formulação e exigência de regras e as normas dentro da sala de aula, num ambiente democrático e participativo entre alunos e professor, podendo-se realizar, para esse efeito, assembleias de turma ou dinâmicas de grupo, com o intuito de os alunos não só desenvolverem a sua vertente cívica, como também crescerem através da reflexão e da participação, fazendo parte de um processo de democratização. Esta ideia vai ao encontro de Kolesnik (1970) que refere como algumas medidas de prevenção a implementar, “informar os alunos das regras que regulam o funcionamento da sala de aula”, mencionando que estas devem ser em número reduzido, e considerando que os alunos possam participar na “formulação de algumas regras”, apresentando claramente as suas expectativas quanto aos comportamentos a esperar dos alunos. Sem parecer condescendente e moralista (Arends, 1995) refere que é muito importante o envolvimento dos alunos no estabelecimento das regras, pois permite esperar um maior empenho dos alunos em cumpri-las.

A nível da segunda medida de prevenção, a construção de um clima de abertura ao aluno, referente à capacidade do professor dar a palavra, ouvir e de orientar os alunos de forma a poder apoiá-los, tanto na vertente escolar, educativa como psicológica e social, a fim de construírem e gerirem, adequadamente, a sua autoestima e autoconceito, visto que, segundo diversos autores como Simões e Vaz Serra (1987) e Veiga (1995), a desvalorização destes conceitos levam ao desinteresse e desmotivação e, conseqüentemente, a procura de novos pares com quem se identifiquem, que geralmente se regem à margem das regras estipuladas pela escola (Estrela & Amado, 2000). Também, um estudo elaborado por Pinto (2001, citado por Pinto, 2002:137) vai ao encontro deste clima de abertura entre o professor e os alunos, revelando a opinião de crianças e jovens sobre os fatores que podem favorecer a disciplina, designando os seguintes: a relação de amizade entre o professor e os alunos; a atmosfera e clima de liberdade; o espaço para estimular a criatividade do aluno; o interesse pelo trabalho, devido à motivação proporcionada pelo professor, cooperação entre professor/ alunos e entre pares; o sentido de humor do professor; o professor compreensivo, utilizando um esquema de aula flexível; o

professor pouco rigoroso nas faltas e na aplicação de castigos; a liberdade de escolher o trabalho a desenvolver; atividades de animação e dinâmica de grupo.

A atuação do professor com competência técnico-pedagógica, referente à respetiva formação inicial e contínua do professor, devendo este evidenciar conhecimentos atualizados dos conteúdos programáticos, e competências na elaboração de materiais didáticos de suporte às aulas; e pedagógico, demonstrando conhecimentos de diversos modelos, métodos e técnicas de ensino. A competência a nível pedagógico inclui um campo vasto de situações, o que permite a implementação de estratégias de cooperação e de dinâmicas de grupo, favorecendo assim o desenvolvimento da autoestima, da solidariedade, da cooperação e do respeito entre os alunos. Outro aspeto importante dentro deste nível é a organização e a gestão adequada da aula, desenvolvendo-se procedimentos de forma a controlar o comportamento dos alunos.

Estas medidas preventivas vão ao encontro das estipuladas por Freire (2001:30), que definiu cinco áreas fundamentais:

- Competências de comunicação, referente ao desenvolvimento da capacidade de “saber ser”, com o sentido de saber ouvir o outro, no sentido de o respeitar.
- Educação para os valores, referente à necessidade de clarificar os valores que orientam a vida, tanto individuais como sociais, destacando quatro elementos chave: o enfoque na vida, a aceitação do outro, o convite para uma maior reflexão e o fortalecimento do poder pessoal.
- Autoconceito positivo e realista, referente ao desenvolvimento adequado do autoconceito, no sentido de proporcionar ao adolescente e ao futuro adulto um pensamento positivo e consciente perante si próprio e os outros.
- A participação dos alunos na vida escolar, apelando para a criação de condições para uma participação efetiva, das quais surjam oportunidades e responsabilidades de intervenção a diversos níveis.
- Condições ambientais, referentes à criação de um ambiente positivo, onde se possa estabelecer relações interpessoais que traduzam bem-estar para todos os intervenientes no processo educativo.

Em relação às medidas corretivas, Amado (2001:171) estipula três tipos de ações corretivas:

- ✓ A ação corretiva pela integração/estimulação é referente à atuação do professor relativamente à resolução de desvios comportamentais/problemas,

estabelecendo um diálogo com os alunos, permitindo que eles se expressem, ouvindo-os, a fim de clarificar as situações através de vários pontos de vista. Nesta ação acentua-se a necessidade de se debater as questões, nomeadamente as causas e as consequências destes comportamentos, e ao mesmo tempo procurar “negociar”, de modo a que os alunos alterem o seu comportamento.

- ✓ A ação corretiva pela dominação/imposição é referente a uma tomada de posição de ameaça e intimidação para lidar com o comportamento problemático, em que a atitude do professor é revelada através de gritos de menor ou maior intensidade, acompanhados com manifestações físicas de aproximação ao aluno, como forma de aviso.

- ✓ A ação corretiva pela dominação/ressocialização é referente à atuação do professor que, estando muito próxima da atribuição de um castigo ao aluno, lhe dá oportunidade de modificar o seu comportamento e se integrar novamente na aula, a fim de concretizar os objetivos da sala de aula. Na sequência desta ação corretiva, o professor deve utilizar estratégias adequadas para ajudar a alterar o comportamento, e assim promover a diminuição dos comportamentos perturbadores, valorizando e ampliando os comportamentos adequados, a fim de o aluno permanecer com estes comportamentos ao longo do tempo, aplicando-os nas mais diversas situações.

3.2. O papel eficaz da escola e da família na construção da disciplina

Dubet (1991) considera que a indisciplina não surge apenas devido ao meio social dos alunos carenciados social e culturalmente, mas sim à sua “história escolar”, da qual resulta o insucesso escolar, a discriminação e a exclusão, evidenciando estes fatores como contributos para a ocorrência de situações de indisciplina e de violência na escola.

É nesta sequência que a escola deve analisar a sua comunidade escolar e o meio ambiente envolvente, a fim de adequar e determinar procedimentos de atuação, de prevenção e de intervenção no regulamento interno e no projeto educativo de escola, de acordo com a legislação em vigor, os parceiros educativos e a comunidade local. Estes procedimentos podem passar pela implementação de uma gestão democrática e

participada, a promoção da formação permanente fundamentada na análise e resolução de problemas inerentes à própria escola e fomentação de atividades de intervenção na comunidade, especialmente em relação aos pais/encarregados de educação (Estrela e Amado, 2000:260).

Cohen em Good e Weisnstein, (1992:85) identificou três características das escolas eficazes:

- A eficácia das escolas depende claramente da qualidade do ensino no interior da sala de aula;
- A eficácia escolar requer uma cuidadosa coordenação e gestão dos programas e dos currículos ao nível do estabelecimento de ensino;
- As escolas eficazes conseguem criar o sentimento de uma cultura e de valores partilhados pelos alunos e pelos professores.

Logo, a ação a nível da escola é primordial para a construção da disciplina e das relações interpessoais baseadas na solidariedade, respeito pelas pessoas e pela democracia. O clima da escola será um fator essencial para o bem-estar dos alunos e da comunidade em geral. Como tal, a escola deve contemplar na sua planificação do currículo a promoção do desenvolvimento pessoal e social que pode e deve ser transdisciplinar e um veículo de transmissão e assimilação de comportamentos, atitudes e valores. A promoção da aprendizagem cooperativa na aula com a possibilidade da existência de alunos tutores, o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e a promoção da disciplina. Deve-se apostar na diversidade pedagógica adequando-a à diversidade cultural e social das turmas e á sua heterogeneidade. Amado e Freire (2009) defendem ainda que as escolas devem desenvolver projetos e atividades, estas promovidas no início do ano letivo, direcionados para alunos, pais, encarregados de educação e professores através de dramatizações, jogos de papéis em que se abordem o problema da agressividade entre alunos, as culturas juvenis e as relações interpessoais na escola. A escola deve o mais possível passar um conjunto de valores e criar uma cultura de escola.

Quanto aos regulamentos de escola, estes mesmos autores defendem que é impreterível a análise do regulamento para que alunos, pais/encarregados de educação e professores considerem a disciplina e a definição de regras para todos de forma clara. Baseados em estudos australianos, Amado e Freire (2009) defendem que, para além das regras bem claras e definidas, é necessário a existência de um conjunto de recompensas e de punições estabelecidas hierarquicamente que os

professores devem aplicar de forma consistente. A definição de regras de convivência também devem ser claras e o documento/ regulamento deve ser elaborado com a colaboração de professores, alunos e pais/encarregados de educação e, posteriormente, deve ser divulgado a toda a comunidade.

Para o sucesso da promoção da disciplina teremos ainda que contar com os pais/encarregados de educação. Amado e Freire (2009) sustentam que é primordial uma participação e envolvimento dos pais e professores, organização de grupos de pais/encarregados de educação para preparação de debates, colaboração na concepção do projeto educativo da escola. É primordial o modo como a escola estabelece os seus contactos com a família que não se devem confinar às reuniões gerais com os diretores de turma. Os pais/encarregados de educação devem participar no diagnóstico dos problemas e na procura de soluções. Assim, uma participação com responsabilidade das famílias no processo educativo dos seus educandos leva ao interesse e envolvimento, possibilitando, provavelmente, a que os alunos evitem comportamentos perturbadores que possam levar a posteriores sanções por parte dos pais/encarregados de educação e/ou pela escola.

Vieira (2007) refere que a implementação da *educação de pais* poderia constituir uma medida sociopolítica muito relevante, segundo este autor a formação de pais, principalmente, para aqueles cujos filhos virão a criar problemas.

São ainda apontadas algumas orientações educativas aos pais, tais como: - maior disponibilidade para dialogar com os filhos; - escutar as razões apresentadas por estes; - saber identificar os gostos e preferências dos seus filhos;- conhecer os amigos dos filhos; - apoiá-los em momentos difíceis; - participar na sua vida escolar; - valorizar a escola como meio de realização.

Deveremos, igualmente, referir a importância e o papel que o pessoal auxiliar de ação educativa tem na prevenção de conflitos, pois estes são os elementos que interagem mais diretamente com os alunos fora da sala de aula e que se apercebem muitas vezes de casos graves de indisciplina, principalmente de violência e mesmo de *bullying*. São também aqueles que em conversas informais se apercebem melhor de problemas familiares e socioeconómicos dos alunos, podendo, desde que informados e formados, contribuir para uma intervenção eficaz desde que tenham capacidade de diálogo.

3.3. O contributo dos alunos na construção da disciplina

Não podemos ainda deixar de referir o contributo que os alunos podem ter nas estratégias de resolução de conflitos centradas na mediação de pares. Os programas de mediação dizem respeito ao treino de alunos como intervenientes neutros no apoio a outros alunos, a criação de mediadores de conflitos também poderá ser uma estratégia utilizada para prevenir a indisciplina. Segundo Jones e Brinkman, (1994) a formação destes alunos incide sobre o conflito interpessoal, a escuta ativa, o reformular o desempenho de papéis. Os alunos mediadores apoiam os seus pares e tentam gerar acordos aceitáveis para todos, dando oportunidade aos alunos para resolverem os conflitos com os seus pares em vez de ser um adulto a solucionar os seus problemas.

Argumenta-se que a melhor estratégia para responder a problemas comportamentais é ter apoio de um amigo que, segundo Cowie (1998, citado em Amado e Freire 2002), independentemente da forma que os programas de ajuda adotem, o principal objetivo será que as crianças e os jovens ofereçam apoio emocional e amizade aos companheiros que estão em situação de risco. A organização de pequenos grupos de alunos que se reúnem para treinar o método de resolução de problemas pode ser uma estratégia para prevenir e ajudar a resolver casos de indisciplina. Este método é conhecido por “Círculos de Qualidade” em que os alunos trabalham competências de relações interpessoais criando climas de confiança e promovendo valores de cooperação e de amizade. Não poderemos esquecer que este tipo de projetos deverá ter o apoio de uma instituição de formação ou de investigação.

Os alunos também são ótimos colaboradores para o apoio e “supervisão” dos recreios a alunos vítimas de *bullying*. Devemos ter sempre presente que todos os alunos têm o direito de aprender num ambiente seguro.

De salientar ainda os contratos de modificação de comportamentos e de convivência que se podem estabelecer com os alunos. Estes contratos determinam os comportamentos que os professores pretendem/ambicionam e as consequências desejadas pelos alunos. São normalmente reforços positivos para os discentes. Todos estes contratos colocam os alunos em processo de negociação, assumindo compromissos e desenvolvendo competências de autocontrolo e autogestão.

O reforço social, o sistema de créditos e a gestão de contingências mencionadas por Lopes e Rutherford (2001) são também algumas estratégias de mudança de comportamento. A utilização da estratégia – reforço social, vai permitir que o aluno

receba uma resposta socialmente recompensadora como um elogio, um sorriso, uma atenção e o *feedback* positivo, após a ocorrência de um comportamento adequado, o que vai favorecer a sua frequência. No entanto, estes autores defendem que se deve ter em conta alguns aspetos para que se atue eficazmente com os alunos, tais como: - Ignorar o comportamento inadequado, quando pretende que este seja eliminado e escolha um que pretende acentuar e reforce a atenção e o elogio sobre esse comportamento; - O reforço deve ser atribuído imediatamente ao comportamento positivo, revelando-se aí a sua eficácia; - O reforço deve ser individual, devendo-se adequar a cada aluno, consoante as suas próprias características e gostos; - Reforçar as tentativas que o aluno faz para atingir o comportamento desejado, ajudando - o e encorajando-o a conseguir os objetivos pretendidos. Após a concretização do comportamento desejado deve-se passar a reforçá-lo de forma intercalada, diminuindo assim o número de reforços para que o aluno o interiorize na sua conduta como um ato normal.

A gestão de contingências é ainda outra estratégia em que se pretende “reforçar sistematicamente os comportamentos agradáveis ou prováveis dos alunos” que podem ser relacionados “a outros comportamentos menos agradáveis e reforçadores”, na mesma medida em que uma atividade menos atrativa pode ser compensada com uma atividade mais atrativa, no qual se traduz o Princípio de Premack (1965, citado por Lopes & Rutherford, 2001:92). Este tipo de técnica permite a negociação entre o professor e o aluno, de forma a eliminar o comportamento inadequado substituindo-o pelo desejado, sendo-lhe logo atribuída uma recompensa após a conclusão do objetivo proposto. Assim, o aluno, para além de se sentir recompensado, também vai aprender a assumir a sua responsabilidade no processo, permitindo-lhe a cooperação com o professor em vez do confronto e das manifestações de comportamentos inadequados.

O sistema de créditos consiste na atribuição de créditos ao aluno sempre que haja uma realização de um comportamento desejável, como reforço de apoio ou reforço propriamente dito, com a vantagem de reforçar continuamente o comportamento. Neste âmbito, este tipo de estratégia requer algumas orientações, nomeadamente: os comportamentos a reforçar devem estar explícitos num contrato.

3.4. Corrigir a indisciplina/ Evitar a punição

Segundo Amado e Freire (2009), apesar das punições, os alunos com atitudes de indisciplina mantêm de modo persistente estes comportamentos ao longo da sua vida escolar. As pesquisas demonstram, assim, que quando os problemas disciplinares se

tornam mais frequentes se agravam entre os 12 e os 18 anos, existe um risco acrescido de persistirem depois dos 18 anos. Conclui-se também que os alunos com comportamentos mais graves são cada vez mais jovens.

No seu estudo, estes autores defendem que nos casos de alunos profundamente perturbadores em que a intervenção punitiva ou de exclusão não surte quaisquer efeitos, é necessário uma intervenção mais construtiva que

“assente no desenvolvimento da capacidade da criança ou do adolescente de ser forte (*strenght*), no desenvolvimento do poder pessoal (*empowerment*) e da elasticidade (*resilience*) em vez de se preocupar com o desvio e a falta de controlo; uma perspetiva de intervenção que mais do que atender aos fatores de risco trabalhe com os fatores protetores” Amado e Freire (2009: 162).

Afirmam, ainda, que é preciso conhecer os aspetos positivos para ajudar o aluno e esquecer num primeiro momento a procura de explicações para as causas do seu comportamento. Apesar dos projetos e programas existentes em Portugal, é essencial um papel pró-ativo e inclusivo da escola através da planificação e desenvolvimento de políticas educativas locais em articulação com as famílias e as comunidades em que se inserem estas crianças e jovens. É também fundamental para estes casos uma estreita colaboração com outras instituições que possuam técnicos, ou seja, recursos humanos capazes de dar resposta a estes tipos de problema. (Permita-nos afirmar que cada vez mais existem em Portugal menos meios que possam apoiar estes casos em particular e os que existem são morosos e pouco eficazes.)

Em síntese, a nível da escola é pertinente uma gestão democrática e participada, isto é, uma gestão escolar que envolve efetivamente todos os membros da comunidade através da criação de vias de comunicação descentralizadas, valorizando a opinião e a iniciativa de todos, inclusive do aluno. Neste contexto podem ser inseridas várias experiências práticas de construção coletiva de projetos educativos de escola e de regulamentos que acentuem a necessidade da sã convivência, da tolerância e da solidariedade.

É, também, necessário promover formação permanente baseada na análise e resolução de problemas e realizar um estudo em conjunto pela comunidade de um estabelecimento escolar, de todos os aspetos inerentes à atividade letiva e ao dia a dia em contexto educativo, através da reflexão sobre diferentes aspetos tais como a organização escolar e as condições de vida dos alunos. Neste podem ser inseridas várias experiências como as diversas modalidades de apoio educativo, a organização

e o apetrechamento adequado da sala dos alunos e dos espaços de recreio, a criação de equipas de mediação entre pares, os clubes, gabinetes de apoio a crianças em risco e ações de formação para os assistentes operacionais.

Amado e Freire (2009:82) referem a importância do

“pensar e repensar coletivo da escola, quer no âmbito das turmas e das equipas educativas, quer no âmbito de toda a comunidade escolar (isto é, que envolva professores, alunos, pessoal auxiliar e pais/encarregados de educação), constitui um ponto de partida para a construção de uma atitude preventiva face aos problemas vividos em qualquer escola; além de coletivo, este repensar tem de ser consequente, criativo nas soluções e responsabilizador.”

É imprescindível promover iniciativas de intervenção na comunidade, promover uma comunicação regular e frequente com os pais/encarregados de educação, com as escolas e instituições envolventes. Ou seja, fomentar as relações entre a escola e a comunidade, apostando na educação baseada na igualdade e no respeito mútuo.

Não poderemos encerrar este capítulo sem deixar o conselho que Amado e Freire (2009:192) apresentam com o ABC da Prevenção da Indisciplina

- “ A dquirir cada vez maior consciência de si em ação.
- B atalhe pela colaboração dos pais na vida da escola.
- C rie uma atmosfera de respeito pelos outros.
- D escubra o seu estilo de professor.
- E nvolve os alunos ativamente nas tarefas.
- F aça um inventário das necessidades e interesses dos alunos.
- G uie-se por comportamentos assertivos.
- H abitue o aluno a cumprir as regras previamente acordadas.
- I mplemente estratégias que promovam a autoconfiança e a autoestima.
- J ogue com os aspetos cognitivo e sócio - afetivo.
- L eve os alunos a serem autodisciplinados.
- M ostre entusiasmo nas atividades de ensino.
- N ão rotule o aluno.
- O rganize atividades extracurriculares.

P lanifique aulas motivadoras.

Q uestione-se sobre os motivos da indisciplina.

R eforce o comportamento adequado dos alunos.

S eja coerente com os seus comportamentos e os que deseja do aluno.

U se métodos de ensino adequados às situações.

V isualize toda a sala de aula.

X eque-mate à “ pedagogia-saliva.

Z ele por uma boa organização e gestão de aula.”

Estes autores concluem, afirmando que a ação preventiva está mesmo dependente do envolvimento nestes problemas por parte de alunos, professores, pais/encarregados de educação, políticos, sociedade em geral, acreditando na possibilidade de resolução e reconhecendo que todos estes elementos são responsáveis, contrariando a atitude de culpabilizar apenas os outros pelas causas da indisciplina.

Capítulo 2- ENQUADRAMENTO LEGAL DA INDISCIPLINA EM PORTUGAL

1. A indisciplina em meio escolar

O 25 de Abril de 1974 constituiu-se “como um marco para a relação escola-família em Portugal ao abrir as portas à participação parental” (Silva, 1999:83). Apesar de a relação entre a escola e a família sempre ter existido, de uma forma mais ou menos informal, com o 25 de Abril foram criadas condições legislativas que consagram e incentivam “o direito de associação dos pais e o da sua representatividade, como membros de pleno direito, em órgãos com poder deliberativo” ao nível da escola (*ibidem*). Esta participação dos pais e pais/encarregados de educação em órgãos da escola reveste-se de extrema importância para melhorar e aprofundar esta relação escola-família.

A verdade é que hoje a sociedade parece estar mais desperta para os efeitos da indisciplina. A comunicação social contribui, embora nem sempre de forma positiva, para a difusão deste fenómeno e para a denúncia de situações que muitas vezes por medo e vergonha não são denunciadas.

No entanto, as informações que se encontram não se confinam a casos de indisciplina, a Polícia de Segurança Pública, por exemplo, integrada no Programa “Escola Segura” divulgou através da agência Lusa que recebeu 3222 denúncias no ano letivo de 2011/2012, sendo a maioria dos “crimes” por ofensas corporais e furtos. Informou ainda que entre os anos letivos 2007/2008 e 2011/2012 foram registados um total de 16821 denúncias onde se integravam para além das acima citadas, casos de injúrias e ameaças, vandalismo e ofensas sexuais.

A PSP referiu, também, que realizou, no ano letivo de 2011/2012, 6704 ações de sensibilização e informação nas escolas, na sua maioria relacionadas com os temas da prevenção rodoviária, *bullying*, álcool e drogas. A área de intervenção da PSP é nas grandes cidades. Esta intervenção não se limita à PSP, existe ainda a Guarda Nacional Republicana, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e o Tribunal de Menores que apoia as escolas na intervenção e prevenção de problemas relacionados com os problemas sociais escolares.

Há, efetivamente, um esforço conjunto destas instituições, do Ministério da Educação, das escolas, dos professores, dos pais/encarregados de educação e da sociedade em geral no sentido de travar este flagelo com a integração de programas de intervenção/prevenção e também de alterações na legislação relacionada com o estatuto do aluno.

2. Enquadramento Normativo.

2.1. Regulamentação relativa à Indisciplina

Como já referimos ao longo de todo o presente trabalho, a relação com a escola mudou. Logo, é necessário usar mecanismos que permitam manter uma ligação o mais cordial possível entre os vários agentes. Tais mecanismos passam por uma regulamentação sobre o fenómeno da indisciplina, de maneira a punir quem usa a indisciplina como forma de viver em sociedade, como forma de se afirmar perante os outros ou de exteriorizar os seus problemas extra escolares e, por outro lado, ajudar aqueles que são vítimas da indisciplina dos outros, nomeadamente, alunos, professores, pais/encarregados de educação e sociedade em geral.

O sistema educativo começou por ser regulamentado, com a instituição da lei n.º 5/73 de 25 de Julho no final do Estado Novo. Contudo, apesar de ter sido aprovada não chegou a ser aplicada na prática.

Determinava a referida lei que “a educação nacional visa a formação integral dos portugueses preparando-os, pela valorização das faculdades espirituais e físicas, para o cumprimento dos seus deveres morais e a realização das finalidades da vida”.

Atribuía ao Estado determinadas incumbências no que concerne à educação dos cidadãos, nomeadamente a de assegurar a todos os Portugueses o direito à educação, mediante o acesso aos vários graus de ensino e aos bens de cultura sem que existisse discriminação entre os cidadãos, a de facilitar às famílias o cumprimento do dever de instruir e educar os filhos.

Por outro lado, atribuía ao sistema educativo finalidades como a de

“assegurar a todos os Portugueses, além do revigoreamento físico, o aperfeiçoamento das suas faculdades intelectuais, a formação do carácter, do valor profissional e de todas as virtudes morais e cívicas orientadas pelos princípios da moral e doutrina cristãs tradicionais do país”.

Contudo, relativamente à disciplina, pouco ou nada se previa e se regulava.

Foi em 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, alterada pela Leis n.º 115/97 de 19 de Setembro, n.º 49/2005 de 30 de Agosto e n.º 85/2009 de 27 de Agosto), que teve início a reforma de fundo do sistema educativo português depois da revolução de 1974. O referido diploma legal sustenta no artigo n.º 1 o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, defendendo igualmente que (art.º. 2.º):

“A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo, e à livre troca de impressões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva”.

As primeiras propostas de reforma foram apresentadas no âmbito da atividade da Comissão de Reforma do Sistema Educativo (1987-1988). Foi através da discussão dessas propostas que se passou a falar de conceitos como o de direção de escolas, comunidade educativa e projeto educativo.

O modelo proposto pela Lei de Bases defende uma “*escola-comunidade educativa*”, com autonomia pedagógica e administrativa; uma escola como comunidade alargada, na qual intervêm todos os seus atores (professores, alunos, funcionários, pais/encarregados de educação e comunidade em geral). A escola adquire assim uma dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas (Nóvoa, 1995).

A lei de Bases do Sistema Educativo, na sua versão inicial instituiu e colocou em prática uma matéria que até ali era negligenciada e que apenas não passava de ideologias.

Apesar de não o fazer diretamente no sentido de prevenir a indisciplina, o referido diploma legal determina que o sistema educativo se organiza de forma a contribuir para a realização do educando, assegurando a formação cívica e moral dos jovens, desenvolvendo a sua capacidade para o trabalho. O sistema educativo estava organizado em três domínios: educação pré-escolar, educação escolar (ensino básico, secundário e superior) e educação extraescolar.

No fundo, a lei de Bases do Sistema Educativo indica a direção que a Escola deve tomar no trabalho que desenvolve: formar cidadãos livres, autónomos e responsáveis, partindo de um princípio da igualdade.

O decreto - lei n.º 270/98, de 1 de Setembro denominado de “Estatuto dos alunos dos estabelecimentos dos ensinos básico e secundário” contém essencialmente uma evidente dimensão punitiva. As medidas disciplinares apresentadas no seu capítulo IV não referem a ligação entre a transgressão e a medida educativa a aplicar.

No desenvolvimento da lei de Bases do Sistema Educativo foi aprovada a lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro que define no seu artigo 52.º o objeto do regulamento interno da escola no que diz respeito ao Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior:

“(…) A adequação à realidade da escola das regras de convivência e de resolução de conflitos na respetiva comunidade educativa, no que se refere, nomeadamente, aos direitos e deveres dos alunos inerentes à especificidade da vivência escolar, (…) à utilização das instalações e equipamentos, ao acesso às instalações e espaços escolares, ao reconhecimento e à valorização do mérito, da dedicação e do esforço no trabalho escolar, bem como do desempenho de ações meritórias em favor da comunidade em que o aluno está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela”.

Segundo o mesmo normativo legal, este documento deve explicitar ainda as formas de organização da escola, designadamente quanto à organização de reuniões de turma (artigo 14.º), a atividades de ocupação dos alunos na sequência da ordem de saída da sala de aula (nos termos do artigo 30.º) e a atividades de integração na escola, no âmbito da medida disciplinar prevista no artigo 31.º A legislação prevê ainda que toda a comunidade educativa tenha acesso a esse documento.

Os diplomas legais consolidam um novo entendimento da escola como Centro de Ação Educativa, dentro da qual o currículo nacional é adequado ao contexto de cada escola através de documentos (Projeto Educativo, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades, Projeto curricular de escola e de Turma), concebidos, aprovados e avaliados pelos respetivos órgãos de administração e gestão, documentos que até inícios dos anos 80 eram praticamente desconhecidos dentro da educação escolar.

A nível pedagógico cabe à escola fomentar o equilíbrio entre a sua função “socializadora” e a liberdade que lhe é exigida enquanto função “personalizada”, responsabilidade pessoal e social. Esse equilíbrio deve exprimir-se na sua estrutura pedagógica, no seu Projeto Educativo de Escola. Este caracteriza-se por ser um documento de orientação educativa do estabelecimento de ensino, elaborado pela Conselho Executivo/Direção e por elementos do Conselho Pedagógico e aprovado pelo Conselho Geral de Escola para um período de três anos, onde estão presentes os princípios, valores, metas e estratégias segundo as quais se propõe agir, cumprindo as suas funções educativas. Trata-se de um documento importante, cuja base legal assentava no decreto-lei n.º 115-A/98, que permite às escolas uma ação estratégica objetivando uma melhoria na realidade das mesmas. O Projeto Educativo de Escola deverá estar em consonância com a legislação em vigor, tendo como base o Estatuto do Aluno.

Num Projeto Educativo definem-se princípios e linhas orientadoras gerais que assentam nas características da comunidade educativa, de acordo com as orientações nacionais e regionais e estabelecem-se metas tendo em conta os recursos disponíveis

na escola, que era concretizada no Projeto Curricular da Escola e no Projeto Curricular de Turma.

O Projeto Curricular da Escola era mais um dos documentos estruturantes do trabalho existentes numa escola. Era este documento que dava forma à missão da escola, sustentando e orientando os projetos curriculares de turma, sempre articulados com o Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno da Escola. Era um documento anualmente definido sob a responsabilidade do Conselho Pedagógico que tinha a função de o elaborar, de o rever e de o avaliar.

Assim, este documento pretendia instituir autonomia nas decisões pedagógicas que a escola tomava, promovendo necessariamente o sucesso escolar e o desenvolvimento integral dos alunos enquanto futuros cidadãos conscientes, responsáveis e activos na sociedade em que se inserem.

Por outro lado, esta lei preconizava outro documento que estruturava o funcionamento nas escolas, mais precisamente dentro de cada turma, é o denominado Projeto Curricular de Turma. Este assumia a forma particular de como cada turma deveria construir e adequar um currículo face a uma situação real, definindo opções e intencionalidades próprias, construindo modos específicos de organizar e gerar o currículo adequados ao tipo/características e interesses dos alunos a que se destinava.

3. O Regulamento Interno

O Regulamento Interno define o regime de funcionamento geral da escola, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços de apoio educativo, bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar.

Este documento é bastante abrangente e é relativo a todos os membros envolvidos na escola: alunos, docentes, pessoal não docente, pais e pais/encarregados de educação, representantes da autarquia local, representantes das várias atividades existentes na escola, visitantes e utilizadores das instalações e espaços escolares, órgão de administração e gestão, e coordenação da escola, orientação educativa, apoio educativo e outros serviços.

Deve ser adaptado em função dos normativos legais e da especificidade de cada escola em cada momento, constitui-se como um documento normativo fundamental. A

produção de o Regulamento Interno tem por base os princípios previamente definidos no Projeto Educativo de Escola, onde estão expostas as orientações educativas da escola ou agrupamento de escolas, os princípios, os deveres, os direitos, as metas a atingir. A elaboração deste documento é da responsabilidade da Direção, do Conselho Pedagógico e a sua aprovação é da competência do Conselho Geral de Escola.

A Lei n.º30/ 2002, de 20 de Dezembro (artigo 52.º) define o objeto do regulamento interno da escola no que diz respeito ao estatuto do aluno do ensino não superior: “ (...) A adequação à realidade da escola das regras de convivência e de resolução de conflitos na respetiva comunidade educativa, no que se refere, nomeadamente, aos direitos e deveres dos alunos inerentes à especificidade da vivência escolar (...) à utilização das instalações e equipamentos, ao acesso às instalações e espaços escolares, ao reconhecimento e à valorização do mérito, da dedicação e do esforço no trabalho escolar, bem como do desempenho de ações meritórias em favor da comunidade em que o aluno está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela”.

Segundo o mesmo normativo legal, este documento deve explicitar ainda as formas de organização da escola, nomeadamente, quanto à organização de reuniões de turma (artigo 14.º), a atividades de ocupação dos alunos na sequência da ordem de saída da sala de aula (nos termos do artigo 30.º) e a atividades de integração na escola, no âmbito da medida disciplinar prevista no artigo 31.º. A legislação prevê ainda que toda a comunidade educativa tenha acesso a esse documento.

Se as orientações de uma escola são facilmente identificadas através do seu Projeto Educativo é o seu Regulamento Interno que veicula as normas de organização, funcionamento e convivência na escola.

Para além dos documentos internos a cada escola e que têm em conta as necessidades e as características dos alunos a que se destinam, existe também um conjunto de normas aplicáveis a nível geral a todos os alunos e às quais todos estão sujeitos.

4. O Estatuto do aluno

A Lei n.º3/2008, de 18 de janeiro, é o documento que define o Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior, prossegue os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português conforme se encontram expostos nos artigos 2.º e 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, promovendo, em especial, a assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade

obrigatória, a sua formação cívica, o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de saberes e competências. Entende-se por comunidade educativa, o conjunto de alunos, pais e pais/encarregados de educação, professores, pessoal não docente das escolas, autarquias locais e serviços de administração central e regional com intervenção na área da educação, nos termos das respetivas responsabilidades e competências. Tendo em conta que o objeto de estudo deste trabalho é a indisciplina, consideramos que é pertinente destacar o artigo 6.º alínea g) que refere:

“o correto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando e, sendo aplicada a este medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade”.

De acordo com este documento, os pais/encarregados de educação também têm um papel a desempenhar, ou seja, o de conhecer o estatuto do aluno, o regulamento interno da escola e de o subscrever, fazendo assinar igualmente aos seus filhos e educandos uma declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso ativo quanto ao seu cumprimento integral. Evidencia-se ainda o artigo 9.º que faz referência às:

“regras de disciplina da escola, para além dos seus efeitos próprios, devem proporcionar a assunção, por todos os que integram a vida da escola, de regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objetivos do projeto educativo, a harmonia de relações e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos e a preservação da segurança destes e ainda a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes”.

Relativamente às medidas corretivas e medidas sancionatórias (artigos 23.º ao 28.º e 43.º ao 55.º) destacam-se:

“a) A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar, b) As atividades de integração escolar previstas no regulamento interno, podendo, para esse efeito, ser aumentado o período de permanência obrigatória, diária ou semanal, do aluno na escola; c) O condicionamento no acesso a certos espaços escolares, ou na utilização de certos materiais e equipamentos, sem prejuízo dos que se encontrem afetos a atividades letivas; d) A mudança de turma.”

Muitas das atividades de integração consideram-se como tarefas de carácter pedagógico e de integração o que, de alguma forma, contribui para o reforço da formação cívica do aluno, para a sua preservação do reconhecimento da autoridade e

segurança dos professores no exercício da sua atividade profissional e dos demais funcionários, além de promoverem um bom ambiente educativo. A aplicação destas medidas depende de procedimento disciplinar e deve merecer a concordância do Encarregado de Educação. Na eventualidade do Encarregado de Educação se demitir das suas funções, a Escola, através da direção executiva, nos termos da lei vigente, deliberará a aplicação da sanção mais adequada, mas sempre de caráter pedagógico. Relativamente às medidas disciplinares sancionatórias destacam-se: “a) A repreensão registada; b) A suspensão da escola até 10 dias úteis e c) A transferência de escola”. No que diz respeito à aplicação da medida disciplinar sancionatória de suspensão até 10 dias úteis, esta é precedida da audição em auto do aluno visado, do qual constam os factos que lhe são imputados, os deveres por ele violados e a referência expressa da defesa elaborada. Compete ao Diretor da escola a aplicação desta medida. O procedimento disciplinar é da competência do Conselho Executivo que iniciará a tramitação do mesmo nomeando, para o efeito, um instrutor. No momento da instauração do procedimento disciplinar, mediante decisão da entidade que o instaurou ou no decurso da sua instrução, por proposta do instrutor, o aluno pode ser suspenso preventivamente da frequência da escola, segundo despacho fundamentado a proferir pelo diretor, de acordo com o enunciado no artigo 47.º da Lei n.º 3/ 2008. Estas faltas serão consideradas para o cálculo do número de faltas previsto no n.º 2 do artigo 22, Lei n.º 3/2008. Podemos afirmar que esta lei trouxe apenas uma maior eficácia e celeridade aos procedimentos disciplinares em termos de tomada de decisão, comparativamente à Lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro, uma vez que cabe agora ao Diretor a definição da sanção a aplicar, não se verificando outras alterações merecedoras de registo.

Com a implementação da Lei n.º 3 de 2008 – Estatuto do aluno- foram dadas novas diretrizes a propósito dos direitos, deveres dos alunos, bem como surgiram novas medidas corretivas e sancionatórias, com vista a procurar dar resposta/ soluções ao agravamento da indisciplina na generalidade das escolas do país.

No entanto, esta lei parece não ter tido a eficácia pretendida e o Estatuto do Aluno esteve novamente em análise, tendo sido aprovado na especialidade em Julho de 2010 e entrado em vigor no ano letivo de 2010/2011, através da **Lei n.º 39/2010, de 2 de setembro** que veio revogar a anterior. O Artigo 6.º vem responsabilizar mais os pais /encarregados de educação:

Responsabilidade dos pais/encarregados de educação

“1 — Aos pais e encarregados de educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder - dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos.

2 —

b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino na escola;

c) Diligenciar para que o seu educando beneficie, efetivamente, dos seus direitos e cumpra rigorosamente os deveres que lhe incumbem, nos termos do presente Estatuto, procedendo com correção no seu comportamento e empenho no processo de aprendizagem;

h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e psicológica de todos os que participam na vida da escola;

l) Integrar ativamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando -se e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;

k) Conhecer o estatuto do aluno, bem como o regulamento interno da escola e subscrever declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso ativo quanto ao seu cumprimento integral.

3 — Os pais e encarregados de educação são responsáveis pelos deveres Os pais e encarregados de educação são responsáveis pelos deveres de assiduidade e disciplina dos seus filhos e educandos.”

Todavia, em setembro de 2012 voltou a ser aprovada uma nova lei agora em vigor - Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro, que:

“Aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, que estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou pais/encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação, revogando a Lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro”

O Estatuto do aluno, doravante designado por Estatuto, tanto na sua versão inicial como a que atualmente vigora, instituiu os direitos e deveres dos alunos, bem como regulava a indisciplina, formas de combater a mesma, sanções e medidas aplicáveis a comportamentos indisciplinados. Sucede, porém, que o evoluir do fenómeno da indisciplina fez com que em 2012 surgisse a necessidade de sancionar mais fortemente os alunos e respetivos pais/encarregados de educação responsáveis por atos e comportamentos indisciplinados.

Assim, a lei n.º 51/2012, de 5 de setembro que aprovou o Estatuto do Aluno que hoje vigora, prevê multas para os pais dos estudantes incumpridores, proíbe a captação de imagens e sons dentro da sala de aulas e permite a transferência daqueles que agritam colegas e/ou professores.

Relativamente aos direitos dos alunos são vários aqueles que o Estatuto lhes confere, destacando-se o de ser tratado com respeito e correção por todos os membros da comunidade educativa, não podendo ser discriminado por nenhuma razão, o direito de usufruir do ensino e de uma educação de qualidade, o de ver reconhecido o seu mérito, a dedicação e o seu esforço de trabalho, o direito de beneficiar de um sistema de apoios tendo em conta as carências sociofamiliares de cada aluno, o direito de ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral, o direito de participar nas atividades que a escola dispõe, no processo de avaliação e o direito de apresentar críticas e sugestões relativas ao funcionamento da escola.

Por outro lado, o referido diploma legal impõe determinados deveres aos alunos, destacando-se alguns como o dever de estudar, de assiduidade e pontualidade, de seguir as orientações do professor, de tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade escolar, de ser leal com os outros, de respeitar a autoridade e instruções dos professores, de contribuir para a harmonia da convivência escolar, de respeitar a integridade física e psicológica de todos não praticando atos “designadamente violentos” que atentem contra a integridade física, moral ou patrimonial dos professores, pessoal não docente e alunos, dever de zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, material didático, mobiliário e espaços verdes da escola. Acresce que os alunos devem respeitar a propriedade dos bens dos outros, não devem consumir e possuir substâncias aditivas, em especial drogas, tabaco e bebidas alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas.

Como referido anteriormente, este novo estatuto veio proibir a utilização de quaisquer equipamentos tecnológicos, designadamente, “telemóveis, equipamentos, programas ou aplicações informáticas” dentro das salas de aula, bem como proibir a captação de sons ou imagens, especificadamente, de atividades letivas e não letivas, sem que haja autorização prévia dos professores, não podendo também difundir, na escola ou fora dela, nomeadamente, via internet e outros meios de comunicação, sons ou imagens captadas nos momentos letivos e não letivos sem autorização do diretor da escola nesse sentido.

Relativamente ao dever de pontualidade e de frequência da escola imposto aos alunos, os pais/encarregados de educação ou os pais são conjuntamente responsáveis pelo cumprimento dos mesmos. Quando o limite de faltas dadas por um aluno seja ultrapassado, o estatuto prevê medidas de recuperação e de integração de

forma a permitir ao aluno recuperar atrasos na aprendizagem e/ou a integração escolar e comunitária.

O capítulo IV do Estatuto define a indisciplina e as medidas de combate e sancionatórias da mesma. Assim, determina o art.º. 22.º que a violação por parte do aluno de algum dos deveres previstos no Estatuto e no Regulamento Interno da Escola, de forma reiterada e em termos que sejam perturbadores do funcionamento normal das atividades da escola, constitui infração disciplinar passível de aplicação de medidas corretivas ou medidas disciplinares sancionatórias.

As medidas disciplinares corretivas e sancionatórias prosseguem “finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração” visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, o respeito pela autoridade dos professores no exercício da sua atividade profissional e dos demais funcionários, bem como a segurança de toda a comunidade educativa.”.

Tais medidas visam também garantir o normal prosseguimento das atividades escolares, a correção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros. Acresce que as medidas disciplinares sancionatórias, aplicadas a infrações mais graves, têm ainda uma função punitiva.

São medidas disciplinares corretivas, para além de outras que possam estar previstas no Regulamento Interno da Escola, a advertência, a ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar, a realização de tarefas e atividades de integração na escola ou na comunidade, podendo para o efeito ser aumentado o período diário e/ ou semanal de permanência obrigatória do aluno na escola ou no local onde decorram as tarefas ou atividades, o condicionamento no acesso a certos espaços escolares ou na utilização de certos materiais e equipamentos, sem prejuízo dos que se encontrem afetos a atividades letivas e, por fim, a mudança de turma.

A menos gravosa, a advertência, consiste numa chamada verbal de atenção ao aluno infrator, perante um comportamento perturbador do funcionamento normal das atividades escolares ou das relações entre os presentes no local onde elas decorrem, com vista a alertá-lo para que deve evitar tal tipo de conduta e responsabilizá-lo pelo cumprimento dos seus deveres como aluno. Esta medida é aplicada na sala de aula e é da competência exclusiva do professor, e aplicada fora da mesma, sendo aqui a

competência de outro professor ou do pessoal não docente da escola que presencie comportamentos indisciplinados.

Já a ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar é da exclusiva competência do professor respetivo e implica a marcação de uma falta injustificada ao aluno e a permanência do mesmo na escola.

A aplicação no decurso do mesmo ano letivo e ao mesmo aluno desta medida corretiva, pela terceira vez, por parte do mesmo professor, ou pela quinta vez, independentemente do professor que a aplicou, implica a análise da situação em conselho de turma, tendo em vista a identificação das causas e a pertinência da proposta de aplicação de outras medidas disciplinares corretivas ou sancionatórias. A aplicação das restantes medidas corretivas é da competência do Diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.

São medidas disciplinares sancionatórias (aplicadas aos casos de indisciplina mais graves), a repreensão registada; a suspensão até 3 dias úteis; a suspensão da escola entre 4 e 12 dias úteis; a transferência de escola e a expulsão da escola. Para além da aplicação da medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, pode o aluno, bem como os seus representantes legais, ficarem sujeitos a responsabilidade civil e criminal a que haja lugar.

Quando ao ato praticado pelo aluno, e tendo ele entre 12 e 16 anos de idade, configurar crime, a escola informa o Ministério Público para que este proceda em conformidade junto do Tribunal de Menores.

Os professores, apelidados pelo Estatuto como os “principais responsáveis pela condução do processo de ensino”, devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o harmonioso desenvolvimento da educação, em ambiente de ordem e disciplina nas atividades na sala de aula e na escola. A própria lei protege a autoridade dos professores nos domínios pedagógicos, científicos, organizacionais, disciplinares e da formação cívica.

Aos pais/encarregados de educação incumbe-lhes uma especial responsabilidade relativamente aos filhos e educandos inerentes ao seu poder-dever de dirigir a educação dos mesmos. O próprio estatuto impõe aos pais/encarregados de educação determinados deveres, nomeadamente, o de acompanhar a atividade escolar dos filhos, o de cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, o de reconhecer e respeitar a autoridade dos professores no exercício da sua

profissão e inculcar nos filhos o dever de respeito pelos professores, o dever de comparecer na escola sempre que tal se revele necessário ou que a sua comparência seja solicitada e o dever de indemnizar a escola relativamente a danos patrimoniais causados pelo seu educando. Uma das novidades instituídas por este novo Estatuto, que já aqui referimos, prende-se com o facto de poderem ser aplicadas contraordenações aos pais ou encarregados de educação pelo incumprimento dos seus deveres, designadamente, pelo incumprimento do dever de matrícula, frequência, assiduidade e pontualidade dos filhos ou a sua comparência na escola quando os filhos atinjam metade do limite de faltas injustificadas.

Quando o facto praticado pelo aluno for de tal gravidade, que configure crime, aplicam-se, sem prejuízo das medidas que a nível interno da escola lhes possam ser destinadas, a Lei Tutelar de Menores (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro⁶), diploma doravante designado por LTE, que determina que compete aos Tribunais de Família e Menores a prática dos atos jurisdicionais relativos ao inquérito; a apreciação de factos qualificados pela lei como crime, praticados por menor com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, com vista à aplicação de medida tutelar; a execução e a revisão das medidas tutelares e declarar a cessação ou a extinção das medidas tutelares.

O referido diploma legal prevê medidas cautelares e medidas tutelares que podem ser aplicadas aos jovens, indisciplinados/delinquentes.

As medidas cautelares têm o objetivo de prevenir a fuga do jovem ou o cometimento, por aquele, de novos factos qualificados pela lei como crime. (cf. art.º 56.º e seguintes. LTE). A aplicação de uma medida deste género exige o preenchimento cumulativo de três pressupostos: primeiramente têm de existir indícios do facto, de seguida tem de existir uma previsibilidade de aplicação de medida tutelar e, por último, pressupõe a existência fundada de perigo de fuga ou de cometimento de outros factos qualificados pela lei como crime. São medidas cautelares tipificadas por lei, a entrega do menor aos pais, representante legal, pessoa que tenha a sua guarda de facto ou outra pessoa idónea, com imposição de obrigações ao menor; a guarda do menor em instituição pública ou privada e a guarda do menor em centro educativo.

As medidas cautelares devem ser adequadas às exigências preventivas ou processuais que o caso requerer e proporcionadas à gravidade do facto e às medidas tutelares aplicáveis.

⁶ in www.dre.pt.

No que respeita à medida cautelar da guarda de menor em centro educativo, para além da obediência ao princípio da proporcionalidade e da adequabilidade e da necessidade de verificação dos pressupostos gerais de aplicação das medidas cautelares, o tribunal só a poderá decretar quando haja indícios suficientes que o jovem tenha cometido facto qualificado como crime a que corresponde pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a cinco anos ou que tenha cometido dois ou mais factos qualificados como crimes contra as pessoas a que corresponde pena máxima abstratamente aplicável superior a três anos.

A referida medida é executada em centro educativo semiaberto se o menor tiver idade inferior a 14 anos. Se o menor tiver idade igual ou superior a 14 anos, o juiz determina a execução da medida em centro educativo de regime semiaberto ou fechado.

A medida de guarda de menor em centro educativo tem o prazo máximo de três meses, prorrogável até ao limite de três meses em casos de especial complexidade. As restantes medidas cautelares duram no máximo seis meses até à decisão do tribunal de primeira instância e um ano até ao trânsito em julgado da decisão.

Por força do princípio da legalidade consagrado na LTE, o legislador indica as medidas cautelares educativas que podem ser aplicadas de forma expressa e taxativa. Assim, o legislador distinguiu dois tipos de medidas: as não institucionais da medida institucional (internamento em centro educativo).

Tal como determina o art.º 2.º n.º 1 da LTE, as medidas tutelares educativas visam a educação do menor para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade.

São medidas tutelares educativas as seguintes:

a) A admoestação (art.º 9.º da LTE) que consiste numa “advertência solene feita pelo juiz ao menor, exprimindo o carácter ilícito da conduta e o seu desvalor e consequências e exortando-o a adequar o seu comportamento às normas e valores jurídicos e a inserir-se, de uma forma digna e responsável, na vida em comunidade”. Esta é, de resto, a sanção mais leve prevista na LTE e consiste na repreensão feita pelo juiz ao jovem.

b) A privação do direito de conduzir ciclomotores ou de obter permissão para conduzir ciclomotores (art.º 10.º da LTE) que consiste na cassação ou na proibição de obtenção da licença, por período entre um mês e um ano.

c) A reparação ao ofendido (art.º 11.º da LTE) que pode consistir em três situações: o menor pedir desculpas ao ofendido, compensar economicamente o

ofendido no todo ou em parte pelo dano patrimonial ou exercer, em benefício deste, atividade que se conexe com o dano, sempre que isso seja possível e adequado.

O pedido de desculpas que o menor poderá ficar sujeito a apresentar, consiste no facto de ele exprimir “o seu pesar pelo facto” através de uma das seguintes formas: pela manifestação, na presença do juiz e do ofendido, do seu propósito de não repetir factos análogos ou pela satisfação moral ao ofendido, mediante ato que simbolicamente traduza arrependimento.

A segunda modalidade de compensar economicamente o ofendido pode ser efetuada em prestações, desde que não desvirtue o significado da medida, atendendo o juiz, na fixação do montante da compensação ou da prestação, apenas às disponibilidades económicas do menor. Por fim, quanto à atividade exercida em benefício do ofendido não pode ocupar mais de dois dias por semana e três horas por dia e respeita o período de repouso do menor, devendo salvaguardar um dia de descanso semanal e ter em conta a frequência da escolaridade, bem como outras atividades que o tribunal considere importantes para a formação do menor. A atividade exercida em benefício do ofendido tem o limite máximo de doze horas, distribuídas, no máximo, por quatro semanas.

d) A realização de prestações económicas ou de tarefas a favor da comunidade: (art.º 12.º LTE) consiste no facto de o menor entregar uma determinada quantia pecuniária ou exercer atividade em benefício de uma entidade, pública ou privada, de fim não lucrativo, não podendo tal tarefa exceder um total de 60 horas distribuídas por um período máximo de três meses. O montante a entregar pode ser pago em prestações, atendendo sempre à disponibilidade financeira do jovem e as tarefas a executar têm de respeitar, por exemplo, o período de repouso do jovem, bem como a frequência da escola e de outras atividades de formação que o tribunal considere importantes. Se for aplicada esta medida, o tribunal tem de fixar, na sua decisão, a modalidade da medida, o montante ou a forma de prestação da atividade, bem como a duração e forma de prestação, a entidade que acompanha a execução da medida ou a entidade a quem deve ser prestada a medida tutelar. O tribunal pode, no entanto, conceder ao Instituto de Reinserção Social a definição da forma de prestação da atividade (cf. art.º 20.º da LTE).

e) A imposição de regras de conduta: (art.º 13.º da LTE) que tem por objetivo criar ou fortalecer condições para que o comportamento do menor se adegue às normas e valores jurídicos essenciais da vida em sociedade. A LTE prevê a título exemplificativo algumas regras de conduta, nomeadamente, a obrigação de não frequentar certos meios, locais ou espetáculos; de não acompanhar determinadas

peessoas; de não consumir bebidas alcoólicas; de não frequentar certos grupos ou associações de não ter em seu poder certos objetos. Estas medidas têm a duração máxima de dois anos e não podem representar limitações abusivas e desrazoáveis à autonomia de decisão e de condução da vida do menor.

f) A imposição de obrigações: (art.º 14.º da LTE) tem por objetivo contribuir para o melhor aproveitamento na escolaridade ou na formação profissional e para o fortalecimento de condições psicobiológicas necessárias ao desenvolvimento da personalidade do menor. Estas obrigações, entre outras, podem consistir na obrigatoriedade de frequentar um estabelecimento de ensino com sujeição a controlo de assiduidade e aproveitamento, frequentar um centro de formação profissional ou seguir uma formação profissional ou submeter-se a programas de tratamento médico, médico-psiquiátrico, médico-psicológico ou equiparado junto de entidade ou de instituição oficial ou particular, em regime de internamento ou em regime ambulatorio.

A submissão a programas de tratamento visa sensivelmente o tratamento de situações como a habituação alcoólica, o consumo habitual de estupefacientes, a doença infecto-contagiosa ou sexualmente transmissível e/ou a anomalia psíquica. É necessário que o menor adira ao tratamento sendo que quando o mesmo tiver idade superior a 14 anos é necessário que seja obtido o seu consentimento. Tal como a medida anterior, esta também dura até dois anos e a sua aplicação não pode representar limitações abusivas e desrazoáveis à autonomia de decisão e de condução da vida do menor.

g) A frequência de programas formativos: (art.º 15.º LTE) esta medida consiste na participação em programas de ocupação de tempos livres; programas de educação sexual; programas de educação rodoviária; programas de orientação psicopedagógica; programas de despiste e orientação profissional; programas de aquisição de competências pessoais e sociais e programas desportivos.

h) O acompanhamento educativo: (art. 16.º LTE) esta medida consiste na execução de um projeto educativo pessoal que abranja as áreas de intervenção fixadas pelo tribunal. Este projeto é elaborado pelos serviços de reinserção social e homologado pelo juiz e tem a duração mínima de seis meses e máxima de dois anos.

i) O internamento em centro educativo. A medida de internamento visa proporcionar ao menor, por via do afastamento temporário do seu meio habitual e da utilização de programas e métodos pedagógicos, a interiorização de valores conformes ao direito e a aquisição de recursos que lhe permitam, no futuro, conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável.

A medida executa-se em estabelecimentos do Ministério da Justiça, na dependência do Instituto de Reinserção Social, denominados centros educativos de acordo com o regime de funcionamento e grau de abertura ao exterior (art.º 1.º n.º 1 e n.º 2 da LTE).

A medida de internamento em centro educativo em regime semiaberto ou fechado possui o seu âmbito de aplicação delimitado à prática de determinado facto e à idade do jovem. Assim, a medida de internamento em regime semiaberto é aplicável ao jovem que tenha praticado um “facto qualificado como crime contra as pessoas a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a três anos ou tiver cometido dois ou mais factos qualificados como crimes a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, superior a três anos”. Por seu lado, a medida de internamento em regime fechado só é aplicável quando cumulativamente se encontrem preenchidos os seguintes pressupostos: “ter o menor cometido facto qualificado como crime a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a cinco anos ou ter cometido dois ou mais factos contra as pessoas qualificados como crimes a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a três anos; e ter o menor idade superior a 14 anos à data da aplicação da medida”.

A medida de internamento em regime aberto e semiaberto tem a duração mínima de três meses e a máxima de dois anos. Por outro lado, a medida de internamento em regime fechado tem a duração mínima de seis meses e a máxima de dois anos ou três anos quando o menor tiver praticado facto qualificado como crime a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a oito anos, ou dois ou mais factos qualificados como crimes contra as pessoas a que corresponda a pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a cinco anos.

Nos centros de regime aberto, os menores podem, em regra, prosseguir no exterior a sua formação, aproveitando as estruturas e os equipamentos existentes nas imediações e não interrompendo o contacto com o meio.

Nos centros de regime semiaberto, os contactos, pelo menos inicialmente, estão circunscritos a algumas atividades educativas, mas podem progressivamente alargar-se a outras, à medida da evolução positiva do processo educativo.

Nos centros de regime fechado, todas as atividades educativas decorrem no interior do centro.

A escolha da medida é sempre orientada pelo interesse do menor nos termos do art.º 6.º n.º 3 da LTE.

O tribunal deve, de entre o leque de medidas possíveis, escolher a que realize de forma adequada e suficiente as finalidades visadas com a aplicação, ou seja, a socialização do menor.

A lei atribui uma preferência pela medida não institucional, face à institucional, pois, na verdade, a medida de internamento é a que acaba sempre por representar maior intervenção na autonomia de decisão e condução de vida do menor.

Assim, estamos em condições de concluir que o fenómeno da indisciplina está a crescer, o que aumenta também a preocupação em prevenir e punir os autores de tais comportamentos indisciplinados. A verdade é que tem sido realizado um esforço nesse sentido, principalmente por parte do Ministério da Educação em matéria de legislação sobre o assunto. Contudo, não deixa de se constatar que na prática nem sempre essas medidas são aplicadas e, quando o são, nem sempre são eficazes, não conseguindo muitas vezes prevenir que uma criança, que na sua tenra idade comece a demonstrar comportamentos indisciplinados, se venha a tornar num adolescente delinquente.

Será de referir que esta lei dá ênfase ao papel e à responsabilização dos pais/encarregados de educação na formação dos seus educandos.

Apesar de esta lei ter entrado em vigor apenas quando o nosso estudo estava a chegar ao seu *términus*, não quisemos deixar de a referir, pois, segundo o parecer do elemento da direção responsável pela área dos alunos da escola em estudo e as coordenadoras dos Diretores de Turma, a mesma vem realmente reforçar o papel e a responsabilidade dos pais/encarregados de educação.

Comprovamos, desta forma, que as questões em torno da indisciplina e da violência têm sido alvo, nos últimos tempos, de especial atenção e preocupação por todos aqueles que, de algum modo, estão ligados à educação.

II- ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica (...) o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência.”

(Quivy e Campenhoudt 1992:27)

1. Seleção e caracterização do estudo

Tendo em conta as dinâmicas envolventes da indisciplina na sala de aula, o estudo, que nos propusemos fazer, tem como base uma pesquisa realizada sobre a indisciplina numa escola secundária com 2.^o e 3.^o ciclos do concelho de Vila Franca de Xira, envolvendo alunos dos dois ciclos do ensino básico.

Como estratégia de investigação, optámos pelo estudo de caso

“ (...) o estudo de caso ‘qualitativo’ ou ‘naturalístico’ encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola. Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade” (Lüdke & André, 1986: 23),

que pode, também, ser definido como “uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo no contexto natural, especialmente, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes” (Yin, 1994:13). Segundo Stake, o estudo de caso é “o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular para compreender a sua atividade em circunstâncias importantes” (1998:11). Este pode ser representado como um funil, ou seja, o estudo inicia-se representado pela parte mais larga do funil, o investigador seleciona o tema que quer investigar, o local, as pessoas, a fonte de dados e organiza o seu trabalho começando pela recolha de dados, revendo-os e explorando-os, vai tomando as suas decisões, organizando um plano de investigação no qual distribui o seu tempo, decide quem vai investigar e os aspetos a aprofundar (Bogdan & Bilken, 1994).

No nosso caso, optámos por restringir a investigação aos alunos do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do Curso de Educação e Formação porque os estudos realizados sobre a temática indicam que é nestes ciclos de ensino que surgem mais problemas relacionados com indisciplina.

A escolha da escola foi uma opção a nível pessoal e profissional, visto ser o espaço onde a investigadora trabalha e pensa que desta forma pode dar um contributo no estudo do fenómeno e apontar algumas soluções/estratégias para a prevenção e resolução desta problemática.

Apesar de não ser um campo novo em análise, é um problema que afeta a escola e esta investigação poderá contribuir para a construção de algumas pontes entre a investigação académica e a realidade vivida no Agrupamento. Este estudo surgiu também devido ao contacto constante, como coordenadora dos diretores de turma do 2.º e 3.º ciclos, com esta questão que é cada vez mais atual nas nossas escolas, sobre a qual pretendemos ter uma perceção mais alargada, profunda e baseada em fundamentos científicos e na investigação realizada.

2. Objetivos de estudo

O desenvolvimento do nosso estudo orientou-se de acordo com os seguintes objetivos: definir o conceito de indisciplina; contextualizar a indisciplina na escola; compreender os fatores que provocam a indisciplina; perceber as representações dos alunos face à indisciplina; identificar as estratégias utilizadas na resolução da indisciplina; caracterizar a atuação da escola na resolução de situações de indisciplina; identificar o papel dos alunos na criação de estratégias que promovam a disciplina; reconhecer formas de envolvimento da comunidade educativa, principalmente dos alunos na vida escolar; contribuir para a prevenção e diminuição dos casos de indisciplina na escola e intervir, posteriormente, com uma proposta de um plano de ação.

Desta forma, e apoiados na pergunta de partida: **Como percecionam os alunos a indisciplina na Escola?** – definimos um conjunto de questões de investigação, que procuram apresentar-se como pontos de referência na condução e orientação do presente estudo, as quais são, em seguida, apresentadas.

A – INDISCIPLINA NA PERSPETIVA DO ALUNO

- O que é considerado indisciplina para os alunos?
- Quais os fatores que favorecem a indisciplina?
- Como é vista a autoridade dos professores?
- Por que há indisciplina numa aula e noutras não?
- O que pensam os alunos dos seus comportamentos?
- O que pensam os alunos das reações dos seus professores face à indisciplina?
- O género tem influência na indisciplina?

B – ATUAÇÃO DA ESCOLA NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

- Quais as práticas organizativas e pedagógicas promovidas pela Direção para controlar a indisciplina?
- As regras são definidas por quem?
- Os alunos têm um conhecimento claro das regras?
- Que medidas são adotadas para controlar a indisciplina na sala de aula?
- Os alunos acham justas as medidas disciplinares adotadas pela Escola?
- Essas medidas têm sido eficazes para a diminuição dos casos de indisciplina?

C – CONTRIBUTO DOS ALUNOS PARA O COMBATE À INDISCIPLINA

- Os alunos podem contribuir no combate à indisciplina?
- De que forma poderão contribuir?

D – SUGESTÕES DE ESTRATÉGIAS À DIREÇÃO DA ESCOLA PARA COMBATER A INDISCIPLINA

- Que propostas de intervenção poderiam ser adotadas para ajudar a minimizar a indisciplina?
- Que sugestões dariam à Direção?

3. Caracterização do contexto de estudo

3.1. Caracterização da escola e do meio

3.1.1. Enquadramento geográfico da escola em estudo

A Instituição Escolar que serviu para o processo de investigação foi a Escola Secundária com 2.º e 3.º ciclos Professor Reynaldo dos Santos (escola sede) que se situa no Bom Retiro, aproximadamente a 3 quilómetros do centro da cidade de Vila Franca de Xira.

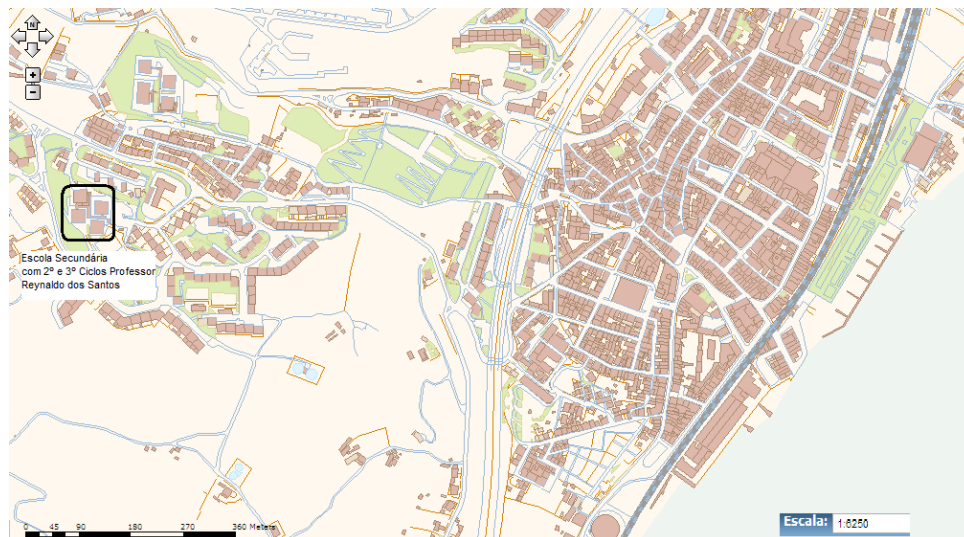


Figura 1- Planta de Vila Franca de Xira⁷

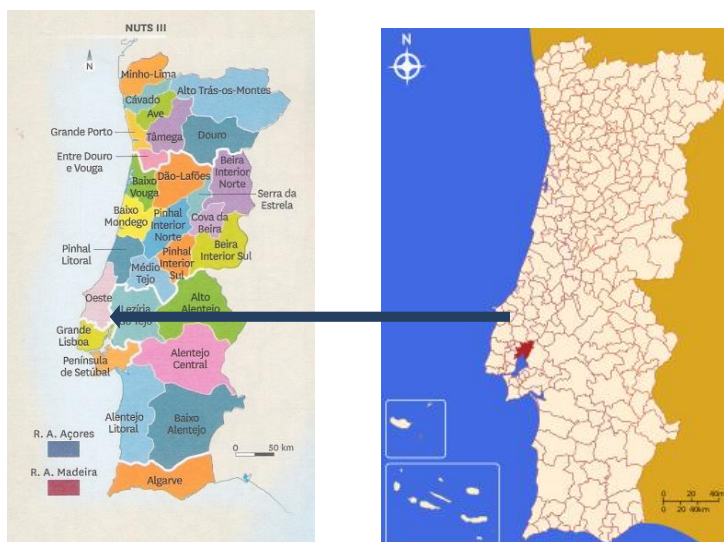


Figura 2- Divisão de Portugal em NUTS III e Concelhos

Vila Franca de Xira fica a cerca de meia hora de Lisboa. O concelho apresenta características urbanas e rurais. É uma terra agrícola e industrial, integrada numa região tradicionalmente ligada aos cavalos e aos touros. Vila Franca de Xira é uma cidade do distrito de Lisboa, de acordo com o NUT III pertence à sub-região da Grande

⁷ [http://213.13.165.25/MuniSIGWeb/\(S\(yoipdi45h4uba3iq4lhydv55\)\)/MapViewer/SectionsViewer.aspx?id=0](http://213.13.165.25/MuniSIGWeb/(S(yoipdi45h4uba3iq4lhydv55))/MapViewer/SectionsViewer.aspx?id=0)

Lisboa, com cerca de 18 197 habitantes e uma densidade de 94,2 h/km² (segundo os censos de 2011). É sede de um município com 317,7 quilómetros quadrados de área e cerca de 136 886 habitantes com uma densidade populacional de 429,7 habitantes por quilómetro quadrado.⁸ O município é limitado a norte pelos municípios de Alenquer e Azambuja, a leste por Benavente, a sul pelo estuário do Tejo, a oeste por Loures e a noroeste por Arruda dos Vinhos.

A caracterização económica do Concelho é definida, principalmente, por uma concentração de atividades do setor terciário, nomeadamente, ao nível do comércio e serviços, devido à progressiva regressão do setor industrial. A economia municipal assenta, ainda, na agropecuária, indústria alimentar, comércio retalhista, restauração, transportes, indústria cimenteira, química, metalo-mecânica e construção civil, destacando-se ainda o papel da administração local. Mais recentemente, instalaram-se no concelho Plataformas Logísticas que vieram criar alguns postos de emprego e dar mais algum dinamismo à economia local.

Banhada pelo rio Tejo, a cidade combina o aspeto urbano das unidades industriais e dos bairros de habitação impostos pela proximidade da capital com um forte caráter rural em que predomina a imagem da Lezíria ribatejana.

História e Identidade da Escola

Esta escola pertence a um Agrupamento de escolas com dois Jardins de Infância e três Escolas Básicas do 1.º ciclo, todas elas situadas noutros edifícios. (Um edifício a cerca de 500 metros da escola sede que comporta a Escola Básica do 1.º ciclo n.º 3 do Bom Retiro com um Jardim de Infância integrado, outro, que fica a cerca de 2 km, onde se encontra a Escola Básica de 1.º ciclo n.º 4 do Bairro do Paraíso, também com um Jardim de Infância integrado, e, ainda, a Escola Básica de 1.º ciclo de À-dos-Bispos, localizada, também, a cerca de 2/3 Km da escola sede.)

A escola objeto de estudo leciona os 2.º e 3.º ciclos (incluindo Cursos de Educação e Formação) e ensino secundário (integrando Cursos Científico-Humanísticos, Tecnológicos e Profissionais – Diurno).

A escola sede foi integrada no Programa de Modernização/Requalificação, desenvolvido pela *Parquescolar* entre 2008-2009 e 2010-2011, tendo sofrido uma

⁸ Fontes/Entidades: INE, PORDATA, última atualização:2012-11-20

profunda intervenção. É hoje uma escola apetrechada com computadores e projetores em todas as salas de aula, laboratórios excepcionais, uma biblioteca espaçosa com um bom acervo e situada num espaço bastante agradável, em que a sua frequência ronda os 6500 utilizadores por mês. Tem, ainda, um excelente auditório, também ele muito bem equipado. O bar e o refeitório são agradáveis, mas deveriam ser um pouco maiores tendo em conta o número de frequentadores. A escola é constituída por quatro blocos, um ginásio e um pavilhão. Tem ainda um campo de jogos e espaços abertos agradáveis e ajardinados, mas com muito pouca vigilância, devido ao número reduzido de assistentes operacionais.



Figura 3 - Escola Professor Reynaldo dos Santos⁹

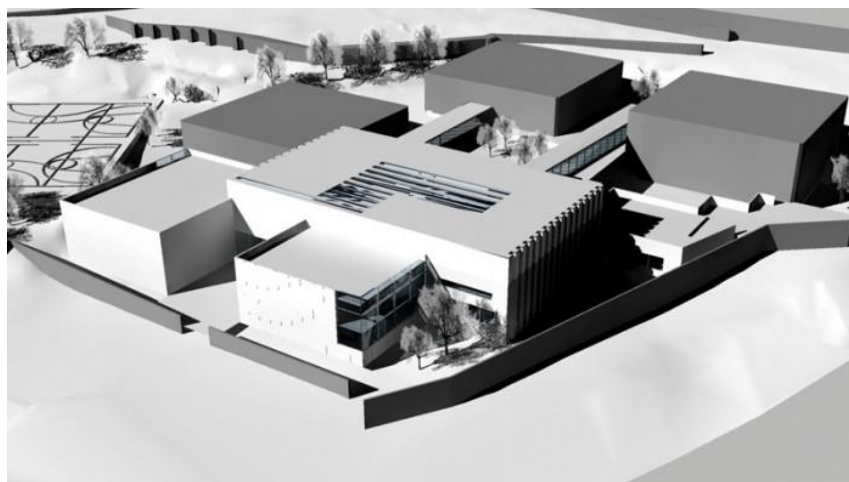


Figura 4 - Plano global da Escola Professor Reynaldo dos Santos

⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Franca_de_Xira



Figura 5 – Átrio da Escola



Figura 6 - Vista parcial da Biblioteca



Figura 7- Entrada da Biblioteca e zona de multimédia



Figura 8 – Laboratório e sala de aula de Ciências



Figura 9 - Sala de Informática

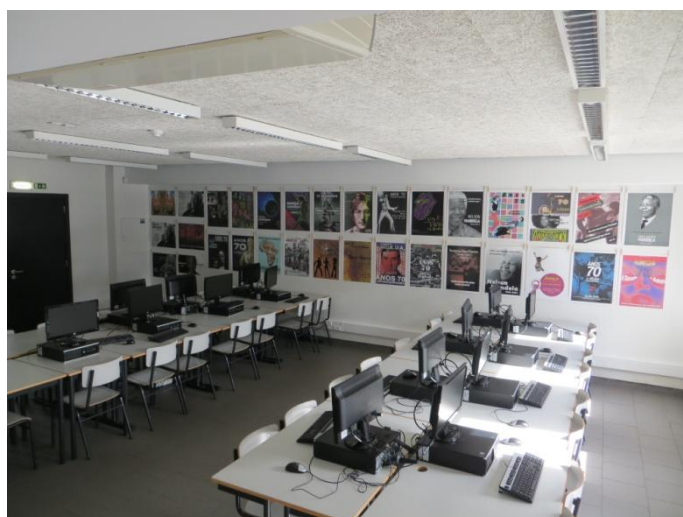


Figura 10 – Sala de Multimédia



Figura 11 – Sala de aula



Figura 12 – Átrio do Bar e Refeitório



Figura 13 – Pavilhão



Figura 14 – Auditório

Esta escola nasceu há mais de quarenta anos.



Figura 15 – Antiga Secção do Liceu Padre António Vieira em Vila Franca de Xira

A atual Escola Secundária com 2.º e 3.º ciclos Professor Reynaldo dos Santos resultou dos anseios de toda uma região, pois foi o primeiro liceu num raio de muitos quilómetros à volta de Vila Franca de Xira. Teve a sua origem como secção do Liceu Padre António Vieira, mas, posteriormente, passou a Escola Secundária n.º 2 e, em 1987, veio a tomar a designação de Escola Secundária do Professor Reynaldo dos Santos.

No ano letivo de 2007-2008 iniciou-se todo um processo de fusão entre a Escola Secundária do Professor Reynaldo dos Santos e o Agrupamento de Escolas Dr. Sousa

Martins. A escola sede passa, então, a incluir o 2.º ciclo do Ensino Básico e toma o nome atual.

Frequentam este agrupamento alunos de diferentes nacionalidades. Segundo informação retirada do projeto educativo, “constata-se que 5,8% dos alunos são estrangeiros, provenientes de países como o Brasil, Angola e Ucrânia” e a generalidade dos alunos pertencem a famílias de classe média baixa, embora em alguns casos se verifique um grau médio/superior de escolaridade cujos pais/ encarregados de educação estão, normalmente, atentos ao percurso escolar dos seus educandos.

Enquanto Agrupamento vertical, matriculam-se crianças, a partir dos três anos, no ensino pré-escolar, estendendo-se aos ensinos básico e secundário, incluindo os Cursos de Educação Formação e Cursos Profissionais.

A articulação entre os diferentes ciclos é uma das vantagens da especificidade deste Agrupamento, permitindo aos alunos, desde tenra idade, construírem o seu percurso escolar num mesmo estabelecimento de ensino. Aqui são ministrados os currículos da escolaridade obrigatória, preparando os alunos para a vida ativa, para os que escolhem a via profissionalizante, e habilitando, igualmente, os alunos cujas opções passam pelo prosseguimento de estudos, nos meios universitários.

O Agrupamento privilegia, também, os apoios especializados a prestar aos alunos, tendo já criado as condições consideradas necessárias para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de caráter permanente.

É ainda um Agrupamento de Referência para a Educação do Ensino Bilingue de Alunos Surdos, existindo uma turma do 1.º CEB na EB1 do Bairro do Paraíso e alunos no 5.º, 6.º, 7.º e 8.ºanos, na Escola-Sede e possui uma Unidade de Ensino Estruturado para Apoio à Inclusão de alunos com Espetro do Autismo. Possui uma parceria com o CRI da Cercipóvoa (Centro de Recursos para a Inclusão). Oferece também o Ensino Articulado da Música. Como é explicado no Projeto Educativo, as Atividades de Enriquecimento Curricular [AEC] para alunos e alunas do 1.º ciclo e a Componente de Apoio à Família para o Pré-escolar constituem outras valências do Agrupamento.

Segundo informações fornecidas pela Direção e retiradas do Projeto Educativo

”O corpo docente é constituído por 137 docentes, sendo 3 (2%) do quadro de agrupamento, 81 (59,1%) do quadro de Escola, 10 (7,3%) do quadro de zona pedagógica, 37 (27,0%) contratados e 6 (4,4%) em outra situação. 50 (36,5%) docentes têm tempo de serviço superior a vinte anos e 29 (21,2%) entre dez e dezanove anos de serviço.”

“O pessoal não docente é constituído por 29 assistentes operacionais (17 do quadro e 12 em regime de contrato), oito assistentes técnicas, um encarregado operacional e uma chefe de serviços de administração. Vinte funcionários não docentes têm mais de vinte anos de serviço e onze, entre dez e dezanove anos. Existem, ainda, seis técnicos/as especializados/as contratados/as: duas terapeutas da fala, uma intérprete e duas formadoras de Língua Gestual Portuguesa e uma psicóloga a tempo parcial. “

“No que respeita às habilitações literárias dos pais e encarregados de educação, 39,1% detêm um nível de escolaridade entre os 1.º e o 3.º ciclos, 24,9% o ensino secundário, 17,7% concluíram o ensino superior e 18,3% têm formação desconhecida ou não possuem qualquer tipo de habilitação.”

(Fonte Projeto Educativo)

É de registar que a escola já teve psicóloga clínica a tempo inteiro e um gabinete de Orientação Vocacional com uma psicóloga educacional partilhada com o outro Agrupamento da cidade de Vila Franca, estava ainda integrada no projeto EPIS com um psicólogo orientado para este projeto que também acompanhava discentes. Atualmente, e dadas as contingências económicas, tem apenas uma psicóloga do ramo educacional a tempo parcial e a orientação vocacional é feita em Alverca através dos serviços de psicologia da Câmara. A escola conta, ainda, com o apoio dos serviços de psicologia do Centro de Saúde, que dá a resposta possível, tendo em conta os casos a que tem de responder, considerando a população escolar da cidade. Há ainda o acompanhamento da CPCJ e da Escola Segura a casos mais graves, mas também estes com as suas condicionantes inerentes à situação socioeconómica. Segundo a Direção, o apoio prestado pelo Provedor do Ministério Público é também muito ativo.

O primeiro projeto educativo da escola consultado tinha como lema: “O sucesso dos nossos/as alunos/as é o nosso sucesso.” O atual é “ Uma Escola de Todos/as e para Todos/as”.

3.2. Apresentação e Caracterização da População

3.2.1. População escolar

No ano letivo de 2011/2012, o Agrupamento contou com 1354 alunos, onde a escola sede teve 965 discentes distribuídos por 41 turmas. A escola funcionou com onze turmas do 2.º ciclo, cinco de 5.º ano com 113 alunos e seis de 6.º ano com 128 alunos (total 241 alunos) e com quinze turmas do 3.º ciclo, distribuídas por cinco no 7.º ano com 118 alunos, cinco no 8.º ano com 107 alunos, quatro no 9.º ano com 98 alunos e uma no CEF de 15 alunos, perfazendo a totalidade de 338 alunos, neste ciclo.

Quanto ao ensino secundário, as quinze turmas distribuíram-se por 5 no 10.º ano com 138 alunos, 3 no 11.º com 99 alunos e 4 no 12.º também com 99 alunos. Os discentes dos Cursos Profissionais perfaziam 50 alunos, logo o secundário tinha um total de 386 alunos.

Quanto ao sucesso dos alunos, o Projeto Educativo apresenta os seguintes dados com base na plataforma MISI do MEC.

“Uma análise global da evolução da taxa de sucesso escolar entre 2007-08 e 2012-13, no Agrupamento, por ano, do ensino regular, e a sua comparação com os resultados nacionais, em igual período de tempo, permitem-nos identificar taxas de variação positiva e negativa, entre as duas, maioritariamente baixas, a rondar os 5%. Excetuam-se, com taxas de variação mais baixas, para o agrupamento, em 2007-08, o 12.ºano (-20,32%), em 2009-10, os 4.º e 5.º anos, (-10,38% / -11,10%), em 2011-12, o 8.ºano (-8,80%) e em 2012-13, o 9.ºano (-12,48%). Por outro lado, registam-se taxas de variação positivas superiores a 5%, em 2007-08, no 10.ºano (10,26%) e em 2009-10, no 7.ºano (6,39%).”

Não houve abandono escolar, apenas 33 alunos anularam a matrícula a algumas disciplinas.

Dos dados fornecidos pela Direção registaram-se 531 faltas disciplinares nos rapazes e 76 nas raparigas. As participações disciplinares prendem – se com comportamentos provocatórios, uso de linguagem obscena e/ou ofensiva, por ignorar as ordens de professores ou assistentes operacionais funcionários, por agressão e luta entre colegas fora da sala de aula, por rebaixar ou gozar com professores ou colegas, por gestos obscenos, por furtos, por riscar e pintar paredes, por sujar os espaços da sala de aula e/ou exteriores à sala, por vandalismo. É de registar que as participações existentes na Direção são da parte dos docentes, pessoal não docente (auxiliares de educação e vigilante) e alunos.

Dos dados consultados só encontramos o registo de 9 medidas corretivas e 17 medidas sancionatórias, 1 com repreensão registada, 12 com 1 dia de suspensão, 1 com 3 dias, 2 com 5 dias e 1 com 10 dias. Não houve expulsões.

Em síntese, das 607 faltas disciplinares resultaram 9 medidas corretivas e 17 medidas sancionatórias.

Relativamente ao Gabinete do Aluno, que existia aquando o início de este estudo, a direção não tem qualquer registo de avaliação do mesmo por parte dos alunos e mesmo dos docentes.

Em conversas informais com alguns Diretores de Turma e com as Coordenadoras de DT, conseguimos perceber que os professores, apesar de apresentarem muitas “queixas” de indisciplina por parte dos alunos, não chegam a materializarem-nas em participações e/ou faltas disciplinares. Limitam-se a conversar com os DT e depois não há faltas e documentos que espelhem essa indisciplina. As mesmas referiram que como muitas das participações acabam por não ter uma resposta que consideram eficiente e célere por parte da Direção, os docentes acabam por deixar de as fazer.

Como já foi dito anteriormente, os dados acima referidos foram fornecidos pela Direção e baseados na leitura de dois Projetos Educativos (pois a investigação decorreu entre a transição de Projetos) e em atas dos Conselhos de Turma e Pedagógico.

Gostaríamos de referir apenas, e para concluir, que num grande número de atas lidas, quer dos Conselhos de Turma, quer do Conselho Pedagógico e dos Conselhos de grupo o tema da indisciplina é abordado e é manifestada uma grande preocupação, seja da parte dos docentes, seja dos representantes dos pais/ee e alunos no Pedagógico, principalmente porque todos consideram que tem havido agravamento e, por vezes, a atuação não tem sido a mais adequada. No entanto, denota-se que se fica pela discussão do tema e não se chega a registar propostas de ações de melhoria que possam combater a indisciplina.

Em relação às atas dos Conselhos de Turma são registados os nomes de alguns alunos mais problemáticos, mas, normalmente, também não se propõem medidas de intervenção.

4. Técnicas de recolha de dados e instrumentos de investigação

4. 1. Procedimentos / Plano de Investigação

Os métodos quantitativos e qualitativos pareceram-nos constituir os métodos mais adequados para esta investigação, onde se recorreu a inquéritos por questionário e por entrevista.

O estudo em questão enquadra-se, por isso, quer no paradigma quantitativo, quer no paradigma qualitativo, o que permite "construir uma nova mentalidade científica, suscetível de enquadrar os diversos níveis ou tipos de investigação e as consequentes metodologias" (Tuckman, 1994:13).

Reichardt e Cook (1986), citados por Carmo e Ferreira (1998:176) reforçam esta ideia, afirmando: "o investigador também não é obrigado a optar pelo emprego exclusivo de métodos quantitativos ou qualitativos e no caso de a investigação assim o exigir, poderá mesmo combinar o emprego dos dois tipos de métodos".

Frequentemente, associa-se a indisciplina e a violência na escola a contextos socialmente desfavorecidos. A nossa pesquisa foi realizada numa escola que ainda não se encontra estigmatizada por este tipo de conceção, mas que já apresenta alguns casos de indisciplina.

Como já foi referido, segundo as indicações teóricas e empíricas disponíveis, o 2.º e 3.º ciclos são apontados como aqueles em que as situações de indisciplina são mais frequentes. No entanto, esta indisciplina já se manifesta no 1.º ciclo e nos outros níveis de ensino. Mas, dado o grande número de alunos do Agrupamento, optou-se por centrar a investigação nos alunos do 2.º e 3.º ciclos.

Como estratégia metodológica, foram articuladas diferentes técnicas de investigação, tais como:

- ✓ recolha de informação estatística e documental sobre o estabelecimento de ensino com vista a caracterizar o mesmo;
- ✓ entrevista semiestruturada a um elemento da Associação de Estudantes;
- ✓ observação participante e conversas informais com discentes da escola, com a Psicóloga, Diretores de Turma e com as Coordenadoras dos DT;
- ✓ inquérito por questionário a uma amostra da população a investigar;
- ✓ análise documental dos processos disciplinares, dos processos individuais, bem como do Projeto Educativo e do Regulamento Interno da Escola e, ainda,

das atas do Conselho Pedagógico, dos Conselhos de Turma e de alguns Conselhos de Grupo.

4.2. Inquérito por questionário

Na perspetiva de Lima (2000), a preparação e realização do inquérito por questionário deve seguir os seguintes passos: a) planeamento do inquérito de acordo com os objetivos, a definição de variáveis, suas relações e a escolha da população de amostra; b) preparação do instrumento traduzindo os objetivos numa linguagem perceptível e clara, as perguntas devem obedecer a uma estrutura lógica, para que não haja dúvidas ou incompreensões; c) preocupação com o facilitar o envio e a devolução; d) análise dos resultados que compreende o controlo da amostra, a codificação das respostas, a leitura, apuramento e tratamento da informação e eduzir as conclusões da investigação; e) apresentação dos resultados.

Por isso, iniciámos o nosso questionário com uma introdução, onde fizemos a nossa apresentação e a do tema e demos instruções quanto ao preenchimento do questionário, pois o investigador esteve presente, mas não deu instruções para não condicionar as respostas. (*vide* Anexo VII)

As perguntas de “identificação” tiveram como objetivo caracterizar o inquirido, não nominalmente, pois o questionário é anónimo, mas referenciam a sua caracterização a nível do perfil social e familiar (perguntas 1 a 13) e perfil escolar, relativamente a resultados escolares e comportamento (perguntas 14 a 18, 26 a 28 e 37).

De seguida, criámos perguntas de informação que procuraram responder aos nossos objetivos de estudo e às diferentes categorias (Carmo & Ferreira, 1998). Como tal, elaborámos perguntas que definissem o conceito de indisciplina (perguntas 19 e 29); que percebessem as representações dos alunos face à indisciplina (20 à 24 e 29 à 32); que identificássemos os fatores/causas que provocam a indisciplina (20 à 24 e 38); que identificassem as estratégias utilizadas na resolução da indisciplina e caracterizassem a atuação da escola na prevenção e resolução de situações de indisciplina (25, 30 à 34). As perguntas 34 e 35 serviram, ainda, para contextualizar a indisciplina na escola. Com a pergunta 36 procurámos relacionar a indisciplina com o género e a estrutura etária dos discentes. As perguntas 23, 27, 28 e 35 pretenderam apurar até que ponto as representações sociais que os alunos têm da escola e dos professores se refletem na indisciplina e se a sua atuação na sala de aula tem relação direta com a ocorrência de comportamentos de indisciplina por parte dos alunos. Com

as perguntas 25, 40, 41 e 42 pretende-se identificar as estratégias utilizadas na resolução da indisciplina. Para além das perguntas 43 a 48, a pergunta 40 serviu, ainda, para avaliar a importância da implementação de normas e regras de conduta, na prevenção/superação dos comportamentos de indisciplina. As questões 21, 38 e 39 procuraram avaliar o contributo dos pais e/ou encarregados de educação no combate à indisciplina. Por fim, as perguntas 49 e 50 pretenderam identificar o papel dos alunos na criação de estratégias que promovam a indisciplina e recolher contributos para lidar de forma eficaz com esta problemática. (*vide* Anexo V)

Procurámos formular as questões de forma objetiva, pois são mais fiáveis e quanto ao número de questões, tentámos que fosse equilibrado, ou seja, as suficientes para dar resposta à pesquisa pretendida, sem correremos o risco de não serem respondidas (Carmo & Ferreira, 1998).

O inquérito por questionário foi constituído, essencialmente, por perguntas fechadas, pois, desta forma objetiva, as respostas e o tratamento dos dados é mais fácil. Quanto às respostas, foram de escolha única e de escolha múltipla. Concluímos com uma pergunta aberta, para estender o campo deste inquérito.

Em termos de validação deste questionário, realizámos um pré-teste para avaliar a sua consistência e aferir a clareza e objetividade das perguntas realizadas (Ghiglione, & Matalon, 2005). Nesta fase exploratória do processo de investigação, optámos por uma amostragem não probabilística (Carmo & Ferreira 1998), pois seleccionámos um grupo de alunos - 18, distribuídos pelos diferentes anos de escolaridade, tendo sido 9 discentes do género feminino e 9 do masculino. Escolhemos ainda os alunos, apoiados pelos Diretores de Turma, tendo como pré-requisito o conceito de estes serem considerados disciplinados e indisciplinados, 50% cada.

Este pré-teste foi realizado presencialmente e procurámos entender as dificuldades sentidas pelos discentes, de maneira a vir a alterar, retirar ou adaptar algumas perguntas, caso os mesmos sentissem problemas ao responder.

Após a aplicação do pré-teste, foram analisadas as respostas para perceber se as mesmas atingiam os objetivos pretendidos. É de registar que foram feitas apenas pequenas adaptações a nível do uso de alguns sinónimos que facilitassem a compreensão da generalidade dos inquiridos. Ghiglione e Matalon (2005:73) referem que “esta primeira fase do pré-teste do questionário indica-nos como as questões e as respostas são compreendidas, permite-nos evitar erros de vocabulário e de formulação e salientar recusas, incompreensões e equívocos”.

O inquérito por questionário foi então implementado a 308 alunos na Biblioteca da escola, sendo realizado *online*. Acompanhámos o questionário, mas a distância, apenas nos limitámos a orientar o início do questionário e controlar a efetivação do número previsto de inquiridos. Foram dados códigos aos alunos e estes entraram na aplicação.

Tentou-se, ao máximo, garantir uma recolha o mais completa possível dos dados, pois “ a presença ou ausência do investigador no ato de recolha de dados é assim determinante no que respeita aos procedimentos técnicos de conceção e de administração dos inquéritos” Carmo e Malheiro (1998:125).

Para estes 308 discentes, usámos a amostragem casual ou probabilística, de forma a permitir projeções e inferências sobre a população alvo representada, devido a ser preferível para os nossos objetivos e dadas as vantagens apresentadas: demonstrar a representatividade da amostra e estimar, estatisticamente, o grau de confiança com o qual as conclusões tiradas da amostra se aplicam ao Universo (Hill & Hill, 2005).

Definição da amostra: dentro dos métodos de amostragem casual ou probabilística, optámos pela Amostragem Estratificada. Utilizámos, por isso, uma amostragem estratificada proporcional, por nível de ensino e tipo de curso. No entanto, a seleção dos alunos dentro da turma foi através de um processo aleatório. Para determinar a percentagem do total de alunos a inquirir (n) recorreremos à expressão matemática relativa ao tipo de amostragem escolhido: $n = \frac{\sum_{i=1}^L N_i^2 \hat{p}_i \hat{q}_i / w_i}{N^2 \frac{B}{Z^2} + \sum_{i=1}^L N_i \hat{p}_i \hat{q}_i}$. N_i representa o

tamanho de cada estrato na população escolar e w_i o peso desse estrato. Estabelecemos um grau de confiança que fosse no mínimo de 95%, e uma margem de erro B não superior a 5%.

Considerámos poder garantir, por este meio e através da obrigatória inferência estatística, uma extrapolação de resultados sinónimo de credibilidade.

No seguimento deste projeto, tendo em conta o número de alunos acima mencionados, foi produzida uma tabela, onde calculámos a percentagem e o número de alunos que seriam inquiridos por níveis de ensino. A partir destes resultados, seleccionámos a amostragem aleatória, usando, para esse efeito, uma tabela de números aleatórios já preparada, conforme o modelo (Gay, 1981), apresentado em Carmo e Ferreira (1998), dando, para isso, números aos alunos do Universo a inquirir (Hill & Hill, 2005).

4.3. Inquérito por entrevista

Quanto à escolha do inquérito por entrevista, prendeu-se com a vantagem que este tem da sua “adaptabilidade”. Permite “explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos, pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria” (Bell, 2008:13) e dado o tema/problema de investigação, pensamos que era imprescindível a utilização deste método, para, desta forma, se aceder aos diferentes pontos de vista, assim como aos termos utilizados pelos entrevistados. Uma outra funcionalidade das entrevistas consiste numa contribuição para as respostas às questões de investigação definidas.

A entrevista também serviu de complemento ao inquérito por questionário e ajudou a completá-lo

Seguimos os passos de Lima (2000) para a preparação e a realização da entrevista que deve adotar as seguintes alíneas: a) planeamento da entrevista de acordo com os objetivos, a definição de variáveis, suas relações e a escolha da população de amostra; b) preparação do instrumento traduzindo os objetivos numa linguagem perceptível e clara, as perguntas devem obedecer a uma estrutura lógica, para que não haja dúvidas ou incompreensões; d) análise dos resultados compreende o controlo da amostra, a codificação das respostas, a leitura, apuramento e tratamento da informação e eduzir as conclusões da investigação; e) apresentação dos resultados.

Como tal, optámos por realizar uma entrevista semiestruturada com perguntas o mais aproximada possível do inquérito por questionário, formulámos um guião, previamente preparado, que serviu de orientação para o desenvolvimento das mesmas. (*vide* Anexo II). Houve um certo grau de flexibilidade na implementação das questões e na adequação ao desenvolvimento da entrevista. Foram feitas determinadas perguntas, mas o entrevistado teve a liberdade de falar sobre o assunto e de exprimir as suas opiniões. O tipo de perguntas incidiu por isso, sobre opiniões, ideias, experiências e conhecimentos agrupado em quatro blocos temáticos: A – Legitimação da entrevista, justificação da entrevista, promoção de um clima de confiança e diálogo aberto; B - Dados pessoais relativos aos entrevistados; C- Perspetiva dos entrevistados em relação à indisciplina escolar; D- Representação dos alunos entrevistados acerca da indisciplina na escola em estudo; E – Propostas para a promoção da disciplina (*vide* anexo).

Tendo em conta o tema do problema a investigar, as questões e os objetivos de investigação, para a entrevista, selecionou-se um discente que pertencia à Associação

de Estudantes. Uma população restrita para o nosso estudo, que está direta ou indiretamente relacionada com o estudo.

Após a elaboração do guião e de ter selecionado e contactado o entrevistado, ao qual pedimos o consentimento para a realização da entrevista, procedemos à apresentação dos objetivos e natureza da mesma, acordando o local, a data e a hora para a sua concretização. Antes do início da entrevista, foi também solicitada a gravação da mesma, explicando que o conteúdo gravado era sigiloso e que iria servir para um trabalho do nosso mestrado. Fizemos, ainda, durante o nosso diálogo, um registo escrito de algumas notas e recolha de dados, que nos ajudaram a complementar o conteúdo da entrevista.

Durante a mesma, tentámos utilizar uma linguagem adequada ao entrevistado, evitando afastarmo-nos do guião e do formato da entrevista, apresentámos uma questão de cada vez, com vista a manter o controlo do diálogo, sabendo escutar e não nos deixando influenciar pelas opiniões do entrevistado.

Ao longo da entrevista, tentámos, ainda, pôr em prática a perspectiva de Quivy e Campenhoudt (2003), que consideram que os principais traços de atitude a adotar ao longo de uma entrevista são os seguintes: fazer o mínimo de perguntas possível; intervir de forma mais aberta possível; abster-se de se implicar a si mesmo no conteúdo; procurar que a entrevista se desenrole num ambiente e num contexto adequados; gravar, sempre que possível, as entrevistas.

O local para a realização da entrevista foi a escola onde a investigadora é professora e foram feitas, por isso, ao elemento já mencionado, em que tentámos ao máximo ser imparciais, pois não poderemos dizer que não temos algumas opiniões definidas sobre o assunto. No entanto, temos que reconhecer que

“Há sempre o perigo de o fator parcialidade se imiscuir nas entrevistas, em grande parte devido ao facto «de os entrevistados serem seres humanos e não máquinas» e de a sua maneira de ser, poder influenciar os entrevistados (...) É mais fácil reconhecer que os nossos pontos de vista podem imiscuir-se numa análise de dados do que evitar que tal aconteça”.
(Selltiz et al., 1962, citado por Bell, 2008:141,142)

Pensamos, ainda, que, em parte, tivemos o trabalho “mais simplificado”, pois, como afirmam Bogdan e Biklen (1994:135) “Em situações em que já conhece o sujeito, passe logo à entrevista...” Por vezes a entrevista poderia vir a “assemelhar-se a uma conversa entre amigos” (Bogdan & Biklen, 1994:134), não deixando de ser conduzida

de modo mais formal, apesar de estarmos convencidos que o entrevistado esteve à vontade e pôde falar livremente sobre os seus pontos de vista.

Concluída a entrevista, ouvimos o seu conteúdo, fizemos a sua transcrição para posterior análise e tratamento dos dados e elaboração do relatório final.

5. Análise documental

Quanto à análise documental, consideramos que os documentos são virtuais fontes de informação onde podemos “encontrar informações úteis” (Quivy & Campenhoudt, 2003: 201). Neste sentido, julgámos importante a consulta de alguns documentos elaborados pela escola.

A escolha desses mesmos documentos resultou da sua importância na escola por isso, seleccionámos o Projeto Educativo do Agrupamento, que contribuiu para a caracterização da escola, assim como do seu meio envolvente. Para além deste documento, consultámos o Regulamento Interno, atas e alguns dados relativos aos casos de indisciplina e suas propostas de solução (suspensões, medidas preventivas, corretivas), foram ainda pedidos dados relativos ao Gabinete do Aluno a fim de complementarmos, o mais rigorosamente possível, este estudo, mas como já foi dito não existem. Esta consulta é um complemento aos outros métodos utilizados: “os métodos de entrevista e de observação são frequentemente acompanhados pela análise de documentos relativos aos grupos ou aos fenómenos estudados” (Quivy & Campenhoudt, 2003: 204).

Foram também estabelecidos alguns contactos informais com as coordenadoras dos Diretores de Turma do 2.º e 3.º ciclos, pois são figuras essenciais no conhecimento geral dos alunos e dos problemas disciplinares dos mesmos.

Para a prossecução do trabalho de investigação, a investigadora estabeleceu os contactos devidos, solicitando a permissão à Direção e ao Conselho Pedagógico e fez um protocolo de autorização às entidades. Todo o processo de investigação pressupôs um conjunto de atividades que passamos a enunciar: 1) pesquisa documental sobre a temática a investigar; 2) análise da literatura disponível, tendo particular atenção aos trabalhos publicados nesta área; 3) protocolo de autorização à entidade onde se fez a investigação; 4) construção dos instrumentos de recolha de dados; 5) aplicação desses mesmos instrumentos; 6) análise, comparação e reflexão dos dados recolhidos; 7) redação do trabalho final.

6. Tratamento e Análise de Dados

Os dados dos questionários foram objeto de tratamento estatístico através dos programas estatísticos de gestão e análise de dados, SPSS e Microsoft Excel.

A análise dos dados qualitativos, os dados da entrevista, foi sujeita à análise de conteúdo (Quivy & Campenhout, 2003) com o objetivo de possibilitar a interpretação do seu conteúdo. Deste modo, a sua materialização passou pelas seguintes etapas: a) leitura flutuante da informação, a qual permite um primeiro contacto com as entrevistas e a conceção de grandes temas de organização da informação; b) análise transversal do conteúdo, reorganizando, por temas principais, e sem especialização; estabelecimento de um sistema de categorias (método indutivo e / ou método dedutivo); d) avaliação das categorias; tratamento comparativo dessas categorias (Estrela, 1994).

Por fim, foram interpretados os dados tendo por base a fundamentação teórica.

III- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Capítulo 4 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

1- Análise das respostas dos alunos aos inquéritos

Passamos agora à apresentação e análise dos resultados do inquérito por questionário

A amostragem da população ou universo a que se destinou o questionário foi constituída pelos alunos do 2.º e 3.º ciclos e uma turma de Curso de Educação e Formação. Fazendo o balanço entre os fatores custo, tempo e necessidade de assegurar representatividade da amostra, optámos por questionar 50% (*vide* Anexo I) da população destes níveis de ensino, segundo critérios mais usuais já descritos (p. ex. regra do polegar e seleção de uma amostra estratificada). Esta percentagem correspondia a um total de 290 alunos, contudo o número total de discentes questionado correspondeu a 308 alunos (53,1%) de ambos os sexos, tentando, desta forma, ter grau de confiança significativo nos resultados desta investigação, (Universo inquirido), e que os mesmos pudessem extrapolar para o Universo alvo, (Hill & Hill, 2005).

IDADE DA POPULAÇÃO INQUIRIDA

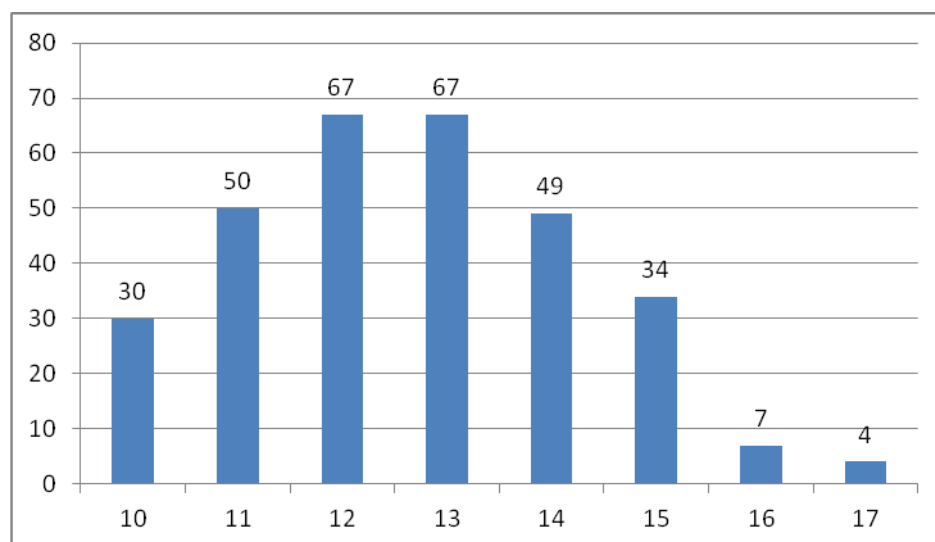


Gráfico 1: Idade da População Inquirida

As idades dos alunos inquiridos variam entre os 10 e os 17 anos. A idade da grande maioria de alunos que responderam ao questionário situa-se nos 12 e 13 anos perfazendo estas duas idades 43,6% do total. Temos apenas 4 alunos, que representam 1,3% do total de alunos, com 17 anos.

SEXO DA POPULAÇÃO INQUIRIDA

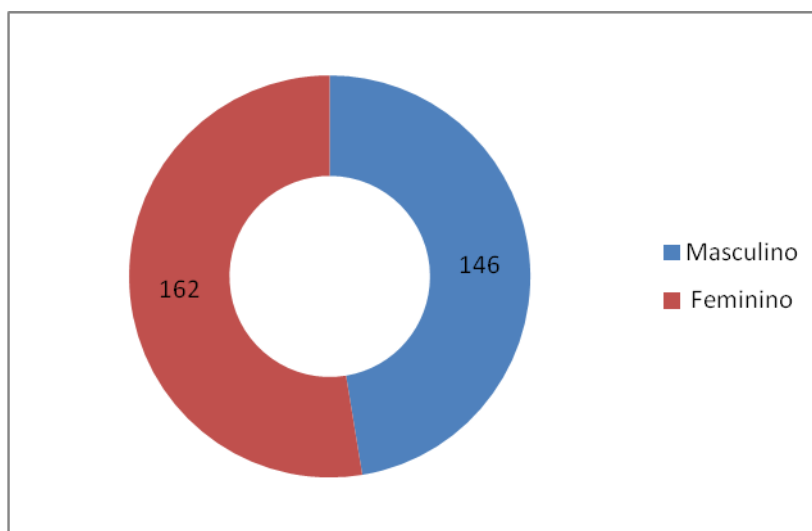


Gráfico 2 : Sexo da População Inquirida

Os alunos inquiridos distribuem-se de forma relativamente homogênea pelos dois sexos, sendo 162 alunos (52,6%) do sexo feminino e 146 alunos (47,4%) do sexo masculino.

NACIONALIDADE DA POPULAÇÃO INQUIRIDA

Quadro 1: Nacionalidade da População Inquirida

Nacionalidade	Frequência	Percentagem
Portuguesa	296	96,1
Brasileira	6	1,9
Francesa	1	0,3
Portuguesa e Brasileira	1	0,3
Portuguesa e Canadiana	1	0,3
Portuguesa e Espanhola	1	0,3
Portuguesa e Suíça	2	0,6
Total	308	100,0

Relativamente à sua nacionalidade, os alunos são maioritariamente portugueses 96,1% (296 alunos) e apenas 3,9% (ou seja 12 alunos) de outra nacionalidade, sendo a brasileira a mais frequente (com 6 dos 12 alunos estrangeiros).

ANOS DE ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO INQUIRIDA

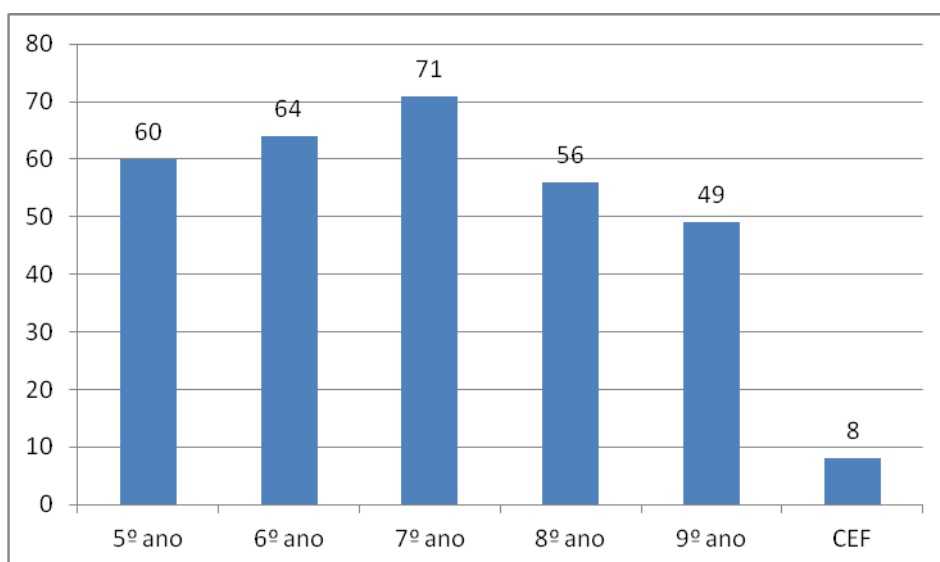


Gráfico 3: Anos de escolaridade da População Inquirida

Quanto ao ano de escolaridade frequentado pelos alunos, o ano escolar modal é o 7.ºano, com 71 dos 308 alunos inquiridos, o que corresponde a 23,1% do total da nossa amostra. Segue-se o 6.º ano com 64 alunos (20,8%), o 5.º ano com 60 alunos (19,5%), o 8.º ano com 56 alunos (18,2%) e o 9.º ano com 49 alunos (15,9%). Os alunos de CEF representam apenas 2,6% da nossa amostra correspondendo os mesmos a 8 alunos.

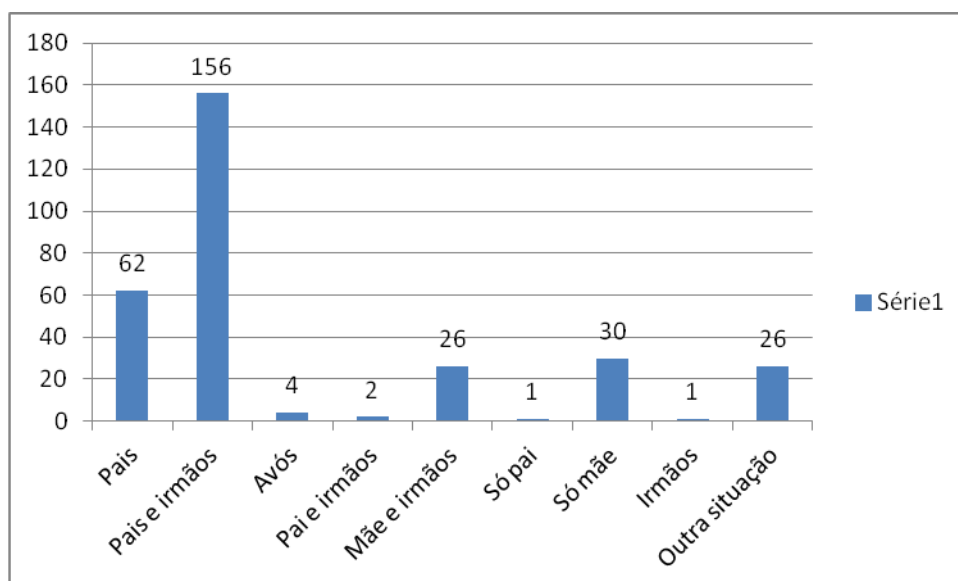


Gráfico 4- Com quem os alunos vivem?

A grande maioria dos alunos (156 alunos) vive com pais e irmãos - 50,6%, 62 alunos (20,1%) vivem apenas com os pais e 56 alunos (9,7%) apenas com a mãe ou com a mãe e irmãos (8,4%). Além da categoria “outra situação”, as restantes possibilidades de resposta apresentaram valores de resposta residuais.

Quadro 2: Tens irmãos?

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Nenhum	73	23,7	23,7
Um	159	51,6	75,3
Dois	50	16,2	91,6
Três	12	3,9	95,5
Quatro	5	1,6	97,1
Cinco	3	1,0	98,1
Seis	1	0,3	98,4
NR	5	1,6	100,0
Total	308	100,0	

51,6% dos alunos (159 alunos) afirmou ter um irmão enquanto 23,7% (73 alunos) disse não ter irmãos. 16,2% dos alunos disseram ter dois irmãos e 6,8% dos alunos (21 alunos) afirmaram ter 3 ou mais irmãos.

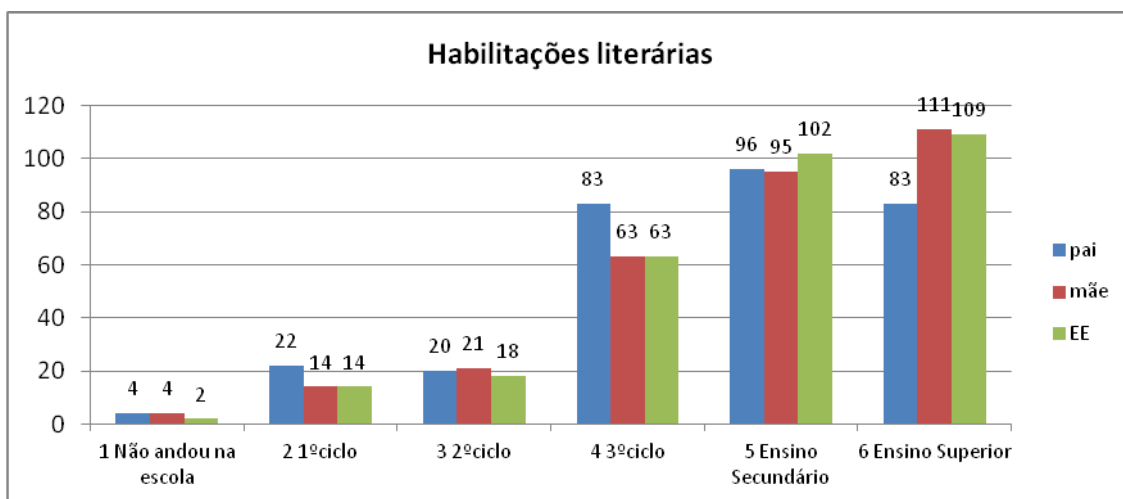


Gráfico 5- Habilitações Literárias dos Pais, Mães e Encarregados de Educação dos Alunos

As habilitações literárias da mãe, do pai e do encarregado de educação são em tudo concordantes. Uma percentagem muito reduzida de pais e mães (1,3%) não andou na escola. Esta percentagem é ainda mais baixa quando nos referimos às habilitações literárias dos encarregados de educação (0,6%). As habilitações mais frequentes são o ensino secundário e o ensino superior. 31,2% dos pais e 30,8% das mães têm o ensino secundário. No que se refere ao ensino superior, 26,9% dos pais e 36,0% das mães têm, pelo menos, uma licenciatura. O 3.º ciclo é o nível de escolaridade que seguidamente apresenta mais observações: 26,9% dos pais e 20,5% das mães detêm o 3.º ciclo. O 1.º e 2.º ciclos apresentam igualmente valores relativamente baixos, apesar de ser este o nível de habilitações de 42 pais e 35 mães.

Quadro 3: Nacionalidade do pai

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Portuguesa	289	93,8	93,8
Brasileira	5	1,6	95,5
Angolana	5	1,6	97,1
Cabo-verdiana	3	1,0	98,1
Francesa	2	0,6	98,7
Romena	1	0,3	99,0
Moçambicana	1	0,3	99,4
Suíça	2	0,6	100,0
Total	308	100,0	

Quadro 4: Nacionalidade da mãe

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Portuguesa	279	90,6	90,6
Brasileira	7	2,3	92,9
Angolana	6	1,9	94,8
Cabo-verdiana	4	1,3	96,1
Francesa	2	0,6	96,8
Espanhola	1	0,3	97,1
Romena	1	0,3	97,4
Holandesa	1	0,3	97,7
Moçambicana	1	0,3	98,1
Luxemburguesa	1	0,3	98,4
Africana	1	0,3	98,7
Guineense	1	0,3	99,0
Canadiana	1	0,3	99,4
NR	2	0,6	100,0
Total	308	100,0	

Tal como havíamos já registado para o caso dos alunos, os pais e mães são maioritariamente de nacionalidade portuguesa (93,8% dos pais e 90,6% das mães). Temos, contudo, 19 mães estrangeiras (5 brasileiras, 5 angolanas, 3 cabo-verdianas,

2 francesas, 1 romena, 1 moçambicana e duas suíças) e 29 pais estrangeiros (7 brasileiros, 6 angolanos, 4 cabo-verdianos, 2 franceses, 1 espanhol, 1 romeno, 1 moçambicano, 1 luxemburguês, 1 guineense e 1 canadiano).

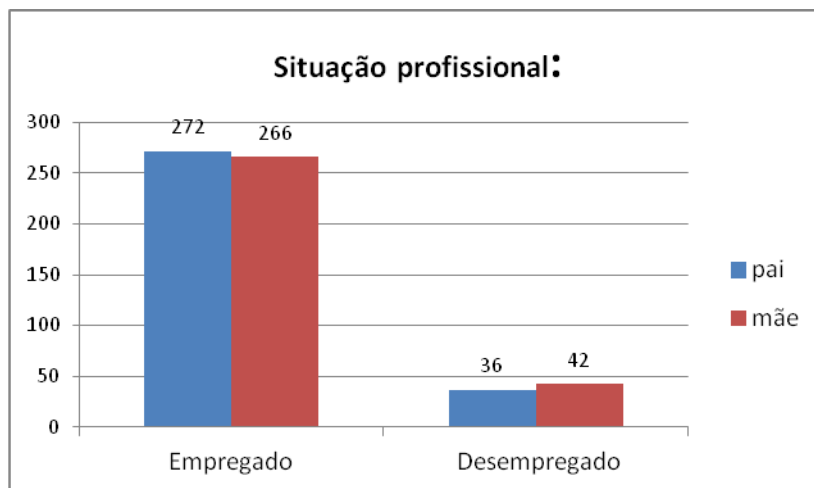


Gráfico 6 - Situação Profissional dos Pais e das Mães dos alunos

A grande maioria dos pais está empregada. Apenas 36 pais (que corresponde a 11,7%) e 42 mães (13,6%) se encontram em situação de desemprego.

Quadro 5: Partilhas o teu quarto com alguém?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não	220	71,4	71,4
Sim	88	28,6	100,0
Total	308	100,0	

28,6% dos alunos (88 alunos) partilha o seu quarto com mais alguém. A grande maioria (220 alunos, que corresponde a 71,4% dos inquiridos) tem um quarto só para si.

Quadro 6: Com quem partilhas o quarto?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Irmã	30	9,7	9,7
Irmão	41	13,3	23,1
Irmãs	5	1,6	24,7
Irmãos	5	1,6	26,3
Meios-irmãos	1	0,3	26,6
Mãe	1	0,3	26,9
Avó	1	0,3	27,3
Amigo	1	0,3	27,6
Primo	1	0,3	27,9
Tia	2	0,6	28,6
Sozinho	220	71,4	100,0
Total	308	100,0	

Dos 88 alunos que afirmaram partilhar o quarto com alguém, 71 fazem-no com um irmão/irmã. 10 alunos partilham o quarto com mais do que um irmão/irmã. Os restantes 7 alunos partilham o quarto com outros familiares/amigo.

Quadro 7: Tomas habitualmente as refeições sozinho?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não	285	92,5	92,5
Sim	23	7,5	100,0
Total	308	100,0	

Apenas 23 alunos (7,5% do total) assumiram tomar, habitualmente, sozinhos as refeições. Os restantes 285 alunos responderam de forma negativa a esta questão.

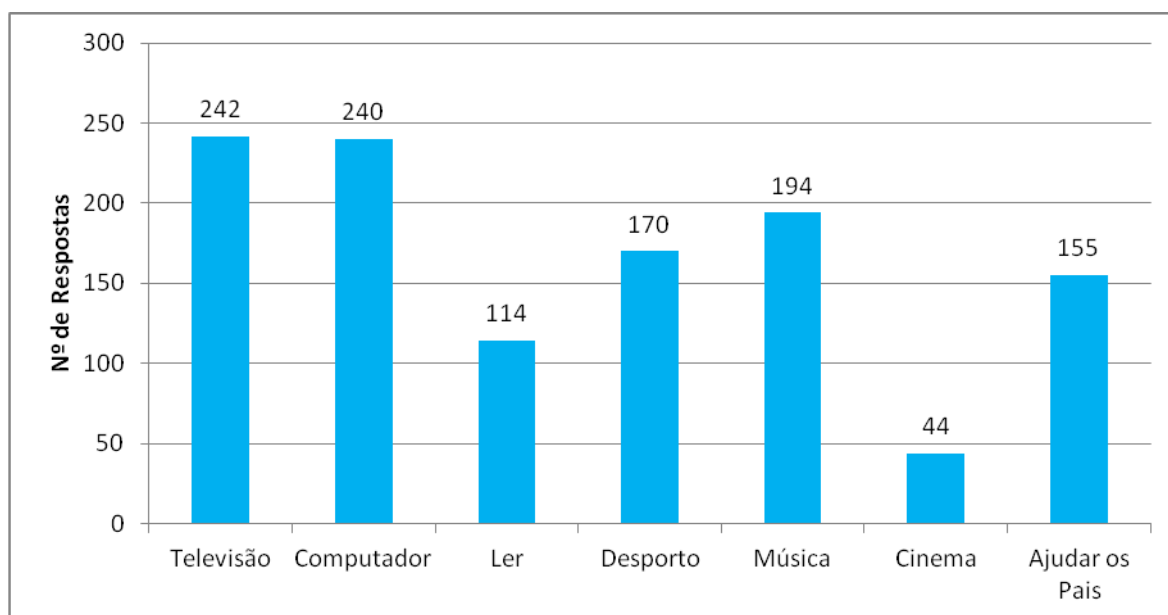


Gráfico 7 – Como os alunos ocupam os tempos livres

Quando questionados sobre a forma como ocupam os seus tempos livres, 242 alunos afirmaram ver televisão, enquanto 66 alunos disseram não o fazer dessa forma. 240 alunos responderam utilizar o computador, 144 disseram ler, 170 fazer desporto, 194 ouvir música, 44 ir ao cinema e 155 ajudar os pais. A televisão e o computador são as formas mais frequentes de ocupar os tempos livres e o cinema seguido da leitura as menos comuns.

Quadro 8: Já tiveste alguma retenção?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não	259	84,1	84,1
Sim	49	15,9	100,0
Total	308	100,0	

Apenas 49 alunos (15,9% do nosso total) disseram já ter ficado alguma vez escolarmente retidos. Os restantes 259 alunos (84,1% do total) afirmaram nunca ter ficado retidos.

Quadro 9: Quantos anos reprovaste?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Uma	31	10,1	10,1
Duas	13	4,2	14,3
Três	4	1,3	15,6
Quatro	1	0,3	15,9
Nunca Reprovou	259	84,1	100,0
Total	308	100,0	

Dos alunos que afirmaram já terem ficado alguma vez escolarmente retidos, 31 alunos disseram que tinha sido uma vez, 13 alunos duas vezes, 4 alunos três vezes e um aluno quatro vezes.

Quadro 10: Este ano letivo és repetente?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não	31	10,1	10,1
Sim	18	5,8	15,9
Nunca reprovou	259	84,1	100,0
Total	308	100,0	

Quadro 11: Tens apoio pedagógico acrescido?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não	35	11,4	11,4
Sim	14	4,5	15,9
NR	259	84,1	100,0
Total	308	100,0	

Não apresentamos análise desta questão, uma vez que temos fortes suspeitas que as respostas não são fiáveis. (Os discentes estão mais habituados a usar apenas o termo “apoio”, no entanto no pré-teste, não tínhamos detetado qualquer dificuldade/dúvida na questão)

Quadro 12: Tens apoio do SASE?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não	224	72,7	72,7
Sim	84	27,3	100,0
Total	308	100,0	

Relativamente ao apoio do SASE, apenas 84 dos 308 alunos, que correspondem a 27,3% dos alunos, afirmaram ter apoio do SASE.

Quadro 13: Como avalias o teu aproveitamento?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Insuficiente	7	2,3	2,3
Suficiente	81	26,3	28,6
Bom	157	51,0	79,5
Muito Bom	63	20,5	100,0
Total	308	100,0	

Quando questionados sobre a forma como avaliam o seu aproveitamento, 51% dos alunos (157 alunos) consideram-no de “Bom” e 63 alunos (20,5%) de “Muito Bom”. 81 alunos (26,3%) avaliam-no de “Suficiente” e 7 alunos (2,3% dos alunos) classificam-no como “Insuficiente”.

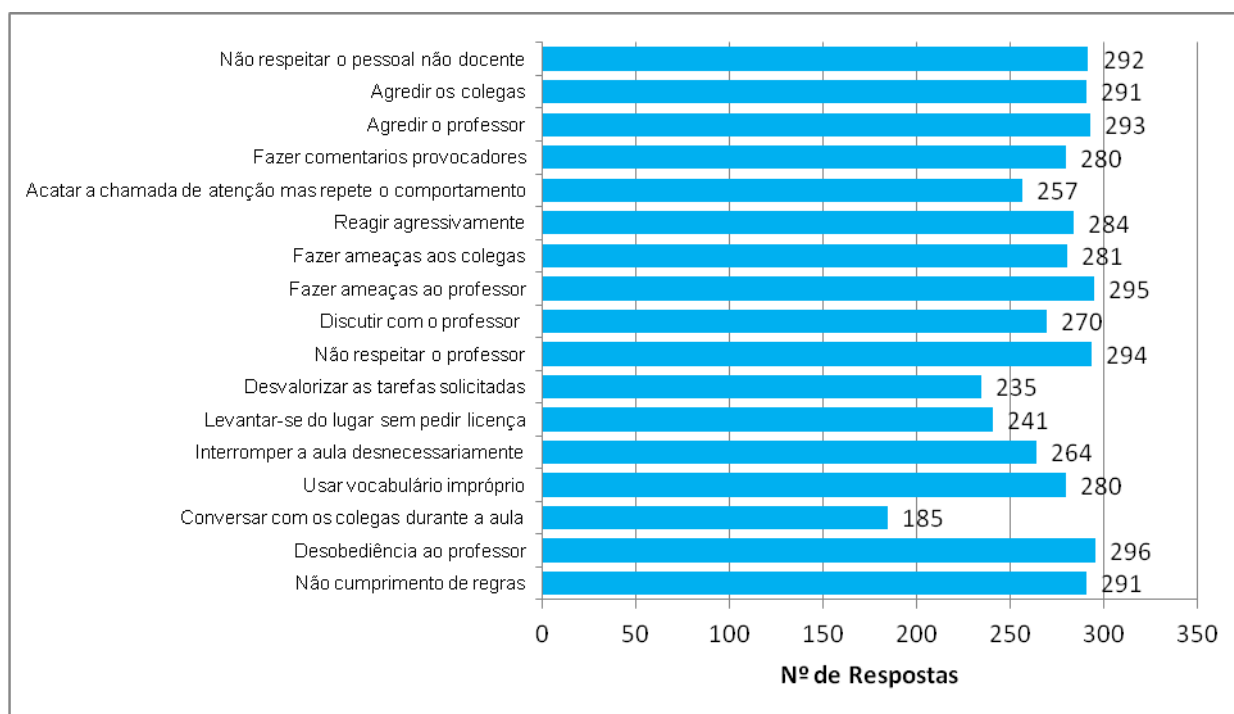


Gráfico 8 - O que é a indisciplina para os alunos?

As respostas dos alunos, no que se refere à sua definição de indisciplina, são relativamente consensuais, existindo contudo algumas discordâncias, ainda que relativamente pouco preponderantes, no que respeita este conceito.

A desobediência ao professor é classificada de indisciplina por 96,1% dos alunos. Não respeitar o professor é também selecionado por 294 alunos (95,5%) e para a grande maioria dos alunos (94,5%), o não cumprimento de regras e agredir o professor são, também considerados indisciplina.

Já o facto de conversar durante as aulas com os colegas divide a opinião dos alunos. Para 185 alunos esta ocorrência é indisciplina, enquanto para 123 (39,9%) não o é. Usar vocábulos impróprios apenas não é indisciplina para 28 alunos (9,1%) enquanto interromper a aula desnecessariamente não é igualmente considerada indisciplina para 44 alunos (ou seja 14,3% do total). Levantar-se do lugar sem pedir licença é encarado indisciplina para 241 dos 308 alunos e desvalorizar as tarefas solicitadas é igualmente considerado indisciplina para 235 dos 308 alunos. Apenas 14 alunos (4,5%) pensam que não respeitar o professor não é indisciplina e 38 alunos consideram igualmente que discutir com o professor também não é indisciplina. Somente 13 alunos (4,2%) referem que ameaçar o professor não é indisciplina e

apenas 27 alunos (8,77%) indicam que ameaçar os colegas não é indisciplina. Reagir agressivamente é considerado indisciplina para 284 dos 308 alunos e 280 alunos entendem ser indisciplina fazer comentários provocadores. Apenas 15 alunos não consideram ser indisciplina agredir o professor, 16 alunos não consideram ser indisciplina agredir os colegas e 16 alunos não consideram ser indisciplina agredir o pessoal não docente.

Os alunos consideram ainda como indisciplina, deitar lixo para o chão ou sujar a escola e não limpar, estragar os materiais da sala, da escola ou dos colegas, roubar um colega ou a escola, sair da sala sem pedir autorização, não respeitar todas regras da escola, estar a brincar na aula, sair da aula sem autorização, não ir às aulas, usar o telemóvel durante a aula, desobedecer a toda a comunidade educativa, nas aulas estar a conversar constantemente, sem se calar, praticar *bullying*, agredir psicologicamente, ter atitudes indisciplinadas com familiares, desrespeitar os pais.

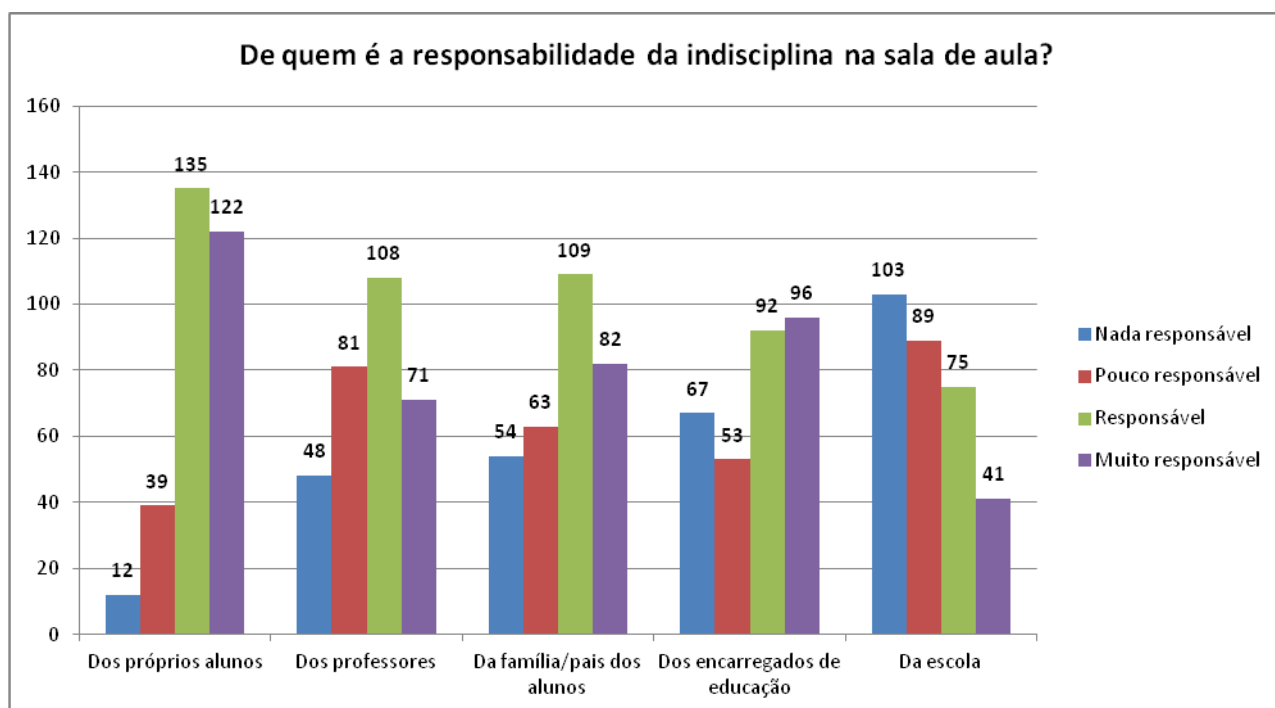


Gráfico 9- Para os alunos de quem é a responsabilidade da indisciplina na sala de aula

Quando questionados “De quem é a responsabilidade da indisciplina na sala de aula?” as opiniões dos alunos são relativamente diversificadas. A responsabilidade dos

próprios alunos é o item que reúne maior consenso. 257 alunos (83,44%) consideram ser os próprios alunos responsáveis ou muito responsáveis pela mesma. Apenas 51 alunos (16,56%) consideram ser os alunos pouco ou nada responsáveis por tal.

Os professores são considerados responsáveis ou muito responsáveis por 179 alunos, ou seja, 58,12% do total. Contudo, para 129 alunos (41,88%) os professores são pouco ou mesmo nada responsáveis pela indisciplina na sala de aula.

Relativamente à responsabilidade da família/pais dos alunos, os mesmos são vistos como responsáveis ou mesmo muito responsáveis por 191 alunos (62,01%) e pouco ou nada responsáveis para 117 alunos (37,99%). Os encarregados de educação são, para 188 alunos (61,04%), os responsáveis da indisciplina e à escola é atribuída apenas a responsabilidade de 37,66% dos alunos (116 alunos).

Quando se questionou se haveria outros responsáveis, os alunos afirmaram que as companhias ou amigos fora da escola podem influenciar negativamente, um aluno disse ainda que “ tanto os professores como os alunos podem perder o controlo da situação, é um facto que os professores perdem as estribeiras com toda a razão, mas por vezes outros alunos, que cometem erros uma vez por outra, sofrem as mesmas consequências, a culpa acaba por ser um pouco repartida, mesmo sendo aluno afirmo que a culpa é um pouco mais nossa.” E outro afirmou que “o professor porque apesar de o aluno ser excessivo pode tentar acalmá-lo e não gritar com ele, ignorá-lo de modo a aprender o que é errado e certo”.

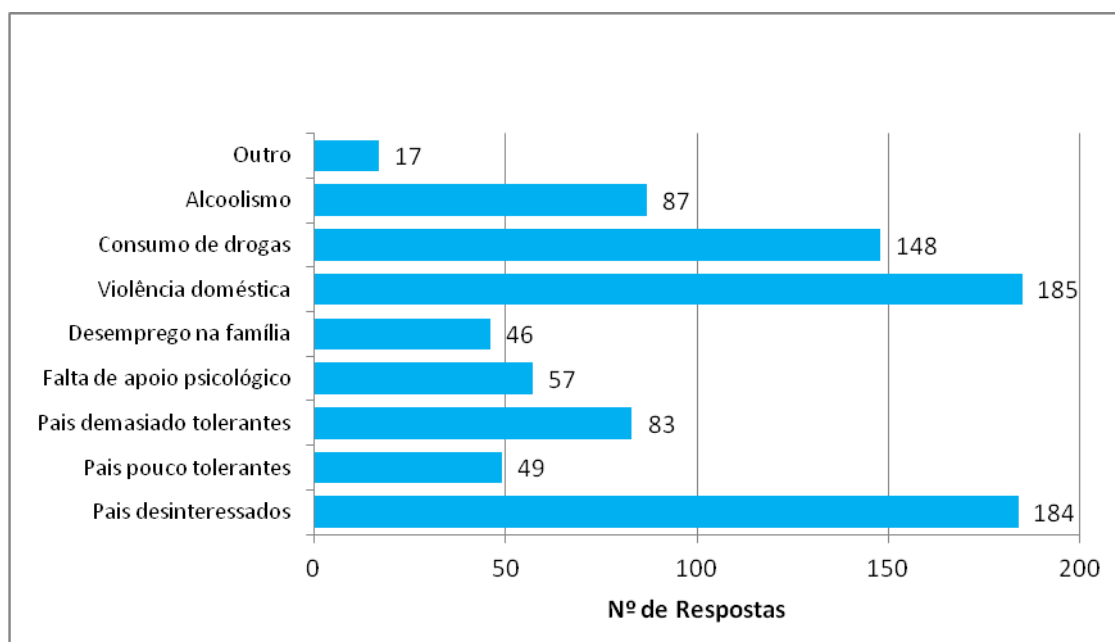


Gráfico 10 - Motivos de ordem familiar que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula

Relativamente aos motivos de ordem familiar que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula, os mais apontados foram: presenciar ou viver violência doméstica (seleccionado por 185 alunos), pais desinteressados (184 alunos), presenciar ou viver consumo de drogas (referido por 148 alunos), presenciar ou viver alcoolismo (87 alunos), pais demasiado tolerantes (83 alunos), falta de apoio psicológico (57 alunos), pais pouco tolerantes (49 alunos) e situações de desemprego na família (referido por 46 alunos).

Os alunos apresentam ainda outros motivos inerentes à família que se prendem com a falta de diálogo entre pais e filhos, a falta de atenção dada aos filhos, a falta de imposição de disciplina por parte dos pais, por vezes os pais nem sabem que os filhos são indisciplinados, pais que não se preocupam com os filhos e dão uma educação incorreta aos filhos, problemas financeiros ou morte de algum parente, excesso de trabalho dos pais, falta de apoio dos pais e da família, pais que não aceitam as opiniões dos filhos e dos professores, pais que não acreditam no que os professores dizem porque os filhos têm um comportamento diferente em casa e na escola, “a falta de incentivo por parte dos familiares, o pouco interesse nas atividades escolares dos educandos, um meio familiar desagradável, o que impede o bom crescimento de uma criança, principalmente, contribui para a infelicidade das crianças.”

Afirmam, também, que a família nem sempre tem culpa do comportamento dos alunos, mas devia dar mais educação, pois isso não compete à escola.

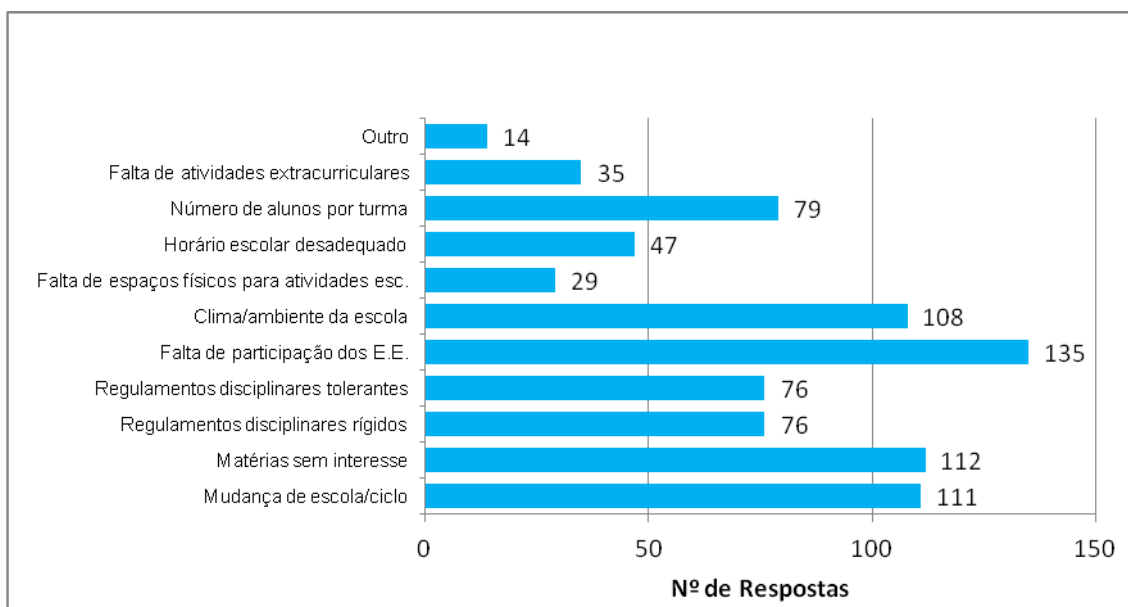


Gráfico 11 - Motivos a nível da escola que podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula

Os motivos a nível da escola que mais contribuem para que os alunos sejam indisciplinados são a falta de participação dos encarregados de educação (referido por 135 alunos), as matérias sem interesse (112 alunos), o clima/ambiente da escola (para 108 alunos), o número de alunos por turma (79 alunos), os regulamentos disciplinares demasiado tolerantes ou demasiado rígidos (para 76 alunos), o horário escolar desadequado (para 47 alunos), a falta de atividades extracurriculares (para 35 alunos), a falta de espaços físicos para atividades escolares (para 29 alunos) e a mudança de escola/ciclo (11 alunos).

A nível da escola, os discentes ainda apresentam como motivos as matérias e as aulas desinteressantes, o facto de os professores não conseguirem cativar os alunos para a aula, o que leva a que esta fique sem interesse, e, conseqüentemente, à indisciplina, demasiada tolerância por parte dos professores, a disciplina que não é dada aos alunos, os mais velhos aleijam os mais novos, não se divulgar bem as regras.

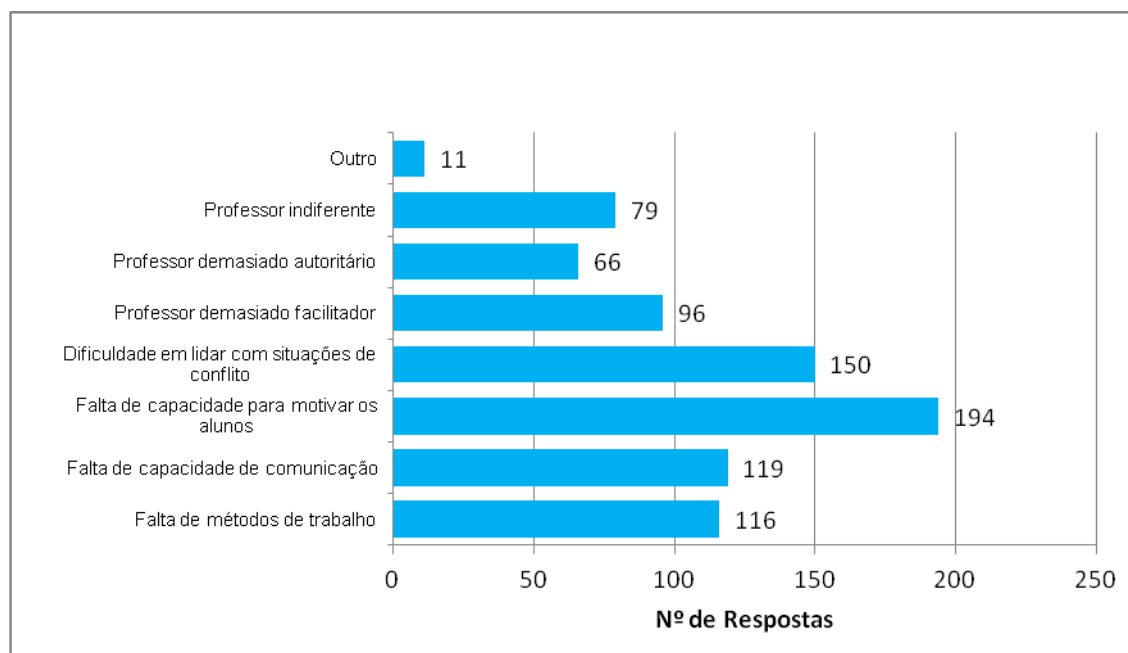


Gráfico12- Motivos ligados ao professor que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula

Relativamente aos motivos ligados ao professor que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula, o mais apontado (referido por 194 alunos, ou seja, por 62,99% dos alunos) foi a falta de capacidade do professor para motivar os alunos. De seguida, 150 alunos (48,71%) indicaram a dificuldade do professor em lidar com situações de conflito. 119 alunos apontaram a falta de capacidade de comunicação do professor e 116 a falta de métodos de trabalho como fatores impulsionadores da indisciplina. 96 alunos referiram o facto de o professor ser demasiado facilitador e 66 alunos demasiado autoritário, bem como 79 alunos o facto de o professor ser indiferente como motivos ligados ao professor que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula.

A propósito de outros motivos que possam estar relacionados com os professores, os discentes referiram a dificuldade que alguns docentes têm em lidar com certos alunos cuja indisciplina é elevada e faz com que os colegas se desconcentrem nas aulas.

Apontaram, ainda, o não respeito pelo aluno, o desinteresse por parte dos professores, “ a professora mandar alunos para a rua sem terem culpa”, “ não controla a aula e faz com que os outros fiquem sem atenção”, “ o professor pode não explicar muito bem”, “ por vezes existem professores que não conseguem tomar rédeas da

situação, acabando por prejudicar o resto dos alunos interessados, para, a aula simplesmente... mas apesar disso sei que a posição deles não é fácil.”.

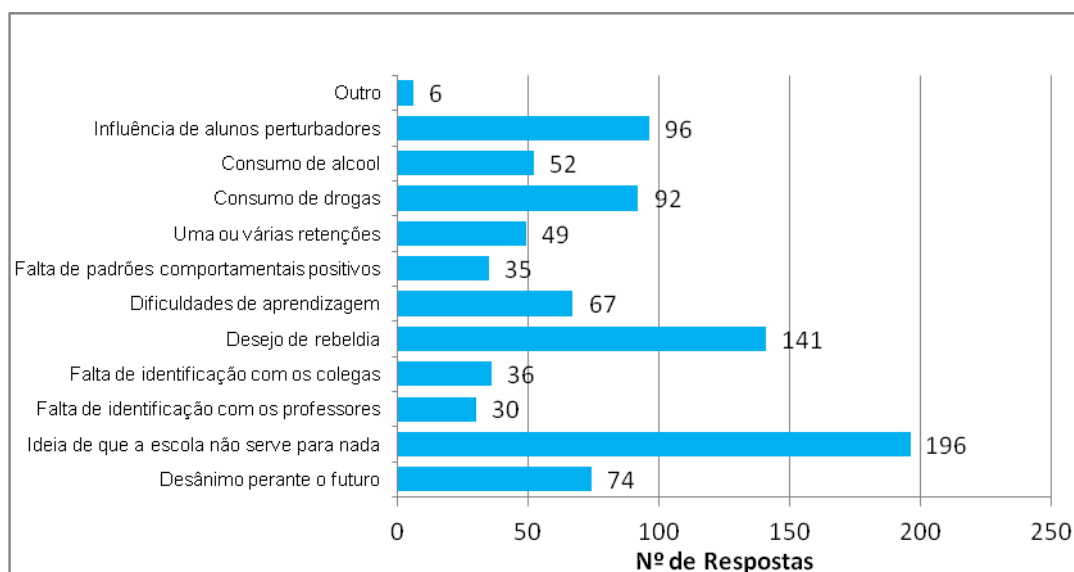


Gráfico 13 - Motivos respeitantes ao aluno que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula

A ideia de que a escola não serve para nada (196 alunos) é o motivo respeitante ao aluno que mais pode contribuir para a indisciplina na sala de aula. Segue-se o desejo de rebeldia (referido por 141 alunos), a influência de alunos perturbadores (para 96 alunos), o consumo de drogas (referido por 92 alunos), o desânimo perante o futuro (74 alunos), as dificuldades de aprendizagem (67 alunos), uma ou várias retenções (para 49 alunos). Para cerca de três dezenas de alunos são a falta de identificação com os professores, a falta de identificação com os colegas ou a falta de padrões comportamentais positivos, os motivos relacionados com os alunos que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula.

Outros motivos apontados prendem-se com o desinteresse pelas aulas e matérias, a falta de motivação e de atenção na aula. O demasiado rigor dos professores que leva à revolta e indisciplina do aluno, a falta de respeito pelos colegas e professores, prejudicando a capacidade de concentração dos outros, os alunos serem preguiçosos, a retenção em vários anos, haver alunos “que não respeitam ninguém além de si próprios.”, “ não gostar das ideias da escola” e, por último, “a influência dos alunos uns para com os outros, que não serve de desculpa. Alguns alunos podem fazer um

esforço para tentar não ligar aos que perturbam... a influência só ocorre quando nós queremos.”.

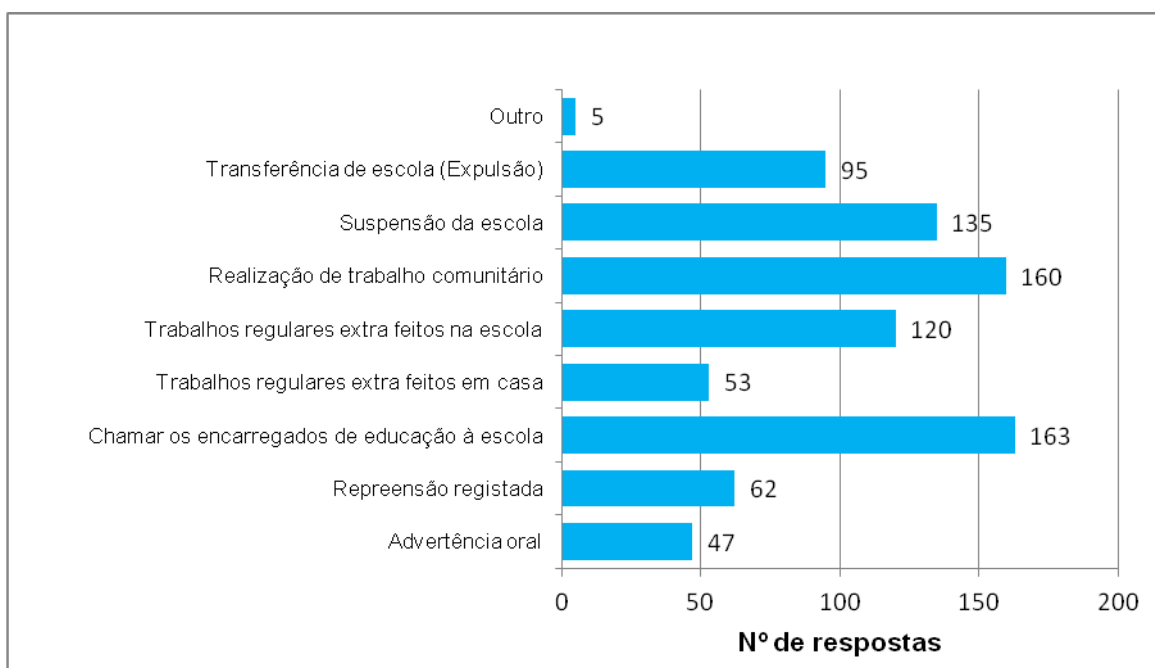


Gráfico 14 - Medidas preventivas/disciplinares que terão maior efeito

Os alunos consideram como medidas preventivas/disciplinares com maior efeito: chamar os Encarregados de Educação à Escola (para 163 alunos), realização de trabalho comunitário (160 alunos), suspensão da escola (135 alunos) e transferência de escola (expulsão). Outras medidas apontadas, embora não tão consensuais, são a repreensão registada (para 62 alunos), os trabalhos escolares extra, feitos em casa ou a advertência oral.

Os alunos inquiridos propõem ainda outras medidas preventivas/disciplinares, tais como mudar o aluno de lugar na sala de aula, (o professor) “mostrar aos alunos superioridade e mostrar que não brinca”, “suspensão da escola, mas durante os dias de suspensão fazer trabalho comunitário na escola ou instituições”, “fazer trabalhos na escola, não só em casa, mas também nas aulas”, “nenhuma das medidas propostas nas respostas anteriores. Se o aluno não tem um comportamento adequado na sala de aula a culpa é do aluno e também do professor. Se o professor não se esforçar para chamar a atenção ao aluno não se pode queixar que o aluno não tem futuro. Acho que os professores deviam falar aos alunos acerca do futuro deles.”.

Quadro 14: N.º de participações/faltas disciplinares no percurso escolar

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
0	227	73,7	73,7
1	20	6,5	80,2
2	13	4,2	84,4
3	9	2,9	87,3
4	5	1,6	89,0
5	5	1,6	90,6
6	3	1,0	91,6
7	1	0,3	91,9
8	1	0,3	92,2
9	1	0,3	92,5
10	4	1,3	93,8
11	3	1,0	94,8
12	1	0,3	95,1
15	1	0,3	95,5
20	1	0,3	95,8
23	1	0,3	96,1
30	1	0,3	96,4
Muitas	4	1,3	97,7
NR	7	2,3	100,0
Total	308	100,0	

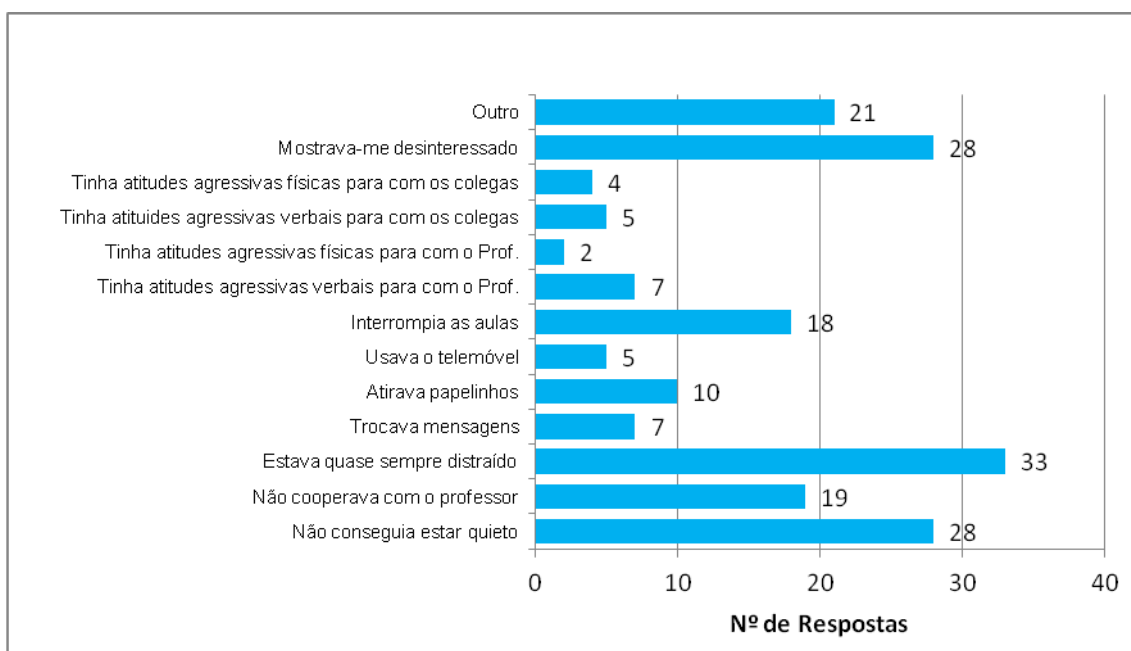


Gráfico 15 - Motivos das participações ou faltas disciplinares

Os motivos das participações/faltas disciplinares foram: estar distraído (33 alunos), não conseguir estar quieto e mostrar-se desinteressado (para 28 alunos), não cooperar com o professor (19 alunos), interromper as aulas (18 alunos), atirar papelinhos (10 alunos), trocar mensagens ou ter atitudes verbais agressivas físicas/verbais com os colegas ou professores (para 5 alunos).

Outros motivos apontados deveram-se a toda a turma ter falta (falta coletiva) devido ao comportamento da turma, a ser muito falador, “emburrância” dos professores, “a professora embirrou comigo” (2 alunos apresentaram este motivo), “discussão entre mim e um colega”, “eu sou uma pessoa que ri muito e o meu riso ouve-se à distância”, “estava chateado pela organização da aula do professor”, “reagia quando me provocavam”, “falavam comigo, eu não respondia mas marcavam falta na mesma”, “fui violenta com uma colega”, “chamar nomes a uma professora”, “falava muito nas aulas” (4 alunos apresentaram este motivo), “não me identifico com o professor”, “nem sempre estava de acordo com o professor”.

Quadro 15: Tens sempre o mesmo comportamento na sala de aula?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	172	55,8	55,8
Não	136	44,2	100,0
Total	308	100,0	

A opinião dos alunos sobre o facto de o seu comportamento ser sempre o mesmo ou não na sala de aula não é consensual. 55,8% dos alunos (172 alunos) consideram ter sempre o mesmo comportamento na sala de aula, enquanto os restantes 136 alunos (44,2% do total) discordam desta afirmação.

Quadro 16: O meu comportamento depende de cada professor?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	105	34,1	34,1
Não	31	10,1	44,2
NA	172	55,8	100,0
Total	308	100,0	

105 dos 308 alunos, consideram depender o seu comportamento de cada professor. 31 discentes (10,1% do total) responderam de forma negativa à questão. Contudo, 172 alunos (55,8% do total) optaram por não responder à questão.

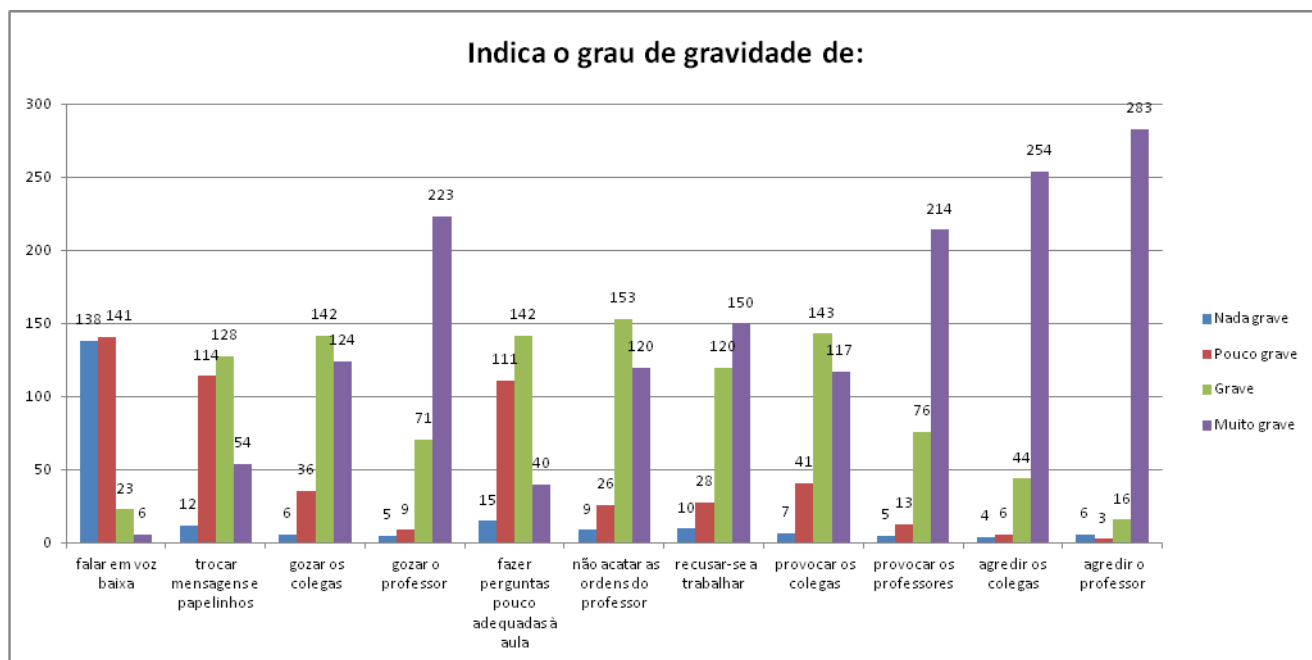


Gráfico16- Grau de gravidade de alguns comportamentos indisciplinados

Da análise do grau de gravidade de determinadas ocorrências destaca-se desde logo como muito grave a agressão ao professor, seguida da agressão aos colegas, o gozar o professor e o provocar os professores. Como grave ou muito grave o provocar os colegas, o recusar-se a trabalhar, o gozar os colegas e o não acatar as ordens do professor. O facto de trocar mensagens e papelinhos durante a aula, bem como fazer perguntas pouco adequadas à aula, divide os alunos entre o grave e o pouco grave. Para os alunos, falar em voz baixa é considerado como uma indisciplina pouco ou mesmo nada grave.

Quadro 17: Quando vieste para esta escola, alguém te explicou como deverias comportar-te?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	217	70,5	70,5
Não	91	29,5	100,0
Total	308	100,0	

A grande maioria dos alunos (70,5%) considerou que quando foi para a escola alguém lhe havia explicado como se deveria comportar. No entanto, 91 alunos (29,5%) consideraram ser lacunar essa mesma explicação.

Quadro 18: Quem te explicou as regras de comportamento na escola?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Direção	7	2,3	2,3
DT	75	24,4	26,6
Professores	34	11,0	37,7
Pais	96	31,2	68,8
Colegas	1	0,3	69,2
Amigos	2	0,6	69,8
Outro	2	0,6	70,5
NA	91	29,5	100,0
Total	308	100,0	

96 alunos (31,2%) consideraram que foram os pais quem lhes explicou as regras de comportamento na escola. O Diretor de Turma é considerado por 75 alunos como a pessoa que lhes transmitiu estas mesmas regras. 34 alunos consideraram ser os professores os responsáveis pela transmissão deste conhecimento. É de registar que 91 alunos (29,5%) não responderam à questão e que os dois que colocaram outro, não escreveram nada.

Quadro 19: Sabes se existe algum Regulamento Interno na escola?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	259	84,1	84,1
Não	49	15,9	100,0
Total	308	100,0	

Apenas 49 alunos (15,9%) afirmaram desconhecer a existência de um Regulamento Interno na escola. Os restantes 259 alunos (84,1%) assumiram conhecer a sua existência.

Quadro 20: Já o leste?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	101	32,8	32,8
Não	158	51,3	84,1
NA	49	15,9	100,0
Total	308	100,0	

Porém, apenas 101 alunos (32,8%) já leram o Regulamento Interno. 158 alunos (51,3%) reconheceram que nunca o leram. 49 alunos não responderam a esta questão.

Quadro 21: Rigor com que se cumpre as regras na escola:

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Muito rigor	69	22,4	22,4
Rigor	209	67,9	90,3
Pouco rigor	30	9,7	100,0
Total	308	100,0	

209 alunos (67,9%) consideram que na sua escola se fazem cumprir regras com rigor. 69 alunos (22,4%) consideram que existe muito rigor e 30 alunos (9,7%) consideram ser pouco o rigor com que se fazem cumprir as regras.

Quadro 22: Com tem evoluído a indisciplina na tua escola?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Tem vindo a aumentar bastante	57	18,5	18,5
Tem vindo a aumentar um pouco	120	39,0	57,5
Manteve-se da mesma forma	112	36,4	93,8
Tem vindo a diminuir	19	6,2	100,0
Total	308	100,0	

A generalidade dos alunos (222) consideram que a indisciplina na sua escola se tem mantido de forma estável ou que apenas tem vindo a aumentar um pouco. 57 alunos (18,5%) consideram, contudo, que a indisciplina tem vindo a aumentar bastante e 19 alunos (6,2%) que a mesma tem vindo a diminuir.

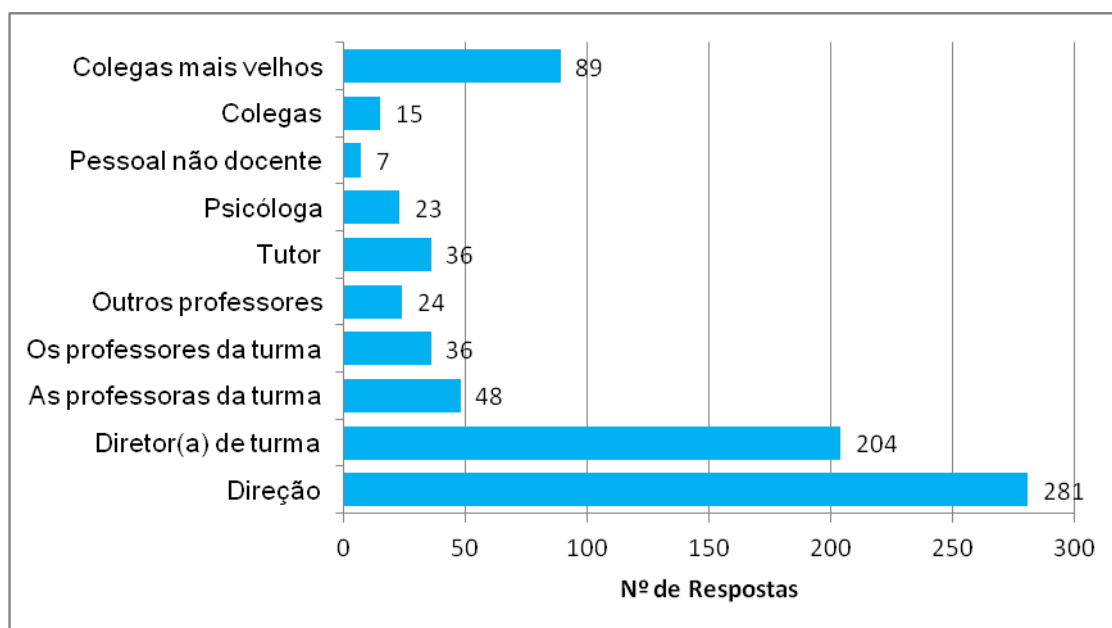


Gráfico 17 - Elementos da escola que os alunos mais respeitam/ obedecem

A direção é o elemento da escola que os alunos mais respeitam/obedecem (281 alunos responderam afirmativamente). Segue-se o diretor de turma, apontado por 204 alunos. Os colegas mais velhos são os elementos seguintes (89 alunos). As professoras da turma são apontadas por 48 alunos, os professores da turma bem como o tutor por 36 alunos, outros professores por 24 alunos, a psicóloga por 23 alunos e o pessoal não docente referido por apenas 7 alunos.

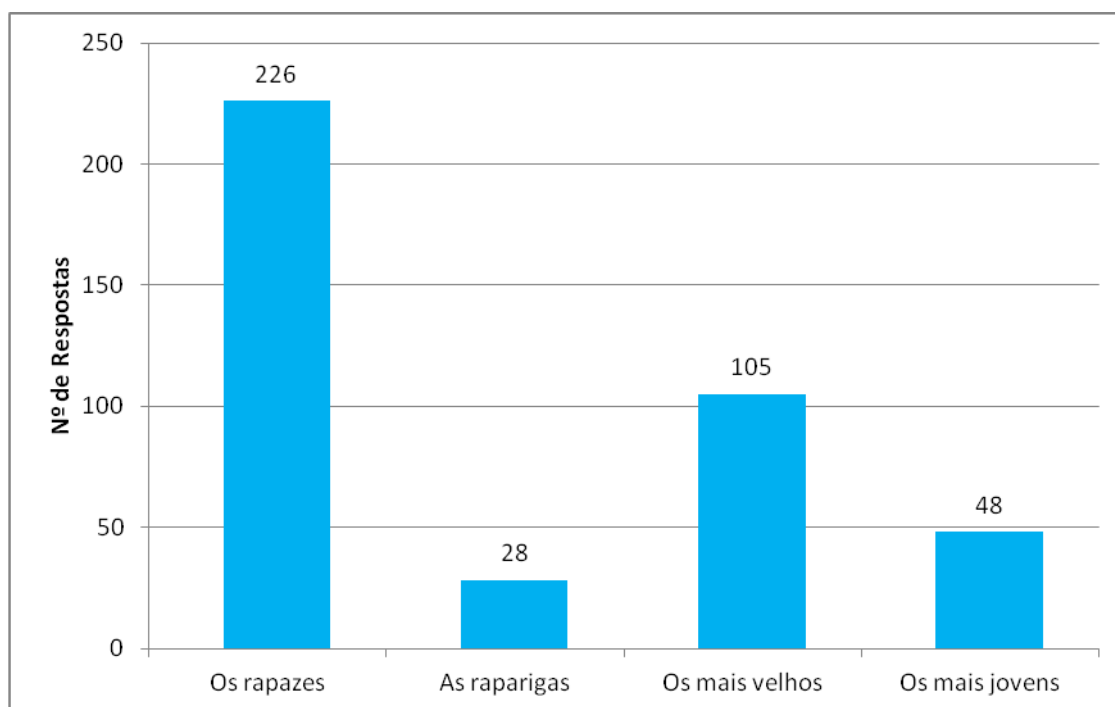


Gráfico 18 - Entre os colegas quem é que os alunos acham que são mais indisciplinados

Tendo em conta a tabela, concluímos que 226 alunos consideram ser os rapazes os mais indisciplinados, enquanto apenas 28 alunos dizem ser as raparigas as mais indisciplinadas. 105 discentes afirmam ser os alunos mais indisciplinados, os mais velhos e 48 alunos, os alunos mais jovens.

Refira-se, porém, a elevada percentagem (50,3%) de respostas em falta para a questão relativa à relação da idade dos alunos com a indisciplina.

Quadro 23: Como te avalias a nível de comportamento?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Muito Insuficiente	1	0,3	0,3
Insuficiente	12	3,9	4,2
Suficiente	64	20,8	25,0
Bom	164	53,2	78,2
Muito Bom	67	21,8	100,0
Total	308	100,0	

Quando solicitada uma autoavaliação sobre o seu comportamento, 164 alunos (53,2%) consideram-no de Bom e 67 alunos (21,8%) de Muito Bom. 64 alunos (20,8%) apenas de suficiente e 13 alunos (4,2%) dizem ser insuficiente ou mesmo muito insuficiente.

Quadro 24: Sentes que os teus pais/encarregados de educação se preocupam com a tua vida escolar?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	299	97,1	97,1
Não	9	2,9	100,0
Total	308	100,0	

Apenas 9 alunos (2,9%) sentem que os seus pais/encarregados de educação não se preocupam com a sua vida escolar.

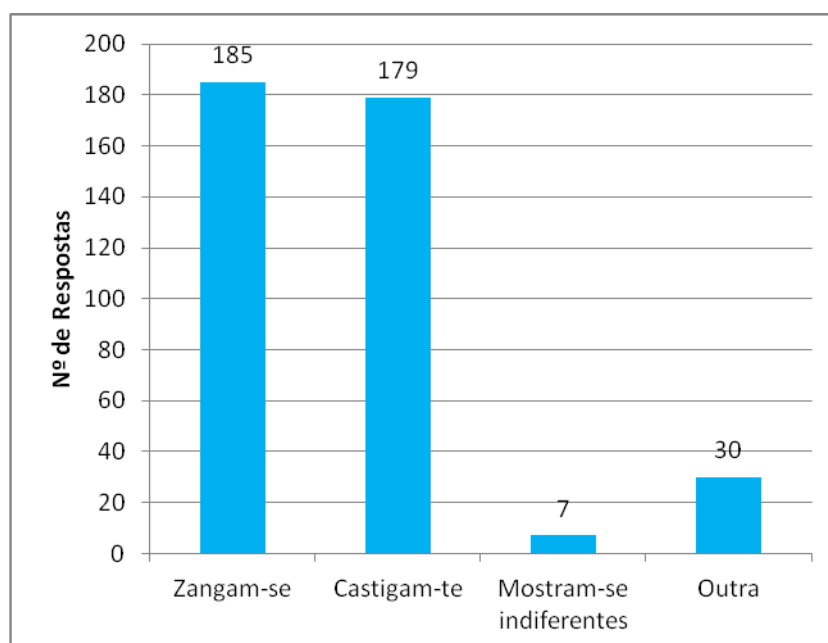


Gráfico 19 - Como reagem os teus pais/encarregados de educação quando és alvo de alguma medida disciplinar?

À pergunta como reagem os teus pais/encarregados de educação quando és alvo de alguma medida disciplinar? 185 alunos (60,06%) afirmaram que os pais se zangam

perante a sua indisciplina. 179 alunos revelaram que os pais os castigavam e apenas 7 alunos afirmaram que os pais se mostram indiferentes com este tipo de situações.

Os alunos referiram ainda que os pais “ficam tristes e desiludidos comigo”, “normalmente não sou alvo de nenhuma medida disciplinar e quando sou, são apenas medidas pouco importantes. Os meus dizem apenas para não voltar a acontecer”, “falam comigo e dizem que não me devo portar mal, só se a indisciplina for muito grave, é que me castigam”, “ ralham bastante” “ repreendem-me verbalmente e, a maior parte das vezes, castigam-me”, “ repreendem-me e incentivam-me a melhorar”, “ dizem-me para tentar não fazer o mesmo”, “ fico sem ver TV”, “zangam-se e tal como eu, aceitam os castigos escolares referidos pelo(a) diretor(a) de turma ou pela direção, “batem-me”, “falam comigo de maneira a apoiarem-me”, “falam comigo e tentam explicar-me que eu errei, que não devia ter feito isso.”, “se for grave, apanho”, “ tentam compreender a minha posição” e “castigaram-me e não posso ir ao campo de férias da minha explicação que vai decorrer este ano.”.

15 alunos referiram que nunca tiveram nenhuma medida disciplinar, mas caso isso acontecesse, provavelmente, os pais zangar-se-iam, colocá-los-iam de castigo, um afirma mesmo que “a minha mãe ficaria fura”.

Quadro 25: Na tua escola são realizadas atividades que pretendem combater a indisciplina no contexto escolar?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	239	77,6	77,6
Não	69	22,4	100,0
Total	308	100,0	

Apenas 69 alunos (22,4%) dizem que a sua escola não realiza atividades que pretendem combater a indisciplina no contexto escolar. Os restantes 239 alunos (77,6%) consideram que a escola promove estas mesmas atividades.

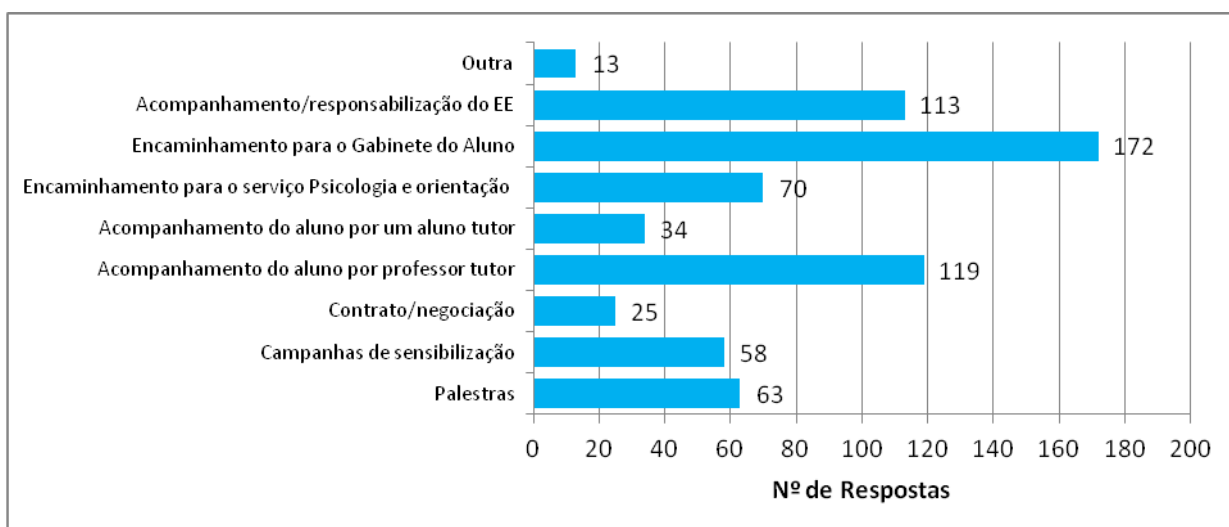


Gráfico 20 - Estratégias utilizadas para combater a indisciplina no contexto escolar

No que se refere às estratégias utilizadas para combater a indisciplina no contexto escolar, 172 alunos apontaram o encaminhamento do aluno para o gabinete do aluno, 119 alunos o acompanhamento do aluno por um professor tutor, 113 alunos o acompanhamento/responsabilização do encarregado de educação, 70 alunos o encaminhamento do aluno para o serviço de psicologia e orientação vocacional, 63 alunos responderam ser as palestras uma boa estratégia, 58 alunos as campanhas de sensibilização, 34 o acompanhamento do aluno por um aluno tutor e 25 o contrato/negociação.

Relativamente a outras estratégias utilizadas na escola para combater a indisciplina, alguns alunos (3) afirmaram não saber, outros disseram que se utilizavam castigos sem concretizar quais, trabalhos práticos sobre indisciplina, serviço comunitário, faltas disciplinares e suspensão, mas que não resulta.

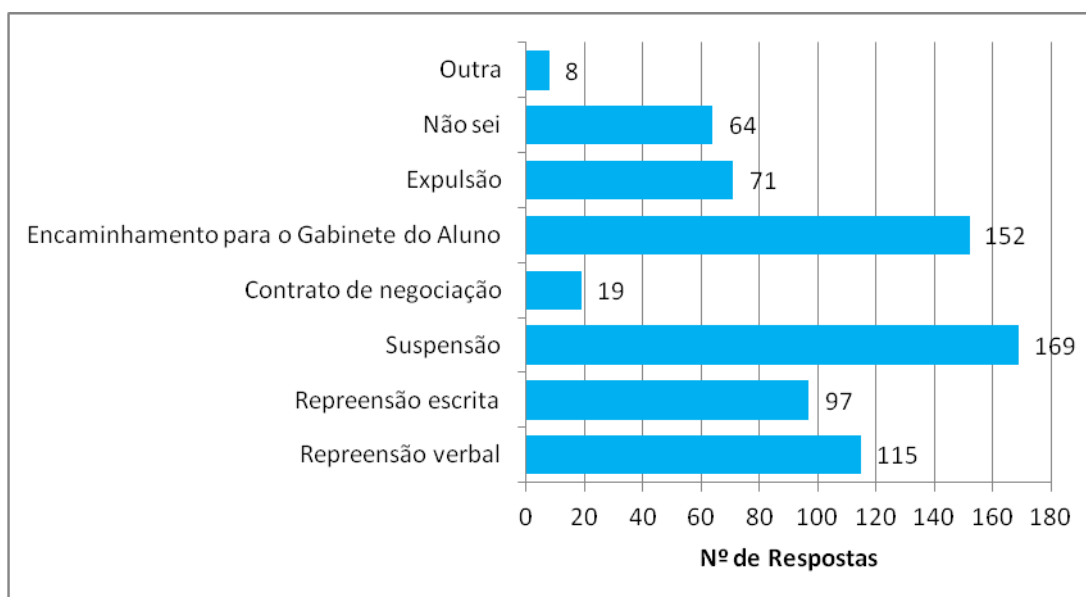


Gráfico 21 - Medidas mais adotadas pela escola nos processos disciplinares dos alunos

Quando questionados sobre quais as medidas mais adotadas pela escola nos processos disciplinares, 169 alunos referiram a suspensão, 152 alunos o encaminhamento para o gabinete do aluno, 115 alunos a repreensão verbal, 97 alunos a repreensão escrita, 71 alunos a expulsão e 8 alunos outra. 64 alunos referiram não saber qual a medida mais comum e estas questões apresentaram um elevado número de “não sei”.

Relativamente a outras medidas adotadas referiram o trabalho comunitário (2), mandar para a rua, nenhuma, participação disciplinar, limpar a escola (2) e trabalho extra.

Quadro 26: Achas que o gabinete do aluno é uma boa estratégia para acompanhamento dos alunos indisciplinados?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sim	212	68,8	68,8
Não	96	31,2	100,0
Total	308	100,0	

Apenas 96 alunos (31,2% do total) não consideram ser o gabinete do aluno uma boa estratégia para acompanhamento dos alunos indisciplinados. Todos os Os restantes (212 alunos) responderam afirmativamente à questão.

Os alunos que responderam “sim” explicaram a sua afirmação com as seguintes justificações: podem refletir sobre o seu comportamento - ” Porque o aluno, após o castigo, já tem consciência que não devia ter feito aquilo que fez”, “Porque este (gabinete) permite ao aluno que se mantenha sozinho a refletir sobre o que fez e se o(a) diretor(a) estiver com esse aluno a ajudá-lo a pensar o que está ele a fazer de mal e o porquê do seu comportamento, poderá conseguir ajudá-lo a alterar o seu comportamento, quer na sala de aula, quer em casa.”, “ Porque faz com que os alunos que têm comportamentos de indisciplina tenham de estar numa sala a pensar sobre as suas atitudes”, “ Porque ajuda o aluno a perceber que errou e que não deve voltar a repetir.”, “porque o aluno tem tempo para pensar nas consequências e no que fez” (mais 21 respostas equivalentes).

Como um espaço onde estão professores que se preocupam, falam com eles e podem ajudá-los. “É um acompanhamento para o aluno, onde ele pode falar sobre o que corre mal ou desabafar algo. Faz com que os alunos mais indisciplinados sintam que se preocupam com eles.”, “porque temos lá professores que se preocupam connosco e nos ajudam a perceber o nosso mau comportamento em sala de aula e nos ajudam também a melhorá-lo”, “Para os alunos se sentirem mais acompanhados”, “porque eles podem falar da sua vida”, “porque aprendem e ajudam os alunos”, “Porque pode-se perceber porque é que eles são assim e porque agem daquela forma” , “ pode ajudá-los, lá estão fora da sala de aula e não se sentem tão superiores”. Espaço onde há apoio, “porque lá têm apoio” (4 semelhantes). Local onde estão mais alunos indisciplinados, “Porque lá os alunos indisciplinados encontram-se e como todos tiveram as mesmas experiências, dão-se melhor”, “porque estão sem os seus colegas e será uma boa forma de trabalharem e se concentrarem”. Local que lhes condiciona o seu comportamento “Porque se forem para a rua sem ir para o gabinete podem fazer asneiras, enquanto se forem para o gabinete, poderão estar debaixo de olho.”, (3 semelhantes) “não passamos o tempo na rua a incomodar as aulas dos outros”, “sim porque se os alunos forem para o gabinete estão a trabalhar enquanto se forem para a rua fazem o que lhes apetecer.”, “Se forem para a rua não fazem nada e isso é o que eles querem, não fazer nada.” (2 semelhantes). “Porque está lá sempre um professor e temos de fazer o trabalho que nos pedem e na sala de aula podemos estar distraídos com outras coisas e também ajuda na reflexão do aluno sobre o que fez”,

“Porque lá têm que trabalhar, se não o fizerem, têm uma falta disciplinar ainda mais grave” e “porque lá estamos mais sossegados e mais atentos.”

A saída para o gabinete permite que os que ficam na aula possam trabalhar – “porque ao irem para lá não prejudicam os que querem aprender.”, “Assim os alunos vão para uma sala para não perturbarem o funcionamento da aula e para trabalharem.” (20 alunos responderam de forma semelhante).

Pensam que os alunos têm de trabalhar e não podem fazer o que querem - 9 alunos.

Espaço que pode ajudar a mudar o seu comportamento “Pois faz-nos acordar para a realidade e que nos devemos portar com disciplina”, “Falamos com os professores que estão lá e ajudam-nos a perceber melhor as coisas”, “Talvez aprendam a comportar-se melhor”, “porque dessa forma os alunos ficam mais cívicos e convivem de outra forma”, “para os ajudar a compreender que ser mal educado e portar mal nas aulas não é o caminho mais correto”, “porque acho que os alunos mais jovens quando vão para lá ganham algum medo e pode ajudá-los a cumprir as tarefas”, “porque acho que os alunos começam a não querer ir para lá porque se trabalha muito e é seca para os indisciplinados e começam a portar-se bem”, “ ensina que se fazemos porcaria vamos fazer trabalhos chatos e mais vale portar-se bem”, “porque como não há pessoas com quem falar os alunos conseguem trabalhar” (2 respostas semelhantes), “é uma forma dos alunos indisciplinados estarem calados, mais calmos e concentrados no trabalho sem barulho”,(15 semelhantes) “ porque começam a portar-se melhor” (7 respostas semelhantes) “quando é encaminhado para o gabinete do aluno pode ser melhor acompanhado pelo professor e pode melhorar o seu comportamento e/ou desempenho escolar.”, (6 alunos),“é um espaço bom para os alunos mal comportados”, “ tem de se escrever o que se fez e porque se pode falar à vontade com o professor orientador”, “cansam-se de irem para o gabinete e começam a portar-se bem”, (5 respostas semelhantes) “Com o gabinete do aluno os jovens tendem a não fazer asneiras e sim a perceber que ir para a rua não é o melhor remédio, mas sim serem disciplinados na sala de aula”, “porque assim aprendem a pensar duas vezes antes fazer alguma asneira”, “ porque, lá o aluno sabe como se comportar melhor com a ajuda de um/a professor/a”, “ porque os alunos indisciplinados aprendem que não devem ser malcriados na aula ou até arrogantes para os colegas ou professores.” e “ Porque é uma forma de ajudar os alunos indisciplinados a perceber o que é a educação”. Para além destes exemplos houve ainda mais 12 alunos que consideram que os discentes indisciplinados mudam a o seu comportamento depois de ter estado no gabinete do aluno.

Os alunos veem também o gabinete como um castigo, “porque os alunos indisciplinados podem ser castigados”, “Porque os alunos afastam-se dos outros, é como um "castigo" e assim talvez fiquem sentidos.”, “para que os alunos tenham consciência do que fizeram pois é como uma sala de castigo”, “ porque quando os alunos vão para a rua, acho que não devem ir fazer o que quiserem mas sim trabalhar, para os castigarem pelo seu mau comportamento” e “ porque têm de ser repreendidos pelo que fizeram” (mais 3 alunos).

Aprendem a comportar-se melhor e é melhor para os alunos, ajuda mesmo a acalmarem-se “serve muitas vezes para acalmar os alunos quando se comportam mal nas aulas” (3 alunos), “Porque acho que se os alunos forem para lá pode ser que aprendam que se devem portar como pessoas civilizadas!!!”, “Porque serve para aluno aprender a comportar-se melhor.” (8 respostas semelhantes) e “porque é o melhor para os alunos” (2 respostas semelhantes).

Os alunos consideram ainda que este espaço cria algum receio nos alunos: “porque ficam assustados e não voltam a fazer a asneira”, “porque ficam com receio”, “ porque é um espaço rígido e disciplinado.”, “Tomam medidas muito severas” e “ ficamos com medo”.

Dois alunos encaram o gabinete como um espaço que pode dar ajuda psicológica porque são depois encaminhados para o gabinete de psicologia.

Alguns alunos declararam que “sim”, mas disseram que não sabiam o porquê (4 alunos) “não sei”, no entanto afirmaram também “não sei, nunca estive lá” e “não sei como funciona, mas parece resultar pelo modo como os alunos voltam de lá.”.

Os alunos reconhecem mesmo que é “um bom método” e “se não conseguimos estar na sala de aula temos de sair.”.

Porém, houve discentes que consideraram que o Gabinete do aluno não é uma boa estratégia para acompanhar os alunos indisciplinados porque vão contrariados e sentem-se revoltados (2 alunos) “os alunos encaminhados para estes locais não precisam de estar fechados numa sala com um professor, só os vai fazer ficar mais irritados e provavelmente mais indisciplinados.”.

Consideram ainda que haveria um maior “aproveitamento se lá estivesse um psicólogo”. Proferem também que mesmo com o gabinete do aluno, os alunos ainda continuam indisciplinados (23 alunos) e que às vezes até piora.

Há alunos (4) que dizem que “Sair da sala de aula é exatamente o que muitos dos alunos indisciplinados querem”, “não, porque os alunos que vão para o gabinete de apoio ao aluno às vezes até gostam porque normalmente quem vai para lá são os que acham a escola uma seca e ficam contentes de sair da sala de aula”, “Porque assim estão “livres” das aulas.”. Os alunos chegam mesmo a “portarem-se mal para irem ao gabinete do aluno.”.

Pensam também que esta estratégia é uma medida “leve” e que precisam de um castigo mais “sério”, pois não é “suficientemente rígido” (5 alunos) e desta forma os alunos “não se sentem castigados” (3 alunos). Nem sequer se preocupam de ir para o gabinete (2 alunos).

Os alunos continuam a revelar desinteresse (3 justificações) e não tem efeito algum (3 alunos), sentem-se até mais desmotivados (2 alunos). Afirmam ainda que alguns alunos fogem dos funcionários antes mesmo de entrar no gabinete (3 alunos).

Consideram ainda que alguns professores que estão no gabinete do aluno “não levam os alunos a perceber que o que fizeram está mal e só acabam os trabalhos da aula de onde foram expulsos. Acho que deviam ser mais rigorosos.” Vários alunos dizem que os alunos que vão para o gabinete mostram-se indiferentes e até “fazem concursos para ver quem vai mais vezes” (2 alunos). Afirmam ainda que há alunos que dizem que “até acham graça ao gabinete”, “porque um dos meus colegas já lá esteve e diz que é muito fixe, pois lá podem fazer o que querem.” (3 respostas semelhantes).

Dois alunos consideram que o gabinete “não serve para nada” porque, “às vezes não há ninguém para receber os alunos” e não “tem dado melhorias”.

Dizem igualmente que “Se os pais fossem chamados à escola teria mais efeito nos alunos.”.

Quadro 27: Já foste encaminhado para o gabinete do aluno?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	41	13,3	13,4	13,4
Não	266	86,4	86,6	100,0
Total	307	99,7	100,0	
NR	1	0,3		
Total	308	100,0		

Apenas 41 alunos (13,3%) afirmaram já ter sido alguma vez encaminhados para o gabinete do aluno.

Quadro 28: Quantas vezes?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
0	1	0,3	0,3	0,3
1	24	7,8	7,8	8,1
2	4	1,3	1,3	9,4
3	4	1,3	1,3	10,7
4	1	0,3	0,3	11,1
5	2	0,6	0,7	11,7
6	1	0,3	0,3	12,1
7	1	0,3	0,3	12,4
12	1	0,3	0,3	12,7
Muitas	1	0,3	0,3	13,0
NR	268	87,0	87,0	100,0
Total	308	100,0		

Dos alunos que responderam afirmativamente à questão anterior, 24 alunos afirmaram ter sido encaminhados uma vez para o gabinete do aluno, 8 alunos responderam 2/3 vezes e 7 alunos, 4 ou mais vezes.

Quadro 29: Gostaste de estar no Gabinete do Aluno?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	12	3,9	3,9	3,9
Não	29	9,4	9,4	13,4
NA	266	86,4	86,6	100,0
Total	307	99,7	100,0	
NR	1	0,3		
Total	308	100,0		

Dos alunos encaminhados para o gabinete do aluno, 29 negaram ter gostado e 12 alunos afirmaram ter gostado desse facto.

Quadro 30: Melhoraste o comportamento desde que frequentas o Gabinete?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	31	10,1	10,1	10,1
Não	10	3,2	3,2	13,4
NA	267	86,7	86,7	100,0
Total	308	100,0		

Dos 41 alunos encaminhados para o gabinete do aluno, 31 consideraram ter melhorado o seu comportamento desde que frequentaram o referido gabinete, enquanto 10 alunos afirmaram não ter melhorado o seu comportamento.

Quadro 31: Consideras que as medidas disciplinares adotadas pela escola são as mais adequadas?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Validada	Percentagem Acumulada
Sim	252	81,8	82,1	82,1
Não	55	17,9	17,9	100,0
Total	307	99,7	100,0	
NR	1	0,3		
Total	308	100,0		

A grande maioria dos alunos, ou seja, 252 alunos que representam 81,8% do total, considera que as medidas disciplinares adotadas pela escola são as mais adequadas, enquanto 55 alunos (17,9%) não as acham adequadas.

Consideram adequadas porque apesar de não serem “medidas demasiado severas, os alunos aprendem com elas e mudam a sua maneira de estar e de se comportar depois de as cumprirem.” (8 alunos), “Porque castiga os alunos ao ponto de fazê-los pensar que não deviam ter feito aquilo que fizeram “ (6 alunos), alguns destes alunos são perentórios em afirmar que “os alunos precisam mesmo de ser castigados”(20 alunos), “Porque são rígidas” (11 alunos) e “Porque ajuda a diminuir os casos de indisciplina ” e os alunos passam a comportar-se melhor (18 alunos). “Porque têm obtido resultados/ efeito” e “alerta os alunos para não repetir o mesmo erro” “raramente voltam a ser indisciplinados da mesma maneira” (25 alunos). Afirmando, ainda, que as medidas são adequadas às diferentes situações de indisciplina, havendo sempre o cuidado de adotar diferentes medidas, dependendo do comportamento de cada aluno (15 alunos). Adjetivam as medidas de “boas” (14 alunos), “justas” (12 alunos) e “não violentas” (6 alunos). Consideram ainda que ajudam os alunos a melhorar o aproveitamento, graças às melhorias do comportamento (3 alunos). Pensam que as medidas corretivas em que se realiza trabalho comunitário são para vários (14 alunos) as mais adequadas, “Trabalhos comunitários, para ajudarem as pessoas a se sentirem melhor com a boa ação que acabaram de fazer”. Veem, também, as medidas como uma forma de refletir sobre os seus comportamentos (6 alunos). Dizem, ainda, que são “corretas porque nos advertem” (5 alunos). “Porque se não houvesse essas medidas os professores não conseguiriam dar aulas”, “ porque os indisciplinados têm de aprender a não se portarem mal”, “Porque, por vezes fazem o trabalho dos pais, mas ajudam os alunos a perceber o porquê de não fazerem e não cometerem mais uma vez aquele erro.”, “Parecem-me bastante adequadas, pois dão a possibilidade aos alunos de ter um futuro melhor.”, “Porque acho que é assim que se deve castigar os alunos que não acatam as regras.”, “Os professores sabem o que fazer, porque já tiveram muitos casos desses e eu confio neles”, “ Porque acho que a escola tem umas assistentes operacionais exigentes e os professores são rigorosos”, “ Porque o diretor da escola consegue «ter mão neles» e tem atenção às medidas corretivas”, “ Porque os alunos respeitam o diretor da escola e respetiva direção.”, “porque sem regras andava tudo uns contra os outros.”, “Porque senão andávamos todos mal comportados”, “Porque fazem sentido”, “Porque visam o melhoramento do ambiente escolar.”, “Porque faz com que os alunos mais indisciplinados pensem duas

vezes antes de serem expulsos.”, “ Porque usam como forma de correção da indisciplina a diplomacia e análise, não o isolamento dos alunos.”, “sim, pois acho que mesmo assim a nossa escola não tem muitos casos de indisciplina, logo é sinal que resulta.” e “ porque para além de os levarem para o gabinete do aluno, alguns são suspensos e é bom porque aí aprendem.”. No entanto, 2 alunos afirmam que “a escola até tenta mas alguns não mudam.” E um diz “porque eu não voltaria a fazer asneiras na escola porque sabia que em casa se soubessem que tinha uma medida disciplinar sobre mim, seria castigado, mas há alunos que não se importam.”.

Mas nem todos os alunos acham que as medidas são as mais adequadas porque as consideram severas e rigorosas (14 alunos) em relação ao comportamento dos alunos e porque a escola devia adotar mais medidas corretivas. Consideram ainda que “o gabinete do aluno não é uma boa opção, mas sim o trabalho comunitário, o chamamento dos pais e a suspensão.” Contudo alguns alunos pensam que a expulsão e a suspensão não fazem efeito nos alunos (6 alunos), “os alunos indisciplinados deviam fazer trabalho comunitário para verem como custa e o que acontece se voltarem a fazer o mesmo erro.” (3 alunos), “ porque os alunos maus continuam maus e os bons estão a ficar maus” e “se for preciso ainda fazem pior” (2 alunos), “porque não vale a pena “porque não concordam com a suspensão” (2 alunos), “porque se portam mal na mesma” (4 alunos). Um aluno afirma que são pouco rígidas. Porém, outros discentes consideram que se deveria expulsar os alunos ou dar-lhes castigos mais severos (3 alunos). Afirmam, ainda, que “a direção não dá a devida importância e não manifesta preocupação.” e “demoram a castigar”. Dizem ainda que “o aluno é expulso volta e irá fazer o mesmo, leva recado na caderneta não mostra ao encarregado de educação e vai para o gabinete do aluno e voltará a fazer o mesmo.”. Há mesmo um aluno que considera que há jovens indisciplinados na escola e ninguém faz nada pelos outros alunos que são sossegados.”. Propõe-se que “deviam trocá-los de turma ou até expulsá-los, pois seria melhor”. Pensam também que “depois de se portarem extremamente mal, os alunos ganham uma suspensão, o que é quase um "prémio", “porque se deveria tentar compreender os alunos e saber se eles têm problemas em casa.”, “porque suspendem muito em vez de tentar "arranjar" o aluno com trabalho comunitário apenas e isso desmotiva os alunos e causa indisciplina”, “não gostei de ser suspenso ”e” porque acho melhor o aluno fazer trabalho comunitário do que ser suspenso ou expulso.”

Quadro 32: Achas que a suspensão é a melhor maneira de combater a indisciplina?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	133	43,2	43,3	43,3
Não	174	56,5	56,7	100,0
Total	307	99,7	100,0	
NR	1	0,3		
Total	308	100,0		

A opinião sobre a suspensão dos alunos divide o parecer dos mesmos. Se 133 alunos (43,2%) consideram ser a suspensão a melhor maneira de combater a indisciplina, 174 alunos (56,5%) discordam ser esta forma de atuação a mais adequada para resolver o problema em questão.

Os alunos que acham que a suspensão é a melhor maneira para combater a indisciplina justificam-se da seguinte forma: “Porque é uma maneira de o aluno compreender que na escola não se pode fazer sempre o que se quer e existem regras.”; “Porque faz com que os alunos que são suspensos, tenham de refletir sobre as suas atitudes para que as possa melhorar” (24 alunos); “por vezes há que tomar medidas drásticas”; “porque os alunos apanham um susto com a suspensão e ganham respeito pelos outros.” (3 alunos); “pode ser que o aluno tome mais consciência.”; “porque dessa maneira aprendem a lição e passam a comportar-se melhor.” (18 alunos); “porque vai deixar o aluno sem os amigos durante algum tempo” (3 alunos); “porque é melhor para todos e assim não perturbam” (5 discentes). Afirmam ainda que, por vezes, mudam o seu comportamento (16 alunos); “Porque quando voltam, chegam mais calmos.” (2 alunos); “ se o aluno já teve outros castigos e não aprende, a suspensão é o melhor remédio.”; “porque têm de aprender” (9 alunos); “ porque podem chumbar por faltas. Um aluno suspenso, quando volta para a escola, pensa antes de voltar a ser indisciplinado” (5 alunos); “ porque mete um bocado de medo”; “Porque é uma maneira de eles se afastarem do mundo em que eles se acham “reis”; ”pois os alunos podem ter uma conversa com os encarregados de educação e também estes podem saber o que o seu educando anda a fazer na escola” (2 alunos); ” porque em casa pode ser que os alunos percebam melhor o que fizeram”; “Eu acho que a suspensão pode ser uma boa medida, pois se o aluno já tiver faltas, esta suspensão pode chumbar o aluno.” (2 alunos respondem de forma semelhante); ” porque as

peessoas ao estarem suspensas pensam nos seus erros”; “porque o aluno tem tempo para pensar no que tem feito ao longo do ano e ajuda a responsabilizar-se pelos seus atos.”; “porque eles têm que ter disciplina”; “Sim porque eles perdem aulas que contam para a avaliação,”; “porque a indisciplina é uma coisa muito grave, portanto não vir uns dias à escola faz muito bem.”; “sim se o caso for muito grave”; “Porque, enquanto estão suspensos, têm tempo para pensar no que fizeram, têm muitos trabalhos de casa para fazer e, provavelmente, os pais castigam-nos”; “assim há menos meninos mal comportados nesta escola”; “porque os alunos assim percebem que não podem voltar a fazer” (2 discentes); “porque os alunos devem ser castigados” (5 discentes); “para o aluno aprender que se tem de respeitar os professores”; “depende, se o aluno ficar na escola durante a suspensão adianta, se não é como umas miniférias.”; “porque assim já não fazem porcaria” (2 discentes); “sim, porque os alunos perdem matéria logo tentam para a próxima ficar atentos para não terem maus resultados”; “para irem arejar e ver que o comportamento deles foi mau.”; “ Porque como os alunos não se querem separar dos amigos esforçam-se mais para não serem expulsos/suspensos.”; “porque depois os pais ficam zangados”; “porque assim aprendemos a não fazer o mesmo.”; “os alunos não voltam a fazer o mesmo” (3 discentes); “Porque eles com a suspensão aprendem a comportar-se melhor e a obedecer aos professores, aos colegas e aos funcionários.”; “porque é das melhores maneiras de chamar à atenção que o aluno realmente se está a portar mal.”; “Porque se o aluno não mostra interesse ao estar na escola, mais vale ser suspenso. Ao ser suspenso, o aluno poderá moderar as suas atitudes, caso não modere, a melhor opção é a mudança de escola.”; “porque assim vão chumbar por faltas e assim enquanto estão em casa não chateiam.”; “Apanhamos um valente susto e assim já não voltamos a fazer o mesmo.”; “ mudam o comportamento para não serem expulsos” (3 discentes); “porque os alunos começam a pensar no que realmente fizeram e melhoram... alguns.”; “às vezes resolve outras não.”. 4 discentes limitaram-se a dizer “porque sim” e 2 “ não sei”.

Porém, muitos alunos não concordam com a suspensão como medida, apresentando o seu desacordo com as seguintes justificações: “Um aluno indisciplinado precisa de acompanhamento e de castigos. A suspensão para um aluno destes até pode não ser algo positivo, voltando à escola exatamente com a mesma atitude.”; “Porque a suspensão só expulsa os alunos por alguns dias, logo estes alunos depois da suspensão voltam a fazer o mesmo, ou talvez pior” (14 discentes); “porque simplesmente fazer o aluno deixar de vir a escola, não o impede de ser mal

comportado”; “Porque os alunos até aproveitam os dias da suspensão para descansarem, o que precisam é de trabalhos duros para aprenderem a lição.” (12 discentes); “A maior parte dos alunos indisciplinados não se preocupam com a escola, portanto a suspensão acaba por ser uma medida não muito eficaz. O que esses alunos querem é passar o mais tempo possível fora da escola.”; “Porque com a suspensão, os alunos podem realizar qualquer que seja a atividade que eles queiram e não se vão preocupar com a escola. Se os alunos que sejam indisciplinados tiverem pais que se preocupem com a sua educação, a sua indisciplina irá diminuir, pois os seus pais teriam, de se zangar e de castigar o(a) seu/sua filho(a) e ele(a) iria compreender que agiu mal. Se os alunos tiverem pais desinteressados, eles vão continuar a ser mal comportados mas, para estes alunos, é necessário que os pais sejam chamados à escola e que os alunos sejam acompanhados por um(a) psicólogo(a), por um(a) professor(a) ou até por um(a) aluno(a) que não se deixe influenciar, para conseguir moderar o seu comportamento. Se um aluno estiver a ser influenciado por outro, cuja influência é negativa, este vai-se aperceber que o seu comportamento é muito mau, pois não está habituado a agir assim, mas apenas reagirá assim se tiver pais interessados, caso contrário, o seu comportamento continuará a ser cada vez mais negativo. Esta ideia, relativa à importância da responsabilização dos pais para que a medida de suspensão tenha sucesso, é reforçada por mais 28 discentes (Responsabilização dos pais e acompanhamento por psicólogo e alunos) afirmam mesmo: “Pois os alunos suspensos limitam-se, quando têm pais tolerantes a jogar computador ou ver televisão, regressando depois com a mesma atitude”. “Porque muitos dos alunos indisciplinados acham que a suspensão é boa, pois passam menos tempo na escola, muitas vezes têm essa opinião devido à falta de apoio dos encarregados de educação.”

“A suspensão não é a medida mais eficaz porque o aluno é suspenso da escola e não tem acompanhamento, quando acabar a suspensão voltará a fazer o mesmo.”; “porque não é sendo suspenso que o aluno vai perceber/corrigir o que fez mal, ainda se vai sentir mais revoltado, mas em alguns casos pode ser bom.” 7 discentes reiteram que a suspensão pode provocar revolta, raiva e que contraria ainda mais o aluno. Consideram, também, que “A suspensão se calhar não é a melhor maneira de combater a indisciplina, pois não é por isso que o aluno vai deixar de ser indisciplinado e, normalmente, volta a fazer o mesmo” (13 discentes). Estes alunos dizem, mesmo, que “não se aprende nenhuma lição” e que não serve para nada “porque um aluno desinteressado até gosta de estar em casa, pois ao suspender um aluno, estão a dar-

lhe dias de férias, são mesmo umas miniférias”. 16 discentes retomam a concepção de ver a suspensão como umas férias, “Porque para alguns alunos é o mesmo que os mandarem de férias mais cedo.” Afirmam, igualmente, que os alunos mal comportados querem é ser suspensos, não se importam sequer (15 discentes) e ficam contentes em ir para casa (11 discentes), até se divertem e veem estes dias como um descanso e não como um castigo (19 discentes), porque não se importam de estar sem aulas (18 discentes).

Pensam, ainda, que “nem sempre é necessário suspender um aluno, pois o problema pode ser resolvido de outra maneira. A suspensão devia acontecer mesmo em último caso” (4 discentes); “Porque alguns alunos veem isso como uma escapatória à vida escolar”, “assim «livram-se» da escola e pensam que ninguém os quer lá e por isso ficam ainda mais indiferentes à disciplina e ao seu futuro.”. Apontam outras formas de combater a indisciplina - “com um aviso verbal.”; com a ida para o gabinete do aluno, com trabalho comunitário (12 discentes); “ Porque esses alunos ao serem suspensos vão para casa e deveriam era trabalhar para saberem o que custa.”; “porque os alunos vão para casa descansar, na minha opinião eles devem fazer serviço comunitário e ter uma repreensão oral, se for muito grave a indisciplina aí deve ser escrita!”: “porque se forem suspensos andam na boa vida, deveriam ser castigados a valer.”; “é melhor dar um castigo na escola como limpar os blocos, um trabalho comunitário”; “porque existem maneiras mais eficazes e porque quando o aluno é suspenso está em casa, por vezes, descansado e a fazer coisas de que gosta.”; “Porque acho que o aluno deve ser chamado à razão de uma forma pacata e para que ele perceba que está a agir mal, se for suspenso só se vai revoltar mais e depois vai ser pior.”; “porque acho que assim só vai piorar a situação, deveria é ser feita uma outra regra para que o mesmo nunca mais na vida se esqueça do que fez.”; “porque querem ficar em casa a jogar e tal e esse tipo de castigo para eles é indiferente, e eu acho que deviam ter outro tipo de castigo, mais pesado!”.

Justificam, ainda, a ineficácia da medida, “porque a revolta dos alunos é maior...para além de que o que alguns alunos querem é ficar longe da escola, para eles isso não é um castigo e essa punição só vai afastá-los mais da escola.”; “porque estar fora da escola durante um ou mais dias não é a melhor forma de fazer ver aos alunos que não se devem portar inadequadamente dentro e fora da sala de aula”; “porque poderão repetir as atitudes para serem suspensos outra vez só por diversão”; “ porque deve-se acompanhar adequadamente o aluno.” (2 discentes); “porque andam à deriva e a fazer

asneiras.”; “Porque quando um aluno faz um erro não podemos logo adotar a medida mais drástica, temos de o fazer ver porque cometeu esse erro e isso não se faz com uma suspensão.”; “acho que não, pois é um procedimento um bocado excessivo, mas no caso de um aluno ser mesmo impossível de se controlar e prejudicar outros pelo seu comportamento acho que é a única maneira”; “porque há outras formas de resolver o nosso mau comportamento.”.

Outras razões apontadas para a não concordância prendem-se com os alunos continuarem a ser indisciplinados e por vezes ficarem desmotivados (12 discentes). 5 discentes dizem que nem sempre a suspensão é a medida mais justa. Consideram, ainda, que só serve para ter faltas, que perdem matéria e chumbam (4 discentes), “porque assim podemos reter o ano”; “porque não se aprende e o objetivo é aprender” que há outras formas de castigo e que é mau. 3 discentes afirmam apenas “ porque não” e um “ não sei”.

Quadro 33: Pensas que os alunos poderiam contribuir para o combate à indisciplina?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	268	87,0	87,3	87,3
Não	39	12,7	12,7	100,0
Total	307	99,7	100,0	
NR	1	0,3		
Total	308	100,0		

Apenas 39 alunos (12,7%) não consideram que os discentes possam contribuir para o combate da indisciplina escolar. Os restantes 268 alunos (87%) julgam poder contribuir para o combate deste problema escolar.

Acham que sim porque “Nestas idades os jovens são bastantes influenciados uns pelos outros e pelo meio em que se encontram.”, “Porque os alunos que são castigados podem ter amigos que os ajudem e lhes digam para não fazer o que não está correto.” (5 alunos); “Porque são os principais responsáveis e outros alunos da turma ou de outras turmas devem ajudar os mais indisciplinados.” (52 respostas semelhantes); “porque os alunos indisciplinados sentem-se mais à vontade com pessoas com a idade próxima.” (12 respostas semelhantes); “Podem dar o exemplo.”; “Poderiam alertar todos os outros alunos que têm uma atitude inadequada.”; “Porque

existem alunos responsáveis e disciplinados, que podem ajudar os outros mais indisciplinados a melhorar o seu comportamento, através de conversas e atitudes.” (16 respostas semelhantes); “antes da direção devem ser os alunos a pensar nas suas atitudes e são os próprios alunos e colegas que devem conversar para poderem melhorar a sua indisciplina”; “Porque são apenas os alunos e os seus pais que podem alterar o seu comportamento na sala de aula e em casa. Os pais não podem esperar milagres dos professores para que o comportamento dos seus filhos seja bom, porque só eles é que se podem aperceber de que o seu comportamento não é adequado e os colegas podem ajudar.”; “porque se tivessem mais educação em casa, portavam-se melhor” (8 respostas onde os pais são responsabilizados); “Os alunos são os que dão o exemplo a outros, por vezes os alunos mais velhos influenciam os mais novos. Acho que os alunos mais velhos deviam fazer mais campanhas de sensibilização.” (5 respostas semelhantes) “porque os mais velhos poderiam avisar os mais novos para se portarem bem.” (2 discentes); “Se não houvesse tantos alunos com a mania que eram mais que os outros, e que podiam gozar com toda a gente... os outros não iriam atrás “; “sim porque cabe-nos a nós mudar!” (5 respostas semelhantes); “Porque é o nosso local de estudo e aprendizagem.”; “Porque acho que é do nosso interesse.” (8 respostas semelhantes); “Deviam falar mais entre colegas e apoiarem-se em problemas familiares para esses problemas não se refletirem tanto nas aulas.”; “Sim, para ajudar aqueles que são novos na escola e que sejam encaminhados para aqueles que são os melhores exemplos escolares.” (11 respostas semelhantes); “sim porque podemos falar e tentar que os alunos indisciplinados percebam que fizeram mal.” (5 discentes); “Sim porque se os alunos fossem mais cooperativos nestas ocasiões, talvez não houvesse tanta indisciplina na escola.”; “Porque acho que é uma boa forma de crescer.”; “Porque assim ficaria uma boa escola e todos se respeitavam e, logo haveria melhor ensino.” (16 respostas semelhantes); “porque se os alunos contribuírem, será muito mais fácil para acabar com a indisciplina nas escolas.” (6 respostas semelhantes); “porque quanto menos indisciplina houver melhor.” (3 respostas); “sim, pois existem alunos muito interessados no seu desempenho, no seu percurso e carreira e valorizam a escola, logo serão ótimos elementos para colaborar com os indisciplinados.”; “porque se todos contribuírem para o combate à indisciplina conseguimos mudar comportamentos. Pois se todos dessem o exemplo, os outros poderiam melhorar” (7 respostas semelhantes); “Porque há alunos que dão mais ouvidos aos colegas que aos professores” (15 respostas semelhantes); “porque se todos se ajudassem a ser melhores pessoas havia menos indisciplina.” (5 respostas semelhantes); “porque nos podemos ajudar uns aos outros para podermos ver o nosso próprio comportamento”; “porque a indisciplina pode ser um problema psicológico do

aluno e/ou pessoal e poderá ter mais facilidade em contar a um colega do que a pessoas estranhas.”; “se os alunos ajudarem a convencer os outros a portarem-se bem talvez estes aprendam.”; “eu ajudo os meus colegas para não se portarem mal.”; “porque há alunos muito bem comportados e podiam ajudar a combater a indisciplina.”; “porque podem dar o exemplo aos alunos que são indisciplinados como devem comportar-se na sala de aula ou fora da escola.”; “porque se os ajudássemos e falássemos com eles, acho que iam compreender o que os professores fazem para eles não serem indisciplinados.” (3 respostas semelhantes); “Os alunos podem combater a indisciplina na escola, porque eles presenciam atitudes incorretas de outros alunos e podem tomar medidas.”; “porque são os alunos que fazem a indisciplina e podem combatê-la dizendo aos seus colegas para não a fazer.”; “porque se conseguíssemos fazer compreender os alunos que se se portassem melhor, não responderem aos professores nem às contínuas, penso que não haveria grande indisciplina.”; “Porque acho que, ao combaterem contra a indisciplina, podem incentivar os colegas a portarem-se bem.”; “para poderem falar na sua situação anterior de indisciplina, caso tivessem mudado o comportamento, para serem um exemplo para os alunos indisciplinados.”; “porque uns aprendem com os outros (nem todos mas a maior parte); “nada melhor que nós para dar as nossas opiniões!”; “Porque há alunos que não ouvem a palavra dos adultos, logo se ouvirem a palavra dos colegas sendo mais velhos ou não, respeitam mais facilmente.”; “se houver muitas pessoas a combater a indisciplina há poucas pessoas a incumprir as regras.”; “porque os alunos percebem os alunos.”; “porque podiam falar com os amigos e sensibilizá-los para o mal que fazem se se comportarem mal.”; “porque era melhor para nós e para os professores.” (3 respostas semelhantes); “porque acho que é melhor aprender com pessoas da nossa idade”; “Porque estão mais presentes em certos casos.”; “Sim, porque se os alunos forem sensibilizados irão ter maior noção dos riscos e consequências dos seus atos e assim sensibilizados, e com noção, os alunos poderiam cooperar com a não indisciplina”; “Sim, porque os alunos mais responsáveis podem falar com os outros e ajudá-los. Os alunos sabem as regras, e todos juntos conseguem muitas coisas.” (3 respostas semelhantes), “ dando exemplo aos mais novos” (3 respostas); “poderiam tentar não permitir que os seus colegas mais próximos tivessem comportamentos desses.”; “porque podem comunicar calmamente entre si sem falta de respeito como muitas vezes acontece entre alunos e professores.”; “ porque ouvem mais os colegas do que os professores” (7 respostas); “porque sabem de casos graves.”; “Sim mostrar aos alunos indisciplinados que necessitam da escola para o seu futuro e com as más atitudes só pioram.”; “Porque se os alunos falarem e desabafarem entre si, iam estar mais bem comportados e

respeitavam-se uns aos outros.”; “Há alunos que são indisciplinados porque se sentem deslocados no grupo e os alunos influentes podiam sensibilizar os outros a portarem-se bem” (5 respostas semelhantes); “porque fica bem nos alunos e conseguem motivar-se uns aos outros.”.

Defendem também que a mudança está mais nas mãos dos próprios indisciplinados demitindo-se em parte do seu contributo, alguns exemplos: “Porque para resultar o aluno tem de colaborar”; “Porque eles é que escolhem se são indisciplinados ou disciplinados.”; “porque eles são os que têm o maior nível de indisciplinados e deviam ser eles a melhorar este comportamento.”; “porque são os alunos que se portam mal é que devem perceber que estão a ir por um mau caminho”; “porque os alunos não querem saber das regras”; “Porque o ser disciplinado depende dos alunos e só eles conseguem tornar-se independentes e ao mesmo tempo educados.”; “Sim, porque a indisciplinados é dos alunos, portanto tem de partir deles a vontade de corrigir esse comportamento”; “se os alunos tivessem mais cabeça das atitudes que fazem e nos ouvissem!”; “Porque os alunos é que são os mais responsáveis pelo seu comportamento” (4 respostas semelhantes); “Porque, "acabar" com a indisciplinados depende principalmente dos alunos.”; “porque nós temos de ser os primeiros a agir”; “porque são a maioria existente numa escola e são eles o sujeito deste tema.”; “porque nós, como mais ninguém, conseguimos dizer quase todos os tipos de indisciplinados.”; “porque vendo bem nós somos os principais beneficiados nesta situação, se fizermos algo que vá contribuir para a escola estamos a ser fiéis, mas algo contrário nunca nos vai diferenciar”; “não deixa de ser uma forma de se ajudar a si próprio.” (6 respostas). Alguns discentes dão justificações que não se adequam à pergunta (15 alunos). Respondem “não sei” (4), “porque sim” (15 discentes).

À pergunta “De que forma poderiam ajudar a combater a indisciplinados?”, os alunos fazem as seguintes propostas: “elaborando trabalhos sobre esses temas.”; “acho que se podia fazer campanhas de sensibilização e conversa entre alunos mais velhos e alunos mais novos.” (5 respostas); “campanhas para a indisciplinados, sendo os mais mal comportados a fazer os trabalhos a partir de pesquisas”; “fazer palestras” (15 respostas); “Os alunos podem realizar palestras, atividades e outras formas de mostrar aos outros alunos que a indisciplinados não faz de nós pessoas e que também a indisciplinados não nos leva a lado nenhum, só nos prejudica.”; “ajudando a que os colegas se portem bem e explicando as regras, fazendo ainda que eles percebam que estão errados” (38 respostas semelhantes); “se por exemplo eles nos provocarem, o melhor a fazer é ignorar e não provocá-los” (3 respostas); “Olhando para os bons exemplos e dando exemplo”; “dando conselhos” (9 respostas); “Podíamos respeitar as

regras de sala de aula, e sermos mais simpáticos com os professores.”; “falando com os seus colegas e repreendendo-os.”; “se os alunos mais indisciplinados estiverem rodeados de outros alunos que os façam ver o mundo de uma forma diferente e mais disciplinada e se o ambiente da escola também for calmo e estável, o aluno tem mais probabilidade de mudar o seu comportamento.”; “Ajudando por exemplo, dando explicações sobre as matérias das disciplinas que acham mais difíceis”; “Desde que se portem adequadamente na aula e não encorajem o mau comportamento eventualmente vão influenciar os outros. Pode-se ainda apelar para o bom comportamento.”; “Através de conversas no dia – a - dia, de atitudes, e pelo simples facto de os alunos indisciplinados conviverem com outros alunos, que são mais disciplinados, assim o seu comportamento vai ser influenciado, de uma maneira melhor.”; “Ajudando e sensibilizando através do diálogo com o indisciplinado” (2 respostas); “avisando os alunos que não é a forma mais correta de se integrarem nos grupos.”; “Criando atividades ou campanhas de sensibilização.” (3 respostas); “apoiando mais os alunos indisciplinados e ajudando-os a perceber que não é o melhor caminho!”; “falando com os colegas, chamando-os à atenção e dizendo que já não são crianças, mostrando que estão errados.” (32 respostas semelhantes); “respeitando-se uns aos outros.”; “falar com eles para não serem mal-educados, não desrespeitem os professores e colegas em contexto de sala de aula.”; “existindo entreajuda entre os alunos para melhorarem o seu comportamento.”; “vendo filmes que indiquem que a indisciplina é um mau caminho.”; “dizendo que não devem fazer isso, pois os pais vão ficar tristes e preocupados.”; “Apelar-lhes para que parem.”; “Dizendo-lhes que não podem ser indisciplinados e que têm que respeitar os professores e as auxiliares.”; “Todos juntarem-se e comunicar à direção.”; “se os alunos falarem e desabafarem entre si, iam estar mais bem comportados e respeitavam-se uns aos outros melhor”; “fazer sessões atrativas.” (3 respostas); “conversar com eles e ver o que precisam e depois pedir ajuda aos DT.” (6 respostas); “Avisando os colegas da sua turma e fazendo cartazes e espalhar por toda a escola para sensibilizar para este problema” ;“ fazer teatros ou seja explicações do que não é bom para o futuro de cada um de nós.”; “comunicar calmamente entre si sem falta de respeito como muitas vezes acontece entre alunos e mesmo professores.”; “produzir cartazes, trabalhos escritos e jogos sobre a indisciplina.”.

Volta-se também nesta pergunta a valorizar o papel dos encarregados de educação, “Se os encarregados de educação castigarem os seus educandos quando são indisciplinados na escola, tudo correria melhor.”; “Estudar mais e respeitar os professores, ou então terem mais acompanhamento em casa.”; “Com a ajuda do

agregado familiar, os alunos conseguem tornar-se mais disciplinados, levando algumas repreensões e ouvindo e compreendendo quem lhes explica o que está mal.”; “Falando mais no assunto em casa”; “reuniões entre pais e alunos ou seja respetivos educandos e professores dando opiniões de como melhorar a indisciplina.”.

Mais uma vez afirmam que são também os alunos que devem ajudar a alterar a situação, alguns exemplos: “Os alunos têm de se esforçar para fazer algo da sua vida, porque sem trabalho não se vai a lado nenhum e, os alunos não podem deixar de trabalhar, têm que se esforçar na sua vida pessoal e na escola porque se o fizerem podem ter uma vida melhor. Se os alunos forem mal comportados terão de realizar trabalhos e vão ter de ser eles a conseguir descobrir o seu trajeto de vida.”; “alterando o nosso comportamento.”; “mudando o seu comportamento, sendo mais educados, respeitando e ajudando-se uns aos outros, poderiam também parar de perturbar as aulas.”; “portando-nos melhor” (3 respostas); “tendo autodisciplina e não fazendo disparates”; “não nos portarmos mal para não atrapalharmos as auxiliares adotando melhores atitudes na sala de aula.”; “Demonstrando interesse pelas aulas, estando mais atento, e evitando ser incorreto para os professores.”; “se pensassem no futuro e respeitassem as regras portando-se bem e tirando boas notas.”; “melhorando o nosso comportamento”; “respeitar todos” (7 respostas); “portando-se melhor” (9 respostas); “Tomar comprimidos para a concentração.”. Dezanove alunos responderam – “não sei” e 2 disseram que não percebiam a pergunta, houve ainda 6 alunos que não responderam ao pedido.

Ainda a propósito da possibilidade de os alunos contribuírem para o combate à indisciplina, houve alunos que acharam que não podem “Porque isso é uma coisa que tem que vir dos professores, se os professores começarem a dar melhores aulas acaba-se a indisciplina.”; “porque o professor é que comanda”; “Porque os adultos (pais e professores) é que devem contribuir para o mesmo”; “porque acho que é à direção que cabe esse papel”; “quem tem essa responsabilidade são os docentes mais velhos.”; “A maior causa da indisciplina é mesmo a permissão dos professores mais tolerantes e que dão aulas há pouco tempo.”; “porque são os alunos que criam o seu próprio caminho e ninguém deve tentar parar.”; “porque acho que para o aluno se comportar melhor tem de ser por iniciativa própria”; “porque não se devem meter nos problemas dos outros.”; “porque não sabemos como o fazer.”; “porque o problema não é deles.”; “porque por vezes não têm maturidade para essa tarefa.”; “Porque acho que os alunos não o conseguem fazer.”; “Porque muitos deles têm medo dos mais velhos e dos repetentes”; “é uma perda de tempo”; “porque se os alunos não respeitam os professores também não ligam aos colegas”; “porque há muitos alunos

indisciplinados.”; “porque os outros alunos não iam ligar-lhes.” (2 respostas); “porque não devem.”; “Porque não estão interessados nisso.” (3 respostas); dois alunos disseram “porque não”, um que “não sabia explicar” e 5 “não sei”.

A última pergunta do questionário, completamente aberta, tinha como objetivo saber que estratégias os alunos sugeriam à Direção da escola para combater a indisciplina. Surgiram assim as seguintes propostas:

- a direção podia perguntar aos alunos o que gostam e o que não gostam na escola e tentar perceber e, ao mesmo tempo, também tentar que a escola possa mudar alguma coisa para ser um melhor sítio onde os alunos se sintam melhor;
- a direção podia tentar compreender o aluno e ajudar de uma forma mais fácil, em vez de suspender ou pôr de castigo só vai mesmo piorar a situação;
- Mais acompanhamento psicológico;
- Ter o cuidado de integrar os alunos nas turmas e na escola;
- Mais seguranças nas horas dos intervalos entre as aulas;
- Mais medidas corretivas (por exemplo: expulsão e processo disciplinar);
- Ver do ponto de vista do aluno e perceber o que está mal;
- Devem expulsar os alunos após 3 delitos graves. E não quero dizer colocá-los noutra escola qualquer, mas sim numa com um regulamento muito mais exigente e intolerante perante a indisciplina;
- Na minha opinião a disciplina/indisciplina dependem muito da educação que cada um teve, e do ambiente familiar de cada um;
- Acho que existem certos alunos que por mais medidas que sejam tomadas para melhorarem o comportamento, não vão melhorar. Ou porque não se preocupam com a escola e não pretendem ter um futuro com qualidade, ou então porque os seus pais não tomam atenção à vida escolar e pessoal e os alunos sentem-se frustrados, e talvez por isso não queiram saber do seu futuro;

-
- Penso que aquilo que a Direção poderia fazer é continuar com as medidas de punição (suspensão/expulsão), que apesar de eu não concordar com a suspensão, penso que deve ser realizada, porque se um aluno for suspenso várias vezes, há de chegar uma altura que se cansam de ser suspensos e tentem melhorar o seu comportamento para com os outros;
 - Os professores devem continuar a repreender os alunos na sala de aula, quando existe indisciplina;
 - Sugeriria que a Direção da escola convocasse os pais ou o encarregado de educação para informar da indisciplina do seu educando e ver qual a solução para resolver este problema;
 - A Direção poderia ordenar aos alunos mal comportados para realizarem projetos para ajudar não só no bom funcionamento da escola como também no bem-estar dos funcionários, professores e alunos;
 - Se por acaso o aluno costumar ser bem comportado e o erro tiver sido extremo, a suspensão seria adequada, mas no caso de os alunos estarem constantemente a agir mal a suspensão não deveria ser feita mas sim trabalhos comunitários e trabalhos extras para as disciplinas, pois se fosse aplicada a suspensão a estes alunos, eles iriam gostar de estar em casa ou a passear, enquanto aqueles que têm pais que se interessam, provavelmente iriam castigar o seu educando e esse ficaria em casa e triste a refletir sobre o que fez;
 - A realização de atividades extra curriculares obrigatórias, mais palestras para a sensibilização dos alunos sobre a indisciplina, mais facilidade de suspensão dos alunos;
 - Fazer debates entre alunos, campanhas de sensibilização, existência de mais psicólogos ou tutores para os alunos mais problemáticos;
 - Fazer palestras com os pais e com os alunos sobre a indisciplina, direitos e deveres dos alunos (12 respostas);
 - A direção falar com os pais;
 - Estar mais atento ao que se passa;
 - Maior repreensão e alteração das medidas corretivas;

-
- Exames extra para quem se portasse mal;
 - Avisos verbais e trabalho comunitário;
 - Mais castigos e trabalhos e mais suspensões;
 - Trabalhos comunitários em vez de suspensão;
 - Mais trabalhos escolares e trabalho comunitário mais exigente;
 - Aumentar o número de trabalho comunitário e de suspensões;
 - Tudo o que já fazem, ou seja, trabalho comunitário;
 - Fazer trabalhos para serem expostos na escola sob o supervisionamento de um professor;
 - Fazer atividades mais interativas com os alunos, de modo a motivá-los mais e fazer com que os professores motivem mais os alunos;
 - Para alunos indisciplinados: - Trabalho comunitário durante uma semana; - Suspensão durante 3 dias;
 - Para alunos extremamente indisciplinados: - Trabalho comunitário durante duas semanas e se voltassem a repetir – Expulsão;
 - Haver mais trabalho comunitário (44 respostas iguais);
 - Terem que relatar o que fizeram mal para os obrigar a pensar sobre o assunto;
 - Dizer aos pais para nos porem de castigo;
 - Ajudar os alunos, dizendo aos encarregados de educação para os chamarem a atenção;
 - Dar mais suspensões (35 respostas);
 - Dar mais castigos - Aplicar castigos mais severos/ rigorosos/rígidos (38 respostas);
 - Tempo de castigo na escola fora do horário escolar;
 - Mudar de escola (2 respostas);
 - Expulsão (16 respostas);

-
- Dar mais valor aos alunos, e não pôr tantas regras que só vai fazer com que nós queiramos passar por cima delas;
 - Falar com os alunos e encarregados de educação, dar mais apoio a esses alunos;
 - Maior controlo das situações mais graves, e apoio aos alunos em questão;
 - Em casos graves, suspensão durante alguns dias e em caso muito grave expulsão;
 - Que se deixasse de meias medidas e os expulsasse da escola durante um tempo ou transferi-los para outra escola;
 - Ter aulas muito mais rígidas com professores mais rígidos para impor respeito e acabar com a indisciplina dos alunos (2 respostas);
 - Conversar com os alunos (3 respostas);
 - Deveriam ter mais rigor e não devem ter medo das reações dos alunos ou da família, creio que só assim conseguimos combater a indisciplina na escola, ou seja tornamo-la menor;
 - Chamar os pais à escola e dando castigos/ responsabilidades aos próprios pais que fizessem trabalhos com os filhos sobre indisciplina;
 - A direção tinha de andar “mais em cima” do aluno e repreendê-lo. Para ver se o aluno percebe que não deve fazer asneiras;
 - Fazendo turmas com as pessoas que se portam pior e dando apoio a essas pessoas (2 respostas semelhantes);
 - Nos intervalos os alunos que se portam deveriam ir para o gabinete do aluno;
 - Os professores não deviam tolerar a indisciplina. Há professores que deixam e depois os alunos ganham muita confiança (não tem a ver com a direção);
 - Mudanças de turma e acompanhamento psicológico;
 - Os alunos com mais participações e faltas de material e de presença irem a tribunal com o diretor ou até ficar em suspensão 3 meses;
 - Mais visitas às salas de aula por parte da direção e de surpresa;

-
- Mandar o aluno para outra turma em caso de faltas ou até de mau comportamento por causa da turma;
 - Falar com os pais para retirar os passatempos de casa e dizer aos alunos para corrigirem o seu comportamento para recuperarem os seus passatempos;
 - Comunicações ao encarregado de educação mais eficazes;
 - Chamada do encarregado de educação à escola;
 - Os professores e diretores de turma deveriam abordar com os alunos a indisciplina na escola. Incentivar os professores a não serem tão benevolentes e aplicarem com mais regularidade as medidas de indisciplina propostas pela direção;
 - Recompensa para quem tivesse boas notas (que não fossem caras financeiramente), assim tenho a certeza que os alunos se empenhariam mais e obteriam melhores resultados;
 - Pedirem aos pais, ou até mesmo aos Enc. Educação para os alertar;
 - Cativar os alunos para se portarem bem de uma forma divertida e fixe;
 - Terem mais atenção às coisas que acontecem no intervalo;
 - Separação de blocos por idades;
 - Fazer uma apresentação de um trabalho sobre a indisciplina;
 - Mostrar calma e serenidade e ter apoio psicológico para oferecer;
 - Que respeitassem os alunos;
 - Repreensão oral e a Diretora de Turma convocar os EE;
 - A direção devia não pressionar muito os alunos mas também não os deixar muito à solta! Podendo também fazer castigos, como levar para um gabinete com os pais e o diretor ou outro membro da direção e depois deixar que o miúdo fale e diga em frente aos professores o que fez;
 - Para quando os alunos se portarem muito mal, pô-los de castigo;
 - Penso que a direção, em conjunto com os outros professores, deve decidir o melhor para a escola;

-
- Fazer mais regras justas, mas rígidas para os mais indisciplinados (4 respostas);
 - Dar livros aos alunos sobre o tema;
 - Ajudar os alunos a perceber que o que fizeram estava mal (10 respostas);
 - Criar aulas só de pessoas mal comportadas e tentar fazer delas pessoas dignas perante a sociedade;
 - Pelo que oiço o diretor da escola tem boas estratégias, é compreensivo e tem muita ligação com os alunos, por isso não tenho sugestões;
 - Suspende aqueles malditos ciganos, repetentes e os brasileiros mais velhos desta escola e não os deixar entrar novamente na nossa escola, pois nós não temos de acatar com esses bandalhos;
 - Usar mais o gabinete do aluno (11 respostas);
 - Por exemplo, manter os alunos sempre ocupados, ter várias atividades interessantes para eles! Ou seja ocupando a cabeça deles pelo menos por um tempo, eles não fazem asneiras!;
 - Convidar pessoal do Ministério da Educação para incentivar os alunos ao bom comportamento durante as aulas;
 - Arranjar uma psicóloga para acompanhar o aluno até este perceber o que terá de fazer para melhorar o comportamento e apenas deixar de o acompanhar quando este melhorar;
 - Não ter intervalos e ficar a apoiar as funcionárias;
 - Ajudar os professores e auxiliares no que mais precisarem. (2 respostas);
 - Fazendo campanhas;
 - Teatros ou trabalhos de apresentação sobre a indisciplina e como combatê-la;
 - Arranjar uma sala dos castigos, onde ficassem com um professor sério, em silêncio durante algum tempo;
 - Sentar-se a ouvir um gravador a dizer que não se devem portar mal e depois quando sair do local dizer o que ouviram;

-
- Ter uma conversa com a diretora de turma e com o diretor da escola e ter uma sala de castigo para os alunos mal comportados, onde possam fazer trabalhos extra e estar em silêncio;
 - Mandá-los para um colégio interno;
 - Tentar conversar com os alunos sobre o que eles andam a fazer, se eles tivessem faltado ao respeito aos docentes e não docentes deviam-lhes perguntar o que aconteceu e ouvir a sua parte da história e depois de ouvir a parte da história do aluno e tentar perceber o que aconteceu, ouvir as duas versões da história até ao final sem interromper;
 - Mandar os encarregados mais vezes a escola;
 - Primeiro chamava os encarregados de educação, depois se eles continuarem levavam suspensão e se continuarem seriam expulsos;
 - Por exemplo: tentar minimizar o problema, e não castigar em dobro o aluno. Tentar usar a diplomacia, e colocar os alunos em atividades curriculares;
 - Tolerar menos alguns atos, ter um regulamento um pouco menos rigoroso para os alunos não se sentirem tão presos e para diminuir a vontade de rebeldia;
 - Levar os alunos perante a direção e repreendê-los para que consigam refletir sobre os seus atos;
 - Estar um ou dois elementos da direção nos intervalos a ver quem faz asneiras e suja a escola todos os dias;
 - Alunos tutores;
 - Atividades em grupo (mas turmas mistas e anos mistos);
 - Fazer muitos trabalhos sobre a indisciplina, jogos para aprendermos a não fazer muita indisciplina;
 - Serviço comunitário todo o ano e não só uns dias;
 - Mandar alunos para professores tutores para melhorar o seu comportamento;
 - Professore(s) que fale(m) com os alunos indisciplinados;
 - Escolher os professores com mais empenho para com os alunos;

-
- Ter aulas particulares com professores;
 - A Direção deve cumprir as ameaças;
 - A melhor forma de combater a indisciplina é responsabilizar e avisar a família dos alunos mais problemáticos, por isso deve haver mais ação na resposta a este tipo de situações e contactar constantemente os encarregados de educação;
 - Tentar aprofundar cada situação vindo de diferentes pontos de vista, tomando as medidas apropriadas ao caso;
 - Conhecer melhor os alunos, estarem mais próximos e fazerem cumprir os castigos que impuseram;
 - Fazer mesmo cumprir o que ameaçam;
 - Nenhuma. A direção está a fazer um ótimo trabalho contra a indisciplina;
 - Nenhuma, as que são impostas na escola penso que são as adequadas;
 - Nenhuma, porque acho que a escola já tem estratégias muito boas. (14 respostas);
 - Eu não daria nenhuma estratégia à direção porque as que eles têm agora são boas;
 - Continuem como estão, estão a fazer um ótimo trabalho;
 - Sinceramente não sei;
 - não sei (37 respostas);
 - nenhuma (5 respostas);
 - nada (6 respostas);

2- Análise do conteúdo da entrevista à aluna da Associação de Estudantes

Numa primeira fase, procedemos à leitura da entrevista, agrupando extratos da mesma por blocos (temas). Seguidamente, classificámos esses extratos, de modo a inferir categorias e subcategorias que se encontram em anexo. (*vide* Anexo IV).

Relativamente ao conteúdo da entrevista realizada, podemos concluir que a entrevistada considera a indisciplina como desrespeito ao professor, como autoridade máxima dentro da sala de aula, e às funcionárias porque também são desrespeitadas. Não apresenta exemplos de como a indisciplina se pode manifestar e não evidencia casos específicos de indisciplina que possam ser considerados mais graves.

Refere como razões para a indisciplina, o convívio familiar que tem repercussões no comportamento dos alunos e responsabiliza a família e o seu historial de vida, não considerando que os professores são os maiores responsáveis da indisciplina na sala de aula porque esses, segundo ela, já “fazem demasiado. Os professores até toleram demasiado, os professores são tolerantes de mais, se não tolerassem tanto, cortava-se o mal pela raiz”.

Encontra como motivos familiares os pais pouco tolerantes e/ou os pais demasiado tolerantes, os primeiros porque estão demasiadamente presos aos filhos, e isso provoca-lhes revolta, os segundos por não terem mão nos filhos, e estes podem vir a provocar também indisciplina na escola porque fazem o que querem e os pais deixam. Aponta novamente o historial dos pais ou dos filhos relacionado com drogas ou álcool, que considera poder levar, igualmente, à indisciplina.

Quanto a motivos intrínsecos à escola, considera que o número de alunos por turma pode perturbar e influenciar o bom funcionamento da aula.

Em relação aos motivos, intrínsecos ao professor, exemplifica com um caso da sua turma, referindo que os professores demasiado tolerantes acabam por ter dificuldade em manter a disciplina na turma o que leva, por vezes, à falta de controlo da sala de aula e ao desrespeito pelos docentes. Pensa que os professores que “não deixam pisar tanto o risco” impõem-se e não permitem que os alunos passem “os limites”. Considera, ainda, que os discentes gostam de ter regras, apesar de os professores para serem rigorosos não precisarem de ser demasiado autoritários.

No que diz respeito aos motivos relacionados com os alunos, a entrevistada volta a referir que estes se prendem com causas familiares “os motivos vêm principalmente de casa”, e aponta a responsabilidade aos encarregados de educação.

Quando é questionada se o grau de indisciplina está relacionado com a idade e o sexo, a entrevistada afirma que “a indisciplina vem dos mais novos”, situação que não acontecia quando ela estava no 5.º ano. Apesar de achar que há indisciplina nos dois géneros, considera que se manifesta mais nos rapazes.

Relativamente à sua representação em relação à indisciplina na escola, primeiro considera que a mesma não explica as regras de comportamento, “em casa sim, mas na escola não.”. Porém acaba por afirmar que “nas primeiras aulas do início do ano, os professores tendem a dar as regras sobre o bom funcionamento das aulas, se bem que não eram todos.” Ainda a propósito de quem explica as regras, a aluna responde que “Todos os professores deram uma lista de regras. A Diretora de Turma analisou connosco alguns pontos. ”Quanto ao seu conhecimento do regulamento interno da escola, a entrevistada afirma que nunca leu e que conhece “aquilo que a DT e os professores vão lendo ao longo do ano.”, sem concretizar nenhum ponto do mesmo, o uso da expressão *aquilo* pode indicar a sua desvalorização.

Referente à atuação da escola na prevenção e resolução de situações de indisciplina, quando questionada se a escola faz cumprir o regulamento afirma que” (...) pensa que sim,” e exemplifica com a sua experiência como membro da Associação de Estudantes, dizendo, “quando (se) quer fazer alguma coisa, tem de (se) falar com a subdiretora e se há alguma coisa que não está dentro do regulamento, não podemos fazer e a *stora* alerta-nos sempre.”.

No que se refere à segurança na escola, a entrevistada acha que esta é uma escola segura apesar de haver “vários roubos e até cada vez há mais,” mas mesmo assim acha que sim.

Quando questionada sobre quem os alunos mais respeitam e obedecem considera que é “à direção,”, vendo o Diretor como “uma pessoa tolerante”, mas “quando ele diz alguma coisa, daquilo que eu tenho visto, eles acatam e já presenciei.” Discorre, no entanto, que “O Diretor de Turma deveria de ter também peso, mas penso que cada vez mais os alunos acham que o DT é como qualquer outro professor.” Afirma

ainda que” Entre colegas há sempre um elemento na turma que tem mais... é como se fosse um modelo, muitas vezes pela negativa.”

Sobre a evolução da indisciplina na escola, a aluna pensa que “tende a aumentar, a agravar. Por exemplo, o facto de um professor ou um funcionário dizerem algo e os alunos não acatarem as ordens e serem mesmo mal-educados, vê-se cada vez mais.” Considera que dentro da aula não há “casos muito graves”, continuando a usar a sua turma como referência que adjectiva de “muito conversadores”, mas não sendo “na generalidade mal-educados” e nunca faltando “ao respeito a nenhum professor.” Porém, volta a referir a forma como os alunos se comportam fora da aula, em relação às assistentes operacionais, “os alunos tendem a inferiorizar as funcionárias e o seu trabalho e uma funcionária é como se não tivesse autoridade, não pudesse dar ordens como um professor. Eu acho que está errado, pois nós temos de acatar as ordens tanto de um funcionário como de um professor.”.

Termina esta resposta com uma reflexão a propósito de a sua turma ser muito conversadora: “Às vezes os professores deveriam pôr-nos fora da sala de aula. O facto de falar muito, também é, na verdade, falta de respeito visto que o professor já mandou calar.” Conclui, considerando que a indisciplina manifesta-se mais fora da sala de aula.

No que se refere ao conhecimento da entrevistada relativamente às estratégias utilizadas, pela escola, na resolução da indisciplina, a mesma afirma que não sabe quais são as atividades utilizadas pela escola para combater a indisciplina e, como tal, não dá exemplos. No entanto, pensa que a medida mais adotada pela escola são “os **trabalhos corretivos** e depois a suspensão.”.

No que diz respeito à percepção da entrevistada quanto à eficácia das estratégias utilizadas pela escola, quando questionada sobre o gabinete do aluno, a mesma afirma que nunca o frequentou e mostrou ter pouco conhecimento sobre o funcionamento desse gabinete, mesmo assim, afirma que “por um lado, eu acho bem, eu nunca falei com alguém que tenha frequentado (...). Mas tenho uma ideia de que nesse gabinete o aluno vai falar com um professor que acaba por ter, eventualmente, uma função de psicólogo, ou seja, uma pessoa para apoiar. Por isso, eu acho que a existência desse gabinete é bom porque pode ajudar o aluno que vai falar e o professor vai compreender os seus problemas.”.

Em relação à sua opinião sobre se as medidas disciplinares adotadas são adequadas, a aluna afirma que “não vejo outras”, apesar de dizer que “não sei se

para a gravidade de alguns problemas, aquela suposta solução, medida será suficientemente boa, (...)". Questionando/refletindo se a expulsão poderia ser uma estratégia, mas verbaliza, imediatamente, "se tivermos a expulsar um aluno, estamos a pô-lo de parte, acho que isso não vai ser bom e ainda vai fazer com que o aluno tenha comportamentos mais violentos e se torne ainda mais indisciplinado."

No que concerne a propostas, por parte da entrevistada, para a promoção da disciplina e o contributo dos alunos no combate à indisciplina, a discente voltou a referir que "os alunos mais problemáticos são aqueles que têm mais historial de vida, como eu já disse é estarmos a excluí-los, é torná-los mais revoltados." E, como tal, acha que "não devíamos fazer certas punições, pois vai fazer com que os alunos tenham ainda comportamentos mais perturbadores."

Refere, ainda, que "aquilo que os professores já fazem, o facto de conversarem com os alunos, que é aquilo que os colegas também poderiam fazer", mas, posteriormente, acaba por reconhecer que "talvez os alunos entre eles pudessem falar com os alunos mais problemáticos porque a abordagem que nós temos com eles é diferente daquela que o professor tem, a confiança que os alunos têm entre eles, é diferente da confiança com um professor, pela sua idade. Não digo que resolvesse o problema, mas quem sabe."

Sobre a hipótese de dar sugestões à Direção, não aponta nenhuma e limita-se a fazer o seguinte comentário: "Pergunta complicada!".

Dado que a entrevistada pertence à Associação de Estudantes, acrescentámos a pergunta relativa ao papel que esta entidade poderia, também ela, ter no combate à indisciplina, à qual a discente respondeu que poderia ter uma intervenção promovendo "palestras para elucidar, informar os alunos, mostrando mesmo percentagens do aumento dos problemas de indisciplina, acho até que ia ser chocante e talvez os alunos tomassem consciência de certas coisas e poderiam refletir sobre o seu comportamento."

Por fim, a entrevistadora perguntou se a discente queria acrescentar alguma informação ou reflexão sobre o assunto, a entrevistada referiu que "não", mas acabou por dizer que "a única coisa que eu estou a pensar depois desta entrevista e tenho a certeza que vou fazer. Vou falar com os colegas da Associação porque esta entrevista de certo modo deixou-me a pensar sobre o assunto e, lá está, a

Associação de Estudantes não pode ser só festas, também é um elemento representativo da escola, especialmente dos alunos e se calhar deveríamos fazer qualquer coisa, talvez pedir dados à Direção.”.

Capítulo 5 - CONCLUSÕES

O que parece seduzir mais o cientista não será tanto aquilo que descobre - que acaba por ser bem pouco - mas mais o que resta para conhecer.

(Esteves, 1996:17)

Com o presente trabalho procurou-se estudar os aspetos relativos ao modo como a escola lida com a indisciplina, os fatores que a provocam, as estratégias utilizadas pela mesma para a sua resolução, o possível papel dos alunos na criação de estratégias que combatam a indisciplina e promovam a disciplina. Pretendeu-se, ainda, reconhecer formas de envolvimento da comunidade educativa, principalmente dos alunos na vida escolar, contribuir para a prevenção e diminuição dos casos de indisciplina na escola e intervir, posteriormente, com algumas propostas de mediação. Recorremos a um estudo de caso, realizado numa Escola Secundária com 2.º e 3.º ciclos, integrada num Agrupamento de Escolas da região da Grande Lisboa.

Norteados pela questão de partida e pelos nossos objetivos, procurámos responder à problemática central deste tema e perceber como percecionam os alunos a indisciplina na Escola em causa. Procederemos, deste modo, a uma reflexão sobre todo o percurso efetuado, sobre os resultados obtidos e a identificação de algumas limitações.

Como tal, apoiados na ótica de diferentes teóricos, utilizámos diversos instrumentos de recolha (questionário, entrevista e análise de documentos). Realizámos uma entrevista a um membro da Associação de Estudantes e, através de um inquérito por questionário, recolhemos a perspetiva dos alunos acerca da indisciplina, inquirindo uma amostra de 308 alunos do ensino básico (2.º e 3.º ciclos).

A análise de todos os dados obtidos permite-nos concluir de acordo com as opiniões manifestadas pelos alunos inquiridos que relativamente à:

A. INDISCIPLINA NA PERSPETIVA DO ALUNO

- Há pontos em comum em relação ao questionário e entrevista relativos a questões que se prendem com a efetiva responsabilização dos alunos e dos pais/encarregados de educação.

A família, segundo Woolfolk (citado por Veiga, 2007:150) deverá ser incentivada a ser envolvida na vida escolar o que poderá ter implicações positivas na diminuição da indisciplina.

- É, por isso, frequente entre os discentes atribuir a maior responsabilidade pela indisciplina aos próprios alunos, à família/pais e encarregados de educação.
- Importante, também, foi verificar que os alunos apontam responsabilidade aos docentes, mas em menor dimensão, e a escola é a menos responsabilizada.

Esta concordância confirma a perspetiva apontada por João Amado e Isabel Freire para quem o “comportamento perturbador dos alunos pode ser sintoma de problemas relacionados com a dinâmica afetiva no seio do agregado familiar e da desarticulação entre os objetivos, os valores e as práticas dos dois subsistemas – escola e família” (2002:86).

Também Sebastião (2010) refere num dos seus estudos que a família assume habitualmente uma atitude de confiança perante a escola, mas simultaneamente de distância e só participam ou se envolvem em casos de extrema necessidade. Afirma ainda, baseado num estudo de Benavente e outros (1994), que as famílias com fracos recursos sociais e escolares sentem maior dificuldade em relacionar-se com a escola. A falta de participação e envolvimento dos pais é um fator negativo e que não promove o apoio destes na resolução dos problemas disciplinares, mas Amado (2001) menciona que o desinteresse dos pais que não valorizam a própria escola está diretamente relacionado com situações em que os educandos enfrentam problemas familiares que condicionam imenso as suas atitudes em contexto escolar. Há uma grande demissão da parte dos pais/encarregados de educação relativamente a estas problemáticas. Mesmo nas Associações de Pais, segundo alguns estudos, conclui-se que existem poucos pais envolvidos.

Sendo o ambiente familiar crucial para a socialização do aluno, será curioso referir que:

- os dois maiores motivos de indisciplina relacionados com a família, apontados pelos alunos, prendem-se com presenciar ou viver violência doméstica e ter pais desinteressados.

Através deste estudo, podemos confirmar a pertinência de outras investigações que realçam a importância de os contactos entre escola e família para a estabilidade dos alunos a nível do comportamento pois:

- os motivos apontados a nível da escola que mais contribuem para que os alunos sejam indisciplinados foram, novamente, a falta de participação dos encarregados de educação, seguido das matérias sem interesse. A entrevistada referiu que o número de alunos por turma pode perturbar e influenciar o bom funcionamento da aula. Esta razão vai ao encontro de Estrela (1998:13) que aponta como uma das causas da indisciplina, as turmas numerosas.
- os motivos mais referidos, intrínsecos ao professor, relacionam-se com a falta de capacidade do mesmo para motivar os alunos e a dificuldade do professor em lidar com situações de conflito. A entrevistada diz que a indisciplina se pode dever à tolerância e permissividade dos professores, pois os alunos precisam e gostam de regras.
- A ideia de que a escola não serve para nada é o motivo respeitante ao aluno mais referido, seguido do desejo de rebeldia e da influência de alunos perturbadores, ou seja a influência dos companheiros/grupo pares que Amado (2001) também refere.

Por isso, e tal como afirma Amado, (2001: 148) ou Amado e Freire (2002: 7-13) torna-se relevante concluir pela necessidade do professor planear adequadamente as aulas, criando pontos de interesse e motivação de modo a prevenir potenciais focos de indisciplina.

Não podemos esquecer que, como Janosz *et. al* (2000) referem, o ambiente educacional determina a qualidade da experiência escolar. As práticas educacionais aparecem, assim, claramente, como fatores determinantes da qualidade da participação, realização e motivação (Roazzi & Almeida, 1988; Janosz *et. al*, 2000). Janoz *et al.* (2000), Knesting e Waldron (2006) explicam que no processo que conduz a criança ou jovem à indisciplina não se encontram apenas características do aluno e/ou da família, a escola e as práticas educacionais também surgem como determinantes para a motivação dos alunos.

Outro fator intrínseco à escola prende-se com a falta de clareza da definição das regras e com o desconhecimento da regulamentação por parte da comunidade, pois relativamente às regras de comportamento os inquiridos referiram que a explicação das mesmas foi dada pelos pais e, em alguns pontos, pelo(a) Diretor(a) de Turma. Quanto ao Regulamento Interno dizem que sabem que existe, mas grande parte não o leu. Consegue-se perceber que não é muito valorizado pelos discentes e que os mesmos não foram envolvidos no processo de produção do Regulamento, nem mesmo na parte relativa ao Estatuto do Aluno, o que não se coaduna com a perspetiva dos teóricos que consideram que a elaboração e aplicação do Regulamento Interno implicam o envolvimento de toda a comunidade escolar.

Amado e Freire (2009) defendem que é primordial a análise do regulamento para que alunos, pais/encarregados de educação e professores considerem a disciplina e a definição de regras para todos de forma clara. Estes mesmos autores, baseados em estudos australianos, defendem que, para além das regras bem claras e definidas, é necessário a existência de um conjunto de recompensas e de punições estabelecidas hierarquicamente que os professores devem aplicar de forma consistente. A definição de regras de convivência também devem ser claras e o documento/ regulamento deve ser elaborado com a colaboração de professores, alunos e pais/encarregados de educação e, posteriormente, deve ser divulgado a toda a comunidade.

No entanto foi gratificante perceber que, quer a entrevistada quer os inquiridos não veem nos professores os maiores responsáveis pela indisciplina. A entrevistada refere mesmo que eles até fazem demasiado e são compreensivos.

Quando nos debruçámos sobre as medidas preventivas/disciplinares com maior efeito, os alunos consideram, novamente, como a mais adequada:

- chamar os encarregados de educação à escola.

Não poderemos ficar apenas pela convocação dos pais/ee, pois, nesta perspetiva, temos os conselhos de alguns autores que apontam a necessidade de existirem programas de envolvimento dos pais, bem planeados e duradouros, que terão efeitos positivos no comportamento e aproveitamento dos alunos. (Davies, D., Marques, R e Silva, P. 1997: 25 e 26).

-
- Seleccionam, também, como boa estratégia a realização de trabalho comunitário.

O trabalho comunitário é várias vezes referido como uma boa estratégia, chega-se mesmo a afirmar que os alunos suspensos não deveriam ir para casa, mas enquanto debaixo dessa sanção teriam que cumprir atividades comunitárias.

Será pertinente referir que os alunos deste estudo parecem não ser alunos indisciplinados, pois 227 dos 308 alunos inquiridos nunca tiveram uma falta disciplinar, mas referem que o seu comportamento não é sempre o mesmo e está dependente dos professores. O maior número de faltas disciplinares deveu-se a estar distraído, não conseguir estar quieto e mostrar-se desinteressado. Só 5 alunos afirmaram ter atitudes verbais agressivas físicas/verbais com os colegas ou professores.

Quanto ao conceito de indisciplina para a grande maioria dos inquiridos, significa desobediência ao professor. Estes alunos consideram também que a indisciplina se revela através do não respeito ao professor, do não cumprimento de regras e possível agressão ao professor, classificando, por isso, de muito grave a agressão ao professor, a agressão aos colegas, o gozar com o professor e o provocar os professores.

A entrevistada, para além de considerar a indisciplina como desrespeito ao professor como autoridade máxima dentro da sala de aula, refere-se também ao desrespeito pelas funcionárias, não apresentando exemplos de como a indisciplina se pode manifestar e não evidenciando casos específicos de indisciplina que possam ser considerados mais graves.

Afirma, contudo, razões para a indisciplina relacionadas com o convívio familiar que tem repercussões no comportamento dos alunos e responsabiliza a família e o seu historial de vida.

A prevenção da indisciplina também depende da cooperação entre a escola, a comunidade e principalmente a família. Vieira (2007) refere, ainda, que a gestão deve também ser sensível à planificação das atividades do ano letivo, dando protagonismo aos alunos e pais/encarregados de educação tentando, desta forma, criar laços de amizade e um clima de escola positivo. O incentivo ao trabalho dos professores em parceria deve ser também uma prioridade da gestão.

Este autor Vieira (2007) refere que outro fator negativo intrínseco à escola prende-se com a falta de clareza da definição das regras e com o desconhecimento da regulamentação por parte da comunidade.

Aparentemente parece que a indisciplina, segundo os inquiridos, não se tem agravado, no entanto a entrevistada afirmou que "tende a aumentar, a agravar", apesar de isso não inviabilizar que a mesma se sinta segura na escola. Afirma, também, que os alunos não acatam as regras e são mal-educados, Esta referiu, ainda, que os discentes mais novos são mais indisciplinados e realçou a falta de respeito destes em relação às assistentes operacionais.

Os inquiridos e a entrevistada mencionam que a Direção é o elemento da escola que os alunos mais respeitam/obedecem, seguido dos Diretores de Turma, mas a segunda considera que este órgão de gestão intermédio já não é tão reconhecido como autoridade.

Relativamente ao sexo, os inquiridos e a entrevistada concordam que são os rapazes os mais indisciplinados, mas em relação à idade a opinião difere, pois os inquiridos acham que são os mais velhos e a entrevistada os mais novos.

Esta ideia formulada pelos questionados, em relação aos rapazes serem mais indisciplinados, confirma-se nos dados apresentados neste nosso trabalho, aquando da caracterização da escola, onde, baseados nas informações fornecidas pela direção, vimos que são os rapazes que tiveram mais faltas disciplinares e, logo, mais participações e sanções.

Os alunos deste estudo parecem ter uma boa opinião sobre os seus pais/ encarregados de educação no que diz respeito à preocupação dos mesmos em relação à sua vida escolar, referem mesmo que os pais/ EE se zangam quando os seus educandos são indisciplinados e os castigam quando são alvo de alguma medida disciplinar.

Poderíamos referir também que essa boa opinião se estende ao seu ambiente familiar. Este parecer ficou patente no modo como apresentam as suas condições de vida familiar, quarto próprio para estudar e dormir e estabilidade familiar, grande parte dos pais está empregada.

B. ATUAÇÃO DA ESCOLA NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Confrontados com a questão se são realizadas atividades que pretendem combater a indisciplina no contexto escolar, grande parte dos alunos refere que sim e que a estratégia mais utilizada é o encaminhamento do discente para o Gabinete do Aluno, seguidas do acompanhamento do aluno por um professor tutor e acompanhamento/responsabilização do encarregado de educação.

No entanto, referem que a medida mais adotada pela escola nos processos disciplinares dos alunos é a suspensão. Mas, mais uma vez, o encaminhamento para o Gabinete do Aluno aparece como uma medida bastante utilizada. A repreensão verbal e escrita também é eleita pelos alunos.

A expulsão é uma medida referida por 71 alunos e sabemos, pelos dados consultados, que é muito pouco ou mesmo raramente utilizada. No ano deste estudo não houve qualquer expulsão. Provavelmente, servirá de ameaça em algumas situações. Salientamos ainda que muitos alunos disseram desconhecer as medidas adotadas e esta referência parece indicar a falta de divulgação, por parte da Direção, das medidas adotadas, o que não deixa de representar uma medida positiva, pois “não coloca em cheque” os alunos que sofrem punições.

Mesmo a entrevistada afirma que não sabe quais são as atividades utilizadas pela escola para combater a indisciplina e, como tal não dá exemplos. No entanto, pensa que a medida mais escolhida pela escola são “os trabalhos corretivos e depois a suspensão.”.

Poderemos questionar se a divulgação, que era feita há uns anos atrás, com a leitura em todas as salas de aula das sanções aplicadas, poderia ajudar a diminuir a indisciplina e a consciencializar os discentes das medidas adotadas, sem querer colocar os discentes em causa. Como a legislação em vigor não obriga à comunicação às turmas, esta prática deixou de se aplicar.

Concluimos, também, que o Gabinete do Aluno é considerado por muitos alunos, apesar de a grande percentagem dos inquiridos nunca o terem frequentado, como uma boa estratégia para acompanhamento dos discentes indisciplinados, defendendo os inquiridos que este gabinete os ajuda a refletir e muitas vezes a mudar o seu

comportamento, é um espaço onde o aluno pode falar sobre os seus comportamentos e problemas e permite que os alunos disciplinados possam ficar a trabalhar tranquilamente na aula, entre outros aspetos.

A entrevistada também nunca frequentou o Gabinete do Aluno e manifestou alguma falta de informação sobre o mesmo. Depois de uma breve explicação por parte da investigadora sobre aquele espaço, acabou por considerar que será um local importante e referiu alguns aspetos semelhantes aos dos inquiridos.

Esse efeito positivo confirma-se quando dos 41 alunos que foram para o Gabinete do Aluno, 31 considerarem que melhoraram o seu comportamento.

Realçamos ainda que a maior parte dos discentes inquiridos e a entrevistada consideram que as medidas disciplinares adotadas pela escola são as mais adequadas, porque não são severas e ajudam os alunos a mudar de comportamento. Afirmam, ainda, que as medidas são adaptadas às diferentes situações de indisciplina, havendo sempre o cuidado de adotar medidas distintas, dependente do comportamento de cada aluno. Pode parecer estranho, mas são os próprios alunos a considerarem que os indisciplinados precisam de ser castigados.

Porém, alguns alunos dizem que as medidas não são as mais adequadas porque as consideram severas e rigorosas e não alteram os comportamentos dos alunos. Acham-nas injustas e que podem revoltar ainda mais os alunos indisciplinados.

Os estudos realizados sobre a pertinência de explicar ao aluno que o castigo é aplicado ao ato em si e não contra ele, como referem Carita & Fernandes (2002: 15-116), permite legitimar o castigo e salvaguardar a relação pedagógica.

A suspensão divide a opinião dos alunos, a maioria dos inquiridos e a entrevistada consideram que não é a melhor maneira de combater a indisciplina porque revolta os alunos e não contribui para a sua mudança de comportamento. Para muitos, é visto como umas férias e só poderia resultar se os pais/encarregados de educação fossem responsáveis e responsabilizados. Vários dizem que os alunos até gostam porque ficam em casa e não fazem nada. Os que defendem esta medida referem que faz com que mudem de comportamento e reflitam sobre as suas atitudes.

C. CONTRIBUTO DOS ALUNOS PARA O COMBATE À INDISCIPLINA/ PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO DOS MESMOS

A propósito do possível contributo dos alunos para o combate à indisciplina, a maioria dos discentes considera poder contribuir para o combate deste problema escolar.

Apresentam variadas justificações, mas argumentam que os alunos ouvem-se mais entre si, que as idades mais próximas facilitam o diálogo, pois sentem-se mais à vontade e que os alunos podem e devem ajudar os colegas. Pensam ainda que, nestas idades, os jovens influenciam-se mutuamente e, por isso, podem dar o exemplo, alertar, ajudar os mais novos. Acha ainda que os alunos que são castigados podem ter amigos que os ajudem e lhes digam para não fazer o que não está correto. Essa cooperação deve, no entanto, partir de todos, mas principalmente de alunos interessados e bem comportados que valorizam a escola, o seu percurso e carreira, logo, serão ótimos elementos para colaborar com os indisciplinados. Dizem também que se pode apelar para o bom comportamento “através de conversas no dia-a-dia, de atitudes e pelo simples facto de os alunos indisciplinados conviverem com outros alunos, que são mais disciplinados,” fazendo com que sejam influenciados positivamente.

A entrevistada refere que já se faz muito, mas acaba por afirmar que os alunos poderiam falar entre si, pois “a abordagem que nós temos com eles é diferente daquela que o professor tem, a confiança que os alunos têm entre eles é diferente da confiança com um professor, pela sua idade. Não digo que resolvesse o problema, mas quem sabe?”.

Estas respostas vão ao encontro de Jones e Brinkman (1994) que defendem a necessidade de formação dos alunos indisciplinados centrada sobre o conflito interpessoal, a escuta ativa, o reformular o desempenho de papéis. Os alunos mediadores, por exemplo, podem apoiar os seus pares e tentar gerar acordos aceitáveis para todos, dando oportunidade aos alunos para resolverem os conflitos com os seus pares em vez de ser um adulto a solucionar os seus problemas. Vários autores defendem que a melhor estratégia para responder a problemas comportamentais é ter apoio de um amigo que, segundo Cowie (1998), citado em Amado e Freire (2002: ver n.º de página), “independentemente da forma concreta que adotem os programas de ajuda, o objetivo será que as crianças e os jovens participantes ofereçam apoio emocional e amizade aos companheiros que estão em situação de risco”.

Não deixam, no entanto, de referir que os pais/ee devem também contribuir para esse combate à indisciplina e dizem ainda que está também na mão dos indisciplinados, pois só eles é que poderão alterar o seu comportamento, refletindo e dialogando sobre os seus comportamentos, quer com os colegas quer com a escola e família.

Estes pareceres confirmam as propostas dos teóricos acima citados que salientam ainda os contratos de modificação de comportamentos e de convivência que se podem estabelecer com os alunos. Estes contratos determinam os comportamentos que a escola e os professores pretendem/ambicionam e as consequências desejadas pelos alunos. São normalmente reforços positivos para os discentes. Todos estes contratos colocam os alunos em processo de negociação, assumindo compromissos e desenvolvendo competências de autocontrolo e autogestão.

Há alguns alunos que consideram que essa função (combater a indisciplina) deve ser entregue aos professores, direção e familiares. Pensam desta forma, pois acham que os colegas não os ouviriam, não é o seu papel, não estão interessados em contribuir e têm medo dos colegas mais velhos e repetentes.

Quando questionados sobre a forma de combater a indisciplina, os alunos propõem campanhas e atividades de sensibilização, palestras, trabalhos de pesquisa sobre o tema da indisciplina, explicando as regras e ajudando-os a perceber que estão errados, entre outras.

Voltam a reforçar o papel da família na alteração de comportamentos, propondo reuniões dos pais com os alunos e conversas em casa e afirmam que o sucesso da promoção da disciplina terá ainda que contar com os pais/encarregados de educação.

Sustentam, desta forma, a ideia defendida por Amado e Freire (2009) que é primordial "uma política de participação e envolvimento dos pais e professores", organização de grupos de pais/encarregados de educação para preparação de debates, colaboração na conceção do projeto educativo da escola. É essencial o modo como a escola estabelece os seus contactos com a família que não se devem confinar às reuniões gerais com os diretores de turma. Os pais/encarregados de educação devem participar no diagnóstico dos problemas e na procura de soluções. Assim, uma participação com responsabilidade das famílias no processo educativo dos seus educandos leva ao interesse e envolvimento, possibilitando, provavelmente, que os alunos evitem comportamentos perturbadores que possam levar a posteriores sanções por parte dos pais/encarregados de educação e/ou pela escola.

Os inquiridos afirmam, novamente, que os próprios alunos indisciplinados também devem colaborar na mudança e são mesmo alguns dos alunos indisciplinados que falam em nome próprio, apresentando propostas, “portando-nos melhor” (3 respostas); “não nos portarmos mal para não atrapalharmos as auxiliares, adotando melhores atitudes na sala de aula.”.

Amado e Freire (2009) defendem, igualmente, que as escolas devem desenvolver projetos e atividades, promovidas no início do ano letivo, direcionados para alunos, pais, encarregados de educação e professores através de dramatizações, jogos de papéis em que se abordem o problema da agressividade entre alunos, as culturas juvenis e as relações interpessoais na escola. A escola deve, o mais possível, passar um conjunto de valores e criar uma cultura de escola.

D. SUGESTÕES DE ESTRATÉGIAS À DIREÇÃO DA ESCOLA PARA COMBATER A INDISCIPLINA

Várias foram as estratégias apresentadas à Direção que passaram por diversificadas propostas. Sintetizaremos/ Realçaremos algumas, pois seria redundante referirmos todas. As estratégias passariam por uma maior existência de segurança nas horas dos intervalos entre as aulas, por mais medidas corretivas (por exemplo: suspensão (35 alunos propuseram), expulsão (16 alunos sugeriram), convocar os pais ou o encarregados de educação para informar da indisciplina do seu educando e ver qual a solução para resolver este problema. Indicam ainda a necessidade da existência de mais psicólogos. Segundo Amado e Freire (2009), é também fundamental para estes casos uma estreita colaboração com outras instituições que possuam técnicos, ou seja, recursos humanos capazes de dar resposta a estes tipos de problema.

Propõem também professores ou alunos tutores para discentes mais problemáticos. E fazer debates entre alunos, campanhas de sensibilização e palestras com os pais e com os alunos, sobre a indisciplina.

A Direção poderia, mesmo, ordenar aos alunos mal comportados que realizassem projetos para ajudar não só no bom funcionamento da escola como também contribuir para o bem-estar dos funcionários, professores e alunos. O trabalho comunitário foi igualmente proposto por 44 alunos, que referem que deve ser mais exigente e por vezes poder ser durante todo o ano e não só uns dias. Veem o Gabinete do Aluno

como um bom espaço para cumprimento de sanções. Pensam ainda que se deve aplicar castigos mais severos, rigorosos e rígidos e que não se deve ter medo das reações dos alunos ou da família.

São, mais uma vez, perentórios em relação à intervenção da família e acham que a direção deve chamar os pais à escola, dando castigos e responsabilidades aos mesmos para que estes fizessem trabalhos com os filhos relacionados com a indisciplina. Afirmam, também, que a Direção deve mesmo cumprir as ameaças, “Fazer mesmo cumprir o que ameaçam.”.

A entrevistada não apresentou qualquer sugestão, mas como membro da Associação de Estudantes considerou que poderiam fazer “palestras para elucidar, informar os alunos, mostrando mesmo percentagens do aumento dos problemas de indisciplina, acho até que ia ser chocante e talvez os alunos tomassem consciência de certas coisas e poderiam refletir sobre o seu comportamento.”.

O estudo permite tirar outras conclusões, relativamente à grande tónica dada ao papel dos pais, como agentes cruciais na resolução de situações de indisciplina, e considerar que, apesar da consciência do erro, os discentes afirmam, que eles próprios são os menos responsáveis pela indisciplina. A entrevistada, por exemplo, fala sempre dos pais, do historial de vida das famílias e pouco ou nada culpabiliza/responsabiliza os alunos pela sua indisciplina.

Por outro lado, os discentes revelam capacidade em propor outras estratégias/soluções que contribuam para o combate à indisciplina e sabem que também fazem parte da solução, mas, mais uma vez, integram os pais nessas resoluções.

Em síntese, para os nossos inquiridos, a família poderá ser o maior e mais eficiente contributo para a melhoria dos problemas disciplinares da escola. Como tal, seguem-se algumas propostas de intervenção que poderão, eventualmente, ajudar a escola, que foi objeto de estudo, a procurar algumas estratégias/soluções.

CAPÍTULO 6 - PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO / RECOMENDAÇÕES À ESCOLA

O relatório Delors, elaborado pela Unesco por uma Comissão Internacional, sobre a educação no século XXI, apresenta os quatro pilares da educação: “Aprender a fazer, a conhecer, a viver juntos e a ser.” Assim, uma das funções da escola é educar para a convivência, o que implica educar no ser, nos sentimentos, na ética, na igualdade, na tolerância e ensinar a ser solidário.

É também notória a necessidade premente da participação mais ativa por parte de pais e encarregados de educação.

“... uma escola é o conjunto de indivíduos que a formam e, sobretudo, é constituída, antes de mais, pelos significados, intenções, modos de ver e compreender que orientam a ação conjunta, ou seja, é uma realidade subjetivamente construída e partilhada, socialmente, pelo grupo.” Bolívar 2003¹⁰

A defesa do direito à educação e aceitação da diversidade poderá passar pela criação de projetos de intervenção de convivência, onde, na sua génese, esteja presente uma “cultura de escola”, com uma visão integrada de todos os elementos da comunidade, motivada e motivadora, que pretenda desenvolver processos de mediação adequados às suas necessidades e desafios concretos.

Aposta-se, ainda, no desenvolvimento da comunidade de aprendizagem, através do crescimento académico e pessoal de toda a comunidade – docentes, estudantes, pessoal não docente e família – em que cada um tem um papel a desempenhar no processo de integração e aprendizagem, próprio e comum.

A consolidação de uma comunidade escolar, especialmente atenta e dedicada aos alunos em geral e com problemas disciplinares, necessidades específicas e em situação de dificuldade em particular, é, também, algo fundamental.

A formação para a mudança, para o exercício da prática reflexiva, para a aprendizagem e divulgação de saberes múltiplos, para a aquisição de instrumentos que promovam o desenvolvimento pessoal e social, para o exercício e respeito por uma ética humanista, defensora de valores democráticos, pluriculturais, respeitadores da diversidade humana, conseqüentemente, para o exercício pleno e consciente da cidadania, deve ser uma das prioridades de qualquer escola de hoje.

¹⁰ citado no Projeto Educativo da Escola Professor Reynaldo dos Santos

Como Escola Inclusiva, que é a escola em estudo, a cultura de inclusão/convivência refere-se a um conjunto de valores e comportamentos acerca de como as pessoas devem ser acolhidas e tratadas na escola e na sociedade, valores e comportamentos estes, que devem ser partilhados e vivenciados por todos, educadores, funcionários, alunos e famílias.

A presença mais assídua dos pais e encarregados de educação no estabelecimento de ensino, associada a um maior envolvimento e participação efetivamente ativa das associações de pais e de estudantes, poderia vir a ser uma mais-valia na prevenção de comportamentos indisciplinados.

Como grande parte das intervenções têm de partir da escola, e dado que o estudo procurou perceber na perspetiva dos alunos, os motivos intrínsecos à mesma, aos alunos e à família/ee, e, ainda apresentar propostas de soluções/ contributos, estas serão referenciadas por intervenção de cada grupo da comunidade, tendo noção de que várias se podem aplicar aos diferentes grupos e são indissociáveis, pois TODOS dependem de TODOS!

Conscientes que as propostas que se seguem não podem ser postas em prática todas de uma vez e conhecedores de que as limitações económicas e legislativas do país condicionam a célere aplicação de algumas medidas, não poderemos, no entanto, deixar de acreditar que a mudança na nossa Escola e nas nossas Vidas depende muito mais da nossa vontade do que de qualquer legislação ou regulamento interno.

Propomos, por isso, um projeto de intervenção que apelidaríamos de:

A ESCOLA EM MOVIMENTO

Intervenção da escola

- Divulgação dos resultados deste estudo à restante comunidade escolar e posterior reflexão sobre o mesmo;
- Cruzamento dos dados deste estudo com os estudos efetuados por outros dois investigadores na mesma escola no âmbito da perceção da indisciplina na perspetiva dos docentes, encarregados de educação e assistentes operacionais e posterior comunicação à comunidade escolar;

-
- A Direção deverá permitir que os órgãos intermédios, nomeadamente os Diretores de Turma possam ter uma intervenção mais ativa na gestão dos comportamentos;
 - Criação de uma comissão com representantes de todos os sectores educativos;
 - Ouvir todos os parceiros;
 - Necessidade de continuidade do Gabinete do Aluno e de gabinetes/espacos de apoio pedagógico e psicológico aos alunos. (O Gabinete do Aluno deve ser mais divulgado e deve-se apresentar aos alunos e pais/ee os objetivos do mesmo);
 - As sanções deverão ter sempre um carácter didático/ formativo, mas haver um efetivo cumprimento das regras e sanções delineadas por toda a comunidade escolar;
 - A suspensão deverá implicar trabalho comunitário na escola ou fora dela (apoio nos diferentes serviços da escola (Biblioteca, Secretaria, Bar, Reprografia, ou apoio aos nossos parceiros fora da escola, CPCJ, Academia da Cultura, Biblioteca Municipal, Câmara Municipal, Bombeiros, Museu do Neorrealismo, entre outros)¹¹;
 - Formação para pais/ee, alunos, docentes e pessoal não docente no âmbito da indisciplina que vise a:
 - ✓ Compreensão positiva e processual do conflito
 - ✓ Especificidade de cada situação conflitual
 - ✓ Distinção entre agressividade e violência
 - ✓ Aceitação da diversidade
 - ✓ Capacitação de estratégias para criação de grupos
 - ✓ Defesa da educação como um direito;
 - Ativar de forma eficaz a comunicação entre escola-casa e casa-escola;
 - Criar parcerias com a comunidade local com vista a rentabilizar recursos e serviços de apoio aos programas escolares, à família e aos alunos;
 - Rentabilizar todos os recursos que o Concelho e Autarquia possam oferecer;
 - Estabelecer parcerias com agentes educativos que possam apoiar no combate a este problema;
 - Apoiar os jovens no sentido de desenvolverem capacidades de prevenção de conflitos consigo próprios e com os outros;
 - Detetar situações de conflito com o apoio dos pais e alunos para encaminhamento e prevenção;
 - Potencializar as parcerias com o Centro de Saúde, CPCJ e Escola Segura;
 - Apresentar ao Ministério resultados relativos à indisciplina e outras problemáticas que possam justificar uma psicóloga a tempo inteiro;

¹¹ Esse trabalho não deve ser punitivo, mas sim formativo, ajudando os alunos a subir a sua autoestima e a valorizar as atividades em geral e as da escola em particular. Não haverá necessidade de os expor negativamente, por exemplo pô-los a varrer nos intervalos. Os alunos podem, desta forma, sentir-se úteis.

- Criar um plano de convivência tendo como lema: **Indisciplina zero**

- ✓ Apresentação de *vídeos* sobre o tema
- ✓ Formação/informação aos pais e encarregados de educação, - (Exemplos de alguns temas a abordar nos diferentes grupos: Discussão de Ideias sobre Indisciplina; Falar sobre “comportamentos”; Os Efeitos dos Juízos das Pessoas no Bem-estar de Alguém) – Formação de Mães e Pais“ Escola de Pais”
- ✓ Ciclo de Debates
- ✓ Formação Pedagógica contínua de formadores/as (professores, alunos, pessoal não docente e pais/ee) em comportamentos – Rede de Jovens
- ✓ Concurso de fotografias/cartazes/vídeo contra a indisciplina
- ✓ Sessões de trabalho e apresentação de trabalhos realizados em aula sobre a temática da indisciplina com o apoio do projeto - Jovens pela Cidadania existente na escola
- ✓ Mostra de filmes sobre indisciplina produzidos pelos alunos.

A escola, na pessoa da Direção, não pode ter medo, como afirmam os alunos, e deve fazer cumprir as regras. No entanto não pode fazer isso sozinha precisa de todos os elementos que compõem a comunidade escolar e os seus parceiros.

Intervenção dos e com alunos

- Intervenção ativa e construtiva por parte da Associação de Estudantes
- Formação de uma equipa de mediação de pares
- Envolvimento dos alunos no estabelecimento das regras e na produção do Regulamento Interno e Projeto Educativo. (Responsabilização quanto à infração de regras favorece o autocontrolo do aluno.)
- Promover o voluntariado dos alunos em serviços da escola e em projetos de solidariedade, tolerância e convivência, como forma de integração
- Fomentar a interajuda, criando tutorias semanais com os alunos e/ou apadrinhamento entre pares
- Criar nos discentes a aceitação de si próprio e dos outros
- Criar um espaço de convívio saudável, respeitador para os alunos e de procura de soluções em pares
- Envolver os jovens no sentido de desenvolverem capacidades de prevenção de conflitos consigo próprios e com os outros
- Fomentar atividades em parceria com a biblioteca – leitura nos lares, hospital, centro de reformados

-
- Criar um plano de trabalho conjunto no âmbito da sala de aula onde se preveja a cooperação entre alunos, fazer “renascer” a assembleia de turma e *o role playing*.
 - Promover campanhas de sensibilização e palestras com o apoio dos alunos

Intervenção dos e com os pais/encarregados de educação

- Intervenção ativa e construtiva por parte da Associação de Pais
- Implementação de parcerias com as famílias para tomada de decisões, no âmbito da criação de estratégias para combater a indisciplina – programas de envolvimento dos pais/ee
- Participação dos pais em atividades no contexto escolar e familiar
- Promover o voluntariado de pais/ee no apoio e ajuda - Procurar no núcleo dos pais/ee elementos que, com profissões na área da psicologia, formação pessoal, animação social, pudessem, através de voluntariado, apoiar a escola e encontrar soluções
 - Formação de Pais para Pais - “Escola de Pais, Escola de Filhos”
- Parceria escola-família representada na colaboração mútua, no apoio e participação dos pais na escola e da escola em casa [sem condenar as dificuldades que as famílias de hoje têm no exercício das suas funções, devido às alterações estruturais familiares (famílias monoparentais, de recasamento, dupla carreira, vítimas da escravidão de horários...)].
- Envolver os pais/ee no estabelecimento das regras e na produção do Regulamento Interno e Projeto Educativo.

Em síntese, há uma necessidade de partilha de objetivos, contribuições e responsabilidades, e de coordenação de esforços entre a família, a escola e a comunidade, pois só assim, como é defendido por vários teóricos, poderemos ter sucesso e diminuir os comportamentos indisciplinados e de risco.

Nunca nos poderemos esquecer que, como diz Javier Urra (2009), viver implica colaborar, conviver, unir-se e separar-se. Acrescentamos, ainda, que nada faremos se continuarmos a procurar a responsabilidade no OUTRO.

SUGESTÕES PARA OUTROS TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO

Tudo está começado, nada está acabado...

Começamos por voltar a referir a necessidade de cruzamento dos dados das outras investigações e comunicação dos mesmos à escola.

Depois de algumas conversas informais com os alunos, percebemos que há alguns indícios de violência e de *bullying* na escola, o que poderiam ser temas para futuras investigações.

Em diálogos informais, também soubemos que os docentes do 1.º ciclo denotam que as crianças deste nível de ensino estão cada vez mais indisciplinadas, talvez fosse curioso vir a fazer-se uma investigação sobre este tema nas escolas EB1 que pertencem ao mesmo agrupamento e poder-se relacionar com este trabalho.

O secundário parece ser onde há casos menos problemáticos, mas dada a massificação do ensino e a escolaridade obrigatória já aparecem questões de indisciplina nesse nível de ensino, logo a investigação poderia ser alargada também para este grau de escolaridade.

Dado que os alunos relacionam a indisciplina com motivos familiares, poder-se-ia fazer um estudo em que se abordasse este tema mais aprofundadamente. Outra relação que poderia ser estudada era o insucesso e a indisciplina

Em relação a este estudo, pensamos que mesmo nós já faríamos alterações no percurso do mesmo e, certamente, gostaríamos de encontrar ainda mais respostas e soluções de intervenção, apesar de sentirmos que não deixa de haver resposta e propostas bastante interessantes.

Talvez se pudesse fazer outras ou mesmo mais perguntas, mas iria tornar o questionário muito extenso, o que dificultaria a resposta por parte dos alunos e a sua análise.

Pensamos ter atingido o nosso objetivo e temos a certeza que este estudo nos permite ver a escola onde trabalhamos há 32 anos noutra perspetiva, através da VOZ DOS ALUNOS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Bibliografia

- Amado, J. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições ASA.
- Amado, J et. al. (2002). A Organização de um Conselho de Turma Disciplinar. In A. Cosme e R. Trindade (Org.). *Manual de Sobrevivência para Professores*. Porto: Edições ASA.
- Amado, J. (2005) Alunos perturbadores: Identidades e relações sociais. in Cristina Vieira (ed.). *Ensaio sobre o Comportamento Humano: do diagnóstico à intervenção*. Coimbra: Edições Almedina.
- Amado, J. (2005). Indisciplina e violência na Escola. *Revista Teoria e Prática da Educação*. Vol. 7, n.º 2.
- Amado, J. e Estrela, M. (2000). Indisciplina, Violência e Delinquência na Escola. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIV, n.º 1,2,3, pp. 249 – 271.
- Amado, J. e Freire, I. (2002). A indisciplina na escola – uma revisão da investigação portuguesa. *Investigar em Educação*, vol.1, nº1.
- Amado, J. e Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na escola – compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- Amado, J. e Freire, I. (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola. Compreender para prevenir*. Coimbra: Almedina.
- Antoni et al (1999). *La practica educativa: como enseñar*. Grao.
- Almeida, M.(2005). *Caminhos para a inclusão humana*. Porto: Edições Asa.
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Amadora: Editora McGraw-Hill.
- Barros, E. e Sampaio, D.(1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Caminho.
- Benavente et al. (1994). *Renunciar à escola: o abandono escolar no ensino básico*. Lisboa: Fim do Século.

-
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
 - Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
 - Bolivar, António (2003): *Como melhorar as Escolas. Estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas*. Porto: Edições ASA.
 - Brazelton e Greenspan (2004), *A Criança e o seu Mundo, Requisitos Essenciais para o Crescimento e Aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.
 - Cardoso, T., Alarcão, I. e Celorico, J. (2010). *Revisão da Literatura e Sistematização do Conhecimento*. Porto: Porto Editora.
 - Carmo, H e Malheiro, M. (1998). *Metodologia de investigação: Guia para a auto – aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
 - Carita, A. E Fernandes, G. (2002). *Indisciplina na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.
 - Cecconello, A. E Koller, S. (2000). *Competência social e empatia: um estudo com crianças m situação de pobreza*. Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
 - Costa, E. e Vale D. (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
 - Costa, E. (2003). *Gestão de Conflitos na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
 - Costa, E. e Matos, P. (2007) *Abordagem Sistémica do Conflito*. Lisboa: Universidade Aberta.
 - Cowie (1998), *Perspectivas de professores e alunos na experiência de apoio de pares contra o bullying: Investigação em Educação e Avaliação: An International Journal on Teoria e prática*, volume 4, Issue 2.
 - Chiapetti, N. (2003). *Comportamentos de risco em pré-adolescentes*. S. Paulo : Academia Paulista.

-
- Davies, D., Marques, R. e Silva, P. (1997). *Os professores e as famílias: A colaboração possível* (2.^a ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
 - Delors, J. (2003). *Educação: um Tesouro a Descobrir*. 8.^a edição - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Sec.XXI. São Paulo: Cortez Editora.
 - *Dicionário Básico da Língua Portuguesa*, 6.^a edição. Porto Editora, Porto.
 - Esteves, A e Azevedo, J (1996). *Metodologias Qualitativas*. Porto, Instituto de Sociologia- Universidade do Porto.
 - Estrela, M.T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e indiscipline na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
 - Estrela, M. T. (1996). *Prevenção da indisciplina e formação de professores*. Noesis. Nº 37.
 - Estrela, M. T. (1998). *Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
 - Estrela, M. et al (2000). Indisciplina, Violência e Delinquência na Escola. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIV, n.1,2,3, pp. 249-271.
 - Estrela, M. (2002). *Relação Pedagógica, Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.
 - Estrela, T. et Marmoz, L. (2006). *Indiscipline et violence à l'école. Études européennes*. Paris: l'Harmattan.
 - Fernandes, E. (1990). O aluno e o professor na Escola Moderna in *Psicopedagogia e psicanálise da educação*.
 - Fonseca, A. (2000). Comportamentos Antissociais: uma introdução. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano XXXIV, números 1,2,3.
 - Freire, I. (2001). *Percursos Disciplinares e Contextos Escolares – Dois estudos de caso*. Tese de Doutoramento não publicada. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
 - Gay, L.R. (1981). *Educational Research: Competencies for analysis & application*. Merrill.

-
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (2005). *O Inquérito teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
 - Gleitman, H. (1999) *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
 - Hill, M. M. E Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
 - Janosz et al (2000). *La prévention du décrochage scolaire*. Montréal: Presses de L' Université de Québec.
 - Jones, T.S. e Brinkman, H. S. (1994). "Teach your children well": Recommendations for peer mediation programs. In J.P. Folger & T.S. Jones (Eds.), *New directions in mediation: Communication research and perspectives*, Thousand Oaks, CA: Sage.
 - Kounin, J.(1977). *Discipline and Group management in classrooms*. New York Robert. E. Krieger Publishing Company.
 - Lima, P. (2000). *Inquérito sociológico*. Lisboa: Editorial Presença.
 - Lopes, J. e Rutherford, R. (2001). *Problemas de Comportamento na sala de aula: identificação, avaliação e modificação*. Coleção Crescer. Porto: Porto Editora.
 - Lopes, J. (2003). Problemas de Comportamento, Problemas de Aprendizagem, Problemas de "Ensinar". 3ª Edição. Coleção Nova Era: *Educação e Sociedade*. Nº7. Coimbra: Quarteto Editora.
 - Ludke, e André. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U.
 - Monteiro, M. (2004). *Psicologia social* (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

-
- Murdock, M. C e Puccio, G. (1999). *Creativity assessment: readings and resources*. Buffalo, NY: Creative Education Foundation.
 - Negreiros, J. (2000). *Deliquências Juvenis: trajectórias, intervenção e prevenção*. Editorial Notícias.
 - Nóvoa, A. (1995). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações D: Quixote.
 - Oliveira, J. (2002). Indisciplina na sala de aula: Perspetiva dos alunos e de professores. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, Volume VI, n.º1.
 - Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
 - Pereira, A. (2008) *SPSS, Guia Prático de Utilização, Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia*. 7.ª edição. Lisboa: Edições Sílabo.
 - Pereira, P. *Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às atividades*. Instituto de Estudos de Criança: Universidade do Minho.
 - Pinto C. (2002) *Sociologia da escola*. Lisboa: Editora McGraw-Hill.
 - Puente et al. (1996). *A criança desobediente - Estratégias de Intervenção*. Porto: Campo das Letras Editores S.A.
 - Raposo, N. (2002) A disciplina na escola: Análise psico-socio-educativa. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, Volume VI, n.º 1.
 - Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
 - Roazzi, A, e Almeida, L. (1988). Insucesso escolar- insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar?. Universidade do Minho - *Revista Portuguesa de Educação*.
 - Saint-Exupéry, A. (2001). *O Príncipezinho*. Editorial Presença.

-
- Santos, A et al. (2009). *Escolas de futuro – 130 boas práticas de escolas portuguesas para directores, professores e pais*. Porto: Porto Editora.
 - Santos, M. R. (2004). Violência(s) na escola. *Psychologica*, 36 (pp. 163-174).
 - Sebastião, J. et al. (2001). A produção da violência na escola: estudo de caso in *Violência e Indisciplina na Escola*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (livro do XI Colóquio).
 - Sebastião, J. et al. (1999). A produção da violência na escola – *Revista da ESES*. Santarém.
 - Sebastião, J. (2010). *Violência na escola, Tendências, contextos, olhares*. Chamusca: Edições Cosmos.
 - Simões, M. e Vaz Serra, A. (1987). A importância do auto conceito na aprendizagem escolar. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano XXI. pp.233-252.
 - Silva, M.L. (2001). *Indisciplina na Aula - Um Problema dos Nossos Dias*. Porto: Edições ASA.
 - Sprinthall, A. e Collins, A, (2003). *Psicologia do Adolescente uma abordagem Desenvolvimentista*, 3ªEdição. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa.
 - Stake, R.E. (1998). *Investigación com estúdio de casos*, Ediciones Morata
 - Strecht, P. (2008). *A minha escola não é esta: Dificuldades de aprendizagem e comportamentos em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim.
 - Strecht, P. (2004). *Quero -te muito – Crónicas para pais sobre filhos*, 2.^a edição. Assírio e Alvim.
 - Taveira, M. (1990). Problemas de realização escolar, in Campos, B.P. (org.) *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Lisboa: Universidade Aberta.
 - Tuckman, B.W. (1994). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

-
- Urra, J (2009). *O Pequeno Ditador*, 15.^a edição. Lisboa. A esfera dos Livros.
 - Vieira, M. (2007), Em torno da família e da escola: pertinência científica, invisibilidade social, *Escolas, Famílias e Lares*. Porto: Profedições.
 - Veiga, F. (1995). *Indisciplina e violência na escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Alunos*. Coimbra: Livraria Almedina.
 - Veiga, F. (2007). *Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais Para Professores e Pais*, 3.^o edição. Coimbra: Livraria Almedina.
 - Vettenburg, N. (2000). Violência nas escolas: Uma abordagem centrada na prevenção. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIV, nº. 1-2-3, (pp. 223-247).
 - Villas-Boas, M.A. (2001). *Escola e Família. Uma relação produtiva em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
 - Yin, R. (1994). *Case study research: Design and methods* (2nd ed.). Beverly Hills, CA: Sage Publishing.
 - Recursos / documentos fornecidos pelas docentes de Metodologias.
 - Projetos Educativos.
 - Regulamento interno.
 - Atas de Conselhos de Turma e do Conselho Pedagógico.
 - MISI.
 - *Dossiers* com as faltas disciplinares e participações.

B- Legislação

- Lei n.º 5/73 de 25 de Julho no final do Estado Novo.
- Lei de Bases do Sistema Educativo, (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, alterada pela Leis n.º 115/97 de 19 de Setembro, n.º 49/2005 de 30 de Agosto e n.º 85/2009 de 27 de Agosto).

-
- Decreto - lei n.º 270/98, de 1 de Setembro denominado de “Estatuto dos alunos dos estabelecimentos dos ensinos básico e secundário”.
 - Lei n.º 30/ 2002, de 20 de Dezembro
 - Decreto-lei n.º 115-A/98.
 - Lei n.º3/2008, de 18 de janeiro.
 - Lei n.º 39/2010
 - Lei n.º 51/2012, de 5 de Setembro
Lei Tutelar de Menores (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro.
 - Conselho Nacional de Educação (2002). *Para combater a indisciplina nas escolas*. Parecer nº 3. Lisboa: CNE.

C- Sitografia.

- Baptista, D’Antino, e Schwartzman (2003). Evasão escolar. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. (volume 25, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Calheiros, M. (2002). *A construção social do mau trato e negligência parental: do senso-comum ao conhecimento científico*. Tese de Psicologia – ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa
<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=3219803904079304>
https://www.google.pt/?gws_rd=cr&ei=pEjJUqjZNMfasgby94HwDg#q=Maria+manuela+CALHEIROS+2002 (consultado em 30 de Janeiro de 2011).
- *Constituição da República Portuguesa* <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> (consultado em 12 de fevereiro de 2011).
- Dubet, F. *A Escola e a Exclusão*. École des Hautes Études en Sciences Sociales – Cadis Université Victor Segalen 2 – Bordeaux

<http://pt.slideshare.net/nfraga/a-escola-e-a-excluso-franois-dubet>
consultado em 28 de março de 2010).

- Estrela, A. (1992). *Pedagogia, Ciência da Educação?*, Porto Editora, Porto.
<http://www.uc.pt/fmuc/gabineteeducacaomedica/recursoseducare/livro31>
(consultado em 30 de janeiro de 2010).

- Feitosa, Dell Prette e Del Prette. (2005). Suporte social, nível socioeconómico e o ajustamento social e escolar de adolescentes portugueses. Universidade Federal de São Carlos. Brasil.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2005000200005&script=sci_arttext&tlng=pt (consultado em 30 de janeiro de 2010).

- Graubard. À conversa com pais - Psicologia Educacional e Psicoterapia
<http://aconversacompais.blogspot.pt/> (consultado em 30 de janeiro de 2010).

- Jadue, G., Galindo, A. e Navarro, N.L. (2005). Factores protectores y factores de riesgo para el desarrollo de la resiliencia encontrados en una comunidad educativa en riesgo social.- Estudios Pedagógicos - artigo
http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-07052005000200003&script=sci_arttext (consultado em 10 de fevereiro de 2010).

- Lancastre, M.- João Grancho, Presidente da Associação Nacional de Professores, entrevista à revista XIS, outubro de 2007 -
<http://osveencidosdavidia.blogspot.pt/2007/10/escola-no-familia.html> (consultado em 10 fevereiro de 2010).

- Lopes, João Teixeira *Diretor do Curso de Especialização em Animação e Mediação Cultural orador no encontro da Mediar “Olhares Sobre a Mediação Sociocultural” fevereiro de 2006 Lisboa IPJ 3.*

-
- Knesting k.e Waldron (2006) Willing to play the game: How at-risk students persist in school. *Psychology in the Schools*, <http://rse.sagepub.com/content/29/3/145.short> , (consultado 10 fevereiro de 2010).
 - Intervenções com pais: da alteração das práticas educativas parentais à inclusão de variáveis de contexto http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2011000300010 (consultado em 11 de fevereiro de 2010).
 - Meira, M. E Centa, M.(2003). A evolução da família e suas implicações na educação dos filhos. http://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=2901&impressao- (consultado em 12 de abril de 2011).
 - Pacheco. F. (2006) A Gestão de conflitos na escola - <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/666/1/LC209.pdf> (consultado em 2009).
 - Ruotti, C. (2010) Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. Universidade de São Paulo http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022010000100010&script=sci_arttext – (consultado em 12 de abril de 2011).
 - Santos, L. e Marturano, E. (1999). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v15n1/a05v15n1.pdf> - (consultado 12 de março de 2012).
 - Setton (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. – *Revista Brasileira de Educação*. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05> (consultado 12 de março de 2012).

-
- LUSA (2007). Observatório divulga dados sobre a violência nas escolas *Educare. Pt* <http://www.educare.pt> (consultado em 6 de Outubro de 2008).
 - LUSA (2007). Observatório de Segurança Escolar dúvida da Fiabilidade dos atuais dados. <http://www.rtp.pt> (consulta realizada em 6 outubro de 2008).
 - LUSA (2009). Violência Escolar. <http://www.anprofessores.pt> consulta realizada em (30 de abril de 2009).
 - Lei Tutelar Educativa (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro, in www.dre.pt), (consultado em 2011).
 - Medina, T. Indisciplina e violência em meio escolar, in *a Página da Educação - n.º 101* <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=101&doc=8354&mid=2> (consultado em 8 de julho de 2010).

Manuela Teixeira, ex-secretária-geral da Federação Nacional dos Sindicatos da Educação (FNE) afirma (*Público*, 13 de Junho de 2006).

- http://www.google.pt/#hl=pt-PT&q=conselho+nacional+de+educa%C3%A7%C3%A3o+parecer+n%C2%BA+3+de+2002&aq=f&aql=&aql=&oq=&gs_rfai=&gs_upl=16279%2C2065%2C24%2C1%2C216%2C2961%2C16%2C4%2C0%2C1%2C9%3A1&fp=67b16b75f9757709 [Consultado em 12 de julho de 2010] – Parecer nº 3/2002 “Para combater a indisciplina nas escolas.”,
- <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/ultima-hora/escola-segura-3222-denuncias-no-ano-letivo-20112012 outubro de 2012> (consultado em 22 dezembro de 2012).
- https://www.google.pt/search?q=fotos+da+escola+reynaldo+dos+santos&rlz=1C2AVSW_enPT411PT466&tbm=isch&source=iu&imgil=VKFCa3toJl (consultado em janeiro de 2014).

-
- <http://educar.no.sapo.pt/indisciplina.htm> outubro de 2012 (consultado em 22 de dezembro de 2012).

 - <http://www.podata.pt/> (consultado em janeiro de 2014).

 - http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Franca (consultado em janeiro de 2014).

 - [http://213.13.165.25/MuniSIGWeb/\(S\(yoipdi45h4uba3iq4lhyd55\)\)/MapView/SectionsViewer.aspx?id=0](http://213.13.165.25/MuniSIGWeb/(S(yoipdi45h4uba3iq4lhyd55))/MapView/SectionsViewer.aspx?id=0)(consultado em janeiro de 2014).

 - www.dre.pt. (consultado em janeiro de 2014).

ANEXOS

Anexo I

Cálculos dos alunos a inquirir

Tabela 1: Cálculos dos alunos a inquirir

		N.º de alunos		N.º de alunos		N.º de alunos						
		Total	50%	Total	50%	Total	50%	50% do total				
2º CICLO	5ºA	22	11	6ºA	25	13						
	5ºB	22	11	6ºB	25	13						
	5ºC	26	13	6ºC	26	13						
	5ºD	22	11	6ºD	21	11						
	5ºE	21	11	6ºE	26	13						
					6ºF	5	3					
TOTAL		113	57	0	0	128	64	121				
3º CICLO	7ºA	25	13	8ºA	24	12	9ºA	21	11			
	7ºB	20	10	8ºB	20	10	9ºB	24	12			
	7ºC	25	13	8ºC	19	10	9ºC	25	13			
	7ºD	26	13	8ºD	22	11	9ºD	28	14			
	7ºE	22	11	8ºE	22	11						
TOTAL		118	59	0		107	54	0	0	98	49	162
	CEF	15	8									8
								Nº total de discentes a inquirir		290		

Anexo II

Guião da Entrevista a um elemento da Associação de Estudantes

Guião da Entrevista a um elemento da Associação de Estudantes		
Blocos Temáticos	Objectivos	Questões / Items
<p>A– Legitimação da entrevista- (justificando a necessidade da mesma e esclarecendo a entrevistada)</p> <p>Justificação da entrevista e esclarecimento da entrevistada.</p> <p>Promoção de um clima de confiança, e diálogo aberto.</p>	<p>1- Informar sobre o trabalho de investigação em curso e os objetivos da entrevista</p> <p>2-Assegurar a confidencialidade dos dados recolhidos</p> <p>3-Criar um ambiente de descontração, abertura e confiança entre entrevistadora e entrevistada</p>	<p>1 – Informar a entrevistada sobre o tema e objetivos do trabalho (o convite já foi feito previamente)</p> <p>2 – Descrever a importância do contributo da entrevistada para o trabalho de investigação.</p> <p>3 – Informar sobre a garantia do anonimato</p> <p>4 –Solicitar autorização para a gravação da entrevista</p> <p>5- Criar um clima de abertura e confiança.</p> <p>- Importa-se que a entrevista seja gravada para permitir uma maior fiabilidade dos dados recolhidos?</p>
<p>B – Dados pessoais relativos à entrevistada</p>	<p>1- Caracterizar o perfil da aluna entrevistada</p>	<p>1- Não se importa de me dizer a sua idade?</p> <p>2- Qual o ano de escolaridade que frequenta?</p> <p>3- Há quantos anos frequenta esta escola?</p> <p>4- Já reprovou alguma vez?</p> <p>5- Já teve alguma falta/ punição disciplinar e acha que foi justa?</p> <p>6- Por que razões se candidatou à Associação de Estudantes?</p>
<p>C - Perspetiva da entrevistada em relação à in/disciplina escolar</p>	<p>1-Definir o conceito de (in)disciplina</p>	<p>1- O que significa para si indisciplina escolar?</p> <p>2- Como acha que se manifesta? (Na sala de aula, entre colegas, com os docentes e não docentes)</p> <p>3- Que tipo de comportamentos acha mais graves na sala de aula? (falar, gozar com os colegas ou professores, não acatar as ordens do professor, agredir colega ou professores)</p>
	<p>1- Identificar causas da</p>	<p>1- Que razões podem estar na origem</p>

	(in)disciplina	da indisciplina?
	<p>1-Perceber as representações da entrevistada face à (in)disciplina</p> <p>2- Conhecer a perceção da entrevistada relativamente aos fatores que provocam a (in)disciplina (fatores intrínsecos aos alunos; fatores inerentes à escola; fatores de origem sociofamiliar)</p>	<p>1- Na sua opinião, de quem é a responsabilidade da indisciplina na sala de aula? (alunos, professores, família, ee, escola/direção, outro(s))</p> <p>2- Que motivos de ordem familiar podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula? (Pais permissivos, pouco tolerantes, problemas familiares, droga, outro(s))</p> <p>3- Que motivos, a nível da escola, podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados? (matérias, regulamento da escola, n.º de alunos por aula, horários, espaços, outro(s))</p> <p>4- E em relação ao professor, que motivos existirão que possam contribuir para a indisciplina na sala de aula? (métodos de trabalho, capacidade de comunicação, professor autoritário, demasiado tolerante, dificuldade em lidar com conflitos outro(s))</p> <p>5- Quanto aos alunos, que motivos contribuirão para que exista indisciplina? (falta de identificação com a escola, com os colegas e com os professores, a escola ser pouco representativa, falta de regras, outro(s))</p> <p>6- Quais os alunos com maior grau de indisciplina? (Mais velhos ou mais novos, rapazes ou raparigas...?)</p>
<p>D- Representação da aluna acerca da (in)disciplina na escola em estudo</p>	<p>1- Conhecer a perceção da entrevistada relativamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • às estratégias utilizadas na escola na resolução da indisciplina • à atuação da escola na prevenção e resolução de situações de indisciplina • à evolução da indisciplina na escola 	<p>1- Quando veio para a escola, alguém lhe explicou como se deveria comportar?</p> <p>2- Quem lhe explicou as regras de comportamento na escola?</p> <p>3- Conhece o Regulamento Interno da escola? Já o leu?</p> <p>4- Acha que na escola, faz-se cumprir o regulamento?</p> <p>5- Como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos na escola?</p> <p>6- Como avalia na Escola, a in/disciplina? Como e onde é que ela mais se manifesta? (na aula / fora da aula /comportamento</p>

		<p>dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, outro(s))</p> <p>7- Na escola, quem é que os alunos mais respeitam/ a quem obedecem mais? (direção/diretor de turma/os seus professores do sexo masculino/ pessoal não docente /colegas mais velhos, outro(s))</p> <p>8- Sente-se segura na escola ?</p> <p>9- Acha que a generalidade dos alunos se sente seguros?</p>
	2- Perceber o conhecimento da entrevistada relativamente às estratégias utilizadas, pela escola, na resolução da (in)disciplina	<p>1-Sabe se na sua escola são realizadas atividades que pretendem combater a indisciplina na escola?</p> <p>2-Pode-me citar algumas?</p> <p>3-Sabe qual a medida mais adotada pela escola?</p>
	3- Conhecer/Avaliar a perceção da entrevistada quanto à eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina – prevenção/superação dos comportamentos de (in)disciplina	<p>1-O gabinete do aluno abriu o ano passado, que opinião tem sobre o mesmo?</p> <p>2-Considera que as medidas disciplinares adotadas são as mais adequadas? Porquê?</p>
E- Propostas para a promoção da disciplina	Conhecer as propostas da entrevistada quanto às medidas a adotar para combater a indisciplina e ao possível contributo dos alunos no combate à indisciplina	<p>1. Que outras medidas deviam/podiam ser adotadas para combater a indisciplina?</p> <p>2. Pensa que os alunos poderiam contribuir para o combate à indisciplina? De que forma?</p> <p>3. Como estudante, que estratégias sugeria à Direção para combater a indisciplina?</p> <p>4. Poderá a Associação de Estudantes ter algum papel no combate à indisciplina?</p>
<i>Agradecimento</i>	Agradecer a disponibilidade e colaboração.	<p>Caso queira acrescentar alguma informação ou reflexão sobre o assunto, sinta-se à vontade.</p> <p>Obrigada pelo seu precioso contributo, colaboração e disponibilidade.</p>

Anexo III

Transcrição da entrevista ao elemento da Associação de Estudantes

Chamo-me Hermínia Falcão Valente, sou professora nesta escola há 30 anos e estou a terminar o Mestrado em Gestão e Administração Educacional na Universidade Aberta.

Gostávamos de lhe fazer algumas perguntas acerca do tema: A (In)disciplina na escola: a voz dos alunos – Um contributo para um estudo no Agrupamento de Escolas Dr. Sousa Martins.

Agradecemos que fosse o mais sincera possível e diga sempre o que considera adequado e relevante relativamente ao assunto questionado, uma vez que as suas respostas serão um importante contributo para este trabalho de investigação. Gostaríamos, ainda, de informar sobre a garantia do seu anonimato e solicitávamos a autorização para gravar a entrevista.

Desde já agradecemos a preciosa colaboração e disponibilidade demonstrada.

Tenho muito gosto em poder colaborar com a professora.

7- Não se importa de me dizer a sua idade?

15 anos.

8- Qual o ano de escolaridade que frequenta?

10º ano.

9- Há quantos anos frequenta esta escola?

Há 5 anos.

10- Já reprovou alguma vez?

Não, nunca.

11- Já teve alguma falta/ punição disciplinar e acha que foi justa?

Não, nunca tive.

12- Por que razões se candidatou à Associação de Estudantes?

Não foi uma razão, foi mais um convite, já desde o ano passado que me me andavam a fazer essa proposta e eu achei uma ideia interessante porque estaria mais ligada à escola e entenderia melhor os problemas dos alunos.

7. O que significa para si indisciplina escolar?

Essencialmente desrespeito ao professor sendo a autoridade máxima dentro da sala de aula, se bem que eu acho que quando falamos de indisciplina, abranja funcionárias porque acho que cada vez mais também estão a ser desrespeitadas.

8. Como acha que se manifesta? (Na sala de aula, entre colegas, com os docentes e não docentes)

Manifesta-se mais em relação aos professores, quando é entre colegas não é bem desrespeito, indisciplina, falo nos casos que vejo, acho que é mesmo em relação aos professores e até funcionários.

9. Que tipo de comportamentos acha mais graves na sala de aula? (falar, gozar com os colegas ou professores, não acatar as ordens do professor, agredir colega ou professores)

Na minha turma não noto casos assim tão graves, mas sei que nesta escola há turmas que dão problemas e que têm comportamentos graves, mas não consigo encontrar um mais grave, considero que são todos.

10. Mas alguma destas classificaria como mais grave? (foram repetidas as hipóteses)

Acho que cada uma afeta, tanto psicologicamente como a nível do trabalho da sala de aula e todas contribuem para a indisciplina.

11. Que razões podem estar na origem da indisciplina?

O convívio familiar quando é complicado afeta psicologicamente os alunos e isso tem repercussões violentas.

12. Na sua opinião, de quem é a responsabilidade da indisciplina na sala de aula? (alunos, professores, família, encarregados de educação, escola/direção, outro(s)?)

Da escola não diria, eu acho que está tudo ligado à família com o convívio que o estudante tem fora da escola, com o historial de vida, eu acho que os professores já fazem demasiado, os professores até toleram demasiado, até já fazem demasiado.

14. Então atribui responsabilidade aos professores?

Não, não, eu acho que os professores são tolerantes de mais, se não tolerassem tanto, cortava-se o mal pela raiz, digamos assim.

13. Que motivos de ordem familiar podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula? (Pais permissivos, pouco tolerantes, problemas familiares, droga, outro(s)?)

Em relação aos pais pouco tolerantes, eu acho que também é mau, os estudantes vão crescendo, e às vezes os pais prendem-se demais aos filhos, e eu penso que isso também pode afetar o comportamento de se querer revoltar (entre aspas), pais demasiado tolerantes também é muito mau, acabam por não ter mão nos filhos, não estão a fazer as “coisas” na altura certa, pode vir a criar também indisciplina na escola porque fazem o que querem e os pais deixam.

O historial dos pais ou dos filhos relacionado com drogas ou álcool, claro que leva também à indisciplina.

14. Que motivos, a nível da escola, podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados? (matérias, regulamento da escola, n.º de alunos por aula, horários, espaços, outro(s)?)

A falta de vigilância não diria, mas o número de alunos por turma terá muito influência e perturba o bom funcionamento da aula, é um bocado complicado, digamos assim, um professor estar a dirigir uma turma de trinta alunos.

15. E em relação ao professor, que motivos existirão que possam contribuir para a indisciplina na sala de aula? (métodos de trabalho, capacidade de comunicação, professor autoritário, demasiado tolerante, dificuldade em lidar com conflitos outro(s)?)

Eu quando entrei para esta escola no meu 5º ano, eu tinha um professor que era demasiado tolerante, nós éramos novos e muito conversadores, ainda hoje continuamos conversadores, é um facto, mas no 5º ano falávamos muito nas aulas, e esse professor por ser demasiado tolerante não tinha mão em nós, nunca lhe faltámos ao respeito, mas se queria meter ordem na sala, era muito complicado, não só pela nossa falta de maturidade, mas também porque ele não queria ser demasiado exigente, demasiado autoritário, perdeu o controlo da sala de aula e sei que houve alunos que lhe faltaram ao respeito.

16. Sente que um professor autoritário tem mais facilidade em controlar a aula e evitar a indisciplina? Porquê?

Sim, acho que sim. Penso que não deixa pisar tanto o risco, digamos assim, não é de criar medo, nós sabemos que aquele professor é assim, aquele professor impõe-se e não podemos ultrapassar a linha, os limites.

17. Acha que os alunos gostam que haja regras, limites?

Acho que sim, eu acho que um professor não deve ser demasiado autoritário porque os alunos irão com desagrado para a aula, mas é mais difícil controlar uma aula quando um professor é demasiado tolerante, por isso há mais indisciplina.

18. Quanto aos alunos, que motivos contribuirão para que exista indisciplina? (falta de identificação com a escola, com os colegas e com os professores, a escola ser pouco representativa, falta de regras, outro(s)?)

Eu acho que em relação aos alunos serem indisciplinados, os motivos vêm principalmente de casa, não vejo nenhuma hipótese que disse, a responsabilidade é dos encarregados de educação, não é do estudante, tem de haver um historial por detrás que pesa no comportamento dos alunos.

19. Quais os alunos com maior grau de indisciplina, mais velhos ou mais novos?

Isso agora é complicado, eu acho que à medida que ando nesta escola, a indisciplina vem dos mais novos, eu vejo coisas cá na escola que quando eu tinha a idade deles, eu era incapaz de fazer e mesmo os meus colegas mais marotos. No 5º ano, eu não fazia nem metade, quando era para ir ao bar, tinham os grandes que sair para eu ir. Não era bem respeito, hoje considero que era até uma atitude meio parva, digamos assim porque a escola era de todos. Mas agora os alunos tendem a abusar, principalmente os mais novos.

20. Acha que há um maior grau de indisciplina da parte dos rapazes ou das raparigas?

Do que eu vejo, acho que há mais indisciplina da parte dos rapazes, apesar de achar que há indisciplina nos dois géneros, mas talvez um pouco mais nos rapazes.

21. Quando veio para a escola alguém lhe explicou como se deveria comportar?

Não.

22. Nem na escola, nem em casa?

Em casa sim, mas na escola não. Bem... na escola, os professores tendem, nas primeiras aulas do início do ano, a dar as regras sobre o bom funcionamento das aulas, se bem que não eram todos.

23. Quem lhe explicou as regras de comportamento na escola?

Todos os professores deram uma lista de regras. A Diretora de Turma analisou connosco alguns pontos.

24. Conhece o Regulamento Interno da escola? Já o leu?

Não, nunca o li. Sei que há. Bem... conheço aquilo que a DT e os professores vão lendo ao longo do ano.

25. Acha que na escola, faz-se cumprir o regulamento? Como não o leu será complicado responder a esta pergunta.

Pois é verdade, mas penso que sim, por exemplo a associação de estudantes, quando quer fazer alguma coisa, tem de falar com a subdiretora e se há alguma coisa que não está dentro do regulamento, não podemos fazer e a *stora* alerta-nos sempre.

26. Como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos nesta escola?

Penso que tende a aumentar, a agravar. Por exemplo o facto de um professor ou um funcionário dizerem algo e os alunos não acatarem às ordens e serem mesmo mal educados vê-se cada vez mais.

27. Como avalia na Escola, a in/disciplina? Como e onde é que ela mais se manifesta? (na aula / fora da aula / comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores / civismo / segurança, outro(s)?)

Dentro da aula não acho que haja casos muito graves, também estou a falar da minha turma e o maior problema é continuarem muito conversadores, não somos na generalidade mal-educados e nunca faltamos ao respeito a nenhum professor. Mas fora da aula, para as funcionárias, os alunos tendem a inferiorizar as funcionárias e o seu trabalho e uma funcionária é como se não tivesse autoridade, não pudesse dar ordens como um professor. Eu acho que está errado, pois nós temos de acatar as ordens tanto de um funcionário como de um professor.

28. Acha, então que a indisciplina se manifesta mais fora da sala de aula?

Sim, sim

29. Voltando um pouco atrás, gostaria de lhe perguntar, quando diz " nós não faltamos ao respeito, só somos muito conversadores" Não acha que isso também é indisciplina?

Sim até acho, mas nós não fazemos por mal, é verdade que não devíamos fazer mas muitas vezes estamos a falar sobre as matérias. Às vezes os professores deveriam pôr-nos fora da sala de aula. O facto de falar muito, também é, na verdade, falta de respeito visto que o professor já mandou calar.

30. Na escola, quem é que os alunos mais respeitam/ a quem obedecem mais? (direção/diretor de turma/os seus professores do sexo masculino/ pessoal não docente /colegas mais velhos, outro(s)?)

De todos os exemplos que já deu é à direção, eu acho que o Diretor até é uma pessoa tolerante, mas quando ele diz alguma coisa, daquilo que eu tenho visto, eles acatam e já presenciei. O Diretor de Turma deveria de ter também peso, mas penso que cada vez mais os alunos acham que o DT é como qualquer outro professor. Entre colegas há sempre um elemento na turma que tem mais... é como se fosse um modelo, muitas vezes pela negativa.

31. Sente-se segura na escola?

Sim. Nesta escola já houve vários roubos e até cada vez há mais. Mas segura, sim.

32. Acha que a generalidade dos alunos se sente seguros?

Eu acho que sim.

33-Sabe se na sua escola são realizadas atividades que pretendem combater a indisciplina na escola?

Não sei.

34. Sabe qual a medida mais adotada pela escola?

Penso que são os trabalhos corretivos e depois a suspensão.

35. O gabinete do aluno abriu o ano passado, que opinião tem sobre o mesmo?

Nunca o frequentei, só uma dúvida nesse gabinete há sempre um professor? (Sim há sempre um professor?) Por um lado, eu acho bem, eu nunca falei com alguém que tenha frequentado, nunca ninguém o que é que se fazia lá exatamente. Mas tenho uma ideia de que nesse gabinete, o aluno vai falar com um professor que acaba por ter, eventualmente, uma função de psicólogo, ou seja uma pessoa para apoiar. Por isso, eu acho que a existência desse gabinete é bom porque pode ajudar o aluno que vai falar e o professor vai compreender os seus problemas.

36.Considera que as medidas disciplinares adotadas são as mais adequadas? Porquê?

Eu não vejo outras, acho que as medidas que a escola já toma, não sei se para a gravidade de alguns problemas, aquela suposta solução, medida será suficientemente boa, mas o quê, expulsar? Eu acho que se tivermos a expulsar um aluno, estamos a pô-lo de parte, acho que isso não vai ser bom e ainda vai fazer com que o aluno tenha comportamentos mais violentos e se torne ainda mais indisciplinado.

37. Que outras medidas deviam/podiam ser adotadas para combater a indisciplina?

Já participei em vários projetos e houve um que era sobre o combate ao *bullying* e nas pesquisas que fomos fazendo, conseguimos perceber que os alunos mais problemáticos são aqueles que têm mais historial de vida, como eu já disse e estarmos a excluí-los, é torná-los mais revoltados. Por isso eu acho que não devíamos fazer certas punições, pois vai fazer com que os alunos tenham ainda comportamentos mais perturbadores.

38. Pensa que os alunos poderiam contribuir para o combate à indisciplina? De que forma?

Eu acho que aquilo que os professores já fazem, o facto de conversarem, que é aquilo também poderiam fazer, mas talvez..., talvez os alunos entre eles pudessem falar com os alunos mais problemáticos porque a abordagem que nós temos com

eles é diferente daquela que o professor tem, a confiança que os alunos têm entre eles, é diferente da confiança com um professor, pela sua idade. Não digo que resolvesse o problema, mas quem sabe.

39. Como estudante, que estratégias sugeria à Direção para combater a indisciplina?

Pergunta complicada!

40. Acha que os encarregados de educação poderiam ter um papel de maior responsabilização e uma mais profunda intervenção no combate à indisciplina?

Isso, lá está, tem a ver com a história que já vem com os pais e com os problemas que eles poderão ter em casa. Se eles não têm um suporte em casa, vai-se refletir na escola. Se eles observam comportamentos mais agressivos entre os pais, se estes são consumidores de droga ou álcool, por exemplo, os alunos tendem a ser aquilo que os pais são.

41. Sei que assumiu o cargo na Associação de Estudantes há pouco tempo, mas acha que a Associação poderá ter algum papel no combate à indisciplina?

Sim acho que poderia promover palestras para elucidar, informar os alunos, mostrando mesmo percentagens do aumento dos problemas de indisciplina, acho até que ia ser chocante e talvez os alunos tomassem consciência de certas coisas e poderiam refletir sobre o seu comportamento.

Caso queira acrescentar alguma informação ou reflexão sobre o assunto, sinta-se à vontade.

Não a única coisa que eu estou a pensar depois desta entrevista e tenho a certeza que vou fazer, vou falar com os colegas da Associação porque esta entrevista de certo modo deixou-me a pensar sobre o assunto e lá está a associação de Estudantes não pode ser só festas, também é um elemento representativo da escola, especialmente dos alunos e se calhar deveríamos fazer qualquer coisa, talvez pedir dados à Direção sobre este tema da indisciplina e ajudar mais a escola e os alunos.

Só me resta agradecer pelo seu precioso contributo, colaboração e disponibilidade, se quiserem, podem contar com o meu apoio. Logo que possa divulgar os resultados da minha investigação, poderei e terei muito gosto em contribuir com o meu apoio.

Muito obrigada também. Porque até para mim foi enriquecedor ter sido entrevistada.

Anexo IV

Extratos da entrevista exploratória e classificação por categorias e subcategorias

Bloco C - Perspetiva da entrevistada em relação à (in)disciplina escolar

Categoria 1 - Definir o conceito de (in)disciplina

Subcategoria 1 - O que significa indisciplina escolar

Essencialmente **desrespeito ao professor sendo a autoridade máxima dentro da sala de aula**, se bem que eu acho que quando falamos de indisciplina, **abranja funcionárias** porque acho que **cada vez mais também estão a ser desrespeitadas**.

Subcategoria 2 – Como se manifesta

Manifesta-se mais em relação aos professores, quando é entre colegas não é bem desrespeito, indisciplina, falo nos casos que vejo, acho que é mesmo **em relação aos professores e até funcionários**.

Subcategoria 3 – Tipo de comportamentos mais graves

Na minha turma **não noto casos assim tão graves**, mas sei que nesta escola há turmas que dão problemas e que têm **comportamentos graves, mas não consigo encontrar um mais grave, considero que são todos**. Acho que **cada um afeta, tanto psicologicamente como a nível do trabalho da sala de aula** e, todos contribuem para a indisciplina.

Categoria 2 - Identificar causas da (in)disciplina

Subcategoria 1 - Razões da indisciplina

O convívio familiar quando é **complicado** afeta psicologicamente os alunos e isso tem repercussões violentas.

Categoria 3- Representações da (in)disciplina/ fatores que provocam a indisciplina

Subcategoria 1- Responsabilidade da indisciplina na sala de aula

Da **escola não** diria, eu acho que **está tudo ligado à família** com o **convívio que o estudante tem fora da escola**, com o **historial de vida**, eu acho que **os professores já fazem demasiado, os professores até toleram demasiado**, até já fazem demasiado.

(...) os professores são tolerantes de mais, **se não tolerassem tanto, cortava-se o mal pela raiz (...)**

Subcategoria 2 - Motivos de ordem familiar que podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula

Em relação aos **pais pouco tolerantes**, eu acho que também é mau, os estudantes vão crescendo, e às vezes **os pais prendem-se demais aos filhos**, e eu penso que isso também **pode afetar o comportamento de se querer revoltar** (entre aspas), **pais demasiado tolerantes** também é muito mau, **acabam por não ter mão nos filhos**, não estão a fazer as “coisas” na altura certa, pode vir a criar também indisciplina na escola porque fazem o que querem e os pais deixam.

O historial dos pais ou dos filhos relacionado com drogas ou álcool, claro que leva também à indisciplina.

Subcategoria 3 - Motivos, a nível da escola que podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados

A falta de vigilância não diria, **mas o número de alunos por turma** terá muito influência e perturba o bom funcionamento da aula, é um bocado complicado, digamos assim, um professor estar a dirigir uma turma de trinta alunos.

Subcategoria 4 – Motivos, intrínsecos ao professor, que possam contribuir para a indisciplina na sala de aula

Eu quando entrei para esta escola no meu 5^o ano, eu tinha um professor que era demasiado tolerante, nós éramos novos e muito conversadores, ainda hoje continuamos conversadores, é um facto, mas no 5^o ano falávamos muito nas aulas, e esse professor **por ser demasiado tolerante não tinha mão em nós**, nunca lhe

faltámos ao respeito, **mas se queria meter ordem na sala, era muito complicado**, não só pela nossa falta de maturidade, mas também porque **ele não queria ser demasiado exigente, demasiado autoritário, perdeu o controlo da sala de aula** e sei que **houve alunos que lhe faltaram ao respeito**.

Há professores que **não deixam pisar tanto o risco**, digamos assim, **não é de criar medo**, nós sabemos que aquele professor é assim, aquele professor **impõe-se e não podemos ultrapassar a linha, os limites**.

Os alunos gostam das regras, acho que **um professor não deve ser demasiado autoritário** porque os **alunos irão com desagrado para a aula**, mas **é mais difícil controlar uma aula quando um professor é demasiado tolerante**, por isso **há mais indisciplina**.

Subcategoria 5 - Motivos relacionados com os alunos que contribuirão para que exista indisciplina

Eu acho que em relação aos alunos serem indisciplinados, **os motivos vêm principalmente de casa**, não vejo nenhuma hipótese como já disse, **a responsabilidade é dos encarregados de educação, não é do estudante**, tem de haver **um historial por detrás que pesa no comportamento dos alunos**.

Subcategoria 6 - Grau de indisciplina relacionado com o sexo e a idade

Isso agora é complicado, eu acho que à medida que ando nesta escola, **a indisciplina vem dos mais novos**, eu **vejo coisas cá na escola que quando eu tinha a idade deles, eu era incapaz de fazer e mesmo os meus colegas mais marotos**. No 5º ano, **eu não fazia nem metade**, quando era para ir ao bar, tinham os grandes que sair para eu ir. Não era bem respeito, hoje considero que era até uma atitude meio parva, digamos assim porque a escola era de todos. Mas agora os alunos tendem a abusar, principalmente os mais novos.

Do que eu vejo, acho que há **mais indisciplina da parte dos rapazes**, apesar de achar que **há indisciplina nos dois géneros**, mas talvez um pouco mais nos rapazes.

Bloco D- Representação da entrevistada em relação à (in)disciplina na escola em estudo

Categoria 1 - Estratégias utilizadas na escola na resolução da indisciplina

Subcategoria 1- A escola explica as regras de comportamento

Não.

Em **casa sim**, mas **na escola não**. Bem... na escola, os professores tendem, nas **primeiras aulas do início do ano, a dar as regras sobre o bom funcionamento das aulas, se bem que não eram todos**.

Subcategoria 2 - Quem explicou as regras

Todos os professores deram uma lista de regras. A Diretora de Turma **analisou connosco alguns pontos**.

Subcategoria 3 – Conhecimento do regulamento

Não, nunca o li. Sei que há. Bem...**conheço aquilo que a DT e os professores vão lendo ao longo do ano**.

Categoria 2 - Atuação da escola na prevenção e resolução de situações de indisciplina

Subcategoria 1 – A escola faz cumprir o regulamento

(...) penso que sim, por exemplo *a associação de estudantes*, quando quer fazer alguma coisa, **tem de falar com a subdiretora e se há alguma coisa que não está dentro do regulamento, não podemos fazer e a stora alerta-nos sempre**.

Subcategoria 2 – A segurança na escola

Sim. Nesta escola **já houve vários roubos e até cada vez há mais**. Mas **segura, sim**. (As pessoas em geral) - Eu **acho que sim**.

Subcategoria 3 – Os alunos respeitam e obedecem

De todos os exemplos que já deu é **à direção**, eu acho que **o Diretor até é uma pessoa tolerante**, mas quando ele diz alguma coisa, daquilo que eu tenho visto, **eles**

acatam e já presenciei. O Diretor de Turma deveria de ter também peso, mas penso que cada vez mais os alunos acham que o DT é como qualquer outro professor. Entre colegas há sempre um elemento na turma que tem mais... é como se fosse um modelo, muitas vezes pela negativa.

Categoria 3 - Evolução da indisciplina na escola

Subcategoria 1 - Evolução do fenómeno da indisciplina ao longo dos anos na escola

Penso que tende a aumentar, a agravar. Por exemplo, o facto de um professor ou um funcionário dizerem algo e os alunos não acatarem as ordens e serem mesmo mal educados, vê-se cada vez mais.

Subcategoria 2 – Avaliação da escola em relação à indisciplina

Dentro da aula não acho que haja casos muito graves, também estou a falar da minha turma e o maior problema é continuarem muito conversadores, não somos na generalidade mal-educados e nunca faltamos ao respeito a nenhum professor. Mas fora da aula, para as funcionárias, os alunos tendem a inferiorizar as funcionárias e o seu trabalho e uma funcionária é como se não tivesse autoridade, não pudesse dar ordens como um professor. Eu acho que está errado, pois nós temos de acatar as ordens tanto de um funcionário como de um professor.

Às vezes os professores deveriam pôr-nos fora da sala de aula. O facto de falar muito, também é, na verdade, falta de respeito visto que o professor já mandou calar.

Subcategoria 3 - Como e onde mais se manifesta

Fora da sala de aula.

Categoria 4 – Conhecimento da entrevistada relativamente às estratégias utilizadas, pela escola, na resolução da (in)disciplina

Subcategoria 1 – Atividades para combater a indisciplina e exemplos

Não sei.

Subcategoria 2 - Medida mais adotada pela escola

Penso que são os **trabalhos corretivos** e depois a suspensão.

Categoria 5 - Conhecimento/Avaliação da percepção da entrevistada quanto à eficácia das estratégias utilizadas pela escola

Subcategoria 1 – Opinião sobre o gabinete do aluno

Nunca o frequentei, só uma dúvida nesse gabinete há sempre um professor? (**Sim há sempre um professor?**) Por um lado, **eu acho bem**, eu nunca falei com alguém que tenha frequentado, nunca ninguém o que é que se fazia lá exatamente. Mas tenho uma ideia de que nesse gabinete, **o aluno vai falar com um professor que acaba por ter, eventualmente, uma função de psicólogo**, ou seja **uma pessoa para apoiar**. Por isso, eu acho que **a existência desse gabinete é bom porque pode ajudar o aluno que vai falar e o professor vai compreender os seus problemas**.

Subcategoria 2- Medidas disciplinares adotadas são adequadas

Eu **não vejo outras**, acho que as medidas que a escola já toma, não sei se para a **gravidade de alguns problemas**, aquela suposta solução, medida **será suficientemente boa**, mas o quê, expulsar? Eu acho que **se tivermos a expulsar um aluno, estamos a pô-lo de parte**, acho que **isso não vai ser bom e ainda vai fazer com que o aluno tenha comportamentos mais violentos e se torne ainda mais indisciplinado**.

Bloco E- Propostas para a promoção da disciplina

Categoria 6 - Propostas da entrevistada quanto às medidas a adotar para combater a indisciplina e contributo dos alunos no combate à indisciplina

Subcategoria 1- Outras medidas a adotar

Já participei em vários projetos e houve um que era sobre o combate ao *bullying* e nas pesquisas que fomos fazendo, conseguimos perceber que **os alunos mais problemáticos são aqueles que têm mais historial de vida**, como eu **já disse e estarmos a excluí-los, é torná-los mais revoltados**. Por isso eu acho que não devíamos **fazer certas punições**, pois vai fazer com que os alunos tenham **ainda comportamentos mais perturbadores**.

Subcategoria 2- Forma de os alunos poderem contribuir para o combate à indisciplina

Eu acho que **aquilo que os professores já fazem, o facto de conversarem, que é aquilo também poderiam fazer**, mas talvez..., talvez **os alunos entre eles pudessem falar com os alunos mais problemáticos porque a abordagem que nós temos com eles é diferente daquela que o professor tem, a confiança que os alunos têm entre eles, é diferente da confiança com um professor, pela sua idade. Não digo que resolvesse o problema, mas quem sabe.**

Subcategoria 3 – Sugestões à Direção

Pergunta complicada!

Subcategoria 1- Papel da Associação de Estudantes no combate à indisciplina

Sim acho que poderia promover palestras para elucidar, informar os alunos, mostrando mesmo percentagens do aumento dos problemas de indisciplina, acho

até que ia ser chocante e talvez os alunos tomassem consciência de certas coisas e poderiam refletir sobre o seu comportamento.

Caso queira acrescentar alguma informação ou reflexão sobre o assunto, sinta-se à vontade.

Não a única coisa que eu estou a pensar depois desta entrevista e tenho a certeza que vou fazer, **vou falar com os colegas da Associação** porque **esta entrevista de certo modo deixou-me a pensar sobre o assunto** e lá está a associação de Estudantes não pode ser só festas, também é um elemento representativo da escola, especialmente dos alunos **e se calhar deveríamos fazer qualquer coisa, talvez pedir dados à Direção.**

Anexo V - Objetivos e perguntas para o questionário aos alunos

Objetivos	Perguntas
Caracterizar o aluno inquirido (perfil social e familiar)	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13
Caracterizar o aluno inquirido (perfil escolar – resultados e comportamento)	14,15,16,17,18,26,27,28,37
Definir o conceito de (in)disciplina	19,29
Perceber as representações dos alunos face à (in)disciplina	20,21,22,23,24,29,30,31,32
Compreender os fatores que provocam a (in)disciplina/ Identificar causas da (in)disciplina	20,21,22,23,24,38
Identificar as estratégias utilizadas na resolução da indisciplina	25,30,31,32,33
Caracterizar a actuação do agrupamento na prevenção e resolução de situações de indisciplina;	25,30,31,32,34
Contextualizar a indisciplina na escola	34,35
Relacionar a (in)disciplina com o género e a estrutura etária dos alunos	36
Apurar até que ponto as representações sociais que os alunos têm da escola e dos professores se refletem na (in)disciplina	23,27,28,35
Questionar se a atuação dos professores na sala de aula tem relação direta com a ocorrência de comportamentos de (in)disciplina por parte dos alunos;	23,27,28,35
Avaliar a importância da implementação de normas e regras de conduta, na prevenção/superação dos comportamentos de (in)disciplina;	40,43,44,45,46,47,48
Identificar as estratégias utilizadas na resolução da (in)disciplina	25,40,41,42,
Avaliar o contributo dos pais e/ou Enc de educação no combate à (in)disciplina	21,38,39
Identificar o papel dos alunos na criação de estratégias que promovam a disciplina	49,50

Anexo VI – Pedido de Autorização aos encarregados de educação para realização do inquérito por questionário

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Exmo.(a) Senhor(a) Encarregado(a) de Educação

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional da Universidade Aberta de Lisboa, Hermínia Maria Mateus Falcão Ribeiro Valente pretende elaborar uma Dissertação sobre “A (In)disciplina na escola: a voz dos alunos. – Um contributo para um estudo na Escola Secundária com 2.º e 3.º ciclos Professor Reynaldo dos Santos.”

Para a sua concretização, solícita que V.Exª se digne a autorizar que o (a) seu (sua) educando (a) possa responder a um inquérito por questionário sobre o tema.

Informa-se, ainda, que foi solicitada a aprovação do respetivo inquérito à DGIDC – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Garante-se a confidencialidade e anonimato em todo o processo de pesquisa.

Vila Franca de Xira, 14 de Maio de 2012

A Mestranda

Hermínia Maria Mateus Falcão Ribeiro Valente

Autorizo

Não autorizo

Nome do(a) educando(a) -----Turma-----nº----

O(A)Encarregado(a) de Educação -----

Anexo VII- Inquérito por Questionário aos alunos**INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS**

Este questionário é anónimo e integra-se no âmbito de um trabalho de investigação do *Mestrado em Administração e Gestão Educacional – A (in)disciplina na escola: a voz dos alunos*.

Para tal, precisamos da tua colaboração.

Por favor, após ler atentamente cada questão assinala a opção ou opções que consideras mais correta, colocando um X no respetivo quadrado ou preenchendo os espaços.

Responde com o máximo de sinceridade, pois as tuas respostas são indispensáveis e confidenciais.

A. PERFIL DO ALUNO – CARACTERIZAÇÃO SOCIOFAMILIAR

- **1. Idade – Assinala a tua idade dentro das opções que se seguem**

10 11 12 13 14 15 16 17

- **2. Sexo – Assinala o teu sexo dentro das opções que se seguem**

Masculino

Feminino

- **3. Nacionalidade do aluno - Indica a tua nacionalidade, ou dupla nacionalidade se for o caso**

-
- **4. Ano de escolaridade que frequenta - Das opções seguintes, escolhe o ano de escolaridade que frequentas**

5º ano 6ºano 7º ano 8º ano 9º ano CEF

- **5. Com quem vives? (Coloca uma cruz numa das opções)**

- Pais
- Pais e irmãos
- Avós
- Só avó
- Só avô
- Pai e irmãos
- Mãe e irmãos
- Só pai
- Só mãe
- Irmãos
- Outros familiares Qual?-----
- Outra situação: qual? _____

- **6. Número de Irmãos**
-

• **11. Partilhas o teu quarto com mais alguém?**

Não Sim Com quem?-----

• **12. Tomas habitualmente as refeições sozinho?**

Sim Não Com quem?-----

• **13. Como ocupas os teus tempos livres? (Escolhe as alternativas que consideras)**

Televisão	Computador	Ler	Desporto	Música	Cinema	Ajudar os pais
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro: qual? -----

B- RESULTADOS ESCOLARES

• **14. Já tiveste alguma retenção?**

Não Sim Quantos anos reprovaste? -----

• **15. Este ano letivo és repetente?**

Sim

Não

• **16. Tens apoio pedagógico acrescido?**

Sim

Não

• **17. Tens apoio do SASE?**

Sim

Não

• **18. Como avalias o teu aproveitamento?**

Muito Insuficiente Insuficiente Suficiente Bom Muito Bom

C – INDISCIPLINA NA PERSPETIVA DO ALUNO

• **19. Para ti, o que significa indisciplina? (Escolhe as alternativas que consideras)**

CONCEITO	É indisciplina	Não é indisciplina
Não cumprimento de regras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desobediência ao professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversar com os colegas durante a aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar vocabulário impróprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interromper a aula desnecessariamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Levantar-se do lugar sem pedir licença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desvalorizar as tarefas solicitadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Discutir com o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer ameaças ao professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer ameaças ao(s) colega (s)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reagir agressivamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acatar a chamada de atenção para se calar, mas repete esse comportamento constantemente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer comentários provocadores de modo a causarem agitação na turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outra: Qual? _____

- **20. Segundo a tua opinião, de quem é a responsabilidade da indisciplina na sala de aula? (Escolhe as alternativas que consideras)**

	Nada responsável	Pouco responsável	Responsável	Muito responsável
Dos próprios alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dos professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Da família/pais dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dos encarregados de educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

De outros: quem?-----

- **21. Assinala quais os motivos de ordem familiar que consideres poder contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula.**

Pais desinteressados das questões escolares	<input type="checkbox"/>
Pais pouco tolerantes	<input type="checkbox"/>
Pais demasiado tolerantes	<input type="checkbox"/>
Falta de apoio psicológico	<input type="checkbox"/>
Situações de desemprego na família	<input type="checkbox"/>
Presenciar ou viver violência doméstica	<input type="checkbox"/>
Presenciar ou viver consumo de drogas	<input type="checkbox"/>
Presenciar ou viver alcoolismo	<input type="checkbox"/>

Outro :qual?_____

- **22. Indica, quais os motivos a nível da escola que consideres poder contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula**

Mudança de escola/ ciclo	<input type="checkbox"/>
Matérias sem interesse	<input type="checkbox"/>
Regulamentos disciplinares demasiado rígidos	<input type="checkbox"/>
Regulamentos disciplinares demasiado tolerantes	<input type="checkbox"/>
Falta de participação dos encarregados de educação	<input type="checkbox"/>
Clima/Ambiente da escola	<input type="checkbox"/>
Falta de espaços físicos para atividades escolares	<input type="checkbox"/>
Horário escolar desadequado	<input type="checkbox"/>
Número de alunos por turma	<input type="checkbox"/>
Falta de atividades extracurriculares	<input type="checkbox"/>

Outro : qual? _____

- **23. Na tua opinião, quais os motivos ligados ao professor que podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula (Escolhe as alternativas que consideras)**

Falta de métodos de trabalho	<input type="checkbox"/>
Falta de capacidade de comunicação	<input type="checkbox"/>
Falta de capacidade para motivar os alunos	<input type="checkbox"/>
Dificuldade em lidar com situações de conflito	<input type="checkbox"/>
Professor demasiado facilitador	<input type="checkbox"/>
Professor demasiado autoritário	<input type="checkbox"/>
Professor indiferente	<input type="checkbox"/>

Outro: qual? _____

- **24. Refere o(s) motivo(s) respeitante(s) ao aluno que consideres poder contribuir para que exista indisciplina na sala de aula**

Desânimo perante o futuro	<input type="checkbox"/>
A ideia de que a escola não serve para nada	<input type="checkbox"/>
Falta de identificação com os professores	<input type="checkbox"/>
Falta de identificação com os colegas	<input type="checkbox"/>
Desejo de rebeldia	<input type="checkbox"/>
Dificuldades de aprendizagem	<input type="checkbox"/>
Falta de padrões comportamentais positivos	<input type="checkbox"/>
Uma ou várias retenções	<input type="checkbox"/>
Consumo de drogas	<input type="checkbox"/>
Consumo de álcool	<input type="checkbox"/>
Influência de alunos perturbadores	<input type="checkbox"/>

- Outro: qual? _____

- **25. No teu entender, qual ou quais as medidas preventivas/disciplinares que terão maior efeito (escolhe até três)**

Advertência oral	<input type="checkbox"/>
Repreensão registada	<input type="checkbox"/>
Chamar os Encarregados de Educação à Escola	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra - feitos em casa	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra - feitos na escola	<input type="checkbox"/>
Realização de trabalho comunitário	<input type="checkbox"/>
Suspensão da escola	<input type="checkbox"/>
Transferência de escola (Expulsão)	<input type="checkbox"/>

Outra: qual? _____

-
- **26. Já alguma vez tiveste uma ou mais participações/ faltas disciplinares no teu percurso escolar?**

Não Sim Se sim, quantas?-----

- **26.1. Se respondeste SIM. Indica o(s) motivo(s)?**

- Não conseguia estar quieto
- Não cooperava com o professor
- Estava quase sempre distraído
- Trocava mensagens
- Atirava papelinhos
- Usava o telemóvel
- Interrompia as aulas
- Tinha atitudes agressivas (verbais) para com o professor
- Tinha atitudes agressivas (físicas) para com o professor
- Tinha atitudes agressivas (verbais) para com os colegas
- Tinha atitudes agressivas (físicas) para com os colegas
- Mostrava-me desinteressado

Outra: qual?-----

- **27. Tens sempre o mesmo comportamento na sala de aula?**

Sim

Não

- **28. Depende de cada professor?**

Sim

Não

- **29. Na tua opinião qual é o grau de gravidade dos seguintes tipos de indisciplina?**

	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Falar em voz baixa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trocar mensagens e papelinhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gozar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gozar o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer perguntas pouco adequadas à aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não acatar as ordens do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recusar-se a trabalhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Provocar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Provocar os professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- **30. Quando vieste para esta escola, alguém te explicou como deverias comportar-te?**

Sim

Não

• **31. Quem te explicou as regras de comportamento na escola?**

- Direção DT Professores Pais Colegas Amigos Outro

• **32. Sabes se existe algum Regulamento Interno na escola?**

Sim Não

• **32.1. Já o leste?**

Sim Não

• **33. Na tua escola fazem-se cumprir as regras com**

Muito rigor Rigor Pouco Rigor

• **34. A indisciplina na tua escola (Escolhe apenas uma)**

Tem vindo a aumentar bastante

Tem vindo a aumentar um pouco

Manteve-se da mesma forma

Tem vindo a diminuir

• **35. Quais os elementos da escola que os alunos mais respeitam/obedecem? (Escolhe as alternativas que consideras)**

Direção

Diretor(a) de Turma

As professoras da turma

Os professores da turma

Outros Professores

Tutor

Psicóloga

Pessoal não docente

Colegas

Colegas mais velhos

- **36. Entre os teus colegas, achas que são mais indisciplinados? (Escolhe as opções que consideras)**

Os rapazes As raparigas Os mais velhos Os mais jovens

- **37. Como te avalias a nível de comportamento?**

Muito Insuficiente Insuficiente Suficiente Bom Muito bom

- **38. Sentes que os teus pais/encarregado de educação se preocupam com a tua vida escolar?**

Sim Não

- **39. Como reagem os teus pais/ees quando és alvo de alguma medida disciplinar?**

Zangam-se Castigam-te também Mostram-se indiferentes Outra -----

MEDIDAS CORRETIVAS NA ESCOLA

- **40. Na tua escola são realizadas atividades que pretendem combater a indisciplina no contexto escolar?**

Sim Não

- **41. Que estratégias são utilizadas na tua escola para combater a indisciplina no contexto escolar?**

- Palestras
- Campanhas de sensibilização
- Contrato/Negociação
- Acompanhamento do aluno por um professor tutor
- Acompanhamento do aluno por um aluno tutor
- Encaminhamento do aluno para o serviço de psicologia e orientação vocacional
- Encaminhamento do aluno para o gabinete do aluno
- Acompanhamento/ responsabilização do encarregado de educação
- Outra: qual?-----

• **42. Qual é a medida ou medidas mais adotadas pela escola nos processos disciplinares dos alunos? (Escolhe até 3)**

- Repreensão verbal
- Repreensão escrita
- Suspensão
- Contrato/Negociação
- Encaminhamento gabinete do aluno
- Expulsão
- Não sei
- Outra: qual? -----

• **43. Achas que o gabinete do aluno é uma boa estratégia para acompanhamento dos alunos indisciplinados?**

Sim Porquê?-----

Não Porquê?-----

• **44. Já foste encaminhado para o gabinete do aluno?**

Não Sim Quantas vezes?-----

• **45. Gostaste?**

Sim

Não

46. Melhoraste o comportamento desde que frequentaste o gabinete?

Sim

Não

47. Consideras que as medidas disciplinares adotadas pela escola são as mais adequadas?

Sim Não Porquê? -----

48. Achas que a suspensão é a melhor maneira de combater a indisciplina?

Sim Não Porquê? -----

49. Pensas que os alunos poderiam contribuir para o combate à indisciplina?

Sim Não Porquê? -----

De que forma? -----

50. Como estudante, que estratégias sugerias à Direção da escola para combater a indisciplina ?

Obrigada pela tua colaboração

(Observação: Este questionário foi realizado *on-line*.)

Anexo VIII

Quadros do inquérito por questionário aos alunos

Quadro A: Idade da População Inquirida

Idade	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
10	30	9,7	9,7
11	50	16,2	26,0
12	67	21,8	47,7
13	67	21,8	69,5
14	49	15,9	85,4
15	34	11,0	96,4
16	7	2,3	98,7
17	4	1,3	100,0
Total	308	100,0	

Quadro B: Sexo da População Inquirida

Sexo	Frequência	Percentagem
Masculino	146	47,4
Feminino	162	52,6
Total	308	100,0

Quadro C : Anos de escolaridade da População Inquirida

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
5.º ano	60	19,5	19,5
6.º ano	64	20,8	40,3
7.º ano	71	23,1	63,3
8.º ano	56	18,2	81,5
9.º ano	49	15,9	97,4
CEF	8	2,6	100,0
Total	308	100,0	

Quadro D: Com quem vives?

	Frequência	Porcentagem
Pais	62	20,1
Pais e irmãos	156	50,6
Avós	4	1,3
Pai e irmãos	2	0,6
Mãe e irmãos	26	8,4
Só pai	1	0,3
Só mãe	30	9,7
Irmãos	1	0,3
Outra situação	26	8,4
Total	308	100,0

Quadro E: Habilitações Literárias do Pai

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Não andou na escola	4	1,3	1,3
1ºciclo	22	7,1	8,4
2ºciclo	20	6,5	14,9
3ºciclo	83	26,9	41,9
Ensino Secundário	96	31,2	73,1
Ensino Superior	83	26,9	100,0
Total	308	100,0	

Quadro F: Habilitações Literárias da Mãe

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não andou na escola	4	1,3	1,3
1ºciclo	14	4,5	5,8
2ºciclo	21	6,8	12,7
3ºciclo	63	20,5	33,1
Ensino Secundário	95	30,8	64,0
Ensino Superior	111	36,0	100,0
Total	308	100,0	

Quadro G: Habilitações Literárias do/a Encarregado/a de Educação

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Não andou na escola	2	0,6	0,6
1ºciclo	14	4,5	5,2
2ºciclo	18	5,8	11,0
3ºciclo	63	20,5	31,5
Ensino Secundário	102	33,1	64,6
Ensino Superior	109	35,4	100,0
Total	308	100,0	

Quadro H: Situação profissional do pai

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Empregado	272	88,3	88,3
Desempregado	36	11,7	100,0
Total	308	100,0	

Quadro I: Situação profissional da mãe

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Empregado	266	86,4	86,4
Desempregado	42	13,6	100,0
Total	308	100,0	

Quadro J: Como ocupas os teus tempos livres?

	Frequência	Porcentagem
Televisão	242	78,6
Computador	240	77,9
Ler	114	37
Desporto	170	55,2
Música	194	63
Cinema	44	14,3
Ajudar os Pais	155	50,3

Quadro K: Para ti o que significa indisciplina?

	Frequência	Porcentagem
Não cumprimento de regras	291	94,5
Desobediência ao professor	296	96,1
Conversar com os colegas durante a aula	185	60,1
Usar vocabulário impróprio	280	90,9
Interromper a aula desnecessariamente	264	85,7
Levantar-se do lugar sem pedir licença	241	78,2
Desvalorizar as tarefas solicitadas	235	76,3
Não respeitar o professor	294	95,5
Discutir com o professor	270	87,7
Fazer ameaças ao professor	295	95,8
Fazer ameaças aos colegas	281	91,2
Reagir agressivamente	284	92,2
Acatar a chamada de atenção mas repete o comportamento	257	83,4
Fazer comentários provocadores	280	90,9
Agredir o professor	293	95,1
Agredir os colegas	291	94,5
Não respeitar o pessoal não docente	292	94,8

Quadro L: De quem é a responsabilidade da indisciplina na sala de aula?

	Nada responsável		Pouco responsável		Responsável		Muito responsável	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Dos alunos	12	3,9	39	12,7	135	43,8	122	39,6
Dos professores	48	15,6	81	26,3	108	35,1	71	23,1
Da família/ pais dos alunos	54	17,5	63	20,5	109	35,4	82	26,6
Dos encarregados de educação	67	21,8	53	17,2	92	29,9	96	31,2
Da escola	103	33,4	89	28,9	75	24,4	41	13,3

Quadro M: Motivos de ordem familiar que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula

	Frequência	Percentagem
Pais desinteressados	184	59,7
Pais pouco tolerantes	49	15,9
Pais demasiado tolerantes	83	26,9
Falta de apoio psicológico	57	18,5
Desemprego na família	46	14,9
Violência doméstica	185	60,1
Consumo de drogas	148	48,1
Alcoolismo	87	28,2
Outro	17	5,5

Quadro N: Motivos a nível da escola que podem contribuir para que os alunos sejam indisciplinados na sala de aula

	Frequência	Percentagem
Mudança de escola/ciclo	111	36
Matérias sem interesse	112	36,4
Regulamentos disciplinares rígidos	76	24,7
Regulamentos disciplinares tolerantes	76	24,7
Falta de participação dos E.E.	135	43,8
Clima/ambiente da escola	108	35,1
Falta de espaços físicos para atividades escolares	29	9,4
Horário escolar desadequado	47	15,3
Número de alunos por turma	79	25,6
Falta de atividades extracurriculares	35	11,4
Outro	14	4,5

Quadro O: Motivos ligados ao professor que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula

	Frequência	Porcentagem
Falta de métodos de trabalho	116	37,7
Falta de capacidade de comunicação	119	38,6
Falta de capacidade para motivar os alunos	194	63
Dificuldade em lidar com situações de conflito	150	48,7
Professor demasiado facilitador	96	31,2
Professor demasiado autoritário	66	21,4
Professor indiferente	79	25,6
Outro	11	3,6

Quadro P: Motivos respeitantes ao aluno que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula

	Frequência	Porcentagem
Desânimo perante o futuro	74	24
Ideia de que a escola não serve para nada	196	63,6
Falta de identificação com os professores	30	9,7
Falta de identificação com os colegas	36	11,7
Desejo de rebeldia	141	45,8
Dificuldades de aprendizagem	67	21,8
Falta de padrões comportamentais positivos	35	11,4
Uma ou várias retenções	49	15,9
Consumo de drogas	92	29,9
Consumo de álcool	52	16,9
Influência de alunos perturbadores	96	31,2
Outro	6	1,9

Quadro Q: Medidas preventivas/disciplinares que terão maior efeito

	Frequência	Porcentagem
Advertência oral	47	15,3
Repreensão registada	62	20,1
Chamar os encarregados de educação à escola	163	52,9
Trabalhos regulares extra feitos em casa	53	17,2
Trabalhos regulares extra feitos na escola	120	39
Realização de trabalho comunitário	160	51,9
Suspensão da escola	135	43,8
Transferência de escola (Expulsão)	95	30,8
Outro	5	1,6

Quadro R: Motivos das participações ou faltas disciplinares

	Frequência	Porcentagem
Não conseguia estar quieto	28	9,1
Não cooperava com o professor	19	6,2
Estava quase sempre distraído	33	10,7
Trocava mensagens	7	2,3
Atirava papelinhos	10	3,2
Usava o telemóvel	5	1,6
Interrompia as aulas	18	5,8
Tinha atitudes agressivas verbais para com o Prof.	7	2,3
Tinha atitudes agressivas físicas para com o Prof.	2	0,6
Tinha atitudes agressivas verbais para com os colegas	5	1,6
Tinha atitudes agressivas físicas para com os colegas	4	1,3
Mostrava-me desinteressado	28	9,1
Outro	21	6,8

Quadro S: Indica o grau de gravidade de:

	Nada grave		Pouco grave		Grave		Muito grave	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Falar em voz baixa	138	44,8	141	45,8	23	7,5	6	1,9
Trocar mensagens e papelinhos	12	3,9	114	37	128	41,6	54	17,5
Gozar os colegas	6	1,9	36	11,7	142	46,1	124	40,3
Gozar o professor	5	1,6	9	2,9	71	23,1	223	72,4
Fazer perguntas pouco adequadas	15	4,9	111	36	142	46,1	40	13
Não acatar as ordens do professor	9	2,9	26	8,4	153	49,7	120	39
Recusar-se a trabalhar	10	3,2	28	9,1	120	39	150	48,7
Provocar os colegas	7	2,3	41	13,3	143	46,4	117	38
Provocar os professores	5	1,6	13	4,2	76	24,7	214	69,5
Agredir os colegas	4	1,3	6	1,9	44	14,3	254	82,5
Agredir o professor	6	1,9	3	1	16	5,2	283	91,9

Quadro T: Elementos da escola que os alunos mais respeitam/obedecem

	Frequência	Porcentagem
Direção	281	91,2
Diretor(a) de turma	204	66,2
As professoras da turma	48	15,6
Os professores da turma	36	11,7
Outros professores	24	7,8
Tutor	36	11,7
Psicóloga	23	7,5
Pessoal não docente	7	2,3
Colegas	15	4,9
Colegas mais velhos	89	28,9

Quadro U: Entre os teus colegas quem achas que são mais indisciplinados?

	Frequência	Percentagem
Os rapazes	226	73,4
As raparigas	28	9,1
Os mais velhos	105	34,1
Os mais jovens	48	15,6

Quadro V: Como reage os teus pais/EE quando és alvo de alguma medida disciplinar?

	Frequência	Percentagem
Zangam-se	185	60,1
Castigam-te	179	58,1
Mostram-se indiferentes	7	2,3
Outra	30	9,7

Quadro W: Estratégias utilizadas para combater a indisciplina no contexto escolar

	Frequência	Percentagem
Palestras	63	20,5
Campanhas de sensibilização	58	18,8
Contrato/negociação	25	8,1
Acompanhamento do aluno por professor tutor	119	38,6
Acompanhamento do aluno por um aluno tutor	34	11
Encaminhamento para o serviço Psicologia e orientação	70	22,7
Encaminhamento para o Gabinete do Aluno	172	55,8
Acompanhamento/responsabilização do EE	113	36,7
Outra	13	4,2

Quadro X: Medidas mais adotadas pela escola nos processos disciplinares dos alunos

	Frequência	Porcentagem
Repreensão verbal	115	37,3
Repreensão escrita	97	31,5
Suspensão	169	54,9
Contrato de negociação	19	6,2
Encaminhamento para o Gabinete do Aluno	152	49,4
Expulsão	71	23,1
Não sei	64	20,8
Outra	8	2,6